

PUCRS

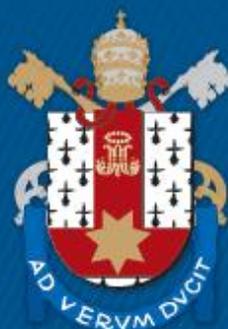
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

RAFAELA CHIAPIN PECHANSKY

**HUMANS OF NEW YORK: A ALTERIDADE RESSIGNIFICADA A PARTIR DAS REDES
SOCIAIS**

Porto Alegre
2018

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTE E DESIGN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

RAFAELA CHIAPIN PECHANSKY

**HUMANS OF NEW YORK:
A ALTERIDADE RESSIGNIFICADA A PARTIR DAS REDES SOCIAIS**

Orientador: Prof. Dr. André Fagundes Pase

PORTO ALEGRE

2018

“Sou humano: nada do que é humano me é alheio”
Terêncio (195 a.C.-159 a.C.)

“*Je est un autre*”
Rimbaud (1854-1891)

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo o apoio incondicional do meu orientador, professor André Pase. Além das exaustivas revisões e excelentes sugestões de leitura, ele me deu a certeza de que eu estava no caminho certo. As conversas fraternais também fizeram toda a diferença durante esta jornada. Quando crescer quero ser como ele.

À PUCRS, por ter sido a minha segunda casa durante os últimos dois anos.

Aos colegas de UBITEC e UBILAB, em especial o professor Eduardo Pellanda, exemplo de profissional e pessoa.

Às professoras Paula Puhl e Raquel Recuero, cujas sugestões na banca de qualificação foram de suma importância para a realização deste trabalho.

À minha mãe por sempre acreditar na melhor versão de mim; ao meu pai pelos abraços e conversas amigas. Ao meu irmão, que consegue me desafiar intelectualmente o tempo todo e ao mesmo tempo ser o meu melhor amigo.

À Isa, Jú, Dé, Juli, Lali, Mari e Anna, que continuam tendo os mesmos apelidos desde o nível B. Obrigada pelas risadas, obrigada por serem vocês.

Ao Gui, minha inspiração acadêmica e fonte eterna de trocas de livros. Ao Marcel, pelos cafés – às vezes sérios, às vezes leves. Ao Arthur, por sempre estar perto mesmo longe.

Ao Mene, por ser o grande parceiro dessa maratona, me aguentando nos piores momentos, e por sempre dar um jeito de fazer parecer que tudo vai dar certo no final.

Aos meus avôs, que com certeza iriam gostar de estar comigo no dia da banca; às minhas avós que são o meu exemplo de força e sensibilidade.

Por fim, gostaria de agradecer a todos que auxiliaram, de alguma forma, a elaboração deste trabalho – principalmente aqueles que permitiram o acesso a qualquer tipo de conhecimento de forma livre na *internet*.

RESUMO

Este trabalho objetiva compreender de que forma o conceito de alteridade está sendo ressignificado a partir do ambiente digital no mundo contemporâneo. O objeto da pesquisa é a página *Humans of New York*. O *corpus* (selecionado durante 2016 e 2017 e composto por 20 *posts*) selecionado para a interpretação é delimitado em (1) *posts* que retratam imigrantes e (2) manifestações do público a partir de curtidas/reações e comentários. Para contextualizar a pesquisa, discutem-se temas como *internet*, redes sociais, algoritmos e bolhas de filtro. Em seguida, é colocado em perspectiva o tema da alteridade junto a conceitos como identidade, hospitalidade e antropologia das emoções. O método empregado é a Hermenêutica de Profundidade, de Thompson, aliada aos métodos digitais. Os dados encontrados denotam que as pessoas são condicionadas às ferramentas digitais ao mesmo tempo em que se apropriam de um novo ambiente, o que impacta fundamentalmente a maneira como nos relacionamos com o Outro.

Palavras-chave: Comunicação. Alteridade. Redes sociais. Facebook.

ABSTRACT

This work aims to understand how the concept of alterity is being ressignified through the digital environment in the contemporary world. The subject of this research is the page Humans of New York. The selected corpus for interpretation (collected throughout 2016 and 2017 and made by 20 posts) is focused on (1) posts that frame immigrants and (2) public manifestations through likes/reactions and comments. For contextualization, a few concepts are discussed, such as *internet*, social networks, algorithms and filter bubbles. The theme of otherness, then, is placed in perspective, among concepts just as identity, hospitality and anthropology of emotions. The method used is Deep Hermeneuthics, of Thompson, combined with digital methods. The data found indicates that people are conditioned to digital features at the same time as they appropriate a new environment, which impacts fundamentally the way we relate to the Other.

Keywords: Communication. Otherness. Social networks. Facebook.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - <i>Cartoon</i> sobre o anonimato da <i>internet</i>	27
Figura 2 - Reações no Facebook.....	333
Figura 3 - Garoto com medo do seu futuro por causa da sua sexualidade	71
Figura 4 - Homem conta como superou o pânico de fazer uma cirurgia.....	71
Figura 5 - Garoto de 13 anos compartilha a maior inspiração de sua vida.....	76
Figura 6 - Homem paquistanês conta a sua história de trabalho forçado	77
Figura 7 - Refugiada, mulher síria compartilha angústias	78
Figura 8 - Menino fala sobre as dores causadas pelo câncer.....	79
Figura 9 - Mulher divide a sua história de pobreza na Colômbia.....	80
Figura 10 - Hillary fala sobre sexismo e imagem pública.....	88
Figura 11 - Mulher fala sobre o seu sentimento em relação a muçulmanos	90
Figura 12 - Relato sobre racismo sutil que acontece em ambientes de trabalho	91
Figura 13 - Brasileiro fala sobre as suas dificuldades em Nova York	106
Figura 14 - Liberiana fala sobre a sua adoção por um casal estadunidense	109
Figura 15 - Indiana fala sobre o seu empoderamento.....	111
Figura 16 - Albanesa fala sobre a doença do filho	113
Figura 17 - Garota chinesa conta sobre a sua história de adoção	116
Figura 18 - Coreano fala sobre a importância da sua comunidade local	118
Figura 19 - Gabonense fala sobre o seu país natal	121
Figura 20 - Guatemalteco relata como foi a sua experiência de imigração.....	124
Figura 21 - Kosovar relata os impactos do domínio da Sérvia.....	128
Figura 22 - Garoto venezuelano fala sobre as suas ambições	130
Figura 23 - Porto-riquenha fala sobre a sua trajetória de lutas	132
Figura 24 - Jovem muçulmana após a vitória de Donald Trump	134
Figura 25 - Ganês fala sobre se sentir “americano”	138
Figura 26 - Boliviana fala sobre problemas familiares.....	141
Figura 27 - Jovem imigrante fala sobre dificuldades e sonhos.....	144
Figura 28 - Guianês fala sobre os sintomas tardios da escravidão	146
Figura 29 - Mexicana fala sobre ser uma Sonhadora	149
Figura 30 - Equatoriano fala sobre a importância do DACA	153
Figura 31 - Imigrante fala sobre o sonho de se tornar advogada.....	157

Figura 32 - Bahamense conta sobre a importância do DACA em sua vida 161

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Lista de <i>Posts</i> por Nacionalidade	104
Quadro 2 - Reações e Comentários Quantificados	1644
Quadro 3 - Mapeamento Final de Conceitos	16475

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A VIDA ATRAVÉS DA TELA	20
2.1 UMA NOVA CULTURA PARTICIPATIVA	20
2.2 O IMPACTO DAS REDES SOCIAIS	288
2.3 O FACEBOOK COMO PLATAFORMA.....	311
2.4 A QUESTÃO DAS BOLHAS.....	36
3 ALTERIDADE, IDENTIDADE E EMOÇÕES	43
3.1 IDENTIDADE.....	43
3.1.1 Fragmentação do Indivíduo.....	43
3.1.2 A Diferença.....	47
3.2 A ALTERIDADE	50
3.2.1 O Outro.....	50
3.2.2 A Alteridade em Levinas.....	54
3.2.3 A Alteridade nas Mídias Sociais.....	57
3.2.4 A Hospitalidade.....	59
3.2.5 O estrangeiro-imigrante.....	61
3.3 AS EMOÇÕES	64
3.3.1 Antropologia das Emoções no contexto da metrópole	64
3.3.2 A Espetacularização do Eu	66
4 HUMANS OF NEW YORK	70
4.1 BRANDON STANTON: O HISTÓRICO DE HONY	73
4.2 AÇÕES FILANTRÓPICAS	75
4.3 A FOTOGRAFIA: DOCUMENTO, ARTE E PERFORMANCE	81
4.4 CONTEXTO POLÍTICO NOS EUA EM 2016 E 2017	84
4.5 MANIFESTAÇÕES POLÍTICAS	87
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	92
5.1 HERMENÊUTICA DE PROFUNDIDADE	922
5.2 MÉTODOS DIGITAIS.....	96
5.3 HERMENÊUTICA E MÉTODOS DIGITAIS: UMA APROXIMAÇÃO	100
5.4 REUNINDO OS <i>POSTS</i> E COMENTÁRIOS	102
5.4.1 Análise Formal dos <i>Posts</i> e Comentários.....	105
5.4.1.1 Análise do <i>Post</i> 1	105

5.4.1.2 Análise do <i>Post</i> 2.....	108
5.4.1.3 Análise do <i>Post</i> 3.....	110
5.4.1.4 Análise do <i>Post</i> 4.....	113
5.4.1.5 Análise do <i>Post</i> 5.....	115
5.4.1.6 Análise do <i>Post</i> 6.....	118
5.4.1.7 Análise do <i>Post</i> 7.....	121
5.4.1.8 Análise do <i>Post</i> 8.....	124
5.4.1.9 Análise do <i>Post</i> 9.....	127
5.4.1.10 Análise do <i>Post</i> 10.....	129
5.4.1.11 Análise do <i>Post</i> 11.....	131
5.4.1.12 Análise do <i>Post</i> 12.....	133
5.6.1.13 Análise do <i>Post</i> 13.....	138
5.6.1.14 Análise do <i>Post</i> 14.....	141
5.6.1.15 Análise do <i>Post</i> 15.....	143
5.6.1.16 Análise do <i>Post</i> 16.....	146
5.6.1.17 Análise do <i>Post</i> 17.....	148
5.6.1.18 Análise do <i>Post</i> 18.....	153
5.6.1.19 Análise do <i>Post</i> 19.....	156
5.6.1.20 Análise do <i>Post</i> 20.....	160
5.4.2 Quantificando Dados.....	164
5.5 A ETAPA FINAL: (RE)INTERPRETAÇÃO.....	165
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	177
REFERÊNCIAS.....	182

1 INTRODUÇÃO

Em uma cena do filme “Amarga sinfonia de Auschwitz”¹, baseado em fatos reais, eis o contexto: 1940, a Segunda Guerra Mundial se desenrola a pleno vapor. As personagens principais, presas em Auschwitz, estão falando sobre uma das guardas alemãs. Algumas a chamam de monstro, de um ser abominável, de um extraterrestre. A protagonista, de repente, exclama: mas ela é humana. Eu sou humana. Somos todos humanos, somos da mesma espécie.

Não há justificativa moral para uma pessoa tratar a outra de forma inferior, e, ainda assim, vemos isto acontecer o tempo todo – alguém contando uma piada sutilmente mascarada de racismo ou um pai ensinando a um filho que certas religiões são inferiores à sua de forma deliberada. É claro que existem diferentes níveis em uma escala de maldade, mas, na maioria das vezes, ela está centrada em denominador comum: o preconceito. Neste sentido, discutir a maneira como encaramos o Outro, aquele que é diferente do Eu, de Nós, é essencial para entender dinâmicas sociais contemporâneas.

A diferença é um conceito fundamental para a alteridade, que, quando construída como fonte de diversidade, é vista como enriquecedora. Contudo, Woodward (2009) atenta para o fato de que a diferença pode ser associada a algo negativo – por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definidas como estrangeiros/forasteiros ou simplesmente Outros (WOODWARD, 2009). Ainda sobre este sistema da diferença através da classificação, Silva (2009) assinala que dizer que “ela é chinesa” significa dizer que “ela não é argentina”, “ela não é japonesa”, incluindo a afirmação de que “ela não é brasileira”. Em resumo: dizer que ela é diferente de mim (SILVA, 2009).

Emmanuel Levinas foi eleito como um dos autores centrais para a discussão da alteridade neste trabalho justamente porque buscou romper com a racionalidade do pensamento ocidental. Isso significa afirmar que Levinas (1988) negou a relação Eu-Outro como uma mera relação sujeito-objeto, subordinada exclusivamente a uma relação de poder. Como judeu, Levinas viveu uma experiência muito traumática com a Segunda Guerra Mundial, o que, em grande medida, formou seu pensamento filosófico de forma decisiva (RODRIGUES, 2007). O que diferencia o conceito de Levinas (1988) acerca da alteridade é a pressuposição de choque: em contraste com a empatia, que Levinas vê como a simples capacidade de se colocar no lugar de outra pessoa, a alteridade tende para uma coisa

¹ Filme norte-americano de 1980, dirigido por Daniel Mann e Joseph Sargent. No original: *Playing for Time*.

inteiramente diversa do Eu, que gera desconforto, colisão e muitas vezes repulsa (LEVINAS, 1988).

Mas se buscamos repensar a alteridade, hoje, precisamos centrar a discussão no contexto da *internet* e das redes sociais. Com mais de quatro bilhões de pessoas conectadas à *internet*², as informações nunca foram tão acessíveis. Para Carr (2011), as pessoas utilizam a *internet* de todas as formas possíveis: alguns têm Facebook, *blog*, Twitter e Instagram, enquanto alguns se conectam apenas para checar o seu *e-mail* ou realizar uma compra *online*. Independente das razões, a verdade é que desde que o programador Tim Berners-Lee escreveu o código para a *World Wide Web*, a *internet* tornou-se a mídia mais importante de informação e de comunicação entre as pessoas (CARR, 2011).

Muitas das instituições que costumam agregar pessoas – uma rua principal, um ponto de encontro da cidade – não funcionam mais como antigamente. “Estar em contato” e “manter contato” são, agora, atividades completamente centradas nas redes sociais. Quando nos tornamos membros do Facebook, o apelo social para nos mantermos conectados é traiçoeiro (DIJCK, 2013). Marshall McLuhan (1971) afirmou de forma profética que estamos buscando retribalizar, fato que nunca foi tão palpável quanto no século XXI. Sendo seres sociais como somos, é apenas natural que encontremos nas telas de computadores e celulares um papel central nesta nova era de comunicações mediadas por *sites* e redes sociais (TURKLE, 1997).

Mas a ascensão da *internet* desafiou as nossas mentes (JOHNSON, 2006): as redes sociais, por exemplo, geram dois outros valores econômicos além da conectividade: atenção e popularidade. Neste sentido, o capital social, hoje, é baseado em exposição, seguidores, curtidas e comentários. Os algoritmos, que mediam grande parte do conteúdo *online*, existem para elencar ideias e pessoas (DIJCK, 2013).

De acordo com Dijck (2013), além da sua habilidade de coletar informações, o poder das plataformas de redes sociais está justamente na capacidade de incluir algoritmos para processar um excesso de informações.

Um algoritmo, na ciência da computação, é uma lista de instruções bem definidas para calcular uma função, uma diretriz com passo a passo para um processo ou raciocínio automático que manda a máquina produzir um resultado a partir de determinados dados (DIJCK, 2013, p.30, tradução nossa³).

² Fonte: < <https://wearesocial.com/blog/2018/01/global-digital-report-2018> > Acesso em: 25 de mar. 2018

³ *An algorithm, in computer science, is a finite list of well-defined instructions for calculating a function, a step-by-step directive for processing or automatic reasoning that orders the machine to produce a certain output from given output.*

Quando adentramos o delicado terreno que envolve ferramentas computacionais que regem o nosso encontro com as informações no ambiente digital, é essencial atentar para o fato de que quando falamos em Facebook, há uma nova geração dos filtros que captam as coisas que parecemos gostar e buscam investigar e processar nossas preferências para distribuir e exibir os mais diversos conteúdos. Segundo Pariser (2011), trata-se de ferramentas de predição, constantemente criando e refinando uma teoria de quem somos e do que iremos fazer no futuro. Em conjunto, essas ferramentas criam um único universo de informação para cada um de nós, o que altera de forma profunda a maneira como encontramos ideias e informações. Essas ferramentas são chamadas de “bolhas de filtro”: elas nos cercam em um “mundo de mentira”, nos isolando de forma invisível e inevitável (PARISER, 2011). Como fica, a partir deste contexto, o encontro com o Outro subjulgado a este contexto dos algoritmos, filtros e bolhas?

O ambiente das mídias digitais, à primeira vista, pode ser um espaço de interações em um encontro potencial com todos os Outros. É animador quando Martino (2016) defende que a potência da alteridade está atrelada a um ambiente que permite ligações em escala planetária. Nas mídias digitais, a alteridade tem como características principais a interatividade, a conexão e a rede (MARTINO, 2016). Pensando por este ponto, a alteridade seria amplificada, uma vez que possibilidades de contato (virtual) com o Outro seriam infinitas.

No entanto, os estudos do autor sobre as interações em rede sugerem um panorama menos otimista. Fenômenos que existem fora de ambientes digitais – como *bullying* – não decorrem do prefixo *cyber*. Esses elementos, contudo, parecem se amplificar e aprofundar nos ambientes digitais. Além disso, a alteridade digital está centrada em um paradoxo: ao mesmo tempo em que temos a presença “fácil”, constante e transparente do Outro, a nossa apreensão deste Outro se torna opaca e superficial (MARTINO, 2016).

A partir do cenário que envolve o interesse em pesquisar a relação da alteridade com as novas tecnologias, e a constatação, através do levantamento do estado da arte detalhado adiante, de que há muito a ser estudado sobre a maneira como encontramos o Outro no ambiente *online*, define-se como problema de pesquisa a seguinte questão: como a alteridade está sendo ressignificada a partir das redes sociais? De que forma *Humans of New York*, uma página do Facebook, retrata imigrantes – pessoas que não nasceram nos Estados Unidos – e como estas construções do Outro são recebidas pelo público neste contexto? Em uma página que retrata, na maior parte do tempo, estadunidenses que moram em Nova York, o diferente e

o Outro é personificado pelo imigrante e estrangeiro. É aquele que não pertence ao local, tanto no âmbito nacional, cultural ou legal.

Como objetivo geral, busca-se problematizar o conceito de alteridade no contexto das redes sociais (e os seus desdobramentos na contemporaneidade), através da página *Humans of New York*, criada pelo fotógrafo Brandon Stanton, levando em conta a importância das especificidades visuais e narrativas, que convergem em um ambiente *online*. Os objetivos específicos são: descrever de que forma o contexto da cultura digital (*internet*, redes sociais, algoritmos) favorece uma mudança nas relações contemporâneas, ressignificando aquilo que conhecemos como alteridade; relacionar o modo como Brandon Stanton apresenta e “constrói” os imigrantes na página – considerando o impacto das imagens, do apelo emocional e das histórias por trás dos entrevistados; problematizar a maneira como a *internet* vem se tornando um novo espaço de sociabilidade a partir do compartilhamento de conteúdo através de *posts* no Facebook, das “reações” e da troca de mensagens no espaço de comentários da rede social.

Publicado no Facebook, Instagram, Twitter e, mais recentemente, em livro impresso, *Humans of New York* é uma coleção – e exibição – de retratos de pessoas tirados nas ruas de Nova York. Além das fotos, há um breve relato das pessoas entrevistadas: uma confissão, uma memória, um desejo. Atualmente, HONY, como é carinhosamente abreviado, conta mais de 18 milhões de curtidas, tratando-se de um fenômeno da mídia social global e refletindo um dos efeitos da crescente democratização da fotografia e da “informação rápida” na comunicação (HUMANS OF NEW YORK, 2016).

A relevância dos estudos sobre relações contemporâneas no contexto da *internet* vem atraindo a atenção de um número notável de teóricos das mais diversas áreas – comunicação, sociologia, psicologia, filosofia. Contudo, se considerarmos especificamente a questão da alteridade nas redes sociais, a quantidade de pesquisas sobre o tema ainda é baixa. As buscas nos anais de eventos de áreas afins, tanto os do campo da comunicação em geral (Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – COMPOS) como os voltados para os estudos *internet* (Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura – ABCiber), apresentaram poucos trabalhos relacionados com o tema de análise.

Ao se consultar o banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)⁴, e realizar a pesquisa de resumos de teses e dissertações através das palavras-chave “*internet* - alteridade - empatia” (a título de exemplo), também não foi

⁴ Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

possível encontrar pesquisas relevantes. A partir de uma busca nas referências de algumas teses e dissertações, no entanto, foram encontrados alguns trabalhos dedicados que possuem pontos de contato com a presente pesquisa.

Em sua dissertação desenvolvida na Universidade Tuiuti do Paraná, *Álbuns virtuais: o Facebook e a construção memorável nas redes sociais*, Fabíola de Mesquita Costa Silva (2012) investiga de que maneira a fotografia pessoal presente nas redes sociais da *Internet* engendra uma memória que segue a lógica dos dispositivos de visibilidade da rede. Carla Marangoni de Bona (2012), da PUC-SP (mestrado em Comunicação e Semiótica), parte de projetos concebidos para redes midiáticas, que colocam em pauta questões como formas de publicação, compartilhamento, organização de informações e espaços de interação na dissertação *Poéticas expressivas em redes midiáticas: análise e projeto experimental*. Na mesma linha de pesquisa da mesma instituição, Marcia Siqueira Costa Marques (2012) considera o *blog* como principal meio de comunicação no contexto da cibercultura, na tese *O blog como meio de comunicação: origem, apropriações e horizontes da blogosfera na sociedade contemporânea*. Também discutindo a importância dos *blogs* – focando nas dinâmicas e lógicas deste gênero –, Daniela Aline Hinerasky desenvolveu a sua tese *O fenômeno dos blogs street-style: do flâneur ao “star blogger”*, desenvolvida na PUC-RS (2013). Carlos Leonardo Coelho Recuero, em seu artigo *O Álbum Fotográfico Virtual: uma nova forma de conversação nas redes sociais da internet*, publicado no VI Simpósio Nacional da ABCiber de 2012, tratou da interação no contexto da hiper-conexão.

Sob a questão da alteridade, dois trabalhos, desenvolvidos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul tocam em pontos a serem abordados na presente pesquisa. Camila Freitas (2017) discutiu o conceito com a dissertação *Jornalismo e Alteridade: A Construção da Outridade na Editoria Mundo da Folha de S. Paulo*, enquanto Natascha Enrich de Castro (2013) discorreu sobre o tema na monografia de conclusão de curso *Alteridade no jornalismo: análise da narrativa do livro O Irã sob o Chador*. Contudo, atentamos para o fato de que ambas as pesquisas direcionaram o conceito para o viés do jornalismo especificamente, enquanto o foco, aqui, é discutir a alteridade sob a perspectiva de uma página no Facebook, considerada de entretenimento.

É importante atentar para o fato de que *Humans of New York* foi objeto de diversos trabalhos acadêmicos no Brasil e no exterior. Brigid Ackerman, em seu artigo *CHATing with Humans of New York*, publicado na *Grassroots Research Journal* (2016), utiliza a Teoria

Histórico-cultural da Atividade⁵ para analisar o que torna a página de Brandon Stanton um gênero único e particular. Em sua dissertação de mestrado desenvolvida na Universidade de Massachusetts de Boston, *Thinking Deeply, Creating Richly: Learner Transformation Through Narrative*, Kaylea Champion (2016) buscou os impactos positivos gerados pela coleção de histórias produzidas em *Humans of New York*. Mais recentemente, Jessica Roberts (2017) publicou o artigo *From the street to public service: Humans of New York photographer's journey to journalism*, no qual analisa como os *posts* da página no contexto dos ideais do jornalismo moderno.

No Brasil, Vitória Lemos abordou a página sob a ótica da fotografia no trabalho publicado no Salão de Iniciação Científica da UFRGS de 2015, *Narrativa visual: o fotolivro como suporte privilegiado*. Dois trabalhos publicados no XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM) de 2015 trataram do tema, ainda que de forma mais breve e superficial: *Humans of New York: um olhar sobre o humano, um olhar sobre os jovens*, escrito por Maria Carolina Sanches de Arruda e Benedito Diécio Moreira e *Abordagem Humanizada: Análise Sobre Estímulo à Alteridade em Humans of New York*, escrito por David Medina Girão Rios e Rafael Rodrigues da Costa. O artigo *Uma imagem vale mais que mil palavras? Humans of New York e a febre de páginas que contam histórias de anônimos através de fotografias no Facebook* foi publicado por Maisa de Oliveira Vicente (2016), na revista *Mangaio Acadêmico*. O trabalho mais extenso abordando *Humans of New York* foi a monografia de conclusão de curso de Gabriele Branco: *Humans of New York: uma narrativa fotográfica contando histórias no Facebook*.

O trabalho que possivelmente possui mais pontos em comum com a proposta desta pesquisa foi elaborado pelo pesquisador Luis Mauro Sá Martino. Trata-se do artigo *A potência da alteridade nas mídias digitais: uma perspectiva de identidade e diferença*, publicado na *Lumina* (Revista do Programa de Pós-Graduação de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora), em 2016. Martino (2016) defende que as mídias digitais puseram o ser humano, pela primeira vez, diante da visão da totalidade do Outro, e, conseqüentemente, de si mesmo. As dinâmicas que regem essa alteridade digital não foram ainda delineadas (e talvez nunca venham a ser). Por enquanto, é impreterível considerar o ambiente das mídias digitais como um espaço em potencial de encontro e interação com o Outro (MARTINO, 2016).

⁵ Em inglês, *Cultural-Historical Activity Theory* (CHAT).

É interessante observar a presença de *Humans of New York* como objeto de pesquisa em diversos artigos – o que primariamente exemplifica a riqueza da página e dos seus conteúdos, analisados a partir de múltiplas abordagens. A proposta do presente trabalho, contudo, não possui paralelos considerando-se os temas e contextos indicados aqui. Esta dissertação parte da necessidade de compreender *Humans of New York* como um fenômeno e como um possível elemento transformador do conceito de alteridade na vida contemporânea.

Para alcançar o objetivo proposto, esta pesquisa está dividida em quatro capítulos, além da introdução e das considerações finais. O primeiro capítulo analisará a questão da “vida através da tela”: o impacto que as múltiplas convergências e a cultura participativa têm nos indivíduos e na sociedade. Quando falamos de humanos em Nova York – ou de humanos em qualquer lugar do mundo – em 2017, é necessário discutir conceitos como compartilhamento, *internet*, redes sociais, Facebook e algoritmos.

O capítulo 2 é dedicado ao estudo da alteridade enquanto conceito da filosofia e sociologia, mapeando os teóricos e os seus estudos que tratam do assunto. Como a página *Humans of New York* funciona a partir da construção de narrativas biográficas – e a resposta do público vem em forma de “reações” no Facebook –, se buscará, ainda, fomentar a discussão no âmbito da antropologia das emoções. A partir da união das ideias de autores como Emmanuel Levinas (1988), Kathryn Woodward (2009) e Paula Sibilia (2008), buscaremos explicar, por fim, o funcionamento de uma página como *Humans of New York*, com as suas particularidades e os seus contextos próprios.

No capítulo 3, faremos a apresentação do objeto selecionado para compor a presente pesquisa: a página *Humans of New York*. Verificaremos o histórico, o modo de funcionamento e o tipo de conteúdo publicado por Brandon Stanton. Discutiremos o impacto da fotografia como documento e arte – e o papel de Stanton como um fotógrafo *performer* –, além do contexto político norte-americano em 2016 e 2017. É impreterível fazer algumas considerações em relação à vitória de Donald Trump e certas medidas tomadas pelo seu governo que afetam diretamente os imigrantes nos Estados Unidos.

Por fim, no capítulo 4, serão apresentadas as estratégias metodológicas empregadas nesta dissertação, além de detalhar os processos que estruturaram as etapas de coleta e análise do material, composto por *posts* e comentários da página *Humans of New York*. Focaremos nos *posts* que retratam imigrantes, que personificam, neste contexto, o Outro, dos anos 2016 e 2017. O capítulo será dividido em três grandes partes: a primeira parte dará conta de discorrer sobre a Hermenêutica de Profundidade, de John B. Thompson (1995); a segunda parte será

centrada nos métodos digitais e, por fim, a terceira parte abarcará a análise dos *posts* e comentários do público de *Humans of New York*.

Proposta por John B. Thompson (1995), a Hermenêutica de Profundade (HP) é desenvolvida em três fases: análise sócio-histórica, análise formal ou discursiva e a interpretação/reinterpretação. Essa teoria partedo estudo da construção significativa e da contextualização social das formas simbólicas. A fase da (re)interpretação é construída a partir da análise discursiva, na qual os padrões e efeitos que constituem e que operam dentro de uma forma simbólica são quebrados, divididos, desconstruídos e desvelados, como também a partir dos resultados na análise sócio-histórica (THOMPSON, 1995).

Outra base teórica, que vai permear tanto as análises dos *posts* como as análises dos comentários, partirá de métodos digitais, discutidos por autores como Suely Fragoso, Raquel Recuero e Adriana Amaral (2009), Susan Herring (2001) e Richard Rogers (2013). Julgamos essencial incluir um viés metodológico que envolva as particularidades de pesquisas que elegem o digital como objeto de estudo. Também faremos uma breve reflexão acerca da “Hermenêutica digital”, verificando como ambos os campos podem se aproximar na atualidade.

Ao fim da análise, pretendemos responder sobre a questão central do presente trabalho: como a alteridade é ressignificada a partir das redes sociais no mundo contemporâneo?

2 A VIDA ATRAVÉS DA TELA

No cenário midiático atual, o fenômeno das redes sociais reflete a sociedade e as suas transformações do século XXI (boyd, 2014). Para Recuero (2014), a comunicação mediada pelo computador amplifica a capacidade de conexão, permitindo o surgimento de redes que não conectam apenas computadores, mas pessoas (RECUERO, 2014). Quando há a proposta de discutir um conceito como alteridade – o modo como encontramos o Outro, aquele que é diferente de mim – em 2018, é necessário discutir conceitos como compartilhamento, *internet*, redes sociais, Facebook e outras vigentes formas de comunicação contemporânea.

2.1 UMA NOVA CULTURA PARTICIPATIVA

Se os assuntos são *internet*, redes sociais e Facebook, um tema parece estar intimamente ligado a estes conceitos: a cultura participativa. Clay Shirky, professor estadunidense que pesquisa os efeitos na *internet* na economia e no jornalismo, defende que a maior vantagem que temos, quando usamos uma rede, é acessar uns aos outros. Queremos estar conectados, queremos utilizar o potencial humano das novas tecnologias. Para Shirky (2011), o termo “cultura participativa” passou a existir recentemente uma vez que, agora, precisamos da expressão para descrever o que está acontecendo. O simples ato de criar algo com outras pessoas em mente e então compartilhá-lo com elas representa, no mínimo, um eco de um antigo modelo de cultura – até o século XX, compartilhava-se algo apenas fisicamente. Agora isso acontece de forma tecnológica, muitas vezes virtual. Hoje, estar conectado com o outro é sinônimo de compartilhar com o outro, algo que está intimamente ligado à questão do capital social, como veremos adiante.

Ethan Zuckerman (2013) discutiu os encontros entre os múltiplos tipos de mídia disponíveis – jornalismo, mídia social e cultura. Para o professor do MIT, um futuro de conexão, que cruza linguagens, culturas e nações é possível, hoje, por causa da consolidação da *internet*, que traz para perto qualquer tipo de informação sobre qualquer assunto. Neste âmbito, o nosso sucesso tanto econômico quanto criativo depende em nos tornarmos “cosmopolitas digitais”, conceito fundamental para o autor. Trata-se de romper barreiras físicas e interagir com todos os lados do mundo em um ambiente *online*.

Para apreender melhor a emergência deste novo tipo de ecossistema digital, é interessante lançar uma perspectiva histórica acerca do assunto. De acordo com Dijck (2013), no início dos anos 1970, computadores e a tecnologia da informação tinham uma reputação

meio duvidosa, vistos como instrumentos de controle do governo e de corporações gigantescas. Não foi até o fim dos anos 70 que os computadores começaram a ser vistos como ferramentas de liberdade ao invés de opressão. Aliada à convergência da contracultura com os *geeks* da cibercultura, redes computacionais começaram a ser associadas a maneiras informais de conexão entre as pessoas. Uma famosa campanha da Apple de 1984 mostrava o Macintosh como uma ferramenta usada para empoderamento, tornando a companhia uma rebelde entre as poderosas indústrias de computadores, e, conseqüentemente, colocava os consumidores do Mac como um representante da contracultura (DIJCK, 2013).

Baym (2010) atenta para o fato de que a *internet*, tampouco, foi concebida para ser um meio de comunicação pessoal. Se analisarmos os motivos por trás das criações do computador, da *internet* e do telefone móvel, apenas este último foi inventado com o intuito de aproximar as pessoas. Quando a primeira conexão de *internet* aconteceu em 1969, através da então chamada ARPANET, fundada pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos, ninguém visionava o meio de comunicação interpessoal que acabava de ser lançado. Durante o seu primeiro quarto de século, a *internet* funcionava apenas através de texto; com as suas ferramentas sociais limitadas, parecia não ser útil para interação entre pessoas. Quase quarenta anos mais tarde, a impressão é de nunca ter havido tantas maneiras de se comunicar com outros como agora. Se antes estávamos limitadas a conversas face a face, a era digital e as suas transformações mediam a maneira como nos encontramos uns com os outros (BAYM, 2010).

Hoje, em função da consolidação da Web 2.0, parecem existir muitos séculos separando os anos 1970 para cá. De acordo com Primo (2006), a Web 2.0 é a segunda geração de serviços *online* e caracteriza-se por potencializar as formas de organização e compartilhamento de informações. As repercussões sociais resultantes da Web 2.0 são gigantescas, uma vez que potencializam processos de troca afetiva, trabalho coletivo e circulação de informações e conhecimento (PRIMO, 2006).

Uma pergunta que surge frente a todas essas mudanças tecnológicas é: como essas novas ferramentas impactam os nossos comportamentos? Voltando a Shirky (2011), temos a teoria de que a matéria-prima dessas mudanças é o tempo livre disponível para nós. Na prática, o que temos é o direcionamento de um “excedente cognitivo” que permite que as pessoas se comportem de forma cada vez mais generosa, pública e social, em comparação com seu antigo *status* de consumidores e “bichos-preguiça”.

Novas ferramentas não causaram esses comportamentos, mas o permitiram. Uma mídia flexível, barata e inclusiva nos oferece agora oportunidades de fazer todo o tipo de coisas que não fazíamos antes. No mundo da “mídia”, éramos como crianças, sentadas quietas nas margens de um círculo e consumindo o que quer que os adultos, no centro do círculo, produzissem. Isso criou um mundo no qual muitos tipos de comunicação, pública e privada, estão de alguma forma à disposição de todos. [...] Novas ferramentas só são usadas quando ajudam as pessoas a fazer coisas que queiram fazer; o que está motivando Pessoas Antes Conhecidas Como Espectadoras a começar a participar? (SHIRKY, 2011, p. 61)

Ainda neste contexto de mudanças, Shirky (2011) afirma que a difusão da mídia social levou a uma mudança sutil na palavra “compartilhamento”. Compartilhar normalmente demandava um alto grau de conexão entre o doador e o receptor, então a ideia de compartilhar uma fotografia (por exemplo) implicava que os compartilhantes se conhecessem. Mas agora que a mídia social estendeu incrivelmente o alcance e a vida útil do compartilhamento – é o que conhecemos hoje por *spreadable media*⁶ –, sua organização passou a ter muitas formas. Uma delas é o compartilhamento cívico quando um grupo está tentando ativamente transformar a sociedade (SHIRKY, 2011).

boyd (2014) corrobora a teoria de Shirky (2011), afirmando que através da mídia social as pessoas podem dividir com audiências amplas e acessar conteúdos de locais mais distantes, o que aumenta a potência de visibilidade de cada mensagem particular.

Paralela ao compartilhamento, outra mudança de paradigma verificada na prática quando falamos em “cultura participativa” (SHIRKY, 2011) é o que Zuckerman (2013) chama de encontro de culturas (que acontece no âmbito da *internet*). Ao contrário do que possa parecer, principalmente para as novas gerações, a ideia de conectar pessoas não é nova: ela remonta a Sócrates, que ensinava através do diálogo, seguido de Platão, que observou sabiamente que pessoas, ao contrário de livros, nem sempre oferecem uma resposta pronta para questionamentos filosóficos (ZUCKERMAN, 2013).

Quando falamos em conexão e interação no mundo contemporâneo, abrimos caminho para falar sobre as redes sociais. As redes sociais – assunto que ganhará mais atenção a seguir – geram dois outros valores econômicos além da conectividade: atenção e popularidade, que se traduzem em olhares, exposição e capital social⁷ (DIJCK, 2013). Considerando que as redes que estamos analisando são redes sociais, portanto, constituídas de atores sociais, com

⁶ Quando autores anglofônicos referem-se às palavras *share* (compartilhar) e *spread* (espalhar) há uma conotação de “espraiair” (estender, irradiar), que implica “passar adiante”, que as traduções para o português dificilmente comportam. José Van Dijck (2013) defende que, neste contexto de mídia conectiva, compartilhar/*share* é um termo ambíguo: ele se relaciona a usuários que distribuem informações pessoais uns aos outros, mas também implica espalhar algo desta informação pessoal a terceiros (nota da autora).

⁷ O conceito de capital social exprime a ideia de recursos disponíveis para as pessoas através de suas interações sociais (VALENZUELA; PARK; KEE, 2009).

interesses, percepções, sentimentos e perspectivas, percebemos que há uma conexão entre aquilo que alguém decide publicar na *internet* e a visão de como amigos ou audiência na rede perceberá tal informação (RECUERO, 2014).

Recuero (2014) defende que, se as consequências negativas da era digital podem ser simbolizadas pelo isolamento das pessoas, por exemplo, o uso das ferramentas de comunicação mediada por computador poderia representar um esforço no sentido contrário, em direção ao social. Segundo Recuero (2014), esta é uma das ideias de Rheingold (1995), um dos primeiros autores a efetivamente utilizar o termo “comunidade virtual”, definindo-a como uma agregação social que surge na *internet* quando pessoas levam adiante algum assunto compartilhado – podendo ser afetivo ou não – para formar redes de relações pessoais no ciberespaço.

De acordo com Baym (2010), o sentimento de comunidade em ambientes digitais provém de um senso de espaço compartilhado pelas pessoas através da tela. Nesse sentido, as identidades compartilhadas também são importantes: essas identidades incluem um sentimento compartilhado de um sentido de “nós” – e diminui o sentido de “eu” – o que condiciona o sentimento pré-existe de grupo (BAYM, 2010).

Haythornthwaite (2005) faz uma ressalva, contudo, na discussão sobre a aproximação genuína que a *internet* promove. Muitos consideram que a *internet*, na verdade, tem sido culpada por desconectar as pessoas de interações “reais”, ampliando relacionamentos mediados por uma tela, onde as pessoas são desconhecidas e as identidades não confirmadas. Ainda assim, Haythornthwaite (2005) refuta essa ideia, ponderando que a *internet* também pode ser vista como uma possibilidade para manter conexões com família e amigos quando estão longe fisicamente. Seguindo esta linha, diversos pesquisadores vêm apontando para os benefícios da comunicação mediada pelo computador, considerando como o contato *online* pode ser ampliado para um contato face a face conforme os relacionamentos se aprofundam (HAYTHORNTHWAITE, 2005).

Recuero (2014) concorda com este argumento, afirmando que através da consolidação da comunicação mediada pelo computador (e essa massiva influência na sociedade e na vida cotidiana), as pessoas estariam buscando novas formas de ligação umas com as outras, estabelecendo relações e formando comunidades *online* quando não conseguem encontrar espaços de interação social em um espaço físico (RECUERO, 2014).

É possível observar, portanto, como a ideia de McLuhan (1971) acerca do movimento de ruptura iniciado pela “mídia eletrônica” do século XX etraduzida “aldeia global” ganhanovas proporções no século XXI. De acordo com a pesquisa do OFCOM (*Office of*

Communication, órgão pertencente ao Ministério de Comunicações do Reino Unido) de 2015⁸, os usuários da *internet* com mais de 16 anos afirmaram passar 9 horas e 54 minutos *online* a cada semana em 2005. O número, em 2014, subiu para 20 horas e 30 minutos. O aumento mais chamativo no uso da *internet* é citado entre os jovens entre 16 e 24 anos, quase triplicando de 10 horas a cada semana em 2005 para 27 horas e 36 minutos no final de 2014. O uso da mídia social triplicou desde 2007 (de 22% para 72% em 2014). Destes usuários, 81% acessam *sites* como Facebook, Twitter, LinkedIn, Instagram ou Tumblr pelo menos uma vez por dia (tanto em *sites* como em aplicativos). De acordo com a pesquisa, o uso das redes sociais teve o maior aumento entre pessoas com 35 a 44 anos. Também é bastante perceptível o aumento do uso das redes entre pessoas de mais idade (49% dos entrevistados entre 55 e 64 anos afirmaram possuir um perfil em alguma dessas redes).

E, então, Carr (2011, p. 115, tradução nossa) faz a pergunta crucial: “o que a ciência nos diz sobre os efeitos reais que o uso da *internet* tem na maneira de como as nossas mentes funcionam?”⁹ A crítica de Carr (2011) é baseada em estudos feitos por psicólogos, neurobiólogos, educadores e *web designers* que apontam para a conclusão de que, uma vez *online*, tenderíamos a um aprendizado mais superficial e um raciocínio mais distraído, um tipo de pensamento estimulado pela tecnologia (CARR, 2011).

Para Clay Johnson (2012), esse tipo de crítica como a de Carr não leva em conta o principal ponto da questão: a *internet* não é um ser que entra dentro das pessoas enquanto elas dormem e reconecta os seus cérebros, bem como computadores não prendem as pessoas com algemas nos seus teclados. O subtexto dessas teorias é que possa existir uma espécie de conspiração para nos deixar idiotas. Johnson (2012), contudo, “duvida” (ironicamente, para ilustrar o seu pensamento) que Larry Page e Sergey Brin, fundadores do Google, tenham acordado um dia com o plano de reconectar os nossos cérebros. Jack Dorsey, CEO do Twitter, não é um vilão que quer acabar com a atenção do mundo com um limite de 140 caracteres e Mark Zuckerberg não quer destruir a sociedade através da construção excessiva da amizade virtual.

O rádio, o jornal moderno, a televisão: todos eram baseados na mesma ideia básica, que a comunicação poderia ser produzida massivamente de uma fonte central. Quando o computador pessoal foi criado e a *internet* nos jogou em uma era digital a última gigantesca mudança ocorreu. Qualquer um que tenha acesso e conexão à *internet* pode acessar muito – se

⁸ Disponível em: <<https://www.ofcom.org.uk/about-ofcom/latest/media/media-releases/2015/time-spent-online-doubles-in-a-decade>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

⁹ “What can science tell us about the actual effects that internet use is having on the way our minds work?”.

não todo – conhecimento que veio antes, e tem a possibilidade de comunicar não apenas como um único indivíduo, mas como um locutor (JOHNSON, 2012). Então nos encontramos em um limiar – o que torna difícil responder às dúvidas de Carr (2011): temos uma vida nova sob parâmetros antigos.

No centro desta discussão há uma confusão profunda sobre o que é virtual – que algo que parece real é, no fim, mera estimulação – e sobre o que é real. Baym (2010) atenta para o fato de que as pessoas que constroem relacionamentos no ambiente *online*, muitas vezes, e utilizam a expressão “IRL” (*In Real Life*¹⁰), levando ao questionamento sobre a autenticidade das nossas identidades, práticas sociais e relacionamentos no ambiente digital.

Estas ideias formam um contraponto para as observações de Lévy (1996) sobre a enganosa oposição entre real e virtual. Em termos filosóficos, o virtual, na verdade, tem somente uma pequena afinidade com o falso, o ilusório ou o imaginário. O virtual, na verdade, é uma oposição ao atual: contrário ao estático, o virtual é um complexo problemático (LÉVY, 1996).

Alguns críticos notaram que estas disrupções são parte de um movimento de uma época moderna para pós-moderna na qual tempo e espaço estão comprimidos, a velocidade está acelerada, as pessoas estão cada vez mais móveis, as identidades são múltiplas (como veremos melhor no próximo capítulo) e a comunicação midiática é ubíqua (e.g. Fornas, Klein, Ladendorf, Sundén, & Sveningsson, 2002; Haythornthwaite & Wellman, 2002; Ling, 2004). (BAYM, 2010, p.5, tradução nossa¹¹)

De acordo com a socióloga Sherry Turkle (1997), que estuda as relações humanas sob o viés da interação mediada pelas novas tecnologias, são nas telas de computador que projetamos os nossos próprios dramas, nos quais produzimos, dirigimos e atuamos. Alguns desses dramas são privados, mas, cada vez mais, nós somos atraídos por outras pessoas (TURKLE, 1997).

A partir dessa ideia de Turkle, é possível discutir a indentidade no contexto da era digital. Segundo Turkle (1997), em tempos pós-modernos, múltiplas identidades estão no ápice: de forma crescente, pessoas experimentam a identidade como um conjunto de papéis que podem ser misturados e combinados. Neste contexto, a *internet* tem se tornado um significativo laboratório social para experimentação de construções e reconstruções de identidades, o que caracteriza a vida pós-moderna. Turkle questiona (1997, p. 180, tradução

¹⁰ Na Vida Real (tradução nossa).

¹¹ *Some critics have noted that these disruptions are part and parcel of a movement from modern to postmodern times in which time and space are compressed, speed is accelerated, people are ever more mobile, communication is person-to-person rather than place-to-place, identities are multiple, and communication media are ubiquitous (e.g. Fornas, Klein, Ladendorf, Sundén, & Sveningsson, 2002; Haythornthwaite & Wellman, 2002; Ling, 2004).*

nossa): “Essas *personas* virtuais são fragmentos de uma personalidade coerente da vida real? Como elas se comunicam umas com a outras?”¹². Aprofundaremos a discussão acerca das identidades pós-modernas no próximo capítulo, evocando autores como Stuart Hall (2009) e Kathryn Woodward (2009).

Mas se cada rede social me permite ter uma *persona* particular – posso ser um intelectual no Facebook, um engraçadinho no Twitter e um obcecado por animais no Instagram – como elas refletem quem sou “na vida real”? Ou será que cada *persona* é um fragmento de uma identidade múltipla, fragmentada, “real”? Cada plataforma permite um tipo de apresentação de si – por exemplo, o Facebook a partir do compartilhamento de ideias subjetivas, o Twitter a partir de comentários curtos sobre assuntos específicos e o Instagram a partir de uma série de fotos que eu julgo serem apropriadas para o meu público em particular. Estas *personas* podem conversar – ou não – entre si. Mais do que a coerência entre elas, o que está em foco aqui é perceber como elas são um reflexo de contextos particulares, nos quais temos outras pessoas e *personas* às quais observamos e com as quais interagimos. Retomaremos esta discussão a partir de Baym (2010) e Recuero (2014) no subcapítulo focado nas redes sociais.

Para Baym (2010), não restam dúvidas de que o que inquieta os relacionamentos digitais se centra na identidade. Os relacionamentos podem ser válidos quando os corpos não estão visíveis? As pessoas vão mentir sobre si mesmas? Esse é o problema do anonimato: as pessoas não sabem se podem confiar umas nas outras. O famoso *cartoon* de Peter Steiner (publicado na *New Yorker*, em 1993) exhibe um cachorro sentado na frente de um computador que fala para o amigo da mesma espécie: “na *internet*, ninguém sabe que você é um cão” (NEW YORKER, 1993, tradução nossa). Se este *cartoon* é sinônimo de um sonho ou pesadelo, depende do ponto de vista: se somos o próprio cão ou tolo falando com ele. Trata-se de um símbolo dessa dicotomia entre a esperança e o temor que a *internet* provê. (BAYM, 2010)

¹² “*Are these virtual personae fragments of a coherent real-life personality? How do they communicate with one another?*”.

Figura 1 - *Cartoon sobre o anonimato da internet*



Fonte: New Yorker (1993).

Resumindo os dilemas relacionados com a onipresença da internet, danah boyd (2014, p. 212, tradução nossa) cita o cientista computacional Vint Cerf:

a *internet* é uma reflexão da nossa sociedade e o espelho vai refletir o que nós vemos. Se não gostamos do que vemos no espelho, a questão não é resolver o espelho, e sim resolver a sociedade¹³.

Ferramentas que permitem a comunicação não afastam preconceito e ódio: longe de ser uma panaceia, a *internet* simplesmente ilumina as divisões das dinâmicas sociais que contaminam a sociedade contemporânea. Para boyd (2014), neste sentido, a *internet* tem um potencial único: o de tornar visíveis problemas estruturais da sociedade (boyd, 2014).

Ainda olhando para outros aspectos trazidos pela *internet*, o autor Yochai Benkler, professor de Harvard que pesquisa o papel da tecnologia na sociedade, defende que a emergência da produção social *online* tem nos dados incontáveis plataformas de colaborações – mais novas, baratas e fáceis. Em confluência com o pensamento de Shirky (2011), que defende que as pessoas, atualmente, comportam-se de forma cada vez mais generosa, pública e social, Benkler (2011), lembra que, narede, algumas pessoas têm se engajado voluntariamente em atos de cooperação todos os dias. Benkler (2011) traz os exemplos de que as pessoas compartilham e recebem conselhos de outros sobre quais filmes assistir, onde comprar uma bicicleta usada ou como lidar com a doença de um filho. Pessoas – que nós

¹³ “The internet is a reflection of our society and the mirror is going to be reflecting what we see. If we do not like what we see in that mirror th problem is not to fix the mirror, we have to fix society”.

sequer conhecemos – nos respondem em fóruns *online*. Seja via Wikipédia, um *blog* ou Twitter, as pessoas compartilham conhecimento, sem esperar absolutamente nada em troca (BENKLER, 2011). No próximo capítulo, veremos, em oposição ao otimismo de Benkler, a visão de Byung-Chul Han (2014; 2015) em relação ao comportamento das pessoas no mundo contemporâneo.

2.2 O IMPACTO DAS REDES SOCIAIS

Julgamos, neste ponto do trabalho, fazer algumas considerações acerca das redes sociais como as conhecemos hoje. Raquel Recuero, professora e pesquisadora da Universidade Federal de Pelotas, pesquisa o discurso mediado pelo computador e difusão de informações na *internet*. Para Recuero (2014, p. 24),

uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: *atores* (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e *conexões* (interações ou laços sociais) (WASSERMAN; FAUST, 1994; DEGENNE; FORSE, 1999). Uma rede é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais nem suas conexões.

Um ator pode ser representado por um *blog* ou por perfis em redes sociais, como o Facebook ou Twitter. Tais ferramentas são representações dos atores sociais por serem espaços de interação, lugares de fala construídos – e que sofrem uma apropriação - pelos atores de forma a expressar elementos de sua personalidade ou individualidade. Esses usuários das redes se expressam de forma única e pessoal na *internet* (RECUERO, 2014).

Para Recuero (2017), é preciso diferenciar as redes sociais dos *sites* de rede social. Embora seja senso comum chamar o Facebook ou o Twitter de “redes sociais”, é importante atentar que o Facebook, por si só, não apresenta redes sociais, por exemplo. É o modo de apropriação que as pessoas fazem dele que é capaz de produzir redes baseadas em estruturas sociais construídas por essas pessoas. Muitas vezes, essas construções, inclusive, são diferentes daquele previsto pela própria ferramenta, uma vez que as possibilidades de relacionamentos entre humanos são infinitas. A ideia de apropriação dos usuários é, ainda, extremamente relevante para a Análise de Redes Sociais (no capítulo 3 olharemos mais atentamente para este tópico), uma vez que permite a verificação não apenas em termos de quantidade, mas, sim, da influência de atores sobre um evento ou comunidade (RECUERO, 2017).

Baym (2013) evoca boyd e Ellison (2007), para explicar que as redes sociais podem ser definidas como serviços baseados na *web* que permitem que os indivíduos construam um perfil público ou semipúblico dentro de um sistema de conexão e articulem uma lista de outros usuários com quem eles dividem uma conexão. Nas comunidades *online* “tradicionais” – como exemplos, temos os *sites* de *chats* públicos e fóruns de discussão -, as mensagens estão disponíveis para serem vistas por todos os participantes nesse grupo, mas, na medida em que os membros das redes sociais de diferentes pessoas se sobrepõem e são organizados internamente, eles podem constituir grupos fechados. Contudo, Baym (2010) atenta para o fato de que nenhuma rede social é idêntica, uma vez que nenhum usuário de redes sociais tem acesso ao mesmo conjunto de pessoas ou mensagens. Neste sentido, cada experiência é individualizada (BAYM, 2010).

Uma hipótese fortemente aceita atualmente é a de que redes sociais podem não aumentar o número de laços sociais fortes que uma pessoa tem, mas, sim, aumentar os fracos, uma vez que a tecnologia é feita para manter estas conexões de forma barata e fácil.

Donath e boyd (2004) estavam entre os primeiros a formar hipóteses de que as redes sociais online podem não aumentar o número de laços fortes que uma pessoa pode ter. Ao invés disso, os laços fracos de uma pessoa podem aumentar porque a tecnologia é feita para manter estas conexões de forma fácil e barata. Esta proposta foi empiricamente testada por Ellison, Steinfield e Lampe (2007) [...] Eles descobriram que o uso do Facebook tem uma forte associação com manter e solidificar relações existentes offline, em oposição a conhecer novas pessoas. (VALENZUELA; PARK; KEE, 2009, p.881, tradução nossa¹⁴)

É cada vez mais evidente que a mídia social tornou-se uma parte importante da sociedade estadunidense, o que traz implicações: de forma mais imediata, a ubiquidade – o “estar *online*” – também renegocia dinâmicas sociais cotidianas. A famosa expressão “*brb*”, *be right back* (“volto logo”, tradução nossa) já está caindo em desuso: com a tecnologia móvel, nós estamos sempre conectados (boyd, 2014). Neste sentido, Baym (2010) defende que, enquanto as pessoas se apropriam das possibilidades da mídia textual para transformar normas sociais, criar imediatismo, entreter e se exibir umas para as outras, elas constroem identidades para si mesmas, construindo relacionamentos interpessoais e criando contextos

¹⁴*Donath and boyd (2004) were among the first to hypothesize that online social networks may not increase the number of strong ties a person may have. Instead, a person's weak ties may increase because the technology is suited to maintaining these links cheaply and easily. This proposition was empirically tested by Ellison, Steinfield, and Lampe (2007) [...] They found that use of Facebook had a strong association with maintaining or solidifying existing offline relationships, as opposed to meeting new people.*

sociais (BAYM, 2010), o que está de acordo com o que Recuero (2017) fala sobre o modo de apropriação das redes pelos usuários, como vimos anteriormente.

Um valor que é impactado profundamente a partir das redes e dos seus usuários é o *status*. *Status* é o que o modo de consideração que as pessoas têm umas pelas outras – e os privilégios que vão de acordo com essa posição. *Status* é uma ferramenta poderosa que revela valores compartilhados por um grupo (e as suas dinâmicas de poder). Quando falamos em participação *online*, o *status* pode ser uma poderosa ferramenta; estudos apontam que o desejo de ser mais popular era uma razão fundamental pela qual os usuários utilizavam o Facebook (MARWICK, 2013).

A importância do *status* é algo potencializado, ainda, pelo fato de que cada comunidade *online* desenvolveu a sua própria maneira de marcar *status* social. Por exemplo, o Twitter tem seguidores, e o Facebook tem curtidas. O Instagram tem ambos, além do número de visualizações nos *Stories*. Esses sistemas de redes sociais têm um papel central em manter desigualdades entre os valores pessoais, reduzindo relações complexas em vitrines visuais de quantidade e qualidade. A ênfase em métricas, que rastreiam atenção e visibilidade, mostra como estas qualidades figuram na Web 2.0 (MARWICK, 2013).

Ainda sobre a questão do capital social, estudos já mostram que a percepção da audiência pode influenciar parte daquilo que é publicado pelos blogueiros (RECUERO, 2014), que, mais atualmente, se tornaram os grandes produtores de conteúdo nas redes sociais. Recuero (2014) aponta para a relevância dos comentários recebidos pelos blogueiros na decisão do que vai ser publicado. Com defende Marwick (2013), o capital social é um fator fundamental para criar e manter uma página pública. Os atores são conscientes das impressões que desejam criar e dos valores e impressões que podem ser construídos nas redes sociais mediadas pelo computador.

Brandon Stanton, que começou o projeto *Humans of New York* com um *blog*, para, posteriormente passar para as plataformas Facebook e Instagram, é um produtor de conteúdo com grande visibilidade (baseada na “popularidade” da página, quantificada pelo número de curtidas – na própria página e nos *posts* – e comentários). Como veremos mais atentamente adiante, é fundamental considerar o fato de que Stanton, seja de forma consciente ou inconsciente, escolhe uma parte do conteúdo disponível – uma foto entre as várias que tirou; um fragmento de fala entre o resultado de uma entrevista extensa – pensando no retorno do público.

2.3 O FACEBOOK COMO PLATAFORMA

Com aclamados 835 milhões de usuários pelo mundo já em 2012, o Facebook é, em 2018, o maior *site* de rede social nos Estados Unidos e na Europa, com a maior penetração entre os usuários da *internet*¹⁵. Em maio de 2010, Mark Zuckerberg falou a Dan Fletcher, um repórter da revista *Time* que a missão do Facebook era construir uma plataforma em que o parâmetro seria social, com o objetivo de tornar o mundo mais aberto e conectado¹⁶. O diretor corporativo de comunicações da empresa disse que, tornando o mundo mais aberto e conectado, o Facebook está expandindo entendimento entre as pessoas e tornando o mundo um lugar mais empático¹⁷ (DIJCK, 2013).

Quando o Facebook foi lançado em 2004, estava competindo com diversas outras plataformas, como o Friendster, MySpace e Xanga. Oito anos depois, a maioria dos concorrentes desapareceu de cena ou foi deixada como *sites* “falidos” com poucos usuários. Poucas empresas experimentaram um crescimento tão rápido como o Facebook. Hoje, *não estar* no Facebook significa não ser convidado para festas, não ser atualizado para eventos importantes. Em resumo: estar desconectado de uma dinâmica da vida pública (DIJCK, 2013).

É essencial apontar para o fato de que o Facebook começou, basicamente, como um local para que pessoas pudessem escrever sobre seus livros e filmes favoritos, conversar com seus amigos, ou postar fotos da festa da noite anterior. O “objetivo em comum”, em outras palavras, era formar laços sociais e parecer descolado para algum colega (BENKLER, 2011).

Recentemente, estes objetivos têm se tornado mais sofisticados, enquanto os movimentos sociais e políticos migraram para o Facebook. Sejam protestos contra os policiais de Mianmar (que juntaram mais de 300 mil apoiadores via Facebook em duas semanas) ou bases de campanhas pelo meio-ambiente: a simples habilidade para comunicar com mentes parecidas forma laços sobre interesses e forma planos coordenados o suficiente para motivar pessoas a participarem de uma causa e cooperarem (BENKLER, 2011). Shirky (2011), explica, inclusive, que o caráter humano é o componente essencial do nosso comportamento sociável e generoso, mesmo quando coordenado com ferramentas de alta tecnologia: “as interpretações focadas na tecnologia para entender esses comportamentos erram o alvo: a

¹⁵ Fonte: Internet World Stats. Acesso em: 23 abr. 2017

¹⁶ Disponível em: <<http://content.time.com/time/magazine/article/0,9171,1990798,00.html>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

¹⁷ Disponível em: <http://readwrite.com/2009/12/10/why_facebook_changed_privacy_policies/>. Acesso em: 25 abr. 2017.

tecnologia possibilita esses comportamentos, mas não pode causá-los” (SHIRKY, 2011, p. 90).

Em 2013, em uma época na qual o assunto “algoritmos” não estava em evidência como hoje, Zuckerman defendeu que, enquanto usuários do Facebook, podemos estar conectados tanto a um ativista de um sindicato de esquerda como a um evangélico de direita, uma vez que ambos estiveram na nossa turma do Ensino Médio. O Facebook, neste sentido, poderia ser uma poderosa ferramenta para nos expor a diversos pontos de vista (ZUCKERMAN, 2013). Baym (2010), sem falar na palavra “algoritmos”, oferece uma perspectiva que pode ser compreendida como crítica ao argumento de Zuckerman (2013) a partir da simples constatação de que nós nos comunicamos menos com aqueles que são diferentes de nós. Socialmente, defende Baym (2010), vemos um retorno a certa forma de tribalismo, nos separando por grupos – raciais, étnicos, ideológicos – escolhendo acessar apenas a informação que se relaciona com as nossas identidades e crenças. Pariser (2011) também contesta a ideia de Zuckerman, como veremos a seguir quando tratarmos das bolhas de filtro.

Ainda sobre o funcionamento do Facebook, conectar pessoas, coisas e ideias é o princípio atrás do polêmico Botão Curtir¹⁸. Trata-se de um recurso que permite que os usuários expressem a sua aprovação por uma ideia específica (DIJCK, 2013). De acordo com Zuckerman (2013), a ascensão do Botão Curtir implica uma personalização que entra em cena até em *sites* com uma proposta curatorial, como o *The New York Times*. É possível receber sinais sobre quais amigos “curtiram” a história que estamos lendo, além de existir uma ferramenta intitulada “recomendado para você”, gerado para cada usuário. Não é difícil imaginar um futuro onde “curtir” informe até mais informações espaciais. Já é possível puxar um mapa *online* de qualquer cidade que estamos visitando e ver os restaurantes favoritos de amigos nossos sobrepostos no topo dele (ZUCKERMAN, 2013).

“Difícil mas importante” não é um julgamento solicitado por *sites* de mídia social, não existem botões para expressar tal ideia. Ao invés disso, “compartilhar”, “se tornar amigo” e “curtir” são conceitos ideológicos poderosos cujos impactos vão além do Facebook, afetando outros cantos da cultura e a própria base da sociabilidade. Os valores de abertura e conectividade são refletidos pelo mundo de compartilhamento do Facebook (DIJCK, 2013).

Em 2018, mais do que curtir, os usuários do Facebook podem reagir a conteúdos compartilhados ali. A partir de 2016, o Facebook lançou as *Reactions* (reações, em tradução

¹⁸*Like Button*, no original.

livre). A função do botão é mostrar que há outros sentimentos por trás da curtida: além de “gostar” de alguma coisa, os usuários podem expressar suas emoções com *emojicons* (ícones que exprimem sentimentos), que significam “amei”, “haha”, “uau”, “triste” e “nervoso”. As diferentes reações são animadas e se mexem conforme os usuários seguram os dedos na tela. Mais uma vez, vemos o Facebook atento às necessidades dos seus usuários: ao permitir que as pessoas se expressem de forma mais personalizada, a rede também estimula que as pessoas se manifestem apropriadamente conforme os seus sentimentos e emoções de forma pública (no capítulo 2, vamos recorrer aos estudos acerca da antropologia das emoções para verificar como as pessoas “sentem” umas em relação às outras, especialmente em um contexto de uma metrópole, como Nova York).

Figura 2 - Reações no Facebook



Fonte: Facebook Brand (2018).

A interface do Facebook também permite que seus membros criem perfis com fotos, listas de objetos preferidos (livros, filmes, músicas, gatos, etc) e informações de contatos. É possível “cutucar” para chamar a atenção, e também anunciar mudanças na sua situação conjugal ou profissional. O Facebook ainda ajuda as pessoas a encontrarem amigos (com a ferramenta *People You May Know*¹⁹), e também a identificar conhecidos em fotos (DIJCK 2013).

Ao longo dos anos, a organização do conteúdo do Facebook foi passando de uma estrutura que priorizava o arranjo de dados a uma estrutura narrativa. Com a implantação da *Timeline*²⁰, em 2011, a interface, não mais aleatória, se organizou como uma biografia que conta a vida de alguém até o presente, em ordem cronológica. Com essa mudança, o Facebook se aprofundou ainda mais na “textura da vida”, a sua narrativa principal imitando convenções do modo tradicional de contar histórias. Os usuários notaram este efeito e comentaram como a emoção e memória são integrados à experiência do Facebook. Esta inovação do Facebook, ressalta Dijck (2013), representa bem a teoria de que as redes sociais se tornaram os palcos digitais para os *flâneurs* pós-modernos: um lugar para ver e ser visto em

¹⁹ Pessoas Que Talvez Você Conheça (tradução nossa).

²⁰ Linha do Tempo (tradução nossa).

um deslizar de telas. Desta forma, o modo como conteúdo ali é organizado permite ainda mais que os usuários se apropriem do *site* como melhor se encaixar aos seus interesses próprios (DIJCK, 2013).

O *Feed* de Notícias, enquanto isso, representa uma lista ou fluxo de publicações de amigos e outros produtores de conteúdos.

Uma das principais características desse mecanismo é seu sistema de classificação: o fluxo criado pelo *Feed* de Notícias é organizado de acordo com a relevância relativa e potencial das publicações para cada usuário ou usuária do serviço. Ou seja, a partir dos dados gerados pela ação dos usuários na plataforma e pelo número de cliques e interações (curtidas e comentários) que cada publicação recebe, são selecionados e organizados os conteúdos de acordo com sua relevância calculada para cada usuário ou usuária, produzindo o que o Facebook costuma chamar de *feed* personalizado. Nas análises públicas sobre esses processos de definição do que seria relevante, algoritmos são posicionados como agentes fundamentais, como uma fórmula que comanda as diferentes tarefas computacionais realizadas (ARAÚJO, 2017, p.17).

Olharemos mais atentamente para esta questão acerca dos algoritmos a seguir, no próximo subcapítulo.

Mas talvez mais significativo que as mudanças estruturais do Facebook, seja justamente o impacto da plataforma nos cotidianos das pessoas (DIJCK, 2013). No seriado televisivo *Girls* (2012-2017), escrito por Lena Dunham, logo no primeiro episódio da primeira temporada, as protagonistas Hannah e Marnie discutem a hierarquia que rege as formas de comunicação contemporânea. Marnie, considerada a mais sábia da dupla, dita a regra: o Facebook é sinônimo, para ela, da forma mais “baixa” de conversação entre as pessoas.

HANNAH: Talvez eu devesse ligar para ele. Quer dizer, você não disse que mandar mensagens é a forma mais baixa de comunicação? [...].

MARNIE: [...] A forma mais baixa... seria o Facebook. Seguida pelo *chat* do Gmail. E então mensagem de texto, e então celular. Cara a cara é, claro, o ideal, mas não é dessa época.(GIRLS, 2012, tradução nossa²¹)

Mas se outrora éramos, enquanto usuários, alheios aos modos de uso de algoritmos (como veremos a seguir) e de apropriação de dados por parte do Facebook, hoje, em 2018, estamos no meio de uma convulsão.

²¹ HANNAH: *Maybe I should call him. I mean, didn't you say texting is the lowest form of communication?* [...] MARNIE: [...] *The lowest form... that would be Facebook. Followed by g-chat. Then texting, then email, then phone. Face to face is, of course, ideal, but it's not of this time* (GIRLS, 2012).

Em fevereiro de 2018, a revista Wired publicou uma imagem que ilustrava Mark Zuckerberg pós-surra, como se tivesse levado a pior em uma briga. A matéria, profética, detalha os últimos dois anos de “batalhas” do Facebook – tendo de lidar com as *Fake News* e com o descontrole sobre os agentes comunicacionais que foram decisivos para a eleição de Trump em 2016²². Em março de 2018, contudo, uma nova reportagem levantou dúvidas sobre as práticas da plataforma, pois o Facebook permitiu que a empresa Cambridge Analytica coletasse dados de mais de 50 milhões de usuários do Facebook. De acordo com reportagem publicada nos jornais The New York Times²³ e The Guardian²⁴ a empresa construiu modelos de comportamento para direcionar eleitores em campanhas políticas - entre elas, a de Donald Trump – a partir desse armazenamento. Os dados eram coletados a partir de perfis, curtidas, testes psicológicos e informações a partir dos próprios usuários e da sua rede de amigos. Pouquíssimos destes usuários concordaram em permitir o acesso dessas informações fora do Facebook²⁵ (NEW YORK TIMES, 2018). Mark Zuckerberg, por sua vez, assumiu a culpa, e pediu desculpas publicamente por ter feito mau uso da confiança do público. Cabe ressaltar que esta pesquisa havia sido realizada meses antes das matérias, porém as informações reveladas não impactam na análise realizada.

Mas, mesmo se o Facebook perder o “fator descolado” como plataforma, a sua ideologia se espalhou tão fundo nos poros da sociabilidade *online* que os seus mantras e ideais vão reverberar por um longo tempo (DIJCK, 2013). Ainda que no exemplo do seriado *Girls* isto seja retratado a nível ficcional e em um contexto muito próprio – duas garotas brancas, morando em Nova York, falando sobre relacionamentos heterossexuais – é interessante notar como esse tipo de comunicação pós-moderna, digital, é um tema de discussão recorrente.

Aqui, é possível retomar as ideias de Baym (2010) sobre a apropriação da mídia textual pelas pessoas, que estabelecem as suas próprias normas e constroem relacionamentos interpessoais a partir das redes sociais (BAYM, 2010).

O Facebook autoproclama uma ambição de ser uma passagem para o conteúdo social, uma ferramenta que estrutura e facilita a sociabilidade *online*. Outrora atividades informais na esfera pública – amigos se encontrando e trocando ideias sobre o que os seus gostos –, hoje são interações mediadas por algoritmos numa esfera corporativa. (DIJCK, 2013).

²² Disponível em: <<https://www.wired.com/story/inside-facebook-mark-zuckerberg-2-years-of-hell>> Acesso em: 26 mar. 2018.

²³ Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2018/03/17/us/politics/cambridge-analytica-trump-campaign.html>> Acesso em: 26 mar. 2018

²⁴ Disponível em: <https://www.theguardian.com/news/2018/mar/17/cambridge-analytica-facebook-influence-us-election>> Acesso em: 26 de mar. 2018

²⁵ Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2018/03/20/technology/facebook-cambridge-behavior-model.html?mtrref=www.google.com.br&mtrref=undefined>> Acesso em: 24 mar. 2018

Ainda é nebulosa a maneira como o Facebook, contudo, “empacota” ou organiza os conteúdos para cada pessoa. É possível, apesar das dificuldades de obter dados diretamente da plataforma, analisar *posts* de *Humans of New York* e observar o perfil do seu público. Após traçar as particularidades da página, é possível ponderar algumas ideias acerca dos algoritmos que regem os *sites* de redes sociais. A seguir, vamos lançar um olhar mais aprofundado para a questão das bolhas de filtragem e os seus desdobramentos.

2.4 A QUESTÃO DAS BOLHAS

Quando falamos em “bolhas”, um conceito que antecede – e contextualiza – o surgimento das “bolhas de filtro” é o de “bolhas ideológicas”. Lage (2001) remonta o surgimento da bolha ideológica em 1895, quando o psiquiatra Gustave Le Bon escreveu o livro “Psicologia das Massas”. A obra, várias vezes reeditada, inspirou tanto Joseph Gobbels, ministro da propaganda do estado nazista, quanto teóricos americanos que, como Walter Lippman, já pretendiam, na década de 1920, usar a propaganda disfarçada de jornalismo. Dessa forma, a bolha ideológica vem empolgando esquerda e direita há mais de um século em discursos que, ainda quando estão opostos, estão apoiados nas mesmas teses: de que o público é massa inerte que os meios de comunicação manipulam (LAGE, 2001).

Pariser (2011) utiliza o conceito de bolhas de filtro, uma transposição das ideias anteriores de Le Bon para o contexto digital. Neste novo cenário, o trabalho de selecionar e exibir informações que formavam ou diluíam uma bolha não é mais apenas do comunicador ou de um agente humano, mas realizado também por um algoritmo que seleciona as informações exibidas sobretudo nas linhas do tempo das redes sociais.

Este olhar contemporâneo de Pariser (2011) critica a concepção da *internet* como um espaço de construção de uma democracia plena – que, na teoria, deveria ser neutra - ao relevar os papéis das empresas de comunicação na construção do meio bem como através da investigação do algoritmo como agente que seleciona e elenca informações. Pariser (2011) aponta para os possíveis impactos desta dinâmica, considerando a transição do conceito de massa ideológica ao qual Le Bon se referia no século XIX, para um conceito de conjunto de usuários do século XXI. Esses usuários, à primeira vista, se diferenciariam uma vez que possuem acesso a todo tipo de informação livre disponibilizada *online*, formando, na teoria, uma massa menos passiva e mais conscientizada.

Contudo, esse imaginário da rede como espaço de reconstrução da mídia pública, na qual blogueiros e cidadãos jornalistas convivem com governos locais mais transparentes

vigiados por conscientes cidadãos digitais é questionado através de uma análise sobre os processos utilizados de forma automática para que grandes empresas selecionem informações conforme as preferências dos usuários. Pariser (2011) indica que, no fim das contas, estamos cada vez mais fechados nas nossas próprias bolhas. O digital, assim, transforma o filtro ideológico em uma prática “invisível” da vida cotidiana mediada por algoritmos. A democracia exige confiança em fatos compartilhados, mas, ao invés disso, nós temos universos separados e paralelos.

O meu desconforto se solidificou quando eu notei que os meus amigos conservadores haviam desaparecido da minha página no Facebook. Politicamente, eu tendo para a esquerda, mas eu gosto de ouvir o que os conservadores estão pensando, e eu me esforcei muito para fazer amizade com alguns deles e adicioná-los para ter conexões no Facebook. Eu queria ver que links eles postavam, ler seus comentários, e aprender um pouco mais sobre eles. Mas os seus links nunca apareciam no topo do meu *feed* de notícias. O Facebook estava, aparentemente, fazendo os cálculos, e notando que eu ainda clicava nos links dos meus amigos progressistas mais do que os dos meus amigos conservadores [...].Então sem links conservadores para mim. Eu comecei a pesquisar, tentando entender como o Facebook estava decidindo o que me mostrar e o que me esconder. No fim das contas, o Facebook não estava sozinho. (PARISIER, 2011, p. 5)

A *internet* é, hoje, uma ferramenta para coleta e análise de informações pessoais. Como exemplos práticos, Pariser (2011) ressalta que a busca pela palavra “depressão” no Dictionary.com faz o *site* instalar 233 arquivos no nosso computador para que outros *sites* possam nos bombardear com anúncios de antidepressivos. Compartilhar um artigo sobre cozinhar no *ABC News* provavelmente fará com que sejamos perseguidos pela *web* com propagandas de panelas com revestimento especial. Seria menos grave se toda esta customização da *internet* fosse destinada apesar para a propaganda. Mas a personalização não está apenas moldando o que compramos: o Facebook está se tornando uma fonte primária de informações (PARISIER, 2011) – em 2012, estimava-se que 49% dos norte-americanos adultos acessavam informações a partir de redes sociais; em 2016, este número aumentou para 62%²⁶. No momento em que temos o Facebook como um distribuidor primário de informação jornalística, é impreterível considerar o que rege as ferramentas que elencam o conteúdo nos *feeds* das pessoas.

Em uma matéria publicada pelo jornal *The Guardian* no dia 16 de novembro de 2016²⁷ – lançada no contexto do estarcimento geral frente à vitória de Donald Trump nas eleições

²⁶ Disponível em: <<http://www.journalism.org/2016/05/26/news-use-across-social-media-platforms-2016/>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

²⁷ Disponível em: <<https://www.theguardian.com/us-news/2016/nov/16/facebook-bias-bubble-us-election-conservative-liberal-news-feed>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

presidenciais estadunidenses – foram entrevistados dez eleitores dos Estados Unidos, cinco conservadores e cinco liberais. O objetivo era testar os efeitos da polarização política no Facebook. Como metodologia prática, o teste consistiu em fornecer *logins* de contas criadas especialmente para a reportagem: eleitores liberais acessavam *feeds* conservadores e eleitores conservadores acessavam *feeds* liberais. Como resultado, os dez entrevistados admitiram estar vivendo em “mundos fechados”. Um fazendeiro do Nebraska relatou que, antes do teste, nunca havia visto nada de bom sobre Hillary Clinton. Uma liberal afirmou que a experiência fez ela se sentir como se estivesse presa em um quarto cheio de “pessoas paranoicas e iludidas” (referindo-se aos múltiplos comentários de conservadores). Enquanto uma liberal relatou que o teste ajudou na sua compreensão em relação aos eleitores de Trump, uma conservadora disse que ver o *feed* liberal a empurrou ainda mais para uma ideologia de direita.

Para Pasiser (2011), o código básico do coração da *internet* é bem simples: a nova geração dos filtros da *internet* enxerga as coisas que parecemos gostar e tentam ir a fundo nas nossas preferências. São ferramentas de predição, constantemente criando e refinando uma teoria de quem somos e do que faremos e vamos querer fazer no futuro. Em conjunto, essas ferramentas criam um único universo de informação para cada um de nós – aquilo que nós chamamos de “bolhas de filtro” – o que fundamentalmente altera a maneira como encontramos ideias e informações. As bolhas nos isolam, são invisíveis e inevitáveis (PARISER, 2011).

Além da sua habilidade de coletar informações, Dijck (2013) aponta para o poder das redes sociais, centrado na capacidade de incluir algoritmos para processar estas informações. Um algoritmo, na ciência da computação, é uma lista de instruções bem definidas para calcular uma função – um raciocínio automático que manda a máquina produzir um resultado a partir de determinados dados. O maior problema que assusta os clientes de empresas como Amazon, Google e Facebook – empresas que não divulgam quase nada sobre o seu uso de algoritmos – é justamente não saber como a conectividade é explorada por estes grupos (DIJCK, 2013).

Os algoritmos têm tido um crescente papel em selecionar quais informações são consideradas mais relevantes para nós, uma ferramenta crucial que influencia a nossa participação na vida pública. Os algoritmos gerenciam as nossas interações em *sites* de redes sociais, destacando as publicações de um amigo, excluindo as de outro. Eles funcionam para mapear as nossas preferências, projetados para calcular o que é tendência, selecionando só a o que há de melhor entre o ilimitado conjunto de informações *online* (GILLESPIE, 2014).

Quando falamos em Facebook,

são identificados três momentos ao longo da trajetória do *Feed* de Notícias, nomeados da seguinte forma: o algoritmo EdgeRank, o algoritmo Certo e o algoritmo Centrado no Usuário. A estratégia de agrupar essas definições em três momentos visa a reforçar o entendimento de peculiaridades específicas do conflituoso cenário no qual o *Feed* de Notícias e seu caráter algorítmico são definidos. EdgeRank faz referência ao período inicial de introdução dos sistemas de classificação no *Feed* de Notícias (2009-2013), no qual o algoritmo é performado como apenas uma fórmula computacional. Algoritmo Certo diz respeito ao período entre 2013 e 2014, quando algoritmo passa a ser definido como um processo quase infalível que de forma correta atua para definir exatamente o que usuários querem ver, a caminho de se tornar o melhor jornal personalizado do mundo. Algoritmo Centrado no Usuário marca a transformação, entre os anos 2014 e 2016, da noção de algoritmo para uma construção que o posiciona como algo meramente técnico, como um intermediário para a ação dos usuários. (ARAÚJO, 2017, p. 29)

A introdução do EdgeRank é baseada em uma cadeia de traduções que se justifica pelo combate ao ruído informacional (ARAÚJO, 2017): conforme o Facebook foi crescendo, o número dos usuários que compartilhava conteúdo aumentou, ao ponto de cada usuário do Facebook ter, em média, 1.500 diferentes *posts* que poderiam ser mostrados no seu *News Feed* a cada visita. O Facebook entendeu, a partir disso, que os usuários não querem ver apenas *posts* mais recentes, eles querem ver os mais relevantes. Revell (2016), a título de exemplo, ressalta que a atualização da sua irmã cujos *posts* você sempre curte e comenta deveria, em um mundo ideal, aparecer sempre no seu *Feed*, enquanto a atualização do *status* de um velho conhecido com quem você nunca interage deveria receber menos prioridade. Foi por conta disso, dessa busca pela personalização (que tem como objetivo principal manter o maior número de pessoas no Facebook durante mais tempo possível) que o Facebook criou um algoritmo (REVELL, 2016).

Mantido em segredo até 2010, quando os engenheiros Ruchi Sanghvi e Ari Steinberg divulgaram informações durante a conferência anual do Facebook (o evento *Facebook F8*), o algoritmo do Facebook mostrou ser, naquele momento, surpreendentemente básico. Todas as interações entre os usuários da rede são gravadas como algo chamado de *edge* (ou “beirada”, tradução nossa). Se um objeto é curtido ou comentado, isso é um *edge*. Por causa disso, o nome do algoritmo se chama EdgeRank (o que seria uma “classificação de beiradas”), que tem como principal objetivo entender as prioridades para cada usuário em particular (REVELL, 2016)

Cada *edge* funciona a partir três componentes principais: 1) o da afinidade (o Facebook detecta o número de mensagens que enviamos para cada amigo e o número de vezes que entramos em perfis alheios); 2) o peso dado a cada *edge* (um comentário tem mais

peso que uma curtida, por exemplo) e 3) tempo (quanto mais antigo um *edge* é, menos importante ele se torna) (REVELL, 2016).

O Algoritmo Certo, enquanto isso,

refere-se a uma tendência comum observada entre os anos de 2013 e 2014 nos processos de construção do que o *Feed* de Notícias faz. Nos dispositivos analisados é possível observar como ponto comum a definição da ação do mecanismo em uma perspectiva do que é certo, articulada com testes e dados que comprovam sua eficiência geralmente pelo aumento de métricas, como número de curtidas e comentários. A qualidade ou eficiência na ação do *Feed* de Notícias são antecipadas por exaustivos testes. Além disso, é característica nesses dispositivos a construção de usuários como agentes coerentes com as lógicas performadas no mecanismo: se curto um conteúdo, logo tenho interesse por aquele conteúdo e por quem o publicou ou compartilhou (ARAÚJO, 2017, p. 205).

No momento da implantação do Algoritmo Certo, o processamento dos dados foi complexificado: “suas ações em relação ao *Feed* de Notícias são definidas como a construção de um jornal personalizado que escolhe o conteúdo certo, para pessoa certa, no momento certo” (ARAÚJO, 2017, p. 275). Já no Algoritmo Centrado no Usuário (a tendência entre 2014 e 2016), os algoritmos se tornam meros mecanismos de resposta aos usuários. Nesse sentido, suas ações partem de um *feed* que seria, supostamente, um quadro em branco a ser pintado pelas escolhas pessoais dos usuários no Facebook. De forma prática, isso se configura na criação e ampliação de controles para usuários sobre o *Feed* de Notícias. O algoritmo tem seu caráter definido através de testes e dados que comprovam sua ação bem-sucedida através do aumento de engajamento dos usuários (aqui, engajamento é uma noção baseada em maior número de ações no sistema - curtidas, comentários e compartilhamentos). Usuários são definidos como agentes coerentes com essa lógica e que podem ter seus comportamentos (ARAÚJO, 2017).

Johnson (2012) faz um contraponto, contudo, em relação à tendência de vilanificar o algoritmo em si. Para o autor, o problema encontra-se no modo como os algoritmos são manipulados. No fim das contas, as empresas midiáticas não são neurocientistas nem conspiratórios. Uma visão mais pragmática do assunto é que a nossa economia é orgânica. Através de testes de tentativa e erro, as empresas descobrem o que nós queremos, e passam a nos dar exatamente isso. É um sistema que se retroalimenta: quando mais eles nos dão, mais nós queremos (JOHNSON, 2012).

Ainda nessa linha de “absolver os algoritmos” e fazer uma autorreflexão sobre o problema que nós mesmos criamos, Johnson (2012) afirma que, anteriormente às redes sociais, nós vivemos nas nossas próprias bolhas sociais, que nós criamos e fortalecemos através de relacionamentos. Os amigos que nós selecionamos e as comunidades nas quais

trabalhamos servem como filtros naturais para nós. É um fardo cognitivo gigantesco se cercar de pessoas que discordam de nós, muito mais natural é ouvir apenas o que queremos ouvir e nos afastar da realidade do Outro. O resultado é uma sociedade que está sendo dividida, apenas confortavelmente ouvindo a realidade que é única para a sua tribo em particular (JOHNSON, 2012).

Se você é um usuário do Facebook, tente contar o número de amigos que você tem que dividem as suas crenças políticas. A menos que você esteja se esforçando para fazer o contrário, é provável que você tenha se cercado de pessoas que se inclinam na direção das suas crenças. Agora olhe para além das suas crenças políticas – quantos dos seus amigos compartilham a mesma classe socioeconômica que você? Com as redes sociais, se torna mais difícil escapar destes vieses. (JOHNSON, 2012, p. 60, tradução nossa²⁸)

Sob este viés, para Johnson (2012), as “bolhas de filtro”, cunhadas por Parisier, existiam muito antes da invenção das tecnologias personalizadas. O que é novo é a personalização automática como uma maneira de lidar com a informação excedente. A personalização é apenas um espelho que reflete o nosso comportamento (JOHNSON, 2012). Se no passado, teóricos defendiam que as massas inertes eram manipuladas pela mídia tendenciosa – e causavam as chamadas de bolhas ideológicas (LAGE 2001) –, hoje vemos que as bolhas do século XXI são mais sutis: invisíveis e silenciosas, as ferramentas computacionais filtram e direcionam conteúdos aos usuários das redes sociais – impactando de forma fundamental a maneira como pensamos.

Recuero definiu, em 2014, que uma rede social é um conjunto de dois elementos: atores (exemplos: pessoas ou instituições) e conexões (interações ou laços sociais). A partir do que estamos vivenciando, atualmente, é interessante observar a presença de um novo ator nas redes sociais. Como destacado antes, as interações construídas em plataformas como o Facebook não são mais fenômenos aleatórios, mas possíveis ligações pré-determinadas por um elemento: o algoritmo. Como bem exemplifica o caso dos liberais e conservadores nos EUA – além de outros casos de influências programadas, como o uso de publicações patrocinadas e direcionadas – há uma grande confluência de aspectos que, mais do que nunca, não podem ser vistos como um movimento natural da rede, mas, sim, como resultado de uma mediação ocasionada por uma ferramenta computacional hiper-inteligente.

²⁸*If you're a Facebook user, try counting up the number of friends you have who share your political beliefs. Unless you're working hard to do otherwise, it's likely that you've surrounded yourself with people who skew towards your beliefs. Now look beyond political beliefs – how many of your friends share the same economic class as you? With social media, it becomes more difficult to escape these biases.*

Nem todas as redes utilizam os algoritmos para distribuição e ordenamento de informações, porém é válido destacar a emergência do algoritmo como um componente específico das dinâmicas em rede nos ambientes mediados por um processamento de dados que realiza um processo de edição das informações posteriormente exibidas. Assim, dados produzidos pelos nós que circulam através de laços têm distribuição definida por este agente.

O caso do jornal Folha de São Paulo é um bom exemplo de como as grandes empresas de comunicação já estão sensíveis à presença dos algoritmos, que, neste caso, fazem a mediação entre o conteúdo publicado no Facebook e os leitores e consumidores do jornal. Neste caso, temos a Folha e os consumidores como nós, os laços/conexões através do Facebook, e o agente (aqui, o algoritmo).

A partir do dia 08 de fevereiro de 2018, a Folha – um dos maiores jornais brasileiros da atualidade - comunicou o seu público que, a partir daquela data, deixava de divulgar qualquer tipo de informação na sua página do Facebook. O jornal, em uma carta aberta aos leitores, afirmou que a decisão foi influenciada por causa da presença do algoritmo do Facebook, que passou a privilegiar conteúdos de interação pessoal ao invés do conteúdo distribuídos por empresas, como a Folha. Ainda segundo o veículo, isso reforçaria a criação das “bolhas de opiniões e convicções” e a propagação das *fake news*²⁹.

No próximo capítulo, tomaremos como base as noções de conexões digitais, redes sociais e Facebook como uma plataforma para analisar conceitos como identidade, alteridade e hospitalidade no contexto contemporâneo. O objetivo é reunir uma base teórica que nos permita responder à questão inicial sobre como as redes sociais estão ressignificando a alteridade – considerando as telas, os cliques e os algoritmos, sem perder de vista as particularidades próprias da página *Humans of New York*

²⁹ Disponível em: < https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/folha-deixa-de-publicar-conteudo-no-facebook.shtml?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_campaign=fbfolha > Acesso em: 01 de abr. de 2018

3 ALTERIDADE, IDENTIDADE E EMOÇÕES

Partindo do objetivo principal da presente pesquisa – problematizar o modo como as redes sociais impactam a maneira como enxergamos o Outro, nos deparamos com certos conceitos fundamentais que serão discutidos neste capítulo. Para estudar a ressignificação da alteridade, é impreterível que se fale em Outro e diferença, que, por sua vez, pressupõem a discursão do conceito de identidade. Como a página *Humans of New York* funciona a partir da construção de narrativas biográficas – e a resposta do público vem em forma de “reações” no Facebook –, consideramos essencial fomentar a discussão no âmbito da antropologia das emoções. A partir da união das ideias de autores como Emmanuel Levinas (1988), Kathryn Woodward (2009) e Paula Sibilia (2008), buscamos explicar, por fim, o funcionamento de uma página como *Humans of New York*, com os seus retratos de imigrantes que, aqui, representam diferença e alteridade.

3.1 IDENTIDADE

O primeiro conceito a ser explorado, neste capítulo, é a identidade. Buscando problematizar a alteridade no mundo contemporâneo, a questão da identidade, bem como as suas implicações e desdobramentos, é um tema impreterível a ser trazido à tona. Em um momento em que vemos a consolidação de novas tecnologias e a ascensão das redes sociais, a identidade pós-moderna é um tema que se torna passível de múltiplos debates, como bem veremos a seguir.

3.1.1 Fragmentação do Indivíduo

A preocupação com a identidade no mundo contemporâneo faz dela um conceito central. Na arena global, por exemplo, existem preocupações com as identidades nacionais e com as identidades étnicas; em um contexto mais local, enquanto isso, existem preocupações com a identidade pessoal. (WOODWARD, 2009)

Há uma discussão que sugere que, nas últimas décadas, estão ocorrendo mudanças no campo da identidade – mudanças que chegam ao ponto de produzir uma “crise da identidade” [...] Isso implica examinar a forma como as identidades são formadas e os processos que estão aí envolvidos. Implica também perguntar em que medida as identidades são fixas ou, de forma alternativa, fluidas e cambiantes. (WOODWARD, 2009, p. 16)

A sociedade está organizada tendo por base o princípio de que qualquer indivíduo tem o direito moral de esperar que os outros o valorizem e o tratem de maneira adequada. Porém Goffman (2002) observa que se um indivíduo for desconhecido, os observadores podem lhes atribuir significados errôneos a partir de certa conduta ou aparência, aplicando estereótipos não comprovados. Podem também supor, baseados na experiência passada, que somente indivíduos de determinado tipo são provavelmente encontrados em um dado cenário social (GOFFMAN, 2002). Este processo de estereotipação converge para os sistemas classificatórios que contribuem para uma exclusão ou inclusão social, como defende Woodward (2009), como veremos adiante.

Tal como a linguagem, a tendência do processo de produção da identidade é para a fixação. Entretanto, a identidade está sempre escapando. A fixação torna-se, a partir disto, uma impossibilidade (SILVA, 2009). Como será explorado a seguir, os ambientes digitais estimulam uma (re)combinação de interesses e personalidades através da criação de perfis específicos dos usuários para cada rede social – o que impacta a identidade digital de cada um.

Baym (2010), discutindo essa questão das “múltiplas identidades”, defende a teoria de que a *internet* rompe com a noção tradicional de muitas culturas de que cada corpo recebe um único indivíduo. Neste sentido, no contexto da mídia digital, temos corpos separados de identidades. Além disso, Baym (2010) lembra que as nossas identidades estão enlaçadas com as identidades dos outros: *online*, nós construímos nossas autorrepresentações fazendo ligações a outros. É a partir do nosso relacionamento com outros que podemos indicar nossa participação em grupos sociais que evocam concepções compartilhadas de *insider* e *outsider*. Seja em *blogs* ou redes sociais, nós utilizamos as informações fornecidas pelos outros para converter em elementos que irão moldar a forma como as pessoas são percebidas (BAYM 2010).

Tal multiplicidade é ampliada na *internet*, mas não é nada de novo. Foi Shakespeare que escreveu que “todo o mundo é um palco”, reconhecendo que todos os nossos encontros sociais envolvem interpretar papéis designados para se adaptar os interativos e o contexto. Teóricos da identidade como Goffman (1959) há muito defendem que a identidade desempenha múltiplos papéis na vida cotidiana e não pode ser entendida como uma única entidade. Mais do que existir uma Única Verdadeira Identidade [...] teóricos contemporâneos começaram a ver a identidade como flexível e múltipla, tomando diferentes encarnações em diferentes situações. (BAYM, 2010, p. 106, tradução nossa³⁰)

³⁰ *Such multiplicity is enhanced on the internet, but it is nothing new. It was Shakespeare who wrote that “all the world’s a stage”, recognizing that all of our social encounters involve playing roles designed to suit the interectants and the context. Identity scholars such as Goffman (1959) have long argued that the self plays*

Recuero (2014) evoca Döhring (2002), que analisou o fenômeno da construção da identidade na *internet* através das páginas pessoais. Em seus resultados, “há a sugestão de que os *websites* pessoais eram apropriações individuais do ciberespaço, como forma permanente de construção de si, dentro do foco da pós-modernidade” (RECUERO, 2014, p. 26). A página pessoal, comumente chamado de perfil quando falamos em redes sociais, está sempre sendo construída. Esse perfil, que quase sempre conta com uma foto e com um texto biográfico de apresentação (assim é no Twitter, Instagram e Facebook), pode ser mudado a qualquer minuto.

Autores como Sibilía (2003 e 2004) e Lemos (2002b), por exemplo, demonstraram como alguns *weblogs* trabalham aspectos da “construção de si” e da “narração do eu”. A percepção de um *weblog* como uma narrativa, através de uma personalização do Outro, é essencial para que o processo comunicativo seja estabelecido. Aquele é um espaço do Outro no ciberespaço. Está percepção dá-se através da construção do *site*, sempre através de elementos identitários e de apresentação de si. (RECUERO, 2014, p. 26)

Professor de sociologia da Universidade Estadual da Califórnia, Thomas Kando reuniu em sua obra “Interação Social” (1977), algumas das teorias mais relevantes nos estudos de identidade e relacionamento humano. Quarenta anos se passaram dos estudos do autor, mas os seus apontamentos continuam relevantes para os estudos sociológicos na atualidade. Para Kando, uma das teorias mais aceitas acerca do desenvolvimento da identidade é que ela emerge, justamente, da interação entre um indivíduo e os outros. O problema básico, então, se torna o da *intersubjetividade*: como a experiência do meu “entendimento” do outro e o seu “entendimento” de mim se constituem? (KANDO, 1977).

Kando (1977) e Goffman (2002) apontam para a importância da primeira impressão causada pela maneiras e aparência dos indivíduos.

Aparência é um dos elementos da identidade que é apresentado pelo indivíduo e deve ser validado por outros para que a interação possa ocorrer com profundidade. Em muitas situações sociais, o gênero, a idade e o *status* ocupacional de uma pessoa devem ser determinados, no mínimo, para que a interação possa proceder. (KANDO, 1977, p. 167, tradução nossa³¹)

multiples roles in everyday life and cannot be understood adequately as a single unified entity. Rather than there being One True Self [...] contemporary scholars have come to see the self as flexible and multiple, taking different incarnations in different situations.

³¹*Appearance is one of the elements of one's identity that is presented by the self and must be validated by others in order for interaction to proceed meaningfully. In many social situations, a person's gender and often age and occupational status must be determined, at the very least, before interaction can proceed.*

No ambiente digital, construído décadas depois das observações de Kando, a formação da aparência surge, muitas vezes, em espaços com estruturas pré-definidas como *sites* que exigem o estabelecimento de perfis de usuários. No Facebook, por exemplo, o modelo permite mudar a foto que representa o avatar do usuário e a imagem principal localizada no cabeçalho da sua página, conhecida como “capa”. Além destas alterações provocadas por experiências estéticas do usuário, seus “rastros” formados por amigos, publicações marcadas e últimas movimentações neste ambiente fornecem informações que serão observadas por um visitante desconhecido da rede que observar o seu perfil. Este repertório de informações forma, de maneira digital, a base para futuras interações e a partir desta identidade.

Kando recorreu à obra “O vermelho e o negro” do romancista francês Stendhal, lançada na primeira metade do século XIX, para discutir como a identidade social é essencialmente um processo emergente e que reflete experiências de situações e interações sociais impactantes. Esta é a concepção sociológica da identidade: o herói de Stendhal, Julien Sorel, é um sujeito muito consciente de si. A sua identidade se desenvolve como uma reflexão dos outros, sejam eles diretos, intermediários ou ideológicos. Os outros diretos são muito importantes, como mãe e pai. Os intermediários são grupos de referência, como colegas de profissão. Os ideológicos se referem ao *Zeitgeist*, no caso do livro, o espírito da França Napoleônica, em 1810. Isto foi o que levou a Sorel desenvolver um alto ideal de ego que ele não podia alcançar, levando ele à destruição (KANDO, 1977).

Se Sorel utilizasse o Facebook, seria possível utilizar esta mesma classificação, porém a forma como o *Zeitgeist* é criado estaria condicionado conforme a sua “bolha de interesses” (PARISER, 2011) e respectivos algoritmos, como vimos anteriormente. Além disso, ter consciência de si também pressupõe o conhecimento das dinâmicas, exigências e conformação com o capital social deste ambiente digital. Outra questão que surge, a partir do exemplo de Kando (1977) é: se a identidade do Eu depende de relações com outros, sejam eles familiares, colegas de trabalho ou grupo de referência intelectual, como fica o Eu diante do Outro radicalmente diferente do Eu? Qual o impacto que o encontro com um Outro tem na constituição do Eu?

Apesar das mudanças tecnológicas das últimas décadas, contudo, algumas constatações permanecem as mesmas. Enquanto a sociologia clássica assume que “fazer é ser” – como quando um indivíduo desempenha um papel de médico porque ele *é* um médico, Goffman (1970) lança algumas dúvidas sobre o desempenho de papéis. Mais importante, talvez, seja como o indivíduo interpreta comportamentos. O ponto crucial, aqui, é pensar que a identidade sempre é objeto de reinterpretação (KANDO, 1977).

Weinsten e Deutschberger (1963) cunharam o termo *altercasting* para se referir ao processo quando outros nos “estereotipam”, nos colocam em papéis específicos e identidade, e nos tratar na base de imagens que eles têm de nós. Neste sentido, outros – alguns outros – podem afetar o conceito da nossa própria identidade. Desta forma, nós começamos a nos ver como eles nos veem, e nós assumimos os papéis e identidades que nos são dadas. (KANDO, 1977, p. 166, tradução nossa³²)

Enquanto isso, Woodward (2009) defende que a dispersão das pessoas ao redor do globo produz identidades que são moldadas e localizadas em diferentes lugares e por diferentes lugares. Essas novas identidades podem ser desestabilizadas, mas também desestabilizadoras. Woodward traz o conceito de diáspora, de Paul Gilroy (1997), que auxilia na compreensão de algumas dessas identidades – identidades que não têm uma “pátria” e que não podem ser simplesmente atribuídas a uma única fonte (WOODWARD, 2009).

Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagonicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação. (HALL, 2009, p.108)

A viagem, neste contexto, torna-se uma metáfora do caráter necessariamente móvel da identidade. Embora menos traumática que a diáspora ou a migração forçada, a viagem (com data de início e fim) obriga quem viaja a sentir-se “estrangeiro”, posicionando-o, ainda que temporariamente, como um Outro. A viagem proporciona a experiência do “não se sentir em casa” quando verificamos na prática o quanto as identidades são inseguras e instáveis (SILVA, 2009). A seguir, a questão das diásporas do mundo contemporâneo, bem como os conceitos de Outro e estrangeiro-imigrante, será aprofundada.

3.1.2 A Diferença

Stuart Hall (2009) argumenta a favor de uma identidade que esteja fixada na diferença. Aqui, utilizamos o conceito de *différance*, de Jacques Derrida (1986), que abre caminhos para falarmos sobre o Outro. Literalmente, a palavra francesa *différence* significa diferença na língua portuguesa. Entretanto, Derrida (1986) parte de uma peculiaridade do idioma francês para mostrar uma discernibilidade entre a linguagem oral e a escrita na definição de um

³²Weinstein and Deutschberger (1963) have coined the term *altercasting* to refer to the process whereby others “typecast” us, put us into specific roles and identities, and treat us on the basis of the images they have of us. In this fashion, others – some others – most definitely affect our self-concept. To some extent, we begin to see ourselves as they see us, we assume the roles and identities assigned to us.

conceito. O correto é escrever “*différence*”, mas se letra *a* for usada no lugar da letra *e*, de modo que a palavra *différEnce* passe a ser escrita *différAnce*, a pronúncia continuará a mesma, ao contrário do significado, que implicará um desvio (HALL, 2009). Deste modo, o trocadilho derridiano nos mostra que o que antes era um conceito formal e correto situa-se em um novo campo, com infinitos remetimentos de efeitos (DERRIDA, 1986). Quando a própria palavra (*différance*) representa uma “diferença entre” temos justamente um símbolo linguístico do Outro.

Sobre a diferença na identidade, a posição de Hall justamente enfatiza a fluidez deste conceito. Ao ver a identidade como uma questão de “tornar-se”, é possível observar o reposicionamento de si próprio, além de uma reconstrução de identidades históricas, herdadas de um suposto passado comum, que dependem das vivências particulares de cada indivíduo (WOODWARD, 2009).

Mas, para Woodward (2009), se as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença, que ocorre tanto por meio de sistemas *simbólicos* de representação quanto por meio de formas de exclusão *social*.

A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade *depende* da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de *sistemas classificatórios*. Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la (e a todas as suas características) em ao menos dois grupos opostos – nós/eles (por exemplo, servos e croatas); eu/outro. (WOODWARD, 2009, p.39)

A identidade e a diferença são, de acordo com essa linha de pensamento, ativamente produzidas. Somos nós que fabricamos, tanto a diferença quanto a identidade, no contexto de relações culturais e sociais (SILVA, 2009). No capítulo 3, veremos a importância de se considerar o conceito de performance quando falamos em construção pública da identidade no mundo contemporâneo.

É importante notar, ainda, que as afirmações sobre diferença só fazem sentido se compreendidas em sua relação com as afirmações sobre a identidade. Dizer que “ela é chinesa” significa dizer que “ela não é argentina”, “ela não é japonesa”, incluindo a afirmação de que “ela não é brasileira”, isto é, que ela *não é o que eu sou* (SILVA, 2009). A diferença, ainda, pode ser construída negativamente – por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definidas como um Outro (que, particularmente aqui, tem uma conotação negativa) – ou, por outro lado, ela pode ser celebrada como fonte de diversidade e diferença, sendo vista como enriquecedora (WOODWARD, 2009).

Para Silva (2009), a identidade e a diferença podem se traduzir, nesse sentido, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. “A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem, e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder” (SILVA, 2009, p. 81).

“Nós” e “eles” não são, neste caso, simples distinções gramaticais. Os pronomes são, aqui, evidentes indicadores de posições de sujeito fortemente marcadas por relações de poder (SILVA, 2009). Para Derrida (1986), as oposições binárias não expressam uma simples divisão do mundo em duas classes simétricas, uma vez que um dos termos é sempre privilegiado. Enquanto um recebe um valor positivo, o outro recebe uma carga negativa (DERRIDA, 1986). “Nós” e “eles”, por exemplo, constitui uma típica oposição binária - as relações de identidade e diferença ordenam-se, todas, inclusive, em torno de oposições binárias (que, muitas vezes, são permeadas por um estabelecimento de alteridade): masculino/feminino, branco/negro, heterossexual/homossexual. Questionar a identidade e a diferença como relações de poder significa problematizar os binarismos em torno das quais elas se organizam (SILVA, 2009), além de buscar o potencial da alteridade como fator de tolerância, e não preconceito.

No mundo contemporâneo, as bolhas de filtro (PARISER, 2011), como vimos no capítulo anterior, apontam para uma demarcação de fronteiras ainda maior no ambiente digital. A inclusão (nós) e a exclusão (eles) ficam potencializadas em função da facilidade com a qual podemos nos manifestar a partir de um clique, uma reação, ou a deslizada da tela, o fechamento de uma página.

Silva (2009), diante de diversos conceitos e significados, recorre ao hibridismo, que tem sido analisado, sobretudo, em relação com o processo de produção das identidades nacionais, raciais e étnicas. Na perspectiva da teoria cultural contemporânea, a mistura, a conjunção, o intercurso entre diferentes nacionalidades, etnias e raças – coloca em xeque aqueles processos que tendem a conceber as identidades como fundamentalmente separadas, divididas, segregadas. O processo de hibridização confunde as supostas identidades nacionais, raciais ou étnicas. A identidade que se forma por meio do hibridismo não é mais integralmente nenhuma das identidades originais, embora guarde traços delas (SILVA, 2009).

3.2 A ALTERIDADE

Lançamos, aqui, o objetivo por buscar a relevância da discussão acerca do Outro na filosofia. Jean-Paul Sartre, em “O Ser e o Nada” (1943), busca explicações para doutrinas existenciais, fundamentais para o saber contemporâneo. Sartre evoca conceitos de filósofos anteriores, como os de Edmund Husserl (1859-1938). Para o autor alemão, nós percebemos os outros em séries de experiências simultaneamente variáveis e concordantes. Percebemos os outros como objetos do mundo: ligados aos corpos de maneira singular, “objetos psicofísicos”. Mais importante, talvez, seja atentar para o fato de que percebemos os sujeitos a partir de uma experiência própria. E cada um tem uma experiência de mundo diferente (HUSSERL, 1980).

Indissociável ao conceito de “alteridade” está o conceito de “Outro”: antes de partirmos para uma discussão mais aprofundada acerca da alteridade no mundo contemporâneo, é necessário formular a ideia deste Outro. Aqui, o faremos a partir de uma perspectiva majoritariamente filosófica e sociológica.

3.2.1 O Outro

Quando falamos em experiência do Outro, falamos no estabelecimento de uma conexão semelhante a esta ligação por intermédio das representações. É definitivamente e primitivamente fundada a coexistência do meu eu com o eu do outro, das minhas realidades e das suas. A constituição da humanidade ou da comunidade facilmente compreende a possibilidade de atos de que, por intermédio da experiência do Outro, é possível compreender a possibilidade dos atos do Eu. Estes atos são sociais, e é partir deles que ocorre o estabelecimento da comunicação entre pessoas humanas (HUSSERL, 1980).

O que encaro constantemente através de minhas experiências são os sentimentos, as ideias e o caráter do Outro. Esse Outro não é somente aquele que vejo, mas aquele *que me vê*. Mas, na medida em que me esforço para determinar a natureza concreta desse sistema de representações e o lugar que ocupo a título de objeto, transcendo radicalmente o campo de minha experiência (SARTRE, 1997).

[...] a vergonha, em sua estrutura primeira, é vergonha *diante de alguém*. Acabo de cometer um gesto desastrado ou vulgar: esse gesto gruda em mim, não o julgo nem o censuro, apenas o vivencio, realizo-o ao modo do Para-si. Mas, de repente, levanto a cabeça: alguém estava ali e me viu. Constato, subitamente toda a vulgaridade de

meu gesto e sinto vergonha. Decerto, minha vergonha não é reflexiva, pois a presença do outro à minha consciência, ainda que à maneira de um catalisador, é incompatível com a atitude reflexiva: no campo da minha reflexão, só posso encontrar a consciência que é minha. O outro é o mediador indispensável entre mim e mim mesmo: sinto vergonha de mim *tal como apareço ao outro*. (SARTRE, 1997, p. 289)

Com efeito, quando Husserl (1980) se preocupa em rejeitar o solipsismo³³, o faz a partir mostrando que o recurso do Outro é condição indispensável à constituição de um mundo. Para Husserl (1980), se duvido da existência de Pedro, meu amigo – ou dos outros em geral –, na medida em que esta existência está fora de minha experiência (por princípios), é preciso duvidar também de meu ser concreto (HUSSERL, 1980). “Não há privilégio para meu eu: meu Ego empírico e o Ego empírico do outro aparecem ao mesmo tempo no mundo; e a significação geral do “outro” é necessária à constituição de cada um desses ‘egos’” (SARTRE, 1997, p. 306).

Husserl (1980) ressalta que cada homem compreende o essencial do seu mundo ambiente concreto, bem como o essencial da sua própria cultura. Sendo um membro da sociedade da qual ele faz parte, é a partir deste mundo particular que o ser humano vai ser orientado em relação ao Outro. Sou eu e a minha cultura que formamos aqui a esfera primordial em relação a qualquer cultura “estranha”. É a partir desta comunidade imediata que acontecerá uma espécie de “experiência do Outro”, uma espécie de empatia em uma cultura estranha (HUSSERL, 1980).

Neste sentido, Woodward (2009) afirma que cada cultura tem suas próprias e distintas formas de classificar o mundo. É pela construção de sistemas classificatórios que a cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados. Há, entre os membros de uma sociedade, um certo grau de consenso sobre como classificar para manter uma ordem social. Isso sugere que a ordem social é mantida por meio de oposições como a divisão entre “locais” (*insiders*) e “forasteiros” (*outsiders*). O controle social, justamente, é garantido através da produção de categorias pelas quais os indivíduos que transgridem são relegados ao *status* de “forasteiros” (WOODWARD, 2009). Este forasteiro, estrangeiro e imigrante é o Outro em relação a qualquer país que possua cultura, idioma, bandeira e leis próprias.

³³ O solipsismo é a doutrina que parte da perspectiva de que existe um sujeito privilegiado por uma irreduzível característica, ou seja, remete a uma existência singular determinada por um fator que a isola das coisas externas ou mesmo de tudo que existe. Esta doutrina é associada, mas distinta, do egocentrismo. Fonte: The Cambridge Dictionary of Philosophy (1995).

A discussão acerca do Outro nunca talvez nunca esteve tão em voga – inclusive por ser tão urgente – quanto hoje. O filme “A Forma da Água” (2017), escrito e dirigido pelo mexicano Guillermo del Toro, é uma alegoria sobre preconceito e tolerância. A história é uma espécie de fábula ambientada nos anos 1960, em meio à Guerra Fria, e retrata o sentimento que surge entre a personagem principal, que é muda, e uma criatura fantástica. Trata-se de um ser aquático, capturado na América do Sul, e levado até os Estados Unidos para ser objeto de experimentos do governo. Aliados à protagonista – ela própria uma *outsider* por não ter voz -, estão o vizinho e a colega de trabalho, um homem homossexual e uma mulher negra, respectivamente. No ambiente retrógrado dos anos 1960, estes personagens, que lidam com a homofobia e o racismo, também são Outros, cada um à sua maneira. O vilão é personificado através do homem branco, de classe média, conservador. Esta representação lembra aquela descrita por McKay (2017) e futuramente abordada no subcapítulo sobre as eleições políticas nos Estados Unidos. Segundo o autor, representa grande parte da massa partidária de Donald Trump.

O jornal *The Guardian* descreveu o filme como uma “necessária ode ao Outro”³⁴. Discutindo a questão durante um podcast, Del Toro falou sobre o tema:

Entrevistador: De certa forma, também foi a sua maneira de falar sobre imigração. [...] [O filme] foi uma declaração sobre imigração.

Guillermo del Toro: É além disso, é sobre o Outro [...] E sobre alteridade. Monstros encarnam duas coisas que são muito valiosas para mim: alteridade e imperfeição. O que eu acho que são qualidades [...] Eu venho dizendo: ideologias nos cegam. E as ideologias tornam pessoas invisíveis para que nós possamos bater nelas, marginalizá-las ou odiá-las. Porque nós resumimos uma pessoa inteira em um epíteto: imigrante, ilegal; você pode insultá-los pela sua preferência sexual, sua nacionalidade, sua religião. [...] O filme tenta dizer: “Olha, não existe Nós e Eles, apenas Nós”

(AWARDS CHATTER, 2017, tradução nossa³⁵)

³⁴ Fonte: <<https://www.theguardian.com/film/2017/nov/30/guillermo-del-toro-the-shape-of-water-is-a-much-needed-ode-to-the-other>> Acesso em: 20 mar. 2018

³⁵ *Interviewer: In a way it was also your way of talking about immigration. [...] [The movie] was a statement about immigration.*

Guillermo del Toro: It's beyond that, it's about the Other [...] And the otherness. Monsters incarnate two things that are very dear to me: otherness and imperfection. Which I think are qualities [...] I've been saying: ideologies blind us. And ideologies make people invisible so we can beat them, marginalize them or hate them. Because you cypher the entirety of a person in one epithet: immigrant, illegal; you can insult them for their sexual preference, their nationality, their religion. [...] The movie tries to say: “Look, there is no Us and Them, there is only Us”

A proposta do filme ressalta indagações que as pesquisas sobre alteridade investigam. Segundo Martino (2016), a pergunta “quem é o Outro?” encontra suas condições de resposta geralmente atreladas à resposta ao problema do “quem sou eu?” (MARTINO, 2016). Isso corrobora a ideia de que a identidade e a alteridade são noções que se completam e dependem uma da outra.

Em geral, esse processo de estabelecimento Nós-Eles costuma derivar para marcações radicais de identidade no sentido de estipular relações binárias – bem como vimos anteriormente –, quase sempre de caráter opositivo, entre o eu e o Outro. “Categorias como próximo/distante, local/global, nós/eles, normal/exótico e correlatas fundam-se em relações de poder inscritas na origem dessas relações [...]” (MARTINO, 2016, p.5).

Nas mídias digitais, esse efeito de apreensão do Outro pode ser compreendido na redução do sujeito ao seu perfil e suas postagens em uma rede social. A nível do fenômeno, trata-se de uma possibilidade de construção da identidade que é baseada em discursos imagéticos, sonoros, textuais (MARTINO, 2016), que se adaptam às regras e normas do contexto digital. Atentaremos para a questão da alteridade no contexto das redes sociais nos subcapítulos seguintes.

Autores como Mead (1934) e Sullivan (1970) enfatizaram a importância da empatia, outro conceito importante quando tratamos de relações interpessoais. O problema, quando se conceitua “empatia” é que muitos a usam como um conceito afetivo enquanto outros a utilizam como um sinônimo de “se colocar no lugar do outro”, como um espelho – o que pode explicar o comportamento de um policial que antecipa os movimentos de um assaltante para apreendê-lo, mas não necessariamente simpatiza com ele (KANDO, 1977).

A solidariedade, enquanto isso, é o sentimento que nos motiva a nos identificarmos e nos sacrificarmos (inclusive interesses próprios) por outros do grupo em que pertencemos. Exemplos do tipo abundam na nossa sociedade. Nós a vemos em times esportivos e na existência de um sistema militar – que depende de centenas de milhares de pessoas que colocam as vidas em risco em nome do seu país. O desejo de nos alinharmos desta maneira também pode explicar por que um dos maiores fenômenos dos últimos dois séculos tem sido a ascensão do estado-nação, que substituiu o clã, a tribo ou a vila como primeiro marco da identidade moderna (BENKLER, 2011).

Mas como explicamos este sentimento de fazer a coisa certa e ajudar os outros? É possível conectar os conceitos de Kando (1977) com a visão contemporânea de Benkler (2011). Para Benkler (2011), longe de sermos robôs, nós somos criaturas morais, com códigos morais que triunfam sobre cálculos racionais. Nós somos criaturas sociáveis e

queremos nos aproximar de um espaço de troca – seguindo as nossas normas morais e culturais, é possível se aproximar de um senso de identidade e solidariedade com um grupo ou comunidade ou nação. Por fim, a comunicação contribui para que possamos estabelecer pontos de partida para uma interação. A nossa experiência subjetiva de uma situação corresponde a um significado social. Para motivar as pessoas, nós precisamos confiar em engajamento, comunicação, e em uma sensação de propósito comum e de identidade – humanizando as pessoas que precisam da nossa ajuda (BENKLER, 2011). Mas como humanizar aqueles com os quais não partilhamos uma nação, cultura ou identidade? Como humanizar o Outro?

Neste sentido, a alteridade, para Emmanuel Levinas, surge tanto como instrumento de crítica social quanto uma nova forma de humanidade. Para o filósofo, a alteridade, na contemporaneidade, se torna um fator contribuinte para a busca de uma forma mais humana de se viver em sociedade, onde cada um assume uma responsabilidade pelo próximo (COSTA; CAETANO, 2014).

3.2.2 A Alteridade em Levinas

Em sua dissertação de mestrado, “A categoria da alteridade: uma análise da obra totalidade e infinito, de Emmanuel Levinas” (2007), Tiegüe Vieira Rodrigues discute o pensamento levinasiano como uma filosofia ética. A preocupação central do pensamento de Levinas (1906-1995) está ligada a uma ideia de repensar a relação inter-humana, e lhe fornecer novo prisma compreensivo. É importante, antes de nos aprofundarmos nos pensamentos do autor, contextualizar a sua trajetória.

Nascido na Lituânia e radicado na França, Levinas viveu uma experiência traumática com a Segunda Guerra Mundial: além de ter sido preso pelo regime nazista, seus pais e irmãos foram executados. Vivenciando de perto, dessa forma, as atrocidades cometidas em nome de uma “razão esclarecida” que se mostrou violenta e totalitária ao extremo. Estas experiências, em grande medida, explicam a formação do seu pensamento: Levinas quer justamente romper com a racionalidade construída ao longo da história do pensamento ocidental bem como ao longo da história da filosofia, em que a relação Eu-Outro sempre foi tratada como uma relação sujeito-objeto (RODRIGUES, 2007).

De acordo com Rodrigues (2007), Levinas considera que o Outro não é passível de um enquadramento fechado, o que implica a impossibilidade de pensarmos uma “alteridade absoluta”. O primeiro passo que este ser pensado por Levinas empreende em direção à

“alteridade” caracteriza-se pelo processo de identificação e constituição do eu. “A alteridade do Outro também se apresenta como uma recusa à relação com a totalidade, (...) pois define o Outro como aquele que não se deixa ser englobado (...) o Outro é infinitamente outro, transcendente, é o Infinito” (RODRIGUES, 2007, p. 58).

O Outro metafisicamente desejado não é “outro” como o pão que como, como o país que habito, como a paisagem que contemplo, como, por vezes, eu para mim próprio, este “eu”, esse “outro”. Dessas realidades, posso “alimentar-me” e, em grande medida, satisfazer-me, como se elas simplesmente me tivessem faltado. Por isso mesmo, a sua *alteridade* incorpora-se na minha identidade de pensante ou de possuidor. O desejo metafísico tende para uma *coisa inteiramente diversa*, para o *absolutamente outro*. (LEVINAS, 1988, p. 19)

O Outro, para Levinas (1988), é estranho e hostil, e, ao se revelar, altera o Eu, que, por sua vez, existe a partir de uma permanência e identificação com a sua própria cultura e o seu próprio lugar no mundo (LEVINAS, 1988). A transcendência, a qual Levinas tanto se refere, só é possível por intermédio de um Eu que permanece como ponto de partida da relação com o Outro. A totalidade e a ruptura da totalidade são produzidas a partir da relação do Eu com o Outro. O Infinito possibilita um rompimento, uma oposição frente à totalidade (RODRIGUES, 2007).

No entendimento de Levinas (1988), a crise do humanismo em nossa época, tem sem dúvida, sua fonte na experiência da ineficácia humana. O século XX não conseguiu cumprir a promessa de uma melhor condição de sobrevivência – vide o Holocausto; a totalidade que conduziu o Ocidente a manter uma civilização que almeja o poder e a dominação através da busca incessante de inovações científicas (aqui, temos uma crítica à busca pelas novas tecnologias, que causam um estremecimento nas relações como as conhecemos). A consequência direta dessa totalidade é uma sociedade na qual o sujeito encontra-se enclausurado em si mesmo, preso ao seu desejo de poder e de produção de consumo (COSTA; CAETANO, 2014).

Esta crítica vai ao encontro dos pensamentos de Byung-Chul Han (2014; 2015). Autor sul-coreano radicado na Alemanha, ele tratou do tema da alteridade nos tempos de hiperconexão, projetando como a sociedade será no futuro, com os impactos das novas tecnologias. Han tem uma visão pessimista – quando comparamos as suas ideias aos pensamentos de Benkler, por exemplo – em relação ao comportamento das pessoas. Em “A sociedade da transparência” (2014), Han defende que a civilização contemporânea é um inferno do igual: a negatividade e resistência do Outro, o estranho, perturba e atrasa a

comunicação lisa do igual. Esta coação sistêmica torna a sociedade da transparência uma sociedade uniformizada (HAN, 2014).

Já em “Sociedade do cansaço” (2015), Han defende que cada época possui suas enfermidades fundamentais. Visto a partir de perspectiva patológica, o começo do século XXI é definido como neuronal, uma vez que “doenças neuronais como a depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade ou a Síndrome de Burnout (SB) determinam a paisagem patológica do começo do século XXI” (HAN, 2015, p. 7). A manifestação desta violência através de sintomas que Han chama de “enfartes cardíacos” –o esgotamento, a fadiga e a sensação de sufoco – é o que traduz este caráter neuronal. Han defende que o excesso de positividade, manifestado, por sua vez, no excesso de estímulos, informações e impulsos, transforma a estrutura e a economia da atenção. Por causa da fragmentação e dispersão da percepção e da técnica do “fazer tudo ao mesmo tempo”, a atenção profunda e contemplativa da vida contemporânea tem sido pautada por uma “hiperatenção” (HAN, 2014).

Ainda nesse sentido de “positivização” e “alisamento” da sociedade, Han evoca, como exemplo, o slogan do Meetic, serviço europeu de encontros para solteiros, que diz: “Pode se estar apaixonado sem cair apaixonado!”³⁶, o que significa: “Você pode perfeitamente estar apaixonado sem sofrer!” Han critica esta tendência que utiliza um sentimento como o amor e o transforma em fórmula de consumo e conforto (HAN, 2014).

A partir disto, o pensamento de Han (2014; 2015) culmina na alteridade. Segundo o autor, na sociedade positiva, o desconhecido é algo ruim. Portanto, a alteridade, neste contexto, é algo que está sendo constantemente eliminada, em função de uma não-compreensão do Outro (HAN, 2015). O mundo não é hoje um teatro onde se representamos e lemos ações – como outrora disse Goffman (2002)³⁷, mas um mercado onde nos expomos, vendemos e consumimos intimidades³⁸. Enquanto isso, as redes sociais e os motores de busca personalizados estabelecem uma ideia de espaço próximo absoluto, do qual o que é diferente foi eliminado. É um espaço onde nos encontramos somente a nós mesmos e aos que se assemelham a nós (HAN, 2014). Portanto, Han refere-se às “bolhas”, como vimos no capítulo anterior³⁹. Observamos que as redes sociais limitam, ainda que sutilmente, a nossa interação com outros que pensam e agem de forma radicalmente diferente de nós. Além disso, a

³⁶ Este slogan é apresentado a partir do português de Portugal na obra de Han, “A sociedade da transparência” (2014)

³⁷ Vide pág. 44

³⁸ Esta questão será aprofundada a partir das ideias de Paula Sibilia (2002) no próximo subcapítulo

³⁹ Vide pág. 36

presença de algoritmos resulta em outra forma de encontros o Outro: estas ferramentas computacionais (ainda) não captam sotaques, cheiros, marcas de diferenças que vemos em ambientes não virtuais.

Han defende que o chamado “imigrante”, hoje em dia, já não é mais imunologicamente um Outro; não é um estrangeiro, em sentido enfático, que representa um perigo real ou alguém que nos causa medo. Imigrantes são vistos mais como um peso do que como uma ameaça. O desaparecimento da alteridade significa que vivemos numa época pobre de negatividades (HAN, 2015).

A Medusa é quiçá o outro imunológico em sua forma extrema. Constitui uma alteridade radical, que nem sequer se pode olhar, sem sucumbir. Assim, a violência neuronal, ao contrário, escapa a toda ótica imunológica, pois não tem negatividade. A violência da positividade não é privativa, mas saturante; não excludente, mas exaustiva. Por isso é inacessível a uma percepção direta. (HAN, 2015, p. 20)

Assim, Han (2015) aponta para uma espécie de “corrupção da alteridade” na perspectiva contemporânea. Enquanto Benkler (2011) aponta para iniciativas de cooperação *online*, Han (2015) se refere ao modo como nos relacionamos com os outros como fadada à busca pela eliminação daquilo que é diferente de nós.

3.2.3 A Alteridade nas Mídias Sociais

As mídias digitais, segundo Martino (2016), colocaram o ser humano diante de uma ampla visão do Outro, e, conseqüentemente, de si mesmo a partir do ponto de vista de diversos perfis e expressões em redes digitais. As dinâmicas desse encontro radical com a alteridade, mediado pelos ambientes digitais, não foram ainda delineadas, e talvez nunca venham a ser (MARTINO, 2016), e aqui vemos, justamente, a importância de se discutir a alteridade nos dias de hoje, uma vez que, como observamos anteriormente, as novas tecnologias impactam de forma fundamental o modo como nos relacionamos como o nosso próprio Eu (identidade) e o modo como nos conectam outros humanos, desde amigos até aqueles que são diferentes de nós.

O ambiente das mídias digitais tem o potencial de ser um espaço de interações e encontros com todos os outros. “A potência da alteridade se encontra, nas redes sociais digitais, em plena imanência em um ambiente que permite ligações em escala planetária” (MARTINO, 2016, p. 2).

No entanto, a observação dos estudos sobre as interações em rede sugere um panorama menos afirmativo, calcado às vezes em discursos de eliminação daquilo que é distante. Certamente fenômenos (como o *bullying*) preexistem aos ambientes não decorrem do prefixo *cyber*. É fundamental observar que esses elementos, contudo, parecem se amplificar e aprofundar nos ambientes digitais. Nos ambientes físicos, é possível eventualmente lidar com a situação de inúmeras maneiras. Nas mídias digitais, a alteridade revela-se como uma presença quase obrigatória a partir de uma de suas características principais – a interatividade, a conexão, a rede (MARTINO, 2016).

Martino (2016) sugere que a relação com a alteridade, nas mídias digitais, reside sobre um paradoxo: o excesso de informações, longe da transparência, resulta na opacidade de uma apreensão do Outro. Se, por um lado, as informações *online* a respeito de alguém são disponibilizadas e facilmente encontradas, justamente por isso, as enunciações *online* de si e dos outros raramente avançam para além de uma primeira impressão sobre a alteridade. Trata-se de uma alteridade superficial e opaca frente a uma soposta transparência (MARTINO, 2016).

As relações virtuais são rápidas: a atualização dos perfis dos aplicativos ou uma troca de mensagens tende a uma precipitada apreensão do Outro. Sem conhecer este Outro, é ainda mais complexo, então conviver com ele. A arquitetura das mídias digitais coloca em jogo, dessa forma, o curso da velocidade (MARTINO, 2016).

Nos ambientes digitais, a potência do encontro engloba virtualmente todas as pessoas conectadas. A conquista da América pelos europeus, sobre a qual discorre Tzvetan Todorov, ilustra a radicalidade do encontro com o Outro possibilitado nos ambientes digitais. Esta magnitude do acontecimento pode remeter a outros momentos em que grupos humanos se viram diante de uma alteridade que colocava em jogo a constituição da sua própria identidade.

A surpresa do encontro, a perplexidade diante do outro, a incapacidade de decifrar os signos de parte a parte, a ignorância mútua levando ora à presunção de superioridade e à pretensão de correção do outro, ora à hostilidade decorrente dessa incompreensão: os elementos estudados por Todorov não deixam de ser um parâmetro para se pensar a questão da alteridade nas mídias digitais. (MARTINO, 2016, p. 8)

Há, evidentemente, diferenças entre os dois momentos. Se o conquistador europeu e os membros do Império Asteca tinham uma noção vaga do que era o Outro que se aproximava, em construções calcadas na imprecisão do imaginário, as interações em redes digitais caminhariam no sentido contrário. No ambiente das mídias digitais a possibilidade de se

saber, em poucos segundos, informações sobre a vida de qualquer pessoa apontaria para um fim de mistérios, uma vez que “tudo” está visível em um perfil. Porém, a exposição de si não significa compreensão do Outro (MARTINO, 2016).

Não raro, toma-se um comentário público em algum *post* do Facebook ou algum elemento pessoal, como o nome ou a foto, como objeto de crítica, excluindo-se qualquer outra possibilidade de interação. E os outros elementos sutis, deixados à sombra? O encontro com o Outro no ambiente digital, hoje, está calcado, muitas vezes, na observação dos comentários de em *sites* de notícias ou nas interações de usuários de redes sociais como o Twitter, que limita os caracteres de um texto, o que indica, nesse sentido, que a alteridade é formada a partir de elementos fragmentados e isolados (MARTINO, 2016).

3.2.4 A Hospitalidade

Em sua dissertação de mestrado “A ética da hospitalidade no acolhimento do Outro” (Programa de Pós-Graduação em Filosofia/UCS, 2007), Sandra Comandulli uniu os conceitos de Emmanuel Levinas e Jacques Derrida. A autora contextualiza o seu interesse pelo tema a partir de fatos contemporâneos, tais como os fluxos migratórios e a mobilidade global, analisando os conceitos de hospitalidade condicional e da hospitalidade incondicional. O assunto exige soluções iminentes relacionadas à mobilidade global – quase uma diáspora coletiva que está ocorrendo pelo mundo – sobretudo quando os países para onde rumam os imigrantes também enfrentam crises próprias e não se mostram dispostos a aceitá-los amistosamente (COMANDULLI, 2007).

Neste cenário, voltamos para Derrida (2003), que questiona: o que quer dizer ser estrangeiro? O que significa “ir ou sair de terras internacionais”? A problemática acerca do conceito de estrangeiro, bem como do conceito de hospitalidade, outrora inserida em uma discussão a partir do mundo grego, está pautada, atualmente pela *internet*, uma vez que “é muitas vezes a mutação tecno-político-científica que nos obriga a desconstruir [...] axiomas intocáveis” (DERRIDA, 2003, p. 41).

Tema tão latente no contexto mundial, a hospitalidade é o grande desafio ético e político que se apresenta aos países que recebem imigrantes, que têm de administrar suas fronteiras e lidar com os recém-chegados. A hospitalidade representa um desafio da aceitação do desconhecido, pois acolher o outro é correr um risco.

O estranho pode representar uma ameaça à segurança de quem o acolhe, assim como o próprio estrangeiro, ao ser recebido, sofre com a ameaça de ser transformado no

mesmo, de não ter preservada a sua cultura, seus laços de pertencimento, sua identidade e sua diferença. Neste contexto, questiona-se a respeito da possibilidade de se concretizar a hospitalidade, tornando-a um princípio real e verdadeiro de acolhida entre hóspede e hospedeiro e no delicado entremeio dessa relação em que pode acontecer a integração com o outro ou a assimilação de um pelo outro. A hospitalidade, pensada eticamente, envolve questões problemáticas que tencionam a relação entre o mesmo e o outro, entre a identidade do mesmo, a diferença do outro e a alteridade (COMANDULLI, 2007, p. 10).

Embora a hospitalidade incondicional – o desejo absoluto da hospitalidade –, proposta por Levinas, seja uma experiência difícil de ser praticada, Derrida (2003) faz um apelo para torná-la uma experiência possível. A hospitalidade, quando incondicional, se define pelo deixar vir o outro, pelo acolhimento sem reservas do outro que chega, é um ato de generosidade para com o outro. Porém, a hospitalidade, como a conhecemos, é condicionada por direitos e deveres que devem ser seguidos pelo que chega e pelo que acolhe (DERRIDA, 2003).

Acolher o outro é acolher alguém singular cujas características não nos pertencem e as quais não podemos modificar e que, no entanto, nos afetam irreversivelmente. É preciso buscar uma abertura para a alteridade como forma de viver o mundo, com uma nova visão da ética. Mesmo difícil, é possível estar aberto àquilo que não se pode comandar no Outro e, apesar das diferenças, avançar no sentido de preservar a cultura que cria laços de pertencimento, de identidade e de diferença que o Outro traz consigo (COMANDULLI, 2007).

O problema da hospitalidade está baseado no engajamento em favor de uma morada, de uma identidade, de um espaço (DERRIDA, 2003). Este tema nos conduz à conclusão de que se trata, realmente, de uma questão política mundial contemporânea e sobre a qual não é mais possível condescender com políticas marcadas pela indiferença ao Outro. A sociedade globalizada – e o modo como as pessoas se apropriam das novas tecnologias tem um papel aqui – tem enveredado por caminhos que conduzem a um individualismo crescente, para a homogeneização dos hábitos e para o fortalecimento dos conflitos e da intolerância de ordem política, étnica e religiosa (COMANDULLI, 2007).

Esta sociedade globalizada é o que Han (2017) chama de “enxame digital”. Neste ambiente, a solidariedade para com o outro está desaparecendo. Ao invés de nos preocuparmos com pessoas reais, a mídia digital está fazendo com que a nossa comunicação esteja dispensando corpos e rostos. Ela desmantela o real e totaliza o imaginário. Como exemplo, temos os *smartphones*, espaços de narcisismo, esferas do imaginário, nos quais as pessoas se fecham nelas próprias (HAN, 2017). Retomando as ideias de Martino (2016), é

importante atentar que, enquanto as redes sociais permitem uma superexposição de si, elas não contribuem, necessariamente, para a compreensão do outro (MARTINO, 2016).

De acordo com Comandulli (2007), a massiva desigualdade na distribuição dos recursos, o pluralismo cultural, muitas vezes, associado ao nacionalismo, ao separatismo étnico e ao fundamentalismo religioso são disposições que favorecem a violência, a segregação e o ódio entre os povos (COMANDULLI, 2007).

Será que a cultura que vem com o estrangeiro, ao invés de impor limites, não pode ser, ela própria, uma janela aberta para o estrangeiro acolher o seu hospedeiro? É possível não repetir os mesmos equívocos, como por exemplo, o que alimenta, desde os primórdios, o ódio entre diferentes etnias em países do Oriente Médio, da Ásia e da África? Ou será a recorrência do erro uma evidência do quão difícil é o aprendizado pela experiência? A sociedade, na sua dinamicidade, pode comprometer-se em eliminar mal-entendidos e, plantada em debates constantes, promover uma consciência de unidade em torno da hospitalidade, em nome de uma emergência ética que é um fenômeno do nosso tempo? (COMANDULLI, 2007, p. 97)

Atualmente, a hospitalidade incondicional parece estar cada vez mais no campo da ilusão, pois o momento atual é marcado pelo endurecimento das regras de imigração, de retóricas xenofóbicas de que os imigrantes sugam empregos e de tensão permanente nas fronteiras. No limiar tenso entre hospitalidade e hostilidade vem à luz a dificuldade que significa não transformar o Outro no mesmo, acolher sem torná-lo um objeto passível de ser absorvido, assimilado, separado, desprezado ou rejeitado.

Desta forma, a ética da alteridade de Levinas exige uma nova relação de acolhimento na hospitalidade, pautada numa proximidade incondicional com o Outro, pois o acolhe sem submetê-lo aos domínios do Eu. Acolher o Outro na alteridade pressupõe uma nova forma de abordar a hospitalidade (COMANDULLI, 2007).

3.2.5 O Estrangeiro-Imigrante

Partindo do objetivo inicial da presente pesquisa – verificar a ressignificação da alteridade nas redes sociais –, percebemos que, no contexto da página *Humans of New York*, que retrata, como o nome diz, os habitantes da cidade de Nova York, o Outro é o que não pertence ao local. O Outro é o estrangeiro ou imigrante.

O estrangeiro nos é próximo, de acordo com Simmel (1983), enquanto sentimos que entre ele e nós ocorrem igualdades sociais, profissionais e simplesmente humanas; por outro lado, quando essas igualdades não existem – o que acontece na maior parte do tempo –, o que

vemos é uma situação de estranheza em relação ao estrangeiro. Se falarmos do gênero “estrangeirismo” (no qual o senso de comunidade é substituído por algo mais amplo), podemos evocar o exemplo da relação dos gregos com os “bárbaros”, e, em geral, todos os casos em que se negam ao Outro as qualidades consideradas propriamente humanas. Neste caso, “o estrangeiro” tem o pior sentido possível, pois não é um membro do grupo (SIMMEL, 1983).

Para Simmel (1983), é interessante observar que uma pessoa pode ser considerada estrangeira pela sua nacionalidade, cidade ou raça diferentes. Independente do motivo de ser considerado estrangeiro, o fato é que é visto não por sua individualidade, mas sim pela sua procedência estrangeira, que se torna um “carimbo”, um estereótipo que se sobrepõe a outras características do indivíduo. A distância em relação ao estrangeiro se baseia, em alguns casos, em elementos socialmente objetivados. Esta configuração encontra-se, por exemplo, no caso do imposto judeu medieval em Frankfurt. Enquanto o tributo pago pelos cidadãos cristãos variava com a classe de contribuição em relação ao estado de fortuna individual, o imposto para cada judeu específico era determinado de uma só vez, independente da condição pessoal de cada indivíduo específico. Neste caso, o judeu era o estrangeiro (SIMMEL, 1983), considerado de tal forma não por causa da sua nacionalidade, mas, sim, por causa da sua religião e cultura.

De acordo com Kristeva (1994), o estrangeiro nas sociedades primitivas era o inimigo. Em alguns momentos da sociedade ocidental, o estrangeiro foi pensado, acolhido ou rejeitado. Em certos momentos, onde um sistema totalitário crescia dentro de algumas nações, ouve, ainda, a possibilidade de uma sociedade sem estrangeiros que já foi cogitada no horizonte de uma religião ou de uma moral. Justamente, “a modificação da condição dos estrangeiros, que atualmente se impõe, leva a refletir sobre a nossa capacidade de aceitar novas formas de alteridade” (KRISTEVA, 1994, p. 9).

Paradoxalmente, é nos países receptores que, muitas vezes, as identidades culturais, étnicas, sociais e nacionais do imigrante tornam-se mais autênticas e reforçadas do que no país de origem. Isso ocorre pela necessidade de se imprimir um universo simbólico – como vimos anteriormente, as identidades são reforçadas a partir de representações simbólicas –, uma necessidade despertada no momento em que o imigrante se viu lançado na tarefa de construir para si mesmo uma realidade familiar, que o fosse uma referência entre tantas coisas novas e desconhecidas encontradas no processo de deslocamento (ESCUADERO, 2016).

O termo “estrangeiro” serve, ainda, como valor metafórico quando conduz os cidadãos a um constrangimento referente à sua identidade sexual, nacional, política, profissional. O termo o empurra para uma identificação (casual, mas intensa) com o Outro.

Como se pode ser estrangeiro? [...] De fato, hoje, a noção de *estrangeiro* possui um significado jurídico: ela designa aquele que não tem a cidadania do país em que habita. Certamente, tal enquadramento acalma e permite resolver por leis as espinhosas paixões que a intrusão do *outro* suscita na homogeneidade de uma família ou de um grupo. [...] Por outro lado, por ocupar explicitamente, manifestamente, ostensivamente o lugar da diferença, o estrangeiro lança à identidade do grupo, tanto quanto à sua própria, um desafio que poucos dentre nós estão aptos a aceitar. Desafio da violência: “Não sou como você”. (KRISTEVA, 1994, p. 41)

Hall (2003), no centro dessa discussão, atenta para o fato de que movimento e migração são, justamente algumas das condições que definem a história social da humanidade. As pessoas têm se mudado por diversas razões – desastres nacionais, alterações climáticas, guerras, conquistas, colonização, escravidão, repressão política, guerras, subdesenvolvimento econômico. Assim surgem as sociedades multiculturais (HALL, 2003).

Quando falamos especificamente dos Estados Unidos (conhecido por ser, historicamente, um país construído por imigrantes), vemos que, em nos anos 1990, depois de 50 anos, ele se tornou uma nação para imigrantes novamente. Na década de 1990, a população nascida por estrangeiros chegou a 19,8 milhões ou quase 8% do total de habitantes do país. Em 2005, o número havia crescido para 37 milhões, ou 12.5% do total (PORTES; RUMBAUT, 2006) e, em 2015, eram 43.2 milhões, representando 13.4% da população total⁴⁰. No século XIX, os imigrantes integravam quase 15% da população, o que demonstra que a imigração contemporânea está se aproximando deste número.

As semelhanças entre a “antiga” e a “nova” imigração incluem os destinos predominantemente urbanos escolhidos pelos recém-chegados e a sua disposição a aceitar trabalhos de baixo salário. As diferenças, contudo, são marcantes: a imigração “antiga” era composta por imigrantes europeus e brancos, enquanto a imigração atualmente é composta por nãobrancos vindos de países considerados de Terceiro Mundo. Como a maioria dos países de origens dos imigrantes é pobre, muitos estadunidenses acreditam que os próprios imigrantes são pobres e nãoeducados. A verdade é que nunca os Estados Unidos receberam tantos imigrantes provenientes de países tão diferentes, e com trajetórias sociais e econômicas tão diversas (PORTES; RUMBAUT, 2006).

⁴⁰ Disponível em: <<http://www.pewhispanic.org/2017/05/03/facts-on-u-s-immigrants/>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

3.3 AS EMOÇÕES

Como vimos anteriormente, Brandon Stanton, ao publicar o conteúdo de *Humans of New York*, faz recortes das falas dos seus entrevistados, muitas vezes despertando sentimentos do público, que reage e se manifesta a partir de demonstrações públicas no Facebook, as chamadas “reações”, como vimos no capítulo anterior. Agora, iremos olhar as particularidades das emoções – transportas para o contexto de uma metrópole e das redes sociais.

3.3.1 Antropologia das Emoções no contexto da metrópole

O estudo das emoções ganhou força na antropologia na década de 1970 nos Estados Unidos. De acordo com a perspectiva antropológica, a noção de cultura como padrões de comportamentos habituais e tradicionais foi repensada e redefinida em termos de significados, símbolos e interpretações que variam de maneira específica de sociedade para sociedade. A relação entre um sentimento e uma experiência emocional é conduzida de uma capacidade micropolítica das emoções para uma dimensão macrossocial em que as emoções são suscitadas e vivenciadas. É com essa dimensão que o estudo das emoções pode contribuir para a compreensão de temas “consagrados”, como as dinâmicas de inclusão/exclusão que regem as relações entre os grupos sociais, como o nojo, o desprezo, a indiferença (REZENDE; COELHO, 2010) e o preconceito.

Em sua obra clássica intitulada *Teoria dos sentimentos morais*, Adam Smith empreende uma alentada análise da “simpatia”, por ele definida como a solidariedade do ser humano em relação às paixões vivenciadas pelos outros. Ela, contudo, variaria em grau (podendo mesmo ser inexistente) de acordo com a natureza da paixão. As paixões “insociáveis” – o ódio e o ressentimento – suscitariam pouca ou nenhuma simpatia; as paixões “do corpo” seriam também de difícil compartilhamento, devido à sua natureza “incomunicável” porque de difícil imaginação. Há ainda as paixões “egoístas” – a dor e alegria – e as paixões “sociáveis”, entre as quais relaciona a generosidade, a humanidade, a bondade, a amizade, a estima recíproca e a compaixão (REZENDE; COELHO, 2010, p. 78)

O ponto fundamental da obra de Smith é o desvendar de uma “lógica da simpatia”, a partir do questionamento: em quais situações estaria o ser humano mais propenso a identificar-se com o sentimento alheio – na desgraça ou no sucesso? Diversos são os critérios envolvidos nessa regulação dos sentimentos diante do outro: o sofrimento alheio pode suscitar compaixão, indiferença, dependendo das macrorrelações. Há, ainda, o que Rezende e

Coelho (2010) chamam de uma “fronteira nós-outros”, que envolve um contexto no qual sentimentos morais fazem um trabalho de inclusão ou exclusão social, dependendo de “mapas de navegação emocional” (REZENDE; COELHO, 2010). Nas redes sociais, é interessante pensar como esses mapas são estabelecidos pelos usuários. Quando o público pode se manifestar publicamente a partir de reações instantâneas – que exprimem sentimentos tanto positivos quanto negativos -, como fica a recepção do Outro através de um *post* (formatado de forma a evocar determinadas emoções) em uma rede social?

Para Rezende e Coelho (2010), quando pensamos a vida em uma sociedade ocidental moderna, é comum vir à mente a imagem de massas de pessoas transitando pelas ruas de uma grande metrópole, ao lado de muitas outras desconhecidas, o que sugere um isolamento entre as pessoas, apesar dos corpos na rua. No cinema, os muitos filmes de Woody Allen rodados em Nova York – uma de suas obras mais aclamadas é intitulada, inclusive, *Manhattan* (1979) – tornaram-se exemplos clássicos com seu tratamento das angústias e dificuldades na construção das relações pessoais, e das amorosas em particular, naquele contexto. Essas imagens e sentimentos são frequentemente apresentados na cultura popular justamente porque evocam uma experiência subjetiva em uma grande metrópole ocidental moderna (REZENDE; COELHO, 2010).

Capítulo Um: Ele era muito romântico sobre *Manhattan*, como ele era sobre todo o resto. Ele florescia na agitação das multidões e do trânsito. Para ele, Nova York significava lindas mulheres e caras espertos nas ruas que pareciam saber tudo (MANHATTAN, 1979, tradução nossa⁴¹).

De forma semelhante à atitude *blasé*, encontra-se nos habitantes da metrópole uma atitude de reserva diante dos contatos com as pessoas. A vida em uma metrópole revelaria de forma ainda mais aguda alguma dessas tensões na subjetividade do indivíduo. De acordo com Rezende e Coelho (2010), temos, aqui, uma explicação na relação das pessoas para com o Outro. A indiferença ao Outro, e até certo estranhamento e aversão ao Outro (que em alguns casos pode acarretar ódio e conflito), é uma resposta à experiência de individualização extrema da metrópole.

Em sua análise seminal, Simmel (1987) examina os traços mentais que compõem um morador de uma metrópole no início do século XX. Ele fala em um “individualidade

⁴¹ *Chapter One: He was too romantic about Manhattan, as he was about everything else. He thrived on the hustle bustle of the crowds and the traffic. To him, New York meant beautiful women and street smart guys who seemed to know all the angles.*

metropolitana”, que é alheia a emoções, e que sofre com o poder nivelador do dinheiro. Este capitalismo potencializado valoriza o que é comum a todos, e é, portanto, indiferente às individualidades. A interação com os outros é impessoal e ocorre de modo uniforme e distanciado (REZENDE; COELHO, 2010). Se viver em cidades como Nova York é viver a partir do modelo de uma metrópole onde as pessoas não se relacionam com desconhecidos, é interessante pensar na rede como um “refúgio” onde elas se sentem seguras para interagir com o Outro, uma vez que, como vimos anteriormente, na rede elas podem ser anônimas e as relações podem ser aprofundadas de forma dosada, a partir de uma deslizada de tela.

De acordo com essa teoria, é interessante lembrar, como defendido por Shirky (2011), o ser humano muitas vezes quis ser conectado, porém, antes, tal conexão poderia ser feita em espaços como bares e praças; agora, as redes permitem estes encontros a partir de outros ambientes e formas. A mídia social se tornou um ambiente para acionar esses desejos de sociabilidade, mais do que o suprimir (SHIRKY, 2011).

Retomando a ideia de Zuckerman (2013), entender a *internet* como uma cidade é uma boa metáfora de como, atualmente, o ciberespaço se tornou um local de interação e de uma sobrecarga de informação competindo pela nossa atenção – bem como as metrópoles antigamente eram vistas, lembrando que, outrora, as pessoas deixavam as suas vidas rurais e chegavam às cidades para se tornar cidadãos do mundo, cosmopolitas. Hoje, ser cosmopolita é estar *online*.

3.3.2 A Espetacularização do Eu

Paula Sibilia (2008) aponta para o fato de que, no mundo contemporâneo, vemos um súbito resgate do pequeno e do ordinário, do cotidiano e das pessoas “comuns”, além de uma exaltação do banal. Os usos “confessionais” da *internet* parecem se enquadrar nessa definição: seriam, portanto, manifestações renovadas dos velhos gêneros autobiográficos. O *eu* que fala e se mostra incansavelmente na *web* é ao mesmo tempo autor, narrador e personagem (SIBILIA, 2008)

[...] muitos dos relatos que dão espessura ao *eu* são inconscientes ou se originam fora de si: nos outros; aqueles que, além de serem o inferno, são também o espelho e possuem a capacidade de afetar a própria subjetividade. Porque tanto o eu quando seus enunciados são heterogêneos: para além de qualquer ilusão de identidades, eles sempre estarão habitados pela alteridade. Toda comunicação requer a existência do outro, do mundo, do alheio, do nãoeu, por isso todo discurso é dialógico e polifônico, inclusive os monólogos e os diários íntimos: sua natureza é sempre intersubjetiva. Todo relato se insere em um denso tecido intertextual, entremeadado

com outros textos e impregnado de outras vozes – absolutamente todos, sem excluir sequer as mais solipsistas narrativas do *eu*. (SIBILIA, 2008, p. 31)

Há muito tempo, Arthur Rimbaud enunciou a seguinte frase de forma enigmática: “eu é um outro” (RIMBAUD, 1871). A referência aparece em duas cartas de Rimbaud. A primeira, a Georges Izambard, em 13 de maio de 1871, e a segunda, escrita dois dias após a primeira, a Paul Demeny (HERMANN, 2011). A frase sugere que as duas frases “eu sou” e “ele é” se fundem: “eu ~~sou~~” e “~~ele~~ é”, o que resulta em um esquisito “eu é”. Eu sou ele, ele é eu, eu sou um Outro.

Sibilia (2008) ressalta que, desde aquele longínquo ano de 1871, elas desdobraram-se em inúmeras reverberações até cristalizarem em um princípio moral. O poeta francês tinha então dezessete anos de idade, e a *internet* estava muito longe de sequer imaginada; mesmo assim, essa misteriosa frase ainda consegue evocar a índole sempre esquiva e múltipla desse sujeito gramatical: *eu*, a primeira pessoa do singular. Mas se o eu é um narrador que se narra e (também) é um Outro, o que seria “a vida de cada um?” Assim como seu protagonista, essa vida possui um caráter eminentemente narrativo, com consistência e sentido próprios, com contornos e constituições particulares (SIBILIA, 2008).

Martino (2016), também discute essa ideia de “enunciação de si mesmo”, e a considera um dos processos mais elementares de constituição de uma identidade. Cada indivíduo identifica-se a partir do emaranhado de discursos que o constitui, a partir do qual ele ou ela se reconhece e se representa, mas também de onde se apresenta para os outros. Nos ambientes digitais, como todas as suas especificidades, o discurso que promete uma coerência a respeito de si não é suportado (MARTINO, 2016).

Sibilia (2008) fala em uma “intensa ‘fome de realidade’”, que tem eclodido nos últimos anos: um apetite voraz que incita ao consumo de vidas alheias e reais. Trata-se de uma não ficção que floresce e conquista um terreno antes ocupado de maneira quase exclusiva pelas histórias de ficção (SIBILIA, 2008).

As novas versões dos gêneros autorreferentes que desembocam no insólito fenômeno de exibição da intimidade dizem muito sobre as configurações atuais dessas delicadas intimidades: o eu e a vida, sempre fluidas e dificilmente apreensíveis, embora cada vez mais enaltecidas, veneradas e espetacularizadas (SIBILIA, 2008, p. 34).

Portanto, para Sibilia (2008), as tendências de exibição da intimidade que proliferam hoje em dia – não apenas na *internet*, mas em todos os meios de comunicação – não evidenciam uma mera invasão da antiga privacidade, mas um fenômeno completamente novo.

Em vez de se ressentir por temor a uma irrupção indevida em sua privacidade, as novas práticas dão conta de um desejo de evasão da própria intimidade, uma vontade de se exhibir e falar de si, o que vai ao encontro de um público voraz que têm “vontade de saber” (SIBILIA, 2008).

O ser humano, principalmente sob o viés ocidental, é pensado como uma criatura profunda e complexa. Acontecimentos vividos ou fantasiados, desejos inconscientes, firmes ambições, vontades inconfessáveis, medos, afetos, ódios, amores, dúvidas, dores, alegrias, lembranças traumáticas: sedimentos da experiência vivida e da imaginação de cada um (SIBILIA, 2008). É a partir disso que as redes sociais culminam em salas de exibição para assuntos altamente pessoais (HAN, 2017). Como resultado, temos páginas como *Humans of New York*, com conteúdos que narram detalhes das vidas das pessoas, como veremos no capítulo a seguir, além de outras.

De acordo com Sibilialia (2008), por causa desta cultura das aparências, do espetáculo e da visibilidade, tendências exibicionistas e performáticas alimentam a procura de um efeito: o reconhecimento nos olhos alheios e, sobretudo, o cobiçado troféu de *ser visto*. Cada vez mais, é preciso *aparecer* para *ser* (SIBILIA, 2008). Neste sentido, Türcke (2010) afirma que as sensações estão a ponto de se tornar as marcas de orientação e as batidas do pulso da vida social como um todo: ele recorre a George Berkeley e o seu enunciado filosófico “*Esse est percipi*” (“Ser é percebido”). Esta frase, segundo Türcke, referia-se ao fato de que nós, humanos, como seres sensíveis, inescapavelmente dependentes das sensações que nossos órgãos sensoriais nos transmitem. De forma simplificada: o que não for sensação não importa nem existe para nós (TÜRCKE, 2010).

Um naufrago perdido em uma ilha deserta não deixa de existir somente porque ninguém o percebe (TÜRCKE, 2010), mas, no mundo contemporâneo, as redes sociais são, invariavelmente, os ambientes onde as pessoas projetam suas identidades, dramas pessoais e fragmentos autobiográficos. Não ganhar “curtidas”, hoje, não se tornou, para muitos, sinônimo de não ser percebido?

Sibilialia (2008) encontra uma explicação para este fenômeno no fato de que, na cultura contemporânea, uma das manifestações dessa chamada “fome de veracidade” é o anseio por consumir lampejos da intimidade alheia. Justamente por causa disso, as novas formas de expressão e comunicação que conformam a Web 2.0 são, também, ferramentas para a criação de si. Esses instrumentos de autoestilização agora se encontram à disposição de qualquer um (SIBILIA, 2008): hoje, temos filtros que manipulam imagens de forma instantânea e já

existem aplicativos de celular que modificam a foto automaticamente, “adivinhandando” como o público quer se parecer (mais magro, com olhos maiores, um nariz maior, etc).

A estética ganhou um peso ontológico como nunca teve antes. Isso também faz parte do *esse est percipi*. A frase ganha nova perspectiva na era digital, onde se percebe através de telas. Sem dúvida, o emitir não é uma via de mão única: onde se emite também se recebe e quem não tem sensações não é (TÜRCKE, 2010). Esta teoria corrobora a hipótese de que, no contexto do Facebook, as pessoas se sentem estimuladas a curtir ou reagir determinados *posts* para mostrar isto ao seu círculo social: de forma pública, elas se manifestam – “amei”, “detestei”, “achei engraçado”, “achei triste”, “fiquei surpreso”, “curti” com apenas um clique.

A partir das reflexões lançadas neste capítulo – propusemos uma revisão filosófica e sociológica de conceitos como identidade, alteridade e hospitalidade, e, sempre que possível, os trazendo à luz do contexto contemporâneo e das redes sociais –, partimos para a apresentação do objeto selecionado para compor a presente pesquisa: a página *Humans of New York*. Após verificarmos o histórico, o modo de funcionamento e o tipo de conteúdo publicado por Brandon Stanton, e evocando o que já foi debatido sobre os temas pertinentes nos capítulos 1 e 2, será possível, então, passarmos para a etapa metodológica e análise efetiva do *corpus* selecionado.

4 HUMANS OF NEW YORK

O que um homem negro de meia idade que “vence” uma crise de pânico, uma criança angustiada ao revelar a sua sexualidade e uma venezuelana tentando melhorar de vida na Colômbia têm em comum? À primeira vista, nada. Mas, para Brandon Stanton, todos eles são humanos que carregam histórias: isto é o suficiente para que o fotógrafo compartilhe um pouco das suas trajetórias na página *Humans of New York*.

Publicado no Facebook, Instagram, Twitter e, mais recentemente, em livro impresso –, Brandon Stanton coleciona – e exhibe – retratos de pessoas tirados nas ruas de Nova York. Além das fotos, há um breve relato das pessoas entrevistadas: uma confissão, uma memória, um desejo. Atualmente, HONY, como é carinhosamente abreviado, conta mais de 18 milhões de curtidas⁴² (a cidade de Nova York tem cerca de 8.5 milhões de habitantes⁴³), tratando-se de um fenômeno da mídia social global e refletindo um dos efeitos da crescente democratização da fotografia e da “informação rápida” na comunicação (HUMANS OF NEW YORK, 2016).

Inicialmente criado com a tentativa de “catalogar exaustivamente os habitantes de Nova York”⁴⁴, a página acabou tornando-se, para muitos, uma referência no que se diz respeito à humanidade cotidiana. Sem limitação de idade, de classe social, de profissão e nem de espécie (Brandon também fotografa cachorros, gatos, cavalos, ainda que sejam bem menos frequentes), são eternizadas pessoas que continuariam anônimas em meio ao turbilhão de uma das maiores cidades do mundo.

Diferente da *Street Photography* ligada à moda e às tendências, esse tipo de fotografia tem um cunho antropológico e documental, como descrito por Clive Scott (2007): é o retrato do lugar através de suas pessoas. Há um potencial biográfico e de arquétipo no conjunto destes *posts* que se constituem, através de foto e texto, em uma narrativa própria. As histórias compartilham grandes feitos, medos profundos e, mais do que tudo, as suas batalhas diárias, junto de suas particularidades – estranhezas, manias, desejos – que os tornam indivíduos únicos.

⁴² Disponível em: <www.facebook.com/humansofnewyork>. Acesso em: 10 mar. 2017.

⁴³ De acordo com o censo estadunidense, realizado em julho de 2015, Nova York tem, aproximadamente, 8.550.405 residentes. Disponível em: <<http://www1.nyc.gov/site/planning/data-maps/nyc-population/current-future-populations.page>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

⁴⁴ Disponível em: <www.humansofnewyork.com/about>. Acesso em: 19 jan. 2018.

Figura 3- Garoto com medo do seu futuro por causa da sua sexualidade



Fonte: Humans of New York (2016).

Com a legenda “Eu sou homossexual e tenho medo do meu futuro e de que as pessoas não gostem de mim” (HUMANS OF NEW YORK, 2016, tradução nossa⁴⁵), este *post* exemplifica a popularidade da página: teve mais de 450.000 curtidas.

Além das curtidas e compartilhamentos, o número de comentários também chama a atenção. Se atentarmos para o conteúdo destes comentários, a primeira impressão que temos é a de que muitos dos leitores se sentem tocados de alguma forma pelo conteúdo compartilhado, e se sentem compelidos a mostrar solidariedade ou compartilhar um pouco da sua própria experiência.

Figura 4- Homem conta como superou o pânico de fazer uma cirurgia



Fonte: Humans of New York (2016).

Alguns anos atrás eu tive que fazer uma cirurgia de coração aberto. Quando eu recebi a notícia do meu cardiologista, eu entrei em pânico total. De repente nada no mundo estava acontecendo sem ser o meu medo. Eu pensei que eu ia desmoronar em frente aos meus filhos. Eu acabei indo a uma livraria sozinho. Eu estava procurando por qualquer coisa que pudesse me acalmar. E eu acabei pegando O Poder do Agora. Não é algo fácil de descrever em palavras, mas aquele livro me ajudou a me manter

⁴⁵*I'm homosexual and I'm afraid about what my future will be and that people won't like me.*

no momento. Me ensinou a me afastar e observar os meus pensamentos, a rotular eles de “pensamentos”, e criar um espaço entre eu e a “voz na minha cabeça”. Quando eu me dei conta que eu estou separado dos meus pensamentos, o poder deles acabou. Essa foto foi tirada uma hora antes da cirurgia. Eu estou com o meu neto. Não existe medo algum em minha mente. Eu estou selado naquele momento com ele. (HUMANS OF NEW YORK, 2016, tradução nossa⁴⁶)

Um dos comentários mais populares (e, portanto, no topo da seção de comentários), foi o de uma mulher que compartilhou a sua própria história de medos e incerteza em relação ao futuro por causa de uma doença:

Talvez eu precise deste livro. Eu tenho 36 anos, estou grávida de 6 meses e no dia 29 de setembro eu fui diagnosticada com câncer cervical, que se espalhou pelos meus nódulos linfáticos. Eu começo a quimioterapia na sexta, durante a gravidez [...]. Eu me pego me esforçando para não ficar presa em lugares escuros. As áreas da minha mente vagam por aí quando eu estou sozinha com os meus pensamentos. Os medos e as incertezas e o pânico que eles causam. Eu estou lutando pra sair deste lugar escuro a cada dia, mas ele sempre está lá. Na beira do meu pensamento, dos meus sonhos, de cada ação minha. Eu sinto falta do Agora. (HUMANS OF NEW YORK, 2016, tradução nossa⁴⁷)

Em sua página pessoal do Facebook, a mulher agradeceu as mensagens de apoio que recebeu do público de HONY:

Uau, eu estou impressionada neste momento. Eu fiz um comentário num *post* de *Humans of New York* e fui bombardeada com mensagens e recados de amor e apoio. De verdade, são mais de cem em uma hora. É maravilhoso ter tanta energia positiva enviada na minha direção. Todos os meus amigos sabem que eu sou uma ateuista convicta mas como eu estou sendo bombardeada de preces, eu vejo isso como desejos bons, e eu os aceito com gratidão. Nós podemos não compartilhar crenças, mas a bondade é universal. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa⁴⁸)

⁴⁶*A few years ago I had to have open-heart surgery. When I got the news from my cardiologist, I went into full panic mode. Suddenly there was nothing going on in the world except for my fear. I thought that I was going to fall apart in front of my kids. I ended up walking to the bookstore alone. I was looking for anything that might help me calm down. And I ended up grabbing *The Power of Now*. It's not an easy thing to describe in words, but that book taught me how to stay in the moment. It taught me to step back and observe my "thoughts", and to create a gap between myself and the "voice in my head". Once I realized that I am separate from my thoughts, it took away their power. This photo was taken an hour before the surgery. I'm with my grandson. And there isn't a fear in my mind. I'm locked in that moment with him.*

⁴⁷*Maybe I need this book. I'm 36, I'm 6 months pregnant, and on September 29th I was diagnosed with cervical cancer which has spread to my lymph nodes. I start chemo Friday, during pregnancy [...]. I find myself trying hard not to get stuck in the dark places. The areas my mind wanders to when I am alone with my thoughts. The fears and the unknowns and the panic it causes. I am wrestling my way out of that dark place each day, but it's always right there. At the edge of my thoughts, my dreams, my every action. I miss the Now.*

⁴⁸*Wow, I am blown away right now. I made a comment on a *Humans of New York* post and have been bombarbed with messages and PMs of love and support. Honestly, it's in the hundreds within na hour. Amazing to have so much positive enrgy being sent my way! As all my friends know I am quite a strong atheist but as I am being bombarded with prayers, I view that as good wishes in your way and as such, I still accept it with gratitude. We may not share beliefs but the kindness is universal.*

Levando-se em consideração o fenômeno de *Humans of New York*, busca-se verificar como a página personifica a teoria de que conteúdos compartilhados nas redes sociais integram o cotidiano das pessoas. Neste contexto, problematizar de que forma os leitores se posicionam frente aos *posts* – se engajando e se fazendo escutar – se mostra relevante numa época de relações virtuais mediadas por uma tela. Partindo de *Humans of New York*, buscamos descobrir como a alteridade – o nosso encontro com o Outro – está sendo ressignificada a partir das redes sociais. Nos subcapítulos seguintes, iremos contextualizar a ideia de Brandon Stanton como um *performer*-fotógrafo, além de fazer um apanhado político da situação estadunidense nos anos de 2016 e 2017, período no qual foram publicados os conteúdos desta pesquisa.

4.1 BRANDON STANTON: O HISTÓRICO DE HONY

Em 2013, Brandon Stanton foi considerado pela Revista Time um “30 under 30” (uma das 30 pessoas com menos de 30 anos que está mudando o mundo). Após ser demitido do seu emprego em Chicago em 2010, ele investiu na ideia de tirar 10.000 retratos de pessoas ao redor de Nova York e criar uma espécie de *census* fotográfico da cidade – o resultado do projeto se tornou algo muito maior do que ele poderia ter esperado.

As fotos de Stanton estão sendo imitadas ao redor do mundo (veja *Humans of India*, *Humans of Tehran*, *Humans of Bronx Science* e *Humans of La Guardia*) e o jovem de 29 anos está ganhando uma gigante atenção da mídia por causa das cápsulas de um momento no tempo. (TIME, 2013, tradução nossa⁴⁹)

Stanton, que nasceu em Atlanta, capital do estado da Geórgia (e não é um novaiorquino como muitos poderiam pensar), explica sobre o desenvolvimento de HONY como o conhecemos hoje: “Em algum momento, eu comecei a entrevistar meus objetos além de fotografá-los. E junto dos seus retratos, eu comecei a incluir citações e pequenas histórias das suas vidas” (YOUTUBE, 2013, tradução nossa⁵⁰). Neste mesmo vídeo, Stanton deixa claro que a metodologia da sua produção de conteúdo é simples e muito sistemática: ele caminha muitos quilômetros por dia, abordando e entrevistando seis ou sete pessoas nas ruas. Após

⁴⁹ *Stanton’s photos are being imitated all over the world (see Humans of India, Humans of Tehran, Humans of Bronx Science and Humans of La Guardia), and the 29-year-old is garnering major media attention for his capsules of a moment in time.* Disponível em: <<http://ideas.time.com/2013/12/16/30-under-30-meet-brandon-stanton-the-photographer-behind-humans-of-new-york/>>. Acesso em: 1 maio 2017.

⁵⁰ *Somewhere along the way, I began to interview my subjects in addition to photographing them. And alongside their portraits, I’d include quotes and short stories from their lives.* Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HGzgyVAIsDE>>. Acesso em: 1 maio 2017.

descobrir um pouco sobre elas e tirar o seu retrato, ele posta, à noite, no seu *blog*, no Facebook e no Instagram.

De acordo com o *site* oficial (www.humansofnewyork.com), os retratos e legendas se tornaram o objeto de um vibrante *blog*. HONY tem, hoje, mais de 18 milhões de curtidas⁵¹ no Facebook. Em nível de comparação, a página do jornal The New York Times tem menos de 14 milhões de curtidas⁵². Na página do jornal francês Le Monde, são menos de 4 milhões⁵³. No Instagram (www.instagram.com/humansofny), a página conta com 4.243 publicações e 6,9 milhões de seguidores⁵⁴. A descrição de HONY tanto no Facebook quanto no Instagram é “New York City, uma história por vez” (tradução livre para: *New York City, one story at a time*).

Nos últimos cinco anos, o *blog* expandiu para mostrar histórias de mais de vinte países diferentes. O trabalho de Stanton também foi compilado em dois livros que se tornaram *best-sellers*: *Humans of New York* (2013) e *Humans of New York: Stories* (2015). Entre o primeiro e o segundo livro, as citações começaram a ficar cada vez mais longas: cada entrevista durava de 20 a 30 minutos (STANTON, 2015).

O primeiro livro *Humans of New York* foi publicado no meio de uma transformação. O livro incluía algumas citações e histórias, mas ele representava fortemente as origens fotográficas de HONY. Ele fornecia um exaustivo catálogo visual das vidas nas ruas da cidade. Mas logo após ser publicado, ficou óbvio que outro livro estava esperando para ser feito – um que incluísse as histórias profundas pelas quais o *blog* é conhecido hoje. (STANTON, 2015, p. 2, tradução nossa⁵⁵)

Durante uma palestra em 2013⁵⁶, Brandon Stanton afirmou: “Nós estamos todos desesperados para contar uma boa história. Sim, fatos são importantes, mas fatos não vendem jornais [...]. Boas histórias são o que mantêm a mídia no mercado”⁵⁷.

Eu estou sempre procurando por algo que ninguém mais me disse [...] eu começo a “cavar” as respostas, partindo, às vezes, de uma visão de geral de um assunto para uma história. Por exemplo, se eu pergunto para alguém: “se você tivesse que dar um conselho, qual seria?”, e a pessoa responde: “seja otimista”, eu digo: “me conta

⁵¹ Disponível em: <www.facebook.com/humansofnewyork>. Acesso em: 2 maio 2017.

⁵² Disponível em: <www.facebook.com/nytimes>. Acesso em: 2 maio 2017.

⁵³ Disponível em: <www.facebook.com/lemondefrzzzz>. Acesso em: 2 maio 2017.

⁵⁴ Acesso em: 2 maio 2017.

⁵⁵ *The first Humans of New York book was published in the midst of this transformation. The book included some quotes and stories, but largely it represented the photographic origins of HONY. It provided an exhaustive visual catalogue of life on the streets of the city. But soon after it went on print, it became obvious that another book was waiting to be made – one that includes the in-depth storytelling that the blog is known for today.*

⁵⁶ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=HGzgyVAIsDE>> Acesso em: 9 mar. 2016.

⁵⁷ “We are all desperate to tell a good story. Now, facts are important, but facts aren’t what sells newspaper [...]. Good stories keep the media in business”.

sobre um momento em que você teve dificuldade em se manter otimista”. Ou [se a pessoa responde]: “arrisque-se mais” – “me conta sobre um momento em que você se arrepende em não ter arriscado”. “Perdoe as pessoas” – “quem na sua vida você achou mais difícil perdoar?”. “Qual é a sua maior luta no momento?” “Superar a depressão” “Me conta sobre o momento em que você se sentiu mais deprimido do que nunca”. [...]. Você não revela nada sobre si mesmo dizendo “aproveite o dia”. Mas se eu pergunto “quando você não aproveitou o dia?” “você é meio que forçado a revelar um pouco sobre a sua vida”.⁵⁸ (YOUTUBE, 2014, tradução nossa⁵⁹)

Em 2014, em uma palestra para os alunos da Universidade de Dublin, Brandon explicou o seu diferencial⁶⁰: “De modo algum eu sou o melhor fotógrafo do mundo [...], mas eu abordei mais de dez mil pessoas nas ruas de uma cidade que tem como reputação ser uma das mais frias do mundo”⁶¹.

4.2 AÇÕES FILANTRÓPICAS

Além de um engajamento nas redes sociais, HONY também estimula uma solidariedade que busca causar impactos positivos para a sociedade. Em 2015, três ações capturaram a atenção do público. Após compartilhar a história de um menino de 13 anos, morador do Brooklyn, cuja maior inspiração na vida era a diretora da sua escola, Brandon estabeleceu o objetivo de juntar 100 mil dólares em fundos para a instituição. O resultado reuniu mais de 1 milhão de dólares⁶², ultrapassando as expectativas e permitindo que o sonho da diretora – ter o suficiente para ajudar a enviar alunos sem condições para a universidade – se tornasse realidade.

⁵⁸ *I'm always looking for something that nobody else has told me [...] I start to peel off the layers of answers, to get from these very broad philosophical statements to a story that I've never heard before. So if I say "give me one piece of advice", and they say: "be optimistic", [I say]: "tell me about a time when you had trouble being optimistic". Or "take more risks" - "tell me about a time when you didn't take a risk that you really regretted it". "Forgive people" - "who in your life you had the hardest time forgiving?". "What's your greatest struggle right now?" "Getting over depression" "Tell me about a time when you felt most depressed" [...]. You don't really reveal anything about yourself saying "seize the day". But when you're asked about a time when you didn't seize the day, then you're kind of forced to reveal about yourself.*

⁵⁹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KPxzIGPrM3A&t=803s>>. Acesso em: 10 maio 2017.

⁶⁰ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=KPxzIGPrM3A>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

⁶¹ *"There's no way I'm the best photographer in the world [...] but I have approached over ten thousand people on the street of what is stereotypically and by reputation one of the coldest cities in the world".*

⁶² Disponível em: <<http://www.nbcnews.com/nightly-news/humans-new-york-raises-1-million-brooklyn-school-n300296>>. Acesso em: 2 maio 2017.

Figura 5 - Garoto de 13 anos compartilha a maior inspiração de sua vida



Fonte: Humans of New York (2015).

Quem foi a maior influência na tua vida?

Minha diretora Sra. Lopez.

Como ela te influenciou?

Quando nós fazemos algo errado, ela não nos suspende. Ela nos chama em seu escritório e explica como a sociedade foi construída ao nosso redor. E ela nos conta que toda vez que alguém reprova na escola, uma nova cela de prisão é construída. E uma vez ela fez todo mundo ficar de pé, um de cada vez, e ela falou a cada um de nós que nós importamos. (HUMANS OF NEW YORK, 2015, tradução nossa⁶³)

Mas não é apenas nos Estados Unidos que Brandon busca mudar o cenário social. Em agosto de 2015, o fotógrafo viajou ao Paquistão, onde retratou, entre muitos, Syeda Ghulam Fatima, uma ativista engajada em combater o trabalho forçado no país (considerado, pela ONU, uma das práticas mais comuns de escravidão contemporânea). A partir de uma campanha lançada por Brandon, HONY juntou mais de 2 milhões de dólares para ajudar Fatima na sua causa⁶⁴.

⁶³ *Who's influenced you the most in your life?*

My principal Ms. Lopez

How has she influenced you?

When we get in trouble, she doesn't suspend us. She calls us to her office and explain to us how society was built down around us. And she tells us that each time somebody fails out of school, a new jail cell gets built. And one time she made every student stand up, one at a time, and she told each one of us that we matter (tradução nossa).

Figura 6- Homem paquistanês conta a sua história de trabalho forçado



Fonte: Humans of New York (2016).

Eu nasci numa fábrica de tijolos. Eu comecei a trabalhar com 12 anos. O trabalho nunca acabava. Esperam que façamos 1.000 tijolos por dia. Nós trabalhamos das cinco da manhã até o entardecer. Eu tentei organizar os trabalhadores recentemente para reivindicar salários justos. Nós fazíamos reuniões à noite, mas um dos trabalhadores nos denunciou. Os chefes me chamaram no escritório e bateram em mim. Eles fizeram os outros trabalhadores se juntarem a nós. E então eles tiraram toda a minha roupa e me amarraram a uma árvore. Eu implorei para que eles não fizessem aquilo. Eles me deixaram lá por três horas. Eu tentei escapar à noite. Eu tranquei a minha família em casa e corri para a selva. Em fui direto procurar a Fatima. Antes de conseguir retornar para a minha família, a polícia havia auxiliado os chefes a invadir a minha casa. E as minhas filhas foram obrigadas a desfilar sem roupas pelas ruas. (HUMANS OF NEW YORK, 2016, tradução nossa⁶⁵)

Em dezembro de 2015, Brandon, viajando pelo Oriente Médio, lançou uma campanha durante o Natal para arrecadar fundos para refugiados sírios – mais especificamente, onze famílias que compartilharam as suas histórias em HONY. Em três dias, Brandon reuniu 700 mil dólares – 65 mil dólares para cada família –, sete vezes a mais do que o previsto. Como justificativa, Brandon explicou que essas famílias vão ter de começar do zero em um país novo, após ter escapado uma terrível guerra e, desta forma, o auxílio financeiro vem como um alívio frente aos obstáculos.

⁶⁵*I was born into the bricks kilns. I started working at the age of 12. The work never ended. We're expected to make 1,000 bricks per day. We work from 5 AM to dusk. I tried to organize the workers recently to demand fair wages. We held meetings at night, but one of the workers informed on us. The owners called me to the office and beat me. They made the workers join in. Then they took off all my clothes and tied me to a tree. I begged them not to do it. They left me there for hours. I tried to escape at night. I padlocked my family in the house and I ran into the house and I ran into the fields. I came straight to Fatima. Before we could return for my family, the police had helped the owners break into my house. And my daughters were paraded naked in the streets.*

Figura 7- Refugiada, mulher síria compartilha angústias



Fonte: Humans of New York (2015).

Porque eu sou uma refugiada, minha vida está em pausa. Meus estudos pararam. Eu não trabalho. Eu não tenho uma carreira. Porque eu sou síria, eu não posso participar na sociedade. Foram anos de não fazer nada. Eu costumava a ser uma pessoa animada. Eu sempre era convidada para festas. Agora eu gosto de ficar sozinha. Eu me tornei mais nervosa e agressiva. Eu grito por coisas pequenas. Eu quero começar a minha vida de novo. Eu fiquei sabendo na última quinta que eu vou para um estado chamado North Carolina. Eu estou muito nervosa. Eu não sei nada a respeito. Mais do que qualquer coisa, eu quero finalizar a minha educação. Mas principalmente eu espero que o que estiver me esperando seja melhor do que aquilo que eu passei. (HUMANS OF NEW YORK, 2015, tradução nossa⁶⁶)

Mais recentemente, em 2016, Brandon fez uma série de entrevistas com crianças lutando contra o câncer. A causa também foi abraçada pelo público: em menos de três semanas, mais de 100 mil pessoas doaram a quantia de 3.8 milhões de dólares⁶⁷. O dinheiro vai ser dividido: dois terços do valor da campanha vão para as pesquisas do Memorial Sloan Kettering Cancer Center, que buscam tratamentos pediátricos inovadores contra o câncer. O último terço vai ser usado para apoio psicológico e social dos pacientes jovens e das suas famílias que passam por dificuldades enormes durante a luta contra a doença⁶⁸.

⁶⁶*Because I'm a refugee, my life is on pause. My studies have stopped. I'm not working. I don't have a career. Because I'm Syrian, I'm not allowed to participate in society. It's been years of doing nothing. I used to be a cheerful person. I was always invited to parties. Now I like to be alone. I've become more nervous and aggressive. I yell over silly things. I just want to start my life again. I learned last Thursday that I'm going to a state called North Carolina. I'm very nervous. I know nothing about it. More than anything, I want to finish my education. But mostly, I hope that whatever is waiting for me is better than what I've gone through.*

⁶⁷Disponível em: <<http://www.today.com/health/humans-new-york-project-raises-3-8-million-fight-pediatric-t94501>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

⁶⁸Disponível em: <<https://www.generosity.com/community-fundraising/let-s-help-dr-o-reilly-fight-pediatric-cancer>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

Figura 8- Menino fala sobre as dores causadas pelo câncer



Fonte: Humans of New York (2016).

Eu pensei no que eu diria se eu pudesse voltar no tempo, e dizer a mim mesmo antes de ter câncer. Eu diria para se preparar para não ser quem você é no momento. E se prepare para lidar com muitos desapontamentos e dor. E se mantenha forte. E não desista. E não se tranque no quarto se você ficar triste ou bravo. Porque ninguém pode te ajudar se você ficar no quarto trancado e o problema só vai ficar pior. E não brigue com seus irmãos e irmãs. Porque logo você vai precisar deles e eles vão te ajudar muito. E continue assistindo esporte. Porque eles vão te animar. (HUMANS OF NEW YORK, 2016, tradução nossa⁶⁹)

Em 2017, Brandon viajou pela América Latina. Na Colômbia, retratou a história de Rose. Após perder todas as posses na Venezuela, a jovem deixou a filha para trás ao se mudar para Bogotá, em busca de uma vida melhor, e acabou nas ruas vendendo chaveiros. O objetivo da campanha, modesto em comparação aos anteriores, era juntar 5 mil dólares – a iniciativa contou com o apoio de Juan Laserna, o intérprete de Brandon durante a viagem. O total arrecadado ultrapassou 130 mil dólares, permitindo que Rose se reúna de novo com a família, em uma situação bem mais confortável⁷⁰.

⁶⁹*I've thought about what I would say if I could go back in time, and talk to myself before I got cancer. I's say get ready to not be who you are right now. And get ready to deal with a lot of disappointments and pain. And just keep strong. And never give up. And don't lock yourself in your room if you get sad or angry. Because nobody can help you if you're in your room and the problema will get worse. And stop fighting with your brothers and sisters. Because you're really going to need them soon and they are going to help you so much. And keep watching sports. Because those are really going to cheer you up.*

⁷⁰Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/news/article-4448226/Strangers-raise-130-000-Venezuelan-woman.html>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

Figura 9- Mulher divide a sua história de pobreza na Colômbia



Fonte: Humans of New York (2016).

Eu estou começando do zero. Eu perdi tudo na Venezuela. Eu tinha a minha própria fábrica de sabonetes naturais mas a crise tornou impossível conseguir ingredientes. E então o governo começou a pegar 70% dos meus ganhos. Eu tive que fechar a fábrica. As coisas ficaram tão ruins que eu não conseguia encontrar comida para o meu bebê. Eu tinha um pouco de dinheiro, mas não havia lugar para comprar comida. Nós podíamos passar dias sem comer. Quando eu tentava amamentar a minha filha, eu quase desmaiava. Deixar o país era a minha única chance. Eu nunca havia dito “tchau” para a minha filha. Ela estava gritando o meu nome quando eu fui embora. Doeu mais do que parir. Mas eu não tive uma escolha. Eu falei a ela que estava indo para a Colômbia. Eu falei a ela que eu ia fazer um diamante e levar para ela. Agora eu vendo chaveiros na rua. Quando eu junto algum dinheiro, eu envio pacotes de comida para casa. Eu estou tentando me manter otimista. Eu estou indo bem. Eu cresci muito pobre. Eu vim do nada. Então já estive nessa situação antes. (HUMANS OF NEW YORK, 2016, tradução nossa⁷¹)

A partir dos exemplos apresentados, vimos que a interação do público de HONY ultrapassa a caixa de comentários da página: também estimula uma série de ações voluntárias que, em conjunto, causam um impacto nas vidas das pessoas.

Para Yochai Benkler (2011), o crescimento da produção na *Internet* permitiu inúmeras plataformas mais fáceis, baratas e novas para a colaboração: na *web*, as pessoas estão se engajando em atos voluntários de cooperação todos os dias. Nós buscamos informações de

⁷¹*I'm starting from nothing. I lost everything back in Venezuela. I had my own natural soap factory but the crisis made it impossible to get ingredients. Then the government began to take 70% of my earnings. I had to close it down. Things got so bad that I couldn't even find food for my baby. I had a little money, but there was nowhere to buy food. I's wait in line all day for one bag of flour. We could go days without eating. When I tried to breastfeed my daughter, I'd almost faint. Leaving the country was my only chance. I'd never said "goodbye" to my daughter before. She was screaming my name when I left. It hurt worse than giving birth. But I didn't have a choice. I told her that I was going to Colombia. I told her that I was going to make a diamond, and I'd bring it back to her. Now I sell key chains in the street. When I make some money, I send packets of food back home. I'm trying to keep a good spirit. I'm doing OK. I grew up very poor. I came from nothing. So I've been here before.*

desconhecidos no Google, nós recebemos respostas de pessoas que nós não conhecemos, de graça, por razões que não perguntamos.

O anonimato da *web* nos faz nos sentirmos seguros o suficiente para integrar grupos de apoio para problemas que, em outro momento, nós teríamos enfrentado sozinhos, encontrar pessoas que dividem interesses que nós temos vergonha de aproveitar *offline* [...]. Em outras palavras, nós encontramos pequenas e grandes maneiras de integrar voluntariamente atividades produtoras nos nossos cotidianos – e nós usamos essas contribuições de outros que fazem o mesmo. (BENKLER, 2011, p. 24, tradução nossa⁷²)

Objetivando aprofundar as particularidades do objeto da presente pesquisa, nos próximos subcapítulos vamos contextualizar a página a partir de uma discussão sobre a fotografia – traçando um paralelo entre o conceito de fotógrafo-*performer* e Brandon Stanton – e sobre o contexto político estadunidense, uma vez que a análise será focada nos imigrantes como Outros, e, portanto é impreterível que tenhamos estabelecido os impactos em uma sociedade após Donald Trump vencer as eleições norte-americanas.

4.3 A FOTOGRAFIA: DOCUMENTO, ARTE E PERFORMANCE

A legitimidade cultural e artística da fotografia é recente. Por volta dos anos 1970, na França e no mundo ocidental, foram criados numerosos festivais, revistas, galerias, publicaram-se obras; abriram-se escolas especializadas e departamentos universitários; realizaram-se estudos e pesquisas, históricos e teóricos; constituíram-se coleções privadas e públicas. Nasceu um mercado decorrente de uma forte mudança de tendência. “Em resumo, a prática e as produções fotográficas migraram do restrito território do útil para o da cultura e da arte” (ROUILLÉ, 2009, p. 15).

Essa consagração foi acompanhada de um novo olhar dirigido à fotografia: mudaram as práticas e as produções, os lugares e os circuitos de difusão, bem como as formas, os valores, os usos e os autores. Mas, na verdade, a fotografia nunca esteve totalmente dissociada de seu aspecto “expressão”. Rouillé (2009) ressalta que a fotografia não é, por natureza, um documento. Cada imagem fotográfica contém, sim, um *valor documental* que, longe de ser fixo ou absoluto, deve ser apreciado por sua variabilidade (ROUILLÉ, 2009).

⁷²*The anonymity of the web makes us feel safe enough to join support groups for problems we would have otherwise suffered alone, find people who share interests we were embarrassed to indulge offline. [...] In other words, we find small ways and large to integrate voluntary, productive activities into our daily lives – and we use and build upon the contributions of other who do the same.*

Meyerowitz e Weterbeck (2001) exploraram a fotografia de rua, que conversa mais com o território artístico do que com o documental. Para os autores, trata-se de um tipo de fotografia que conta, de forma única, algo para as pessoas. Diferentemente de retratos formais ou de paisagens pitorescas, a fotografia de rua tem como propriedades a instantaneidade e a multiplicidade. Enquanto os experimentos de fotojornalistas buscam render mais informações, os fotógrafos de rua tendem a usar a capacidade de informação de uma forma mais imaginativa. Como exemplo de um consagrado fotógrafo de rua, temos Henri Cartier-Bresson que, a partir das suas obras, revela beleza e drama captados em um momento do cotidiano (MEYEROWITZ; WESTERBECK, 2001).

A chegada do Outro – na visão de Rouillé (2009), particularmente, tratado ora como o sujeito marginalizado socialmente, ora como o imigrante (em ambos os casos, trata-se de um sujeito periférico) - no centro do processo fotográfico constitui uma nova etapa na dinâmica que conduz a fotografia do estrito documento à expressão. Robert Frank permitiu o retorno do grande rejeitado da fotografia-documento: o sujeito. Mas a abertura para o Outro e para o diálogo só é verdadeiramente realizada no decorrer dos anos 1990, na conjunção do declínio da fotografia-documento, da afirmação de uma nova geração de fotógrafos, e do aparecimento de uma categoria de sujeitos: as vítimas de um mundo tumultuado, partido, dividido (ROUILLÉ, 2009).

O Outro das fotografias de Marc Pataut ou de Oliver Pasquier – aquele para o qual e com o qual elas são concebidas – é o estrangeiro, o mestiço, o “sem” direito, o excluído, o descentrado, o marginal, o desterritorializado nas periferias, na prisão, no desemprego, etc. É aquele que subverte as normas, que desafia os padrões, que faz vacilar o poder, que perturba os valores dominantes, os princípios das maiorias. O Outro é o menor. Aquele que desafia o maior, como o rosto de um “sem-teto” é sempre um desafio lançado na cara daqueles que têm onde morar. O Outro também desafia a máquina que é a fotografia-documento, principalmente quando está nas mãos dos repórteres apressados das mídias. Em razão disso é que Pataut, Pasquier e outros tiveram, evidentemente, de inventar procedimentos dialógicos, de transformar radicalmente o tempo fotográfico, fazendo ele ser transporto antes da tomada propriamente dita, e, sobretudo, tiveram de preparar um grande lugar para os modelos no processo fotográfico. Foi o que fizeram com o retrato – alguns, com a reportagem –, ao provocar o surgimento, por volta do final dos anos 1990, do que poderíamos qualificar de reportagem dialógica. (ROUILLÉ, 2009, p. 181)

Segundo Dubois (1993), a foto não é apenas uma imagem ou um produto de uma técnica e de uma ação, mas, sim, um verdadeiro ato icônico, ato esse que inclui também o ato de sua recepção e de sua contemplação. Temporalmente, o atofotográfico fixa, imobiliza, capta um único instante. A foto aparece dessa maneira, como uma fatia única e singular de espaço-

tempo, literalmente cortada ao vivo. O fotógrafo, nesse sentido, tem um papel crucial ao focar, em cada disparo, um pedaço particular do mundo (DUBOIS, 1993).

Esta noção de que o fotógrafo “recorta” à sua maneira os acontecimentos ao seu redor, vai ao encontro da ideia de que profissionais da área podem ser considerados *performers*. Victor Turner (1987) justifica a importância de estudar a performance, situando o conceito na antropologia pós-moderna. Para o autor, se o homem é um animal sapiente, que inventa coisas e recorre a símbolos, ele não deixa de ser um animal performático, não no sentido de que ele é um animal de circo, mas, sim, de que as performances são, de certa forma, a maneira que ele se revela a ele próprio. É a partir disto que Turner (1987) propõe o exercício de repensar atos cotidianos e artísticos a partir da antropologia da performance.

A performance, ressalta Schechner (2002) tem um significado que depende da área em pauta.. Nos esportes ou sexo, “fazer uma performance” significa ser bem-sucedido. Nas artes, “fazer uma performance” é fazer um show, uma peça, uma dança, um concerto. Na vida cotidiana, “fazer uma performance” é se mostrar, fazer extremos, amplificar uma ação para aqueles que estão assistindo. No mundo contemporâneo, as pessoas vivem o auge da performance e suas múltiplas maneiras de manifestação. As atividades da vida pública – às vezes visíveis, às vezes mascaradas – são performances coletivas (SCHECHNER, 2002). Podemos recuperar as ideias de Sibilia e Türcke, do capítulo anterior, sobre um *eu* que fala e se mostra incansavelmente na *web* (SIBILIA, 2008). Mais do que nunca, existir é ser percebido (TÜRCKE, 2010), existir é fazer performances públicas virtuais.

Segundo Schechner (2002), as performances podem ter, ainda sete funções: (1) entreter (no sentido de agradar um determinado público); (2) criar beleza; (3) marcar ou mudar identidades; (4) fomentar uma comunidade; (5) curar; (6) ensinar ou persuadir; (7) lidar com o sagrado ou o demoníaco (SCHECHNER, 2002).

Noy (2004), coloca o peso da performance na identidade, que, por sua vez, tem o seu peso na experiência única das instâncias da narração. Quem somos reflete quem nós nos tornamos, e como isso se revela na maneira como contamos a nossa identidade. Desta forma, a performance compreende radicalmente uma noção de que a performance narrativa é um campo de significado social, baseada em dois fatores: 1) depende da identidade do narrador, e 2) é constantemente negociada e construída. A partir destes fatores, a performance não apenas ecoa ou traduz um texto, mas, sim, reconstitui uma mensagem (NOY, 2004).

Performances culturais e sociais são infinitamente mais complexas e sutis do que comunicação não-verbal de animais, por exemplo. Mensagens verbais e não-verbais, através de uma determinada mídia, são capazes de comunicar ideias e mensagens ricas e complexas,

cujas recepções vão depender do ambiente e contexto de cada receptor. A única unidade “espontânea” da performance humana social é a interpretação de um drama social, que se trata de uma erupção da superfície da vida social cotidiana, com as suas interações, transações e reciprocidades (TURNER, 1987).

Neste sentido, Brandon Stanton, na posição de fotógrafo de rua e jornalista que retrata pessoas de uma determinada forma, e deliberadamente “recorta” um fragmento de sua vida, pode ser considerado um *performer*: representando os seus entrevistados e manipulando – não no sentido de modificar, mas de manusear – o conteúdo (DUBOIS, 1993) pensando na recepção e nas emoções do público. Partindo da teoria de Schechner (2002), podemos afirmar que os *posts* de Brandon, enquanto performáticos, podem ter o objetivo de entreter (no sentido de agradar um determinado público), criar beleza, marcar identidades e fomentar uma comunidade (digital, no caso).

4.4 CONTEXTO POLÍTICO NOS EUA EM 2016 E 2017

A vitória de Donald Trump nas eleições presidenciais de 2016 nos Estados Unidos – e o choque mundial frente ao acontecimento – foi significativa por um grande número de razões. É importante atentar para as consequências desta mudança uma vez que os *posts* analisados nesta pesquisa são de um período que concerne os anos 2016 e 2017 e envolvem um público diretamente afetado pelo clima político, como veremos a seguir. A vitória de Trump foi, em primeiro lugar, uma vitória do Colégio Eleitoral, uma vez que Hillary Clinton, a principal, rival de Trump, recebeu quase 3 milhões de votos populares a mais do que o seu oponente. Ainda assim, a vitória de Trump proclama um novo período na política estadunidense que contrasta fortemente com os anos de Obama. Com os republicanos no controle de tanto a presidência quanto o Congresso, tudo parecia apontar para uma longa fase de mudanças – e o assunto imigração é um dos grandes tópicos dessa agenda política (MCKAY, 2017).

Durante 2016, as categorias sociais que dividiam os Estados Unidos pareceram aumentar ainda mais. Por oito anos, durante a época da presidência de Barack Obama, a polarização que caracterizou a política estadunidense desde os anos 90 continuou: minorias sociais e étnicas, mulheres educadas e a população das grandes cidades costeiras continuaram a apoiar as propostas dos democratas, enquanto a classe branca trabalhadora, especialmente aqueles no sul, centro-oeste e áreas rurais, apoiavam os candidatos republicanos (MCKAY, 2017).

Quando nomeado oficialmente como candidato do partido republicano, Trump discursou sobre as suas propostas. A diferença mais importante do seu plano em relação aos seus oponentes, segundo Trump, era “colocar a América em primeiro lugar”. Americanismo, ao invés de globalismo, era a lei do partido. A imigração foi um dos temas recorrentes do discurso. Trump afirmou que o número de famílias imigrantes ilegais que cruzaram a fronteira excedeu o total desde 2015. Dezenas de milhares dessas pessoas vem sendo, segundo Trump, lançadas nas comunidades americanas, impactando de forma negativa a segurança e os recursos públicos. Para exemplificar a situação, Trump mencionou o caso de Sarah Root, uma jovem de 21 anos, recém-graduada, que morreu em um acidente de carro causado por um motorista ilegal⁷³. A campanha de Donald Trump incluiu a polêmica proposta de construir um muro na fronteira com o México e barrar a entrada de muçulmanos no país⁷⁴.

No dia 09 de novembro de 2016, Donald John Trump foi eleito o 45º presidente dos Estados Unidos. O resultado, considerado surpreendente por muitos, de acordo com o *The New York Times*, foi o saldo de uma campanha explosiva, populista e polarizadora. O triunfo de Trump, um incorporador imobiliário transformado em uma estrela de reality show televisivo, sem experiência política alguma, foi uma rejeição das forças tradicionais do governo. Os resultados também demonstram repúdio não apenas a Hillary Clinton, mas ao presidente Obama, cuja promessa de tornar os Estados Unidos mais globalizado e multicultural não suprimiu as demandas internas americanas⁷⁵.

Passando para a questão da imigração, o que pareceu receber pouca atenção da mídia e das pessoas é que Trump se valeu das ferramentas desenvolvidas pelas administrações de Bush e do próprio Obama para orquestrar deportações em massa. Desde 2000, o governo federal utilizou policiais e prisões locais como uma peça estratégica chave para o plano de deportações. No governo de Obama, o plano *Priority Enforcement Program* (Programa de Execução Prioritária, em tradução livre), outrora conhecido como *Secure Communities* (Comunidades Seguras, em tradução livre) chegou a remover 2,5 milhões de imigrantes do país⁷⁶. Graças a um forte movimento pelos direitos dos imigrantes⁷⁷, Obama limitou as

⁷³ Disponível em: <<http://www.politico.com/story/2016/07/full-transcript-donald-trump-nomination-acceptance-speech-at-rnc-225974#ixzz4LSicfyx9>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

⁷⁴ Disponível em: <<http://fortune.com/2016/06/28/donald-trump-muslim-ban/>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

⁷⁵ Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/11/09/us/politics/hillary-clinton-donald-trump-president.html>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

⁷⁶ Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2016/nov/21/obama-deportation-mcachine-damage-trump>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

⁷⁷ Disponível em: <<https://www.washingtontimes.com/news/2016/jun/23/immigrant-activists-demand-obama-stop-deportations/>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

imigrações em massa. Trump, em 2016, afirmou diversas vezes que iria se livrar de restrições e acatar o *Priority Enforcement Program* com braços abertos.

Em novembro de 2017, a administração de Trump anunciou a medida de expulsão de quase 60.000 haitianos, anunciando que não iria renovar a medida de *Temporary Protected Status* (*Status* de Proteção Temporária, tradução nossa), que permitiu que eles permanecessem no país durante sete anos. A medida foi tomada em 2010, após um terremoto catastrófico que afetou 3 milhões de haitianos. Segundo Trump, o programa foi tomado para proteger pessoas de uma situação extrema que, hoje, já está sob controle. De acordo com o jornal *Washington Post*, não existe uma real necessidade de expulsar pessoas comprometidas com a lei e que fizeram dos Estados Unidos o seu lar por sete anos. A única explicação para tal iniciativa é uma cega conduta anti-imigração. Ainda de acordo com o jornal, metade da população haitiana está localizada na Flórida, e nenhuma pesquisa mostra que estas pessoas estão tirando empregos de cidadãos estadunidenses. A falta de humanidade é evidente na iniciativa, que, levada a cabo, promete dividir famílias, desenraizar crianças que reconhecem os Estados Unidos como o seu lar, e transferir milhares de volta para um dos países mais pobre do mundo⁷⁸.

Além dos imigrantes haitianos, no início de setembro de 2017, a administração de Trump anunciou que pretendia acabar com o DACA. Segundo o jornal *The Guardian*, o DACA pode ser definido como um programa federal norte-americano, criado em 2012 sob a permissão de Barack Obama, com o intuito de permitir que imigrantes nãodocumentados que chegaram aos Estados Unidos quando crianças fossem protegidas. Essa proteção é personificada através de direitos de viver, estudar – aplicar para universidades –, possuir uma carteira de motorista e trabalhar nos Estados Unidos. Com o anúncio da extinção do programa, quase 800.000 pessoas se viram em uma situação de medo e agitação. É importante notar que só são elegíveis para o DACA estudantes ou pessoas que já completaram o Ensino Básico ou que prestaram Serviço Militar. Os participantes do programa devem possuir uma ficha criminal limpa e não podem ser uma ameaça à segurança nacional. Aqueles que ganham a proteção do DACA são conhecidos como os *Dreamers*, ou Sonhadores. A maioria dos Sonhadores é do México, El Salvador, Guatemala e Honduras, têm entre 15 e 36 anos e vive na Califórnia, no Texas, na Flórida e em Nova York. Sob a administração de Trump, novos aplicantes para o DACA não serão aceitos. Para os que já estão inscritos no programa, o seu *status* legal e outras permissões (como trabalhar e estudar em uma universidade) começa a

⁷⁸ Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/blogs/right-turn/wp/2017/11/21/abject-cruelty-deporting-60000-haitians/?utm_term=.8a1f29b819aa>. Acesso em: 19 jan. 2018.

expirar em 2018 – a menos que o Congresso aprove uma lei que encontre uma brecha no sistema, todos os Sonhadores perderão o seu *status* até março de 2020. Com a perda do DACA, estes jovens podem ser deportados e enviados de volta para países com os quais a maioria não possui familiaridade alguma⁷⁹.

4.5 MANIFESTAÇÕES POLÍTICAS

No dia 14 de março de 2016, Stanton publicou o seu primeiro *post* de cunho político. Em uma carta aberta a Donald Trump⁸⁰, na época um candidato à presidência dos Estados Unidos, o fotógrafo criticou publicamente os comentários racistas e xenófobos de Trump, além de apontar o fato de que o candidato não estaria apto a ser um presidente em função das suas mensagens cheias de ódio e violência em prol de poder. De acordo com o *Huffington Post*, o *post* se tornou, em menos de oito horas, o conteúdo mais compartilhado do Facebook de todos os tempos⁸¹. Até o dia 16 de março de 2016, o *post* tinha mais de 1 milhão de compartilhamentos, mais de 2 milhões de curtidas e mais de 61 mil comentários.

Em setembro de 2016, a um mês das eleições, Brandon publicou um *post* de Hillary, a principal oponente de Trump. Das 721 mil curtidas recebidas, 89 mil “amaram” e 6,3 mil “odiaram” – é difícil saber ao certo, contudo, se estes que manifestaram raiva estavam direcionando o sentimento à candidata Hillary, ou à história de sexismo vivenciada por ela quando jovem.

⁷⁹ Disponível em: <<https://www.theguardian.com/us-news/2017/sep/04/donald-trump-what-is-daca-dreamers>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

⁸⁰ Disponível em: <<https://www.facebook.com/humansofnewyork/posts/1207382856002479>>. Acesso em: 2 maio 2017.

⁸¹ Disponível em <http://www.huffingtonpost.com/entry/is-humans-of-new-yorks-donald-trump-takedown-the-most-popular-facebook-post-ever_us_56ead33ae4b0b25c9184a9fe>. Acesso em: 2 maio 2017.

Figura 10- Hillary fala sobre sexismo e imagem pública



Fonte: Humans of New York (2016).

Eu estava prestando uma prova de admissão da faculdade de direito em uma grande sala de aula em Harvard. Minha amiga e eu éramos algumas das únicas mulheres na sala. Eu estava nervosa. Eu era uma veterana na faculdade. Eu não sabia como eu iria me sair. E enquanto nós estamos pela prova começar, um grupo de homens começa a gritar coisas como: “Vocês não precisam estar aqui”. E “Tem muitas outras coisas que vocês podem fazer”. Se tornou uma enxurrada. Um deles ainda disse: “Se você pegar o meu lugar, eu vou ser afastado, e eu vou ir para o Vietnã, e eu vou morrer”. E eles não estavam brincando. Foi muito intenso. Se tornou muito pessoal. Mas eu não conseguia responder. Eu não podia me dar ao luxo de me distrair, porque eu não queria me dar mal na prova. Então eu só continuei olhando para baixo, torcendo para o monitor entrar na sala. Eu sei que eu posso dar a impressão de ser distante ou fria ou nãoemocional. Mas eu precisei aprender como uma jovem mulher a controlar as minhas emoções. E este é um caminho difícil a se percorrer. Porque você precisa se proteger, você precisa se manter firme, mas ao mesmo tempo você não quer parecer “amuralhada”. E às vezes eu acho que eu passo a imagem de estar na arena do “amuralhada”. E se eu crio essa percepção, então eu tomo a responsabilidade. Eu não me vejo como fria ou nãoemocional. E nem os meus amigos. E nem a minha família. Mas se às vezes essa é a percepção que eu crio, então em não posso culpar as pessoas por pensarem assim. (HUMANS OF NEW YORK, 2016, tradução nossa⁸²)

⁸²*I was taking a law school admissions test in a big classroom at Harvard. My friend and I were some of the only women in the room. I was feeling nervous. I was a senior in college. I wasn't sure how well I'd do. And while we're waiting for the exam to start, a group of men began to yell things like: 'You don't need to be here.' And 'There's plenty else you can do.' It turned into a real 'pile on.' One of them even said: 'If you take my spot, I'll get drafted, and I'll go to Vietnam, and I'll die.' And they weren't kidding around. It was intense. It got very personal. But I couldn't respond. I couldn't afford to get distracted because I didn't want to mess up the test. So I just kept looking down, hoping that the proctor would walk in the room. I know that I can be perceived as aloof or cold or unemotional. But I had to learn as a young woman to control my emotions. And that's a hard path to walk. Because you need to protect yourself, you need to keep steady, but at the same time you don't want to seem 'walled off.' And sometimes I think I come across more in the 'walled off' arena. And if I create that perception, then I take responsibility. I don't view myself as cold or unemotional. And neither do my friends. And neither does my family. But if that sometimes is the perception I create, then I can't blame people for thinking that.*

Observando alguns comentários, constatamos que o público simpatiza com a situação enfrentada por Hillary. Alguns, porém, apontaram para o fato de que Brandon deveria postar um relato de Trump, como vemos no seguinte comentário abaixo (que recebeu 1 mil curtidas):

Para ser justo, se você vai fazer uma foto com a Hillary, você deveria fazer uma com o Trump também. Essa página não deveria ser muito política. Deveria aceitar todos [...]. E eu odeio o Trump. Se você só faz uma com Hillary, isso não é justo com os apoiadores de Trump. Você está excluindo pessoas. (HUMANS OF NEW YORK, 2016, tradução nossa⁸³)

A maioria das pessoas, contudo, defendeu Brandon, apoiando as suas opiniões em três ideias: 1) a página é de Brandon, e ele pode publicar o tipo de conteúdo que ele quiser ali; 2) o próprio Trump construiu uma campanha presidencial com um discurso baseado em ódio e exclusão, portanto ele não merece ter voz em mais uma plataforma de comunicação e 3) HONY é uma página de entretenimento e não uma página com fins jornalísticos. Uma seguidora comentou: “Se você acha que HONY não é político, você não está prestando atenção” (HUMANS OF NEW YORK, 2016, tradução nossa⁸⁴), recebendo mais de 3 mil curtidas. Isto resumiria a ideia por trás de Brandon decidir apoiar publicamente algumas causas que dependem da situação política do país.

No dia 14 de novembro de 2016, uma série foi realizada no distrito de Macomb, em Detroit, no estado de Michigan. O local foi foco das atenções porque pela primeira vez, em 30 anos, Michigan votou a favor de um candidato republicano. Eruditos apontaram que essa mudança representa um movimento maior entre a classe operária dos EUA. Brandon foi até o local para mostrar quem são as pessoas que moram por lá, sem necessariamente entrar em temas políticos. Foram 27 *posts* publicados ao longo de 15 dias⁸⁵.

Em um relato publicado no dia 20 de novembro, uma mulher não identificada (a foto não mostrava o seu rosto), revelou a sua opinião sobre as eleições:

⁸³*To be fair, if you're going to a photo thing with Hillary, you should do one with Trump as well. This page isn't supposed to be very political. It's supposed to be welcoming to all. [...] And I hate Trump. If you only do one with Hillary, that's not fair to Trump supporters. You're excluding people.*

⁸⁴*If you think HONY isn't political, you aren't paying attention*

⁸⁵Disponível

em:

<<https://www.facebook.com/humansofnewyork/photos/a.102107073196735.4429.102099916530784/1441124589294970/?type=3&theater>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

Figura 11- Mulher fala sobre o seu sentimento em relação a muçulmanos



Fonte: Humans of New York (2016).

Não me entenda mal. Eu quero que todos convivam bem. E eu não quero soar racista. Mas eles estão vindo para o nosso país. E se você me perguntar, isso faz deles racistas. Existe alguma coisa acontecendo entre os muçulmanos. Existe algo acontecendo ali. Existe muita coisa que não sabemos. Eles têm um plano estratégico. Eles querem todos os negócios. Eles querem controle. Eles querem que os meus netos trabalhem para eles. E eu espero que exista algo que nós possamos fazer. Nós precisamos de alguém que diga não. (HUMANS OF NEW YORK, 2016, tradução nossa⁸⁶)

Enquanto o *post* representa muito as opiniões dos eleitores de Trump, é interessante observar que o *post* recebeu 95 mil reações: destas, apenas 17 mil curtidas, 49 mil “raiva” e 21 mil “tristes”. Aqui, vemos que a maioria do público de *Humans of New York* que se manifesta publicamente é contra ideias que expressam xenofobia e preconceito. O décimo comentário mais popular deixado no *post* é o que segue:

Eu sou muçulmana e eu adoraria conversar com essa senhora e perguntar sobre os seus medos. Como muçulmana eu fico chateada por defender constantemente a minha religião, mas não quero minimizar os medos dela. Bem como ela tem medo de mim eu tenho medo de pessoas como ela. Está na hora de educar e não ficar bravo. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa⁸⁷)

Aqui, vemos o estabelecimento de um “diálogo” que envolve Brandon, o público dos comentários e a pessoa na foto que faz o relato. Neste espaço de comentários, as pessoas se sentem livres para opinar – concordar, discordar, elogiar ou criticar – aquilo dito no *post*.

⁸⁶*Don't get me wrong. I want everyone to get along. And I don't want to sound racist. But they're coming into our country. If you ask me, that makes them racist. There's something going on with the Muslims. There's something going on there. There's a lot we don't know about. They have a game plan. They want all the businesses. They want control. They want my grandchildren to work for them. I'm hoping he can do something about it. We need somebody to say no.*

⁸⁷*I'm Muslim and I would love to talk to this lady and ask her about fears. As Muslim I do get upset for constantly defending my religion but I don't want to dismiss her fears. Just as she fears me I fear people like her. Its time to educate not get upset.*

Brandon, na posição de um fotógrafo-*performer*, faz um recorte da fala da pessoa, além de selecionar a foto que mais combine com a situação de cada relato.

No próximo exemplo, ainda em um *post* realizado em Macomb County, vemos, na foto, o retrato de uma família (não fica claro qual dos dois é a “voz” por trás do relato). Sobre o conteúdo, vemos a descrição daquilo que parece sintomático na sociedade contemporânea: um racismo sutil, “mascarado” de boas intenções – e, como veremos a seguir, típico de muitos dos votantes de Trump, que não se enxergam como racistas ou xenofóbicos.

Figura 12 - Relato sobre racismo sutil que acontece em ambientes de trabalho



Fonte: Humans of New York (2016).

Eu acho que muitas pessoas vivem no limite do racismo. Eu trabalho em uma loja de máquinas com uns trinta caras mais velhos. Eu acho que nenhum deles é mau. Você gostaria deles se os conhecesse. Todos eles amam as suas famílias. Mas eu diria que ouvi oitenta por cento deles fazer comentários racistas de algum tipo. Muitos dos mais velhos usam palavras pejorativas para falar de negros. Mas se um cara negro chega perto, eles vão ser amigos. Eles até vão almoçar com ele e compartilhar uma refeição. Eu honestamente não acho que eles se vejam como racistas. Cada um deles negaria isso. Eles apontariam para o cara negro que é amigo deles. Eles não apontariam para o que eles dizem quando o cara não está por perto. (HUMANS OF NEW YORK, 2016, tradução nossa⁸⁸)

No próximo capítulo, passaremos, enfim, para a etapa da análise. A partir de uma descrição da metodologia e da seleção do *corpus*, faremos uma análise sobre os conteúdos dos *posts* e a opinião do público, a partir dos comentários, com base na contextualização histórico-social do capítulo 2, no levantamento filosófico-sociológico dos conceitos trabalhados no capítulo 3 e na descrição do objeto no capítulo 4.

⁸⁸ *I think a lot of people live on the borderline of racism. I work in a machine shop with about thirty older guys. I don't think there is one bad guy in the group. You'd like them if you met them. All of them love their families. But I'd say that I've heard eighty percent of them make racist comments of some sort. A lot of the older guys drop 'n bombs.' But if a black guy walks up, they'll be friendly. They'll even go out to lunch with him and share a meal. I honestly don't think they see themselves as racist. Every one of them will deny it. They'll point to the black guy that they're friendly with. They won't point to the things they say when he's not around.*

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo apresenta as estratégias metodológicas empregadas nesta dissertação, além de detalhar os processos que estruturaram as etapas de coleta e análise do material, composto por *posts* e comentários da página *Humans of New York*. Traçando o percurso histórico-teórico sobre a *internet*, redes sociais e alteridade, os capítulos anteriores permitiram que pudéssemos, enfim, chegar à parte de análise efetiva.

Para melhor entendimento no momento da análise, este capítulo será dividido em três grandes partes: a primeira parte dará conta de discorrer sobre a Hermenêutica de Profundidade, de John B. Thompson (1995); a segunda parte será centrada nos métodos digitais e, por fim, a terceira parte abarcará a análise dos *posts* e comentários do público de *Humans of New York*.

Proposta por John B. Thompson (1995), a Hermenêutica de Profundidade (HP) é desenvolvida em três fases: análise sócio-histórica, análise formal ou discursiva e a interpretação/reinterpretação. A HP, segundo o autor, é o estudo da construção significativa e da contextualização social das formas simbólicas.

Outra base teórica, que vai permear tanto as análises dos *posts* como as análises dos comentários, partirá de métodos digitais, discutidos por autores como Suely Frago, Raquel Recuero e Adriana Amaral (2009), Susan Herring (2001) e Richard Rogers (2013). Julgamos essencial abarcar um viés metodológico que envolvesse as particularidades de pesquisas que elegem o digital como objeto de estudo. Também faremos uma breve reflexão acerca da “Hermenêutica digital”, verificando como ambos os campos podem se aproximar na atualidade.

A segunda parte do capítulo será destinado à análise efetiva do conteúdo selecionado a partir da (re)interpretação do *corpus* selecionado. Ao fim da análise, pretendemos responder sobre a questão central do presente trabalho: como a alteridade está sendo ressignificada a partir de redes sociais no mundo contemporâneo?

5.1 HERMENÊUTICA DE PROFUNDIDADE

A escolha da metodologia empregada neste trabalho ocorreu uma vez que valoriza dinâmicas histórico-sociais e é flexível o suficiente para que as expressões contemporâneas – e seus amplos sentidos – sejam discutidas. A Hermenêutica de Profundidade, ainda, concede liberdade para a interpretação/reinterpretação dos resultados, sendo um método que, como

veremos adiante, permite uma aproximação com os métodos digitais. Desta forma, a (re)significação da alteridade nas redes sociais pode ser abordada e analisada.

A análise do objeto da presente pesquisa, portanto, será realizada a partir da Hermenêutica de Profundidade (HP), metodologia proposta por John B. Thompson (1995). A HP é desenvolvida em três fases: análise sócio-histórica, análise formal ou discursiva e a interpretação/reinterpretação. Thompson (1995) coloca em evidência o fato de que o objeto de análise é uma construção simbólica significativa, que exige uma interpretação – esta etapa cujo papel é central na metodologia de Thompson. A HP, segundo Thompson (1998, p. 363): “[...] resumidamente, é o estudo da construção significativa e da contextualização social das formas simbólicas”.

A HP provém de uma tradição que surgiu na Grécia Clássica, com algumas transformações que ocorreram até hoje, especialmente nos séculos XIX e XX, com pensadores como Martin Heidegger e Paul Ricoeur. Estes filósofos associam o estudo das formas simbólicas a questões de compreensão e interpretação. As formas simbólicas, em seu cerne, são construções significativas que exigem uma interpretação; elas são ações, falas, textos que, por serem construções significativas, podem ser compreendidas e investigadas socialmente (THOMPSON, 1995).

A primeira fase da HP, a análise sócio-histórica, considera relevantes as condições sociais e históricas da produção, circulação e recepção das formas simbólicas. Thompson (1995) considera que condições sociais e históricas não são estabelecidas em um vácuo, mas são produzidas, transmitidas e recebidas em condições sociais e históricas específicas. A análise formal ou discursiva é passível de contextualização e tem a capacidade e o objetivo de dizer alguma coisa sobre algo (THOMPSON, 1995). No caso do presente trabalho, esta forma simbólica é uma rede social digital, o Facebook, e os desdobramentos sociais possíveis.

A segunda fase, a análise formal ou discursiva, parte da premissa de que os objetos e expressões que circulam nos campos sociais são também construções complexas que apresentam uma estrutura articulada. Thompson (1995) atenta para o fato de essa fase tornar-se ilusória quando removida do referencial metodológico da HP e discutida isoladamente em relação à primeira fase. Isso é essencial para compreender que, enquanto rigorosa e sistemática, ainda existe a necessidade de uma construção criativa do significado, uma explicação interpretativa do conteúdo representado ou dito (THOMPSON, 1995).

Seguindo esta linha, para fechar a última fase da tríplice análise, realiza-se, portanto, a interpretação/reinterpretação. Ela é construída a partir da análise discursiva, na qual os padrões e efeitos que constituem e que operam dentro de uma forma simbólica podem ser

quebrados, divididos e desconstruídos. O processo de interpretação é sobreposto e está além da análise sócio-histórica e da análise formal ou discursiva, que, mediado pelos métodos do enfoque da HP, torna-se um processo de reinterpretação de um campo pré-interpretado, projetando um significado possível que pode divergir do significado original construído pelos sujeitos que formam o mundo sócio-histórico (THOMPSON, 1995).

Devemos também levar em conta a atualidade da hermenêutica, uma vez que “os sujeitos que constituem parte do mundo social estão sempre inseridos em tradições sócio-históricas” (THOMPSON, 1995, p. 357). De acordo com o autor, a experiência humana é sempre histórica e a cada nova experiência são compreendidas novas percepções em relação às experiências passadas, uma vez que o mundo está em constante mutação.

Para Thompson (1995, p. 358), “a hermenêutica da vida cotidiana é um ponto de partida primordial e inevitável do enfoque da hermenêutica de profundidade”, ou seja: a hermenêutica de profundidade deve se basear no esclarecimento de como as formas simbólicas são compreendidas pelas pessoas que as produzem e as recebem no seu dia a dia. Os fenômenos culturais, a partir deste ponto de vista, devem ser entendidos como formas simbólicas em contextos estruturados. Enquanto formas simbólicas, os fenômenos culturais são significativos tanto para os atores como para os analistas (THOMPSON, 1995).

As formas simbólicas são produzidas, construídas e empregadas por um sujeito que, ao produzir e empregar tais formas, está buscando certos objetivos e propósitos e tentando expressar aquilo que ele “quer dizer”. Há, ainda, um aspecto “convencional”: trata-se da produção, construção ou emprego das formas simbólicas, bem como a interpretação das mesmas pelos sujeitos que as recebem. Esses são processos que envolvem a aplicação de regras, códigos ou convenções de vários tipos (THOMPSON, 1995).

Essas convenções variam desde regras de gramática a códigos de estilos de expressão (por exemplo, o Código Morse), até convenções que governam a ação e interação de indivíduos que tentam expressar-se ou interpretar as expressões de outros (THOMPSON, 1995). É fundamental pensar, dessa forma, o que isso implica nos dias de hoje: como funcionam as regras que regem o cortejo amoroso, por exemplo, em uma época de aplicativos de relacionamento? Aplicar regras, códigos ou convenções na produção ou na interpretação de formas simbólicas não significa, porém, estar necessariamente consciente dessas regras. Essas convenções são, geralmente, aplicadas em uma situação prática, sendo parte do conhecimento tácito que os indivíduos aplicam através de um “imaginário coletivo”, as empregando no curso de suas vidas cotidianas. A terceira característica das formas simbólicas é o aspecto

“estrutural”, o que significa que elas exibem uma estrutura articulada, resultado de determinadas relações de uns com os outros (THOMPSON, 1995).

Assim, a maneira como um discurso é interpretado por indivíduos particulares, sua percepção como um "discurso" e o peso a ele atribuído estão condicionados ao fato de que essas palavras foram expressas por esse indivíduo, nessa ocasião, nesse ambiente, e de que são transmitidas por esse meio (um microfone, uma câmera de televisão, um satélite); mudando os elementos deste ambiente – suponhamos, por exemplo, que as mesmas palavras sejam expressas por uma criança para um grupo de pais admirados – as mesmas palavras adquirirão um sentido e um valor diferentes para aqueles que as recebem. É importante realçar que, ao destacar o aspecto contextual das formas simbólicas, estamos indo além da análise dos traços estruturais internos das formas simbólicas. (THOMPSON, 1995, p. 192)

É possível identificar e descrever as situações espaço-temporais específicas em que as formas simbólicas são produzidas e recebidas. As formas simbólicas são produzidas (faladas, narradas, inscritas) e recebidas (vistas, ouvidas, lidas) por pessoas situadas em locais específicos, agindo e reagindo a tempos particulares e a locais especiais, e a reconstrução desses ambientes é uma parte importante da análise sócio-histórica. As formas simbólicas estão também especificamente situadas dentro de certos campos de interação.

Ao receber e interpretar formas simbólicas, os indivíduos estão envolvidos em um processo contínuo de constituição e reconstituição do significado, e este processo é, tipicamente, parte do que podemos chamar *reprodução simbólica dos contextos sociais*. O significado que é carregado pelas formas simbólicas e pode explicar formas de produção e recepção. O significado das formas simbólicas, da forma como é recebido e entendido pelos receptores, pode servir, ainda, para manter relações sociais estruturadas características dos contextos dentro dos quais essas formas são produzidas e/ou recebidas (THOMPSON, 1995).

Para reconstruir as possibilidades como as formas simbólicas são interpretadas e compreendidas nos mais diversos contextos da vida social, podemos recorrer a entrevistas e outros tipos de pesquisa etnográfica. Thompson chama de “interpretação da doxa” esta reconstrução, um processo interpretativo ou uma interpretação do entendimento do dia a dia. Desta forma, é uma interpretação das opiniões, crenças e compreensões que são sustentadas e divididas pelos indivíduos que fazem parte da sociedade. Para irmos além da interpretação da doxa, é necessário recorrermos aos tipos de análise que estejam contemplados no referencial metodológico que complementa a HP, levando em conta as condições sócio-históricas em que os objetos estão inseridos (THOMPSON, 1995).

Ao lidarmos com um campo que é constituído tanto pela construção do seu significado, a “explicação” e a “interpretação” não devem ser vistas, como muitas vezes ocorre, como termos mutuamente exclusivos; antes, podem ser tratados como momentos

complementares dentro de uma teoria compreensiva interpretativa, como passos que se apoiam mutuamente (THOMPSON, 1995).

Veronese e Guareschi (2006) acreditam que a pesquisa é o processo de procurar conhecer os processos de sentido que se configuram nos cenários sociais. Esses cenários, onde interagem sujeitos produzindo e recebendo formas simbólicas, vão ser apreendidos pelo pesquisador que vai criando os elementos de sentido, produzidos a partir da sua relação com os eventos. A apreensão que temos do fenômeno e dos eventos é subjetiva. Para tecer os elementos de sentido, uma das opções que se colocam na pesquisa social é a realização de um processo hermenêutico crítico, no qual se propõem sentidos viáveis e se sugere uma verdade plausível, mesmo que provisória (VERONESE; GUARESCHI, 2006).

A proposta em trabalhar com a HP está baseada, justamente, na abertura metodológica e crítica que a proposta de Thompson oferece. Com essa ferramenta teórica e metodológica, o pesquisador pode empreender análises discursivas, de conteúdo, semióticas ou de qualquer padrão formal que venha a ser necessário. Se o processo de interpretação é combinado com métodos explanatórios, os resultados podem ser ainda mais proveitosos e complementares. “O potencial inovador da abordagem da HP poderia residir no fato de que ela supera as abordagens tradicionais [...], invocando a necessidade de propor sentidos, discuti-los, desdobrá-los” (VERONESE; GUARESCHI, 2006, p. 87).

Estamos, enquanto pesquisadores, procurando descobrir os sentidos ocultos que cobrem os fenômenos sociais. Na HP, são propostos sentidos, que muitas vezes são interpretados como ideológicos. Para isso, porém, é necessário argumentar e debater, sem perder de vista a racionalidade argumentativa e comunicativa. “Se afirmamos algo, através da interpretação, temos a obrigação de *justificá-lo*, de fundamentar essa interpretação em argumentos [...]” (VERONESE; GUARESCHI, 2006, p. 87). Neste sentido, a Hermenêutica de Profundidade, justamente por ter uma aplicação ampla e flexível a múltiplas interpretações, pode ser adaptada e pode ser combinada com outros métodos, como os digitais.

5.2 MÉTODOS DIGITAIS

Para as pesquisadoras Suely Fragoso, Raquel Recuero e Adriana Amaral (2009), uma das grandes dificuldades da pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais e, de um modo especial, da pesquisa a respeito de novas tecnologias e *internet*, é a abordagem empírica. Trata-se de um enorme desafio para os pesquisadores da cultura digital pensar e aplicar abordagens metodológicas que sejam eficientes, uma vez que, quando falamos em *internet*, ela “pode ser

tanto *objeto* de pesquisa (aquilo que se estuda), quanto *local* de pesquisa (ambiente onde a pesquisa é realizada) e, ainda, *instrumento* de pesquisa” (FRAGOSO et al., 2009, p. 17).

Sobre as dificuldades de pensar cientificamente um objeto digital, Rogers (2013) sublinha a importância de atentar para repentinas reconfigurações de objetos de pesquisa, o que frequentemente ocorre quando se trata de redes sociais, por exemplo. O Facebook, em março de 2009, mudou uma configuração primordial: usuários começaram a ter a possibilidade de fazer os seus perfis abertos a todos os outros usuários, em oposição a apenas amigos ou amigos de amigos (como na configuração prévia) (ROGERS, 2013). Além disso, trata-se de uma ferramenta que dá muito poder aos usuários, que podem, quando assim decidirem, deletar comunidades inteiras ou criar perfis falsos: a *internet* está em constante transformação e o próprio método que permitia analisar uma ferramenta pode sofrer mudanças. O caso da dissertação de Andressa Fantoni (2016) é interessante ser analisado: o Instagram, objeto do trabalho, realizou alterações no *feed* (não sendo mais em ordem cronológica), introduziu uma nova forma de compartilhar as fotos (com o recurso *Stories*, com fotos temporárias) e no seu design interno. Essas mudanças foram incorporadas em 2016 (quando a pesquisa estava encaminhada ao fim), o que alterou a maneira como os usuários recebiam as fotos no aplicativo, o que resultou, é claro, em modificações nas conclusões finais de sua pesquisa.

Até meados dos anos 1990, muitos pesquisadores acreditavam que a Comunicação Mediada pelo Computador (CMC) era apenas um meio “descolado”, adequado para o compartilhamento de dados e informações, mas pouco adequado para usos sociais. Outros viam a CMC com um potencial igualitário e utópico: qualquer um poderia interagir de forma aberta, livre e democrática. A vida social que realmente começa a ser vista na *internet* no fim da década de 1990 não corresponde à risca a nenhuma dessas visões, mas provê uma rica fonte de dados para o estudo do discurso e de práticas sociais (HERRING, 2001).

De acordo com Baym (2010), a CMC é produzida quando humanos interagem uns com outros a partir da transmissão de mensagens através de computadores conectados. Propomos, aqui, deixar claro que a ideia que Herring (2001) utiliza ao falar em computadores também pode ser ampliada para *smartphones*, *tablets* e outros dispositivos com telas. Como vimos no primeiro capítulo, nunca houve tantas maneiras de se comunicar com outros como agora e se antes estávamos limitadas a conversas face a face, a era digital e as suas transformações pelas telas mediam a maneira como interagimos uns com os outros (BAYM, 2010).

A CMC pode tomar forma através de *e-mails*, grupos de discussões em redes sociais, *chats*, jogos virtuais, para citar alguns exemplos. As propriedades linguísticas variam dependendo do contexto que incorpora os usos das mensagens. O que todos têm em comum, contudo, é o fato de que a atividade que acontece através destes meios é constituída, primariamente, por uma linguagem apresentada através da tela (HERRING, 2001).

Herring (2001) apresenta um pensamento foucaultiano para defender que, enquanto sociedade, sabemos que as instituições são construídas e mantidas através do discurso. Para a autora, em nenhum outro lugar isso se torna tão verdadeiro quanto na *internet*, onde verdadeiras comunidades de usuários se unem, sem compartilhar espaço geográfico ou tempo (no caso da CMC, muitas vezes, assíncrona), e criam estruturas sociais exclusivamente através de palavras (HERRING, 2001), curtidas e outros símbolos eletrônicos.

A CMC é, normalmente, considerada a partir de uma mídia distinta de fala e escrita. As trocas da CMC são tipicamente mais rápidas que as trocas escritas, mas mais lentas que as trocas faladas – digitar é mais lento que falar. Além disso, a disseminação de uma CMC envolve a distribuição de mensagens entre uma audiência não vista (e, muitas vezes, anônima), enquanto cria o efeito de trocas diretas e até privadas. Outro papel importante que molda a CMC é a sincronicidade: enquanto conversas assíncronas não requerem que os usuários estejam *online* ao mesmo tempo (como acontecem nas trocas de *e-mails*), as conversas síncronas exigem que o remetente e o receptor estejam conectados “em tempo real” (HERRING, 2001).

A linguagem é, neste sentido, altamente variável em ambientes de CMC. Depende do contexto e dos fatores sociais que regem cada ambiente particular. Além disso, a CMC permite que os usuários escolham as suas palavras com mais cuidado – no caso do Facebook, é possível editar as mensagens dos *posts* e dos comentários –, o que renegocia dinâmicas como flertes, provocações e intimidações. Os usuários das telas também desenvolveram estratégias compensatórias para substituir interações faceaface. A mais conhecida delas é o uso dos *emoticons*, que representam expressões faciais (HERRING, 2001). Como observado no primeiro capítulo, o Facebook já atentou para tal necessidade, incorporando a ferramenta das “reações”, que correspondem à felicidade, surpresa, tristeza, entre outros

A Análise de Redes Sociais (abreviada para ARS algumas vezes nesta e em diversas pesquisas) surgiu em meio aos estudos sociológicos do começo do século XX e confunde-se com o surgimento da Sociometria, um braço matemático de análise. Parte dessa tradição tem início com a entrada dos trabalhos de George Simmel, sociólogo alemão, através dos estudos e mapeamento de relações sociais (e como essas relações influenciavam os sistemas sociais),

enquanto outros autores creditam as primeiras instituições dos estudos de rede ao filósofo Auguste Comte, mostrando que ele teria cunhado muitos dos termos que hoje seriam comuns no campo dos estudos de redes, como, por exemplo, as ideias sobre as *dinâmicas sociais* (FRAGOSO et al., 2009).

Entretanto, é geralmente o trabalho de um intelectual de Viena, Jacob Levy Moreno, que emigrou para os Estados Unidos no início do século XX, que é normalmente creditado pelos princípios que regem a análise de redes sociais (DEGENNE; FORSÉ, 1999; SCOTT, 2000; entre outros). Moreno (1978) escreveu, em 1934, o livro que é considerado um dos pilares fundadores dos estudos sociométricos, onde buscou quantificar sistematicamente interações e avaliar seu impacto no grupo, além de criar boa parte das principais definições que hoje regem a análise de redes sociais, bem como do conceito de sociograma. (FRAGOSO et al., 2009, p. 117)

A ARS nasce, portanto, de um conjunto de estudos com foco empírico e sistemático, com um foco matemático e gráfico. Há vários estudos sobre a qualidade e a intensidade dos laços sociais, que podem ser fortes ou fracos, conforme as conexões e conversas dos indivíduos. Os laços fortes conectam indivíduos que dividem intimidades, grupos sociais próximos e amigáveis. Já os laços fracos, por outro lado, conectam “conhecidos”, ou atores cujas relações sociais são menos íntimas e aprofundadas. Neste âmbito, é possível verificar a qualidade dos laços, sua percepção pelos atores e os valores, como o capital social, que são construídos nesses espaços. Sobre o capital social, aliás, é preciso estudar não apenas o grau de relações dos usuários, mas igualmente, o conteúdo das mensagens trocadas na rede⁸⁹. (FRAGOSO et al., 2009). Neste sentido, colocando a alteridade em perspectiva, percebemos a importância de olhar para as manifestações dos usuários em HONY e o modo como eles interagem entre si a partir da página.

A ARS parte da seleção do objeto e da forma de coleta de dados – o que deve ser feito antes de se iniciar uma análise. Um primeiro passo é pensar como serão considerados os atores e suas conexões, ou seja, o que será considerado uma conexão e o que será considerado um nó (ator ou instituição). Nenhuma rede tem fronteiras “naturais”: é papel do pesquisador demarcá-las. A coleta de dados do estudo das redes sociais é, ainda, geralmente associada com um sistema de análise que tem uma problemática quantitativa, ainda que análises qualitativas também ocorram (FRAGOSO et al., 2009). Nesta pesquisa, priorizaremos uma análise qualitativa do conteúdo.

⁸⁹ Nesta pesquisa, justamente, olharemos para a questão do conteúdo das mensagens trocadas para analisar a recepção do público de *Humans of New York*; não serão levados em conta os graus de laços sociais entre os usuários, uma vez que este seria assunto para outra pesquisa.

É interessante notar, neste quesito, a grande variedade de atividades de discurso que acontece na CMC e a ampla gama de experiências humanas que elas proporcionam. Esses fenômenos permitem múltiplas abordagens para a análise, provindas de diferentes campos de pesquisa. O estudo qualitativo da CMC permite que nós vejamos fenômenos da *internet* – e os seus potenciais – com mais clareza. A Comunicação Mediada por Computadores não é uma tendência, mas, sim, uma realidade já bem estabelecida: enquanto existirem telas, e enquanto existir trocas comunicacionais, nós precisaremos de métodos para analisar estes discursos mediados (HERRING, 2001) e estas apropriações que transformam *sites* em redes sociais (RECUERO, 2017), como vimos anteriormente.

Neste sentido, Rogers (2013, p. 20) propõe:

Nos seus estudos reveladores sobre o uso da *Internet* em Trinidad e Tobago, os etnógrafos Daniel Miller e Don Slater desafiaram a ideia do ciberespaço como um reino à parte onde todos os habitantes experimentavam as suas transformações de identidade, não importa a sua localização. Slater e Miller se basearam na *Internet*, argumentando que os trinitinos se apropriaram do meio, fazendo-o servir as suas próprias práticas culturais. Enquanto um caso de estudo, o impulso geral da pesquisa foi o seu potencial para generalização. Se os trinitinos estavam usando a *Internet* para encenar a cultura trinitina, a expectativa era de que outras culturas estavam fazendo o mesmo.

Rogers (2013) propõe, neste contexto, que a pesquisa da *internet* seja usada em novos usos para além dos usuais. Neste sentido, o autor questiona: como remover a pesquisa da *internet* de estudos que focam apenas na cultura *online*? Rogers propõe uma nova era na pesquisa da *internet*, uma que não se divida entre real e virtual. Em relação à prática de pesquisa, Rogers faz um apelo para que os pesquisadores incluam as mudanças de cultura na sociedade em seus trabalhos, ressaltando a importância de considerar as condições e os impactos do uso da *internet*.

De acordo com Recuero (2017), recentemente, a análise de redes sociais teve uma mudança importante: a ampliação do foco do estudo de grupos pequenos para grupos em larga escala. Essa transformação está relacionada à disponibilização dos dados ao uso de métodos computacionais, que permitiram uma crescente multidisciplinariedade, como também proposta por Roger (2013). Esse momento de aproximação e troca entre disciplinas de “exatas” e “humanas”, contextualiza um novo momento para a ARS (RECUERO, 2017).

5.3 HERMENÊUTICA E MÉTODOS DIGITAIS: UMA APROXIMAÇÃO

As tecnologias possuem grandes implicações no nosso entendimento do que significa “humanidades”. Como interpretar um “texto” que se modifica no momento do consumo? O nosso cérebro não está apenas se adaptando a um novo mundo, mas, sim, *desenvolvendo* um novo mundo, em uma reação à interação com as informações digitais que temos disponíveis (EVANS; REES, 2012).

Para Akker (2011), a chamada hermenêutica digital é o resultado do encontro da hermenêutica com a tecnologia de rede. Tradicionalmente, a hermenêutica tem sido uma teoria de interpretação das disciplinas humanas. Com a ascensão da *web*, esta teoria deve ser alterada para levar em conta a interpretação da (excedente) informação disponível no ambiente digital. A hermenêutica digital forma o contexto apropriado para pensar sobre o acesso a informações e os seus contextos *online*. O seu principal objetivo é investigar a relação entre o processo de interpretação humana e as aplicações da *web* que apoiam este tipo de procedimento (AKKER, 2011).

Capurro (2010) enxerga a questão como um desafio que a hermenêutica encontra frente às tecnologias digitais emergentes. A hermenêutica do século XXI, depois de ter passado pela teoria crítica (Jürgen Habermas), pelo desconstrutivismo (Jacques Derrida), pela fenomenologia do símbolo (Paul Ricoeur), entre outras teorias, passa pelo desafio, hoje, de coexistir com a técnica digital, o que poderia ser traduzido pelo termo “hermenêutica digital” (CAPURRO, 2010).

Cada transformação lançada pelas novas tecnologias causa a criação de um novo tipo de racionalidade. Capurro (2010) atenta para o fato de que, hoje, o desafio da *internet* para a hermenêutica concerne primariamente a sua relevância social. Esta questão não está apenas em todos os níveis da sociedade, mas também no entendimento próprio dos seres humanos, que são impactados por uma realidade fundada por uma construção digital. O desafio da hermenêutica na era digital é se duplicar, no sentido de pensar o digital e, ao mesmo tempo, ser direcionada por ela (CAPURRO, 2010).

Se a hermenêutica filosófica descobre a importância da interpretação para a compreensão, a partir da construção sócio-histórica do sujeito, a hermenêutica digital radicaliza este processo de autocompreensão e autoconstrução (CAPURRO, 2010).

[...] a hermenêutica filosófica tem de fazer o esforço de compreender a mesma técnica computacional e não apenas aos processos de compreensão e construção de sentido que ela possibilita, se não quer negar-se performativamente. Em outras palavras, a hermenêutica do século XXI tem como tarefa a interpretação da

racionalidade digital assim como também a sua autointerpretação no horizonte da dita racionalidade. (CAPURRO, 2010, p. 236, tradução nossa⁹⁰)

Esta aplicação do espectro de problemas de interpretação e produção de sentido a partir das técnicas avançadas do século XXI tem como foco social o estudo dos sistemas de interpretação social, que atualmente chamamos de Web 2.0. Desta forma, a tarefa da ética da hermenêutica consiste em perguntarmos quem somos – global e localmente – no horizonte das culturas digitais. A pergunta sobre o nosso ser não aponta para uma tese sobre a essência do ser humano, mas, sim, a uma tomada de consciência do que nós estamos nos tornando. Se somos um algoritmo na rede também é essencial questionar: o que significa a transformação da humanidade em uma totalidade mediatizada e diferenciada digitalmente? (CAPURRO, 2010).

Tomando como base o que vimos nestas últimas páginas acerca da Hermenêutica de Profundidade, como proposta por Thompson (1995), e dos métodos digitais, lançamos a ideia de uma aproximação possível. Considerando a importância de realizar uma análise sócio-histórica e contextual, chegamos a uma hermenêutica aplicada às redes (como Facebook, Instagram ou Twitter) que envolvem atores sociais. Além de entender o funcionamento da rede a qual estamos nos referindo – suas propriedades, seus objetivos, suas possibilidades de interação -, é essencial lançar um olhar analítico para os padrões de comunidades, páginas, *posts* e trocas entre os usuários que surgem nessas redes.

Para se pensar além: é necessário entender quem são os usuários que formam as redes, e o que estão pensando no momento sobre os mais variados assuntos. A análise desse conteúdo disponibilizado de forma massiva é o que Thompson chama de “terceira fase” ou (re)interpretação. É neste ponto que o pesquisador vai chegar aos *insights* que, em conjunto, vão permitir a reformulação de conceitos consagrados e que, tradicionalmente, regem a sociabilidade humana. Hoje, tais conceitos devem e podem (com os recursos disponíveis que temos) ser analisados – e, quiçá, reformulados – à luz das redes sociais na *internet*.

5.4 REUNINDO OS *POSTS* E COMENTÁRIOS

⁹⁰[...] *la hermenéutica filosófica tiene que hacer el esfuerzo de comprender a la técnica computacional misma y no sólo a los procesos de comprensión y construcción de sentido que ella posibilita, si no quiere negarse performativamente. En otras palabras, la hermenéutica del siglo XXI tiene como tarea la interpretación de la racionalidad digital así como también su autointerpretación en el horizonte de dicha racionalidad.*

Neste momento, julga-se importante evidenciar a parte prática do trabalho, explicando como faremos a aplicação da Hermenêutica de Profundidade (HP). Primeiramente, é importante atentar para o fato de que nos capítulos 2, 3 e 4 completamos o que Thompson (1995) denomina de primeira fase da HP, a análise sócio-histórica, a partir da contextualização e evolução da *internet*, redes sociais e Facebook. Agora, passaremos para a segunda fase, a análise formal/discursiva, que parte da premissa de que os objetos e expressões que circulam nos campos sociais são também construções complexas que apresentam uma estrutura articulada (THOMPSON, 1995). Nesta segunda fase, faremos a descrição e análise dos *posts* de Brandon Stanton e da recepção do público. A terceira fase estará presente na parte final da análise, quando faremos a interpretação/reinterpretação do conteúdo selecionado.

Escolhemos, para ser objeto da análise, 20 postagens, publicadas entre 2016 e 2017, que corresponderam a critérios pré-estabelecidos para que pudessem responder com precisão às questões propostas inicialmente.

São eles:

- 1) O protagonista do relato deve ser, obrigatoriamente, um(a) nãoestadunidense, ser um(a) imigrante nos Estados Unidos; um humano *em* Nova York, mas não *de* Nova York;
- 2) A foto deve ser composta por apenas uma única pessoa, para que possamos saber com clareza de quem é o relato;
- 3) A foto deve ter sido tirada em Nova York.

Não há critérios em relação à idade, ao gênero ou à classe social dos retratados nos *posts*. O objetivo é reunir todos os imigrantes que tiveram os seus depoimentos incluídos na página de Brandon Stanton a partir do dia 24 de fevereiro de 2016⁹¹, quando foram incorporadas as reações no Facebook, até o dia 31 de dezembro de 2017. Os resultados funcionam a partir de uma leitura exaustiva dos *posts*, seguida da etapa final, a da interpretação, contida nas considerações finais. É interessante observar que o acompanhamento da página *Humans of New York* pela autora teve início em 2014, muito antes desta dissertação ser um projeto.

⁹¹ Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/02/facebook-libera-cinco-novos-botoes-alternativos-ao-curtir.html>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

Verificamos alguns perfis de imigrantes retratados, que, de certa forma, são vistos como “lutadores” – os que enfrentam dificuldades por causa da sua condição estrangeira –, como “integrados” – aqueles que parecem não ter grandes dificuldades em viver em uma cultura diferente da sua – e, por fim, os “Sonhadores” – cujas particularidades se devem a um contexto político próprio de 2017, como veremos a seguir.

Foram selecionados 195 comentários ao total. Esta seleção se deu em função da sua popularidade (aqueles com mais curtidas) e quando faziam o resumo de alguma ideia presente em outros comentários (de forma a simbolizar uma reação geral do público). A fim de clarificar os resultados, ainda que evitando uma categorização rigorosa para ter mais liberdade sobre a interpretação, podemos dizer de forma resumida que os comentários se assemelham e se diferenciam em alguns aspectos. Isto permite a inferência de que os comentários⁹² (1) podem exprimir hospitalidade; (2) podem saudar diferenças e (3) podem atacar as pessoas retratadas nos *posts*.

A análise dos *posts* e comentários será feita de forma conjunta, justamente para que se estabeleça o diálogo entre o conteúdo do relato e a recepção do público.

Quadro 1 - Lista de *Posts* por Nacionalidade⁹³

Nacionalidade	Data do <i>post</i>
Brasileiro	03 de março de 2016
Liberiana	29 de março de 2016
Indiana	03 de maio de 2016
Albanesa	05 de maio de 2016
Chinesa	01 de julho de 2016
Coreano	06 de julho de 2016
Gabonense	14 de julho de 2016
Guatemalteco	18 de julho de 2016
Kosovar	03 de agosto de 2016
Venezuelano	23 de outubro de 2016
Porto-riquenha	28 de outubro de 2016
Não especificada	09 de novembro de 2016
Ganês	05 de dezembro de 2016
Boliviana	11 de dezembro de 2016
Não especificada	16 de junho de 2017
Guianês	28 de junho de 2017
Mexicana	20 de setembro de 2017
Equatoriano	25 de setembro de 2017

⁹² Ainda que não seja completamente claro, o Facebook pode levar em consideração outros fatores além da popularidade (número de curtidas) no momento de evidenciar conteúdos nos *feeds* dos usuários. Como vimos no capítulo 1, os algoritmos do Facebook levam em conta a rede de amigos, por exemplo, e isto pode influenciar quais comentários chegam até a autora.

⁹³ Organizado cronologicamente

Não especificada	27 de setembro de 2017
Bahamense	03 de outubro de 2017

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Com finalidade de organização, a análise será exposta cronologicamente, com o primeiro *post* do dia 03 de março de 2016 e o último do dia 03 de outubro de 2017. A coleta dos comentários aconteceu entre os dias 10 de setembro de 2017 até 31 de dezembro de 2017. Para clarificar o conteúdo dos comentários, corrigimos eventuais erros de digitação e não reproduzimos *emojis*⁹⁴, uma vez que estamos fazendo uma interpretação do conteúdo, sem considerar recursos estéticos. Respeitamos, porém, as palavras em maiúsculo e as pontuações (para que pudéssemos observar os momentos quando os usuários buscavam chamar a atenção para alguma ideia).

Segundo Recuero (2017), quando coletamos dados *online*, é fundamental considerar a questão da privacidade dos atores – no caso desta pesquisa, os usuários que deixaram comentários nos *posts*. Portanto, é sempre importante anonimizar os dados coletados, mesmo que sejam de bancos de dados públicos, dificultando o reconhecimento de atores individuais (RECUERO, 2017). Desta forma, todos os nomes dos usuários foram substituídos por “Usuário 1”, “Usuário 2” e assim por diante. O acesso e a coleta dos *posts* e comentários ocorreram durante os meses de setembro, outubro e novembro de 2017.

Após a delimitação do *corpus* e dos procedimentos, será realizada uma análise dos *posts* do HONY, para passarmos, enfim, para a etapa final, a da interpretação.

5.4.1 Análise Formal dos *Posts* e Comentários

Como objeto da análise, temos, como já explicado anteriormente, 20 postagens, publicadas entre 2016 e 2017, e 195 comentários ao total. Antes de passarmos para a etapa da interpretação, temos, ainda, um capítulo que quantifica reações e comentários com o objetivo de auxiliar a comparar o nível de popularidade entre os *posts*.

5.4.1.1 Análise do *Post* 1

No dia 03 de março de 2016, um olhar mais atento poderia captar algo de diferente sendo postado na página *Humans of New York*, onde comumente é possível acompanhar

⁹⁴*Emojis* são símbolos eletrônicos que remetem a sentimentos humanos. Exemplos: 

histórias de habitantes de uma das maiores metrópoles do mundo. A história era de um brasileiro – o primeiro imigrante a ter sua história contada naquele espaço em 2016. A primeira frase resume bem o relato inteiro: “Eu achei que iria prosperar aqui”. Outrora bem-sucedido no Brasil, onde era considerado um profissional qualificado, Bruno conta sobre as dificuldades profissionais enfrentadas em Nova York. Muitas delas resultados sutis das diferenças culturais, como o seu sotaque, uma das principais marcas do estrangeiro. Vemos tristeza, medo e insegurança em relação ao futuro, mas no fim, é possível captar um pouco de esperança em sua fala (ele conta que, apesar de tudo, as coisas parecem melhorar, pois ele fechou dois contratos de trabalho recentemente).

Figura 13- Brasileiro fala sobre as suas dificuldades em Nova York



Fonte: Humans of New York (2016).

Eu achei que ia prosperar aqui. Eu tenho um MBA e um mestrado em engenharia. Eu trabalhava para uma grande imobiliária no Brasil. Eu era o responsável pela aquisição de terrenos. Eles me diziam: “Bruno, vá encontrar oportunidades para nós”. Eu localizava boas propriedades e então negociava um preço. Eu gerava muito retorno. Eu me sentia poderoso. Quando eu falava com pessoas ricas e políticos, eu me sentia equivalente a eles. Não de forma arrogante. Mas eu não me sentia inferior quando falava com eles. Vir para Nova York realmente desafiou a minha confiança. Eu me candidatei a mais de cinquenta empresas quando cheguei. Talvez cem. Mas ninguém me contratou. Eu tenho uma filha que vai nascer em agosto, então agora eu estou tentando trabalhar como corretor de imóveis. Mas isso tem sido muito difícil também. Eu só fechei um negócio até agora, e eu dividi com outro corretor. Talvez seja porque o meu inglês não é perfeito. Recentemente eu ofendi uma senhora milionária quando sugeri que ela limpasse o seu apartamento antes de mostrá-lo. Eu mostrei pra ela um pouco de poeira e ela me disse para não voltar mais. Isso foi realmente difícil pra mim porque eu me orgulhava muito das minhas habilidades com pessoas. E parecia que até isso havia me deixado. Mas eu acho que as coisas estão finalmente dando uma virada. Eu tenho dois acordos marcados para esse mês. E ontem eu passei um dia inteiro com uma senhora da China, e ela mal falava inglês, mas no fim do dia ela me disse: “eu confio em você.” (HUMANS OF NEW YORK, 2016, tradução nossa⁹⁵)

⁹⁵*I thought I would thrive here. I've got an MBA and a Masters in Engineering. I worked for a major real estate developer back in Brazil. I was in charge of land acquisitions. They would tell me: “Bruno, go find opportunities*

A maioria dos comentários se caracterizava por ter uma carga positiva, com mensagens de apoio e de incentivo a Bruno. Vários comentaram frases como “bem-vindo” e “tudo vai dar certo”. Este primeiro, um dos mais populares, recebeu mais de 2 mil curtidas.

Usuário 1: Você está prosperando, meu amigo. Você tem um MBA, uma graduação em engenharia, é bilíngue (no mínimo), se mudou do Brasil para os EUA, conseguiu a sua licença de corretor e aterrissou na maior empresa de corretagem em Manhattan (Douglas Ellman foi fundada em 1911 como um brechó na Madison Avenue, 421, e hoje é a maior empresa de corretagem de residências em Nova York e a quarta maior nos Estados Unidos). Você está apenas enfrentando um desafio de identidade, autoestima e realocação. Nem toda a trajetória na vida é linear. [...] Boa sorte! (FACEBOOK, 2016, tradução nossa⁹⁶)

Usuária 2: Bem-vindo a América e bem-vindo ao mundo da corretagem imobiliária, Bruno! Foque nas pessoas que fazem valer a pena, a sua família, os seus clientes que se tornam a sua família estendida, e você mesmo. Eu estou no momento lendo *The Sell* de Fredrik Eklund, um corretor altamente bem-sucedido de Nova York e eu altamente recomendo a você. Boa sorte! (FACEBOOK, 2016, tradução nossa⁹⁷)

Usuária 3: Continue lutando. Este país é para os corajosos e você, senhor, é corajoso. Eu me mudei em 2004, confiante e em meses eu estava mal. Mas eu sou uma sobrevivente e você também é. Olhe no espelho e diga a si mesmo que você foi criado para este momento. David Thoreau disse vá confiante na direção dos seus sonhos e obstáculos serão removidos. Tenha um dia abençoado. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa⁹⁸)

Outros relataram a sua própria experiência como imigrantes e portadores de sotaques, além do preconceito muitas vezes enfrentado.

for us”. I’d locate good properties and then negotiate a price. I generated a lot of revenue. I felt powerful. When I spoke to rich people and politicians, I’d feel like their equal. Not in an arrogant way. But I did not feel inferior when I spoke to them. Coming to New York has really challenged my confidence. I applied to over fifty companies when I arrived. Maybe one hundred. But nobody hired me. I have a new daughter coming in August, so now I’m trying to work as a real state broker. Maybe it’s because my English is not perfect. Recently I offended a wealthy lady by suggesting she clean her apartment before showing it. I showed her some dust and she told me to never come back. That was really tough for me because I was really proud of my people skills. And now it seemed that even those had left me. But I think that things are finally beginning to turn around. I have two closings scheduled this month. And yesterday I spent all day with a lady from China, and she barely spoke English, but at the end of the day, she told me: “I trust you”.

⁹⁶*You are thriving my friend. You have an MBA, an engineering degree, are bilingual (at least), moved from Brazil to the US, got your broker’s license and landed in the largest brokerage company in Manhattan (Douglas Elliman was founded in 1911 as a basement store at 421 Madison Avenue and is the largest residential real estate brokerage in New York and the fourth largest real estate company in the United States). You are only facing a challenge of identity, self-esteem and relocation. Not every trajectory in life is linear. [...] Good luck!*

⁹⁷*Welcome to America and welcome to the real estate world Bruno! You will do great things. Focus on the people that make it worth it, your family, your clients that become like your extended family, and yourself. I’m currently reading *The Sell* by Fredrik Eklund, a highly successful NYC broker and I highly recommend it to you. Best of luck!*

⁹⁸*Keep fighting. This country is for the brave and you sir are brave. I moved here in 2004, confident and within months I was broken. But I am a survivor and so are you. Look in the mirror and tell yourself that you are created for this moment. David Thoreau said go confidently in the directions of your dreams and obstacles will be removed. Have a blessed day.*

Usuária 4: Eu concordo plenamente. Eu sou de Cameroon, do oeste da África e eu falo inglês e francês. Quando eu me mudei pra cá todos achavam que eu era um tolinho da floresta... Risos eles se surpreendiam por eu ser fluente em inglês. Durante um evento na minha universidade eu tive de ler em francês e todo mundo ficou maravilhado, uma pessoa me disse que achava que eu era inteligente agora que ele sabia que eu podia falar francês... Eu apenas sorri e me afastei. Ignorância! Com o tempo Bruno vai ficar bem. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa⁹⁹)

Usuária 5: Eu acho que essa é a coisa mais difícil que eu tive de enfrentar como uma imigrante: o sentimento de ser indesejado. Não importa o quanto nós trabalhamos, e o quão bons cidadãos nós somos, quantas taxas nós pagamos, quanto nós estudamos... Algumas pessoas ou situações fazem nos sentir como se não devêssemos estar aqui. E isso machuca bastante. Porque nós estamos dando as nossas vidas, nossos trabalhos, nosso suor para esse país que parece nos querer fora [...]. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁰⁰)

Usuária 6: Estando casada com alguém de outro país... [...]. Meu marido tem mais educação do que eu e falava inglês antes de chegar aqui, mas ninguém olha para uma graduação de outro país e respeita isso – você tem de começar do zero. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁰¹)

5.4.1.2 Análise do *Post* 2

O próximo relato é de uma mulher liberiana que emigrou para os Estados Unidos quando tinha 18 anos. O foco é a sua adoção por um casal de judeus, que a consideravam sua filha e que patrocinaram a sua educação. É interessante notar, a partir da foto, como a liberiana manteve as suas tradições, com trajés típicos, que marcam bem a diferença em relação a roupas ocidentais. O assunto “imigração” está sutilmente demarcado no conteúdo principal do *post*, a adoção inter-racial – uma adoção realizada com diferenças étnicas e culturais (e possivelmente religiosas) entre a liberiana e os pais americanos e judeus. O conteúdo do *post* exprime alegria, felicidade e gratidão em relação aos pais adotivos, que representam bem a questão da hospitalidade e orgulho das suas origens (esta exposta a partir da foto). Trata-se de uma pessoa integrada ao local em que vive.

⁹⁹*I totally agree. I'm from Cameroon, wesst Africa and I speak both English and French. When I moved here every one thought I was some dummy from the forest... lol they were surprised I was fluent in English. During na event at my university I had to read in french, and everyone was amazed. Someone actually told me he thought I was smart now that he new I could speak French... I just smiled and walked away. Ignorance! With time Bruno will be fine.*

¹⁰⁰*Litha Bacchi I think that is the hardest thing I had to go through as an immigrant: the feeling of not being wanted. It doesn't matter how hard we work, and how much of a good citizen we are, how many taxes we pay, how much we study... Some people or situations make us feel like we shouldn't be there. And that hurts a lot. Because we are giving our life, our work, our sweat to this country that seems to want us out.*

¹⁰¹*Sheannah Flores: Being married to someone from another country... [...]. My husband has more education than I do and spoke English before coming here, but no one looks at a degree from another country and honors it – you have to start over.*

Figura 14- Liberiana fala sobre a sua adoção por um casal estadunidense



Fonte: Humans of New York (2016).

Eu emigrei da Libéria com dezoito anos, e uma adorável família judia me acolheu e ajudou a financiar a minha educação. Os seus nomes eram Anne e William Rothenberg. Eles nunca nem haviam me conhecido antes. Mas eles me deixaram morar com eles e me apresentavam a todos como sua filha. Eles nunca explicavam além disso – eu sempre fui apenas “a nossa filha”. Era tão engraçado ver a confusão na cara das pessoas. Eles já morreram. Mas uns anos atrás eu inaugurei um fundo de bolsas para crianças liberianas, e o nome é uma homenagem a eles. (HUMANS OF NEW YORK, 2016, tradução nossa¹⁰²)

O *post* instigou outras pessoas a compartilharem a sua própria história, contando sobre quando elas estiveram na posição de estrangeiras.

Usuária 7: Eu era uma estudante internacional em Iowa, e uma família me acolheu pela primeira semana e ajudou a me mudar para o meu dormitório. Isso foi há 19 anos!! E hoje é como se eles fossem minha mãe e o meu pai de Iowa, e eles me apresentar a todos como sua filha também! (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁰³)

¹⁰²*I emigrated from Liberia at the age of eighteen, and a lovely Jewish family took me in and helped fund my education. Their names were Anne and William Rothenberg. They had never even met me before. But they allowed me to live with them and introduced me to everyone as their daughter. They would never explain beyond that – it was always just “our daughter”. It was so fun to see the confusion on people’s faces. They’ve both passed away. But a few years ago I started a scholarship fund for Liberian children, and I named after them.*

¹⁰³*I was an international student in Iowa, and a host family welcomed me for the first week and then helped move to my dorm. That was 19 years ago!! And as if today they are my Iowa mom and dad, they introduce me as their daughter too!*

Usuária 8: O meu marido e a sua família vieram da Libéria quando ele tinha oito anos. Eles também tiveram uma família que os acolheu e os ajudou. Eu amo ver o amor e a compaixão que vem dos outros. (FACEBOOK, tradução nossa¹⁰⁴)

Usuária 9: Quando os meus pais se divorciaram e se casaram de novo nós nos tornamos uma família inter-racial, e a minha avó “emprestada” era negra. Ela morreu em janeiro e como eu sinto saudades! Ela nunca disse a ninguém que aquela menina branca, magrela e leitora não era a sua neta “de verdade”. [...] Ela era completamente amorosa e generosa – e mais do que tudo, acolhedora. Eu vou sentir falta do “vem cá me dar um beijo” até o dia que eu morrer. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁰⁵)

Usuária 10: Eu amo essa página desde que a conheci. Ann e Bill Rothenberg eram de fato pessoas maravilhosas. Eu conheci eles quando era uma estudante na Manhattan College. Eu passei muitas manhãs com Bill assistindo Jeopardy. O amor de um pelo outro era tangível e apesar de nunca ter te conhecido, eles de fato sempre falavam da sua filha. Eu estou chorando de alegria e admiração. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁰⁶)

Este último foi um dos mais relevantes, com 1,6 mil curtidas. Além disso, muitos elogiaram a sua forma de manter a própria cultura a partir de vestimentas típicas, o que denota tolerância e celebração das diferenças.

Usuária 11: Eu amo o vestido dela e o adereço do cabelo! Que maravilha ela manter as suas tradições e não esquecer de onde veio. Que legal saber que as pessoas ainda ajudam e retribuem. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁰⁷)

Usuária 12: Mostra como os pais dela tinham orgulho dela e da sua cultura, eles deixaram ela ser ela mesma. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁰⁸)

Usuária 13: [se referindo à usuária 12] Eu concordo totalmente. Em um país tão diverso como os EUA, é difícil às vezes mandar as nossas tradições e celebrar as nossas culturas, mas não é impossível¹⁰⁹.

5.4.1.3 Análise do Post 3

¹⁰⁴ *My husband and his family came from Liberia when he was 8 yrs old. They also had a family take them under their wing and help them. I love seeing the compassion and love come from others.*

¹⁰⁵ *When my parents got divorced and remarried we became an interracial family, and my 'step' grandmother was black. She died this past January and how I miss her! She never once told anyone that the skinny, bookish white girl was not her 'real' granddaughter. [...] She was completely generous and loving- and most of all accepting. I will miss hearing 'come give me some sugar!' until my dying day.*

¹⁰⁶ *I have loved this page for as long as I have known about it. Ann and Bill Rothenberg were indeed wonderful people. I met them both while I was a student at Manhattan College. I spent many evenings with Bill watching Jeopardy. Their love for each other was tangible and although I never met you, they did indeed always just talk about their daughter. I'm crying tears of joy and amazement.*

¹⁰⁷ *I love her dress and her hair piece! How wonderful that she keeps her traditions and doesn't forget where she came from. So nice to know that people still help and give back.*

¹⁰⁸ *Shows you how proud her parents were of her and her culture, they let her be herself.*

¹⁰⁹ *[...] I totally agree. In a country as diverse as the USA, it's hard sometimes to keep our traditions and celebrate our culture but it's not impossible.*

No início de maio, Brandon postou o relato é de uma indiana. Ela contou sobre como teve de enfrentar muitos obstáculos ao se mudar para os Estados Unidos. Vinda da Índia, ela conta sobre uma vida “programada”, na qual o marido dela sempre seria o chefe e responsável pela família. Quando ele adoeceu, ela teve de trabalhar e vencer por si própria, o que foi empoderador. O interessante é observar o que ela fala no fim: que se o marido estivesse vivo, talvez não gostasse de quem ela se tornou. Neste sentido, temos a clara diferença entre a liberdade ocidental *versus* os costumes e tradições indianos, uma sociedade na qual o papel da mulher é limitado. A entrevistada não esconde o orgulho de si mesma por ter sido corajosa, mesmo que isso fosse contra os costumes conservadores indianos.

Figura 15 - Indiana fala sobre o seu empoderamento



Fonte: Humans of New York (2016).

Eu cresci na Índia, onde uma mulher se casava, se aquietava, e mantinha uma casa. Eu nunca imaginei fazer nada de diferente. Eu vivi de forma muito protegida. Eu estudei em uma escola britânica, e então em uma faculdade de mulheres, e então eu conheci o meu marido. Eu assumi que ele cuidaria de mim pelo resto da vida. Mas logo depois de chegarmos na América, meu marido caiu em coma e durou mais quinze anos. Nós tínhamos um pequeno filho na época. Eu nunca havia trabalhado antes, exceto por um trabalho meio-turno na livraria do Met. Eu era uma pessoa muito quieta. E de repente eu tinha que tomar todas as decisões. Eu tive que pegar um trabalho de turno inteiro. Foi empoderador. Eu aprendi que eu podia ser corajosa, eu podia ter raiva, eu podia lutar. Eram três coisas que eu não nunca tive de ser antes. Eu estava pensando recentemente que se meu marido estivesse vivo, talvez não gostasse de quem eu me tornei. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹¹⁰)

¹¹⁰*I grew up in India where a woman got married, settled down, and kept a house. I never thought I'd do anything different. I lived a very sheltered existence. I went to a British school, the a women's college, and then I met my husband. I assumed that I'd be taken care of the resto f my life. But shortly after we came to America, my husband slipped into a coma and lingered for another fifteen years. We had a small child at the time. I'd never worked before, excpet for a part-time job in the bookshop at the Met. I was a very quiet person. And suddenly I had to make all of the decisions. I had to get a full time job. It was empowering. I learned that I could be fearless, I could be angry, and I could fight. These were three things that I'd never had to before. I was thinking recently, that if my husband had lived, he might not have liked who I've become.*

Observando o espaço de comentários, muitas mulheres que vivenciaram o tipo de vida (onde a mulher deveria ser subordinada ao homem) contaram sobre as suas próprias experiências, elogiando a coragem da entrevistada de se tornar independente. Este primeiro comentário, no topo da lista dos mais populares, contou com 6,8 mil curtidas.

Usuária 14: A sua história é tão inspiradora. Eu nasci na Índia e a minha vida estava “programada” bem como a sua. [...] Quando eu tinha 29 anos, eu me divorciei. Eu tenho 31 agora. Eu estou muito solteira. Eu moro perto da Filadélfia. Eu moro aqui há um ano e meio. Pela primeira vez na minha vida eu sinto que estou vivendo a MINHA vida. Eu não estou vivendo a vida que o meu marido, ou a sociedade ou a tradição querem que eu viva (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹¹¹).

Usuária 15: Eu estou orgulhosa e feliz que você lutou! Sendo uma bengali e indiana, eu consigo me relacionar muito com o que enfrentou. Eu nunca tive de passar por situações tão difíceis. Mas eu vi muitas situações parecidas e pessoalmente encarei (ainda estou encarando) mentalidades estereotipadas. Eu gostaria que mais e mais mulheres e homens comesçassem a lutar e sair do caminho programado que outra pessoa estabeleceu para eles. Vale a pena viver a sua própria vida mesmo ao custo da inconveniência (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹¹²).

É interessante notar, ainda, que muitos usuários, mesmo sem se conhecer além das telas, utilizam o espaço para opinar e travar discussões sobre questões culturais.

Usuária 16: Eu não entendo por que indianos vivendo fora gostam tanto de exagerar o conservadorismo do país no qual eles cresceram. [...] Talvez fosse a sua família. E a mesma coisa acontece em Israel, no Reino Unido, na China ou na América [...]. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹¹³)

Usuária 17: Ela não culpou a Índia. Ela disse que essa foi a cultura na qual ela cresceu. Mas isso definitivamente não é a maioria cultural nos Estados Unidos. Ela está contrastando com a cultura geral. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹¹⁴)

Usuária 18: Wow. Olha para o meu uniforme “eu sou muito privilegiada e moro na minha bolha onde todos os indianos têm todos os privilégios como eu”. Sim, a Índia é conservadora de muitas formas, talvez você não saiba disso porque você tem uma

¹¹¹*Your story is so inspiring. I was born in India and my life was "set" just like you. [...] By the time I was 29, I got a divorce. I am now 31. I am very single. I live near Philadelphia. I have been living here for a year and a half now. For the first time ever in my life I feel like I am living MY life. I am not living the life that my husband, or society, or tradition wants me to.*

¹¹²*I am proud and so happy that you fought! By the merit of being a Bengali and an Indian, I can very much relate to what you went through. I, myself, had never have to go through such severe situations. But I have seen plenty such instances around and personally faced (still facing) such stereotypical mentalities. I wish more and more women and men start learning to fight and come out of the set path that someone else has paved for them. It's worth living your own life even at the cost of inconvenience.*

¹¹³*I don't understand why Indians living abroad are so keen on exaggerating about the conservativeness of the country they grew up in. [...] It was maybe her family. And the same thing could happen in Israel, Russia, UK, China or America [...].*

¹¹⁴*She didn't blame India. She said that was the culture she grew up in. But that definitely is not the majority culture in the U.S. She's contrasting the overall culture.*

vida confortável. Perdão por machucar os seus sentimentos privilegiados. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹¹⁵)

5.4.1.4 Análise do *Post* 4

O relato seguinte é de uma albanesa que migrou com o marido para os EUA na juventude. Ela conta sobre como a descoberta da doença do filho pequeno surgiu como uma “puxada de tapete” na vida da família. Ela descreve as dificuldades pelas quais eles passaram na condição de imigrantes: a solidão, o idioma, o trabalho duro – etapas que foram vencidas. Além da tristeza e do medo (em relação ao futuro do filho), percebemos, no relato, orgulho, presente quando ela conta sobre a evolução deles (principalmente profissional), o que também está fortemente à integração com a sociedade norte-americana.

Figura 16- Albanesafala sobre a doença do filho



Fonte: Humans of New York (2016).

Eu não contei ao meu marido de cara. Eu só disse para ele me encontrar no parque, e foi onde eu contei a ele. O tempo inteiro Gabe brincou por perto. Foi muito difícil para o meu marido. Ele começou a chorar. Ele teve um ataque de pânico. As nossas vidas não haviam sido fáceis. Era muito difícil para nós na Albânia. Meu marido cresceu sem pai. Nós decidimos vir para a América sozinhos quando éramos adolescentes. Nenhum de nós falava inglês. Nós não tínhamos família aqui. Era muito solitário. Nós viemos do nada. Nós trabalhamos duro e estudamos à noite e ensinamos a nós mesmos o inglês. Meu marido conseguiu um trabalho como operário e eu consegui um trabalho em marketing. Nós compramos um lindo e ensolarado apartamento de um quarto. Nós recentemente pagamos a hipoteca. Nós até conseguimos mandar Gabe para uma escola privada. Parecia que nós estávamos evoluindo. Nós sentimos que havíamos, finalmente, superado os tempos difíceis. E então um tapete foi puxado e parecia que tudo havia desabado. Eu não sabia o que

¹¹⁵Wow. Look at the "since I'm so privileged I live in my bubble where all Indians have all the privilege like me" brigade. Yeah India is conservative in many ways, maybe you are oblivious because you have a comfortable life. Sorry for hurting your privileged feelings.

juntar primeiro. Eu conforto o meu filho, que está prestes a enfrentar a pior jornada da vida dele? Ou o meu marido? Ou a mim? (HUMANS OF NEW YORK, 2016, tradução nossa¹¹⁶)

Grande parte do público elogiou a capacidade da mulher, como mãe e imigrante, de lidar com as adversidades. Ela não representa uma ameaça à população, pelo contrário, deixa claro a sua condição de batalhadora e integrada à sociedade, o que suscitou simpatia por parte do público.

Usuária 19: para formar uma vida, trabalhar muito duro para conseguir estudar e, fazendo isto, tornar a América melhor. Eu lhes desejo bem e que o seu pequeno filho vença. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹¹⁷)

Umainteressante discussão suscitada pelo relato – e relevante especialmente no contexto deste trabalho, onde se busca questionar como as pessoas reagem às diferenças em um ambiente *online* – é sobre a falta de “curtidas”. Uma das usuárias responde ao questionamento dizendo que como conteúdo do *post* é muito triste ela não consegue “curtir” o que aquela família está enfrentando. Ainda que as reações fossem um recurso recente (e lançado apenas três meses antes da publicação), das 97 mil reações expressas no *post*, 24 mil correspondiam à tristeza, o que demonstra um início de compreensão do que o botão significa por parte do público.

Usuário 20: Eu não consegui não notar que estas histórias brutais possuem menos curtidas (até mesmo com a nova opção das “reações” apropriadas). Eu não sei se elas atraem menos olhares ou menos respostas mas eu acredito que são alguns dos mais incríveis relatos de HONY... honestas, autênticas, vulneráveis, penetrantes com humanidade, emoção e compaixão. O meu coração está pulsando enquanto eu tento imaginar o quanto este casal sacrificou, arriscou e alcançou frente a uma montanha para escalar em nome do seu filho inocente. Eu acho que nós acharíamos a vida muito cruel para suportar se não tivéssemos fé de que a própria vida (incluindo o

¹¹⁶*I didn't tell my husband right away. I just told him to come meet me at the park, and that's where I told him. The whole time Gabe was playing nearby. My husband took it very hard. He started crying. He had a panick attack. Our lives had not been easy. It was very difficult for us in Albania. My husband grew up without a father. We decided to come to America alone as teenagers. Neither os us spoke English. We had no family here. It was very lonely. We came from nothing. We worked very hard and we went to school ate night and we taught ourselves English. My husband got a job as a steam worker and I got a job in marketing. We bought a beautiful, sunny one-bedroom apartment. We recently paid off the mortgage. We could even afford to send Gabe to private school. It felt like we were evolving. We felt like we had finally made it past the hard times. Then the rug was pulled out from under us and everything crumbled. And I didn't know what to pick up first. Do I comfort my son, who's about to go through the worst journey of his life? Or my husband? Or myself?*

¹¹⁷*These are people immigrants who had a hard life, came here to make a life, work very hard to put themselves through school and in doing so, there are making America better. I wish them well and hope their little son will triumph.*

privilegio de aguentar a dor) é um milagre pelo qual devemos estar gratos. Alguns dias parece difícil reconciliar. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹¹⁸)

Usuário 21: Eu acho que apenas é triste demais “curtir” histórias tão emocionalmente tristes, especialmente quando se trata de crianças. Eu só consigo chorar lendo sobre o que essas pequenas almas enfrentam. Eu não “curto” o que elas estão enfrentando. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹¹⁹)

Usuária 22: Eu acho que as pessoas não respondem porque nós não sabemos o que dizer ou como processar a tragédia que é uma criança com câncer. Uma criança começando a viver tem de lutar pela vida dela/dela. É uma batalha e triste de forma incomensurável. Talvez, ainda, as pessoas não estejam respondendo porque elas não querem se dar conta que existe algo como o câncer infantil; é muito para encarar. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹²⁰)

Notamos, contudo, que os comentários com mais curtidas eram aqueles que compartilhavam histórias parecidas com as do relato, geralmente sobre crianças que haviam vencido a batalha contra o câncer.

5.4.1.5 Análise do *Post* 5

O quinto relato, publicado em junho de 2016, é de uma garota chinesa, adotada quando bebê. Ela conta sobre como ela e a sua mãe adotiva são unidas – ela cresceu sem um pai ou irmãos. A questão da imigração é sutil, e só aparece no que tange a nacionalidade da garota, que é chinesa.

¹¹⁸ *I can't help but notice that these multipart harrowing stories have relatively few 'likes' (even with the new option for appropriate 'reactions'). I don't know if they attract fewer eyes or just fewer responses but I do believe they are among HONY's most astonishing acts of reporting... honest, direct, authentic, vulnerable and piercing with humanity, emotion and compassion. My heart is pounding as I try to imagine this couple who has sacrificed, risked and achieved so much facing a new mountain to climb on behalf of their innocent child. I think we would find much of life too cruel to bear if we didn't have faith that life itself (including the privilege to face pain) is a miracle for which to be grateful. Some days that seems hard to reconcile.*

¹¹⁹ *I think its just too sad to "like" such emotionally sad stories, especially when it comes to children. I can only cry reading what these little souls go through. I dont 'like' what they are going through.*

¹²⁰ *I think people don't respond because we don't know what to say or how to process the tragedy of a child with cancer. A child just starting to live now has to fight for his/her life. It's baffling and sad beyond measure. Maybe, also, people aren't responding because they don't want to realize that such a thing as childhood cancer exists; it's just too much to face.*

Figura 17 - Garota chinesa conta sobre a sua história de adoção



Fonte: Humans of New York (2016).

Quando eu tinha seis meses, eu fui deixada em um orfanato no norte da China com um recado preso na minha camiseta. Só tinha o nome da minha vila. O orfanato me chamou de Gaoanna, cuja tradução é “Garota das Montanhas Altas”. Minha mãe decidiu me adotar depois de receber minha foto pelo correio. Ela tinha 45 anos na época. Ela tinha se divorciado recentemente. Ela nunca havia tido filhos. Então sempre tem sido só nós duas a minha vida inteira. Eu lembro de quando eu estava no Ensino Médio nós começamos a discutir e a minha mãe ficou muito emocional. Ela começou a chorar e disse: “Nós não podemos brigar, somos só nós duas. Nós temos que ficar juntas”. Naquele momento eu percebi o quanto eu mudei a vida da minha mãe. Ela sabia desde o início, é claro. Mas era algo que eu precisava aprender. (HUMANS OF NEW YORK, 2016, tradução nossa¹²¹)

Partindo para a recepção do público, foi possível observar muitas pessoas compartilhando as suas próprias histórias de adoção – tanto por parte de quem adotou quanto por parte de quem foi adotado. Este primeiro comentário, o mais popular, recebeu incríveis 35 mil curtidas, e continha a foto de uma jovem abraçando uma criança pequena e chorando de alegria.

Usuária 23: Eu recentemente compartilhei com a minha filha de 14 anos uma foto do momento em que ela foi colocada nos meus braços. Eu acho que ajudou a ela entender o quando ela era desejada e amada. Nanning China, 2003. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹²²)

¹²¹When I was six months old, I was dropped off at an orphanage in Northern China with a little note pinned on my shirt. It only had the name of my village. The orphanage named Gaonna, which translates to “Girls From High Mountain”. My mother decided to adopt me after she received my picture in the mail. She was 45 at the time. She had recently gotten divorced. She’d never had children. So it’s just been the two of us my whole life. I remember one time in high school, we got in an argument and my mom got very emotional. She started crying and said: “We can’t fight. It’s just the two of us. We have to stick together”. At that moment I realized how much I had changed my mom’s life. She’d known from the start, of course. But it was something I needed to learn.

¹²²I recently shared with my 14 year old daughter a photo of the moment she was placed in my arms. I think it helped her to fully understand how much she was wanted and loved. Nanning China, 2003.

Usuária 24: Essa é uma linda história! O meu filho foi adotado da Coreia 18 anos atrás quando ele tinha 5 meses. Ele está se formando no Ensino Médio essa noite! Não consigo imaginar a vida sem ele! (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹²³)

Usuária 25: Essa é uma ótima história! Eu fui adotada na China também e enquanto eu sei que provavelmente eu nunca vou encontrar meus pais de nascença isso não me incomoda. [...] Adoção internacional é um assunto que eu acho que é superimportante e que pode mudar tantas vidas para melhor. Deveria ser algo a ser celebrado e encorajado, não desprezado nem banido. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹²⁴)

Usuária 26: Como uma criança adotada da China, isso aquece muito o meu coração! Eu fui encontrada apenas com alguns dias de vida deixada em uma delegacia e então levada para um orfanato. Eu sou para sempre grata pela linda vida que me foi dada e eu digo a todos que eu ganhei na loteria da vida. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹²⁵)

Usuária 27: Eu não sou mãe, eu não fui adotada, eu não tenho basicamente nada para me conectar com a beleza dessa foto. Mas ainda me traz lágrimas. Amor é algo poderoso e é evocado de forma forte nessa foto. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹²⁶)

Também observamos uma interessante discussão sobre os estereótipos de quem adota – mais uma vez, o espaço de comentários de HONY tornou-se um espaço de conversação entre os usuários.

Usuária 28: É tão interessante eu ter assumido que a mãe dela era branca. Este é o meu estereótipo próprio de adoções internacionais funcionando. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹²⁷)

Usuária 29: Por algum motivo eu assumi que ela era asiática... (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹²⁸)

Usuária 30: Eu estou curiosa... A mãe dela também é chinesa? Eu ouvi falar de muitos adotados transraciais e transnacionais (por pais brancos) que eles tiveram problemas com a sua cultura identitária enquanto cresciam. Eu me pergunto se esse também foi o caso dessa menina e a sua mãe? (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹²⁹)

¹²³ *This is a beautiful story! My son was adopted from Korea 18 years ago when he was five months old. He's graduating from high school tonight! Can't imagine life without him!*

¹²⁴ *This is such a great story! I'm adopted from China too and while I know I'll probably never meet my birth parents that doesn't bother me. [...] International adoption is an issue that I think is super important and it can change so many lives for the better. It should be something to celebrate and encourage, not scorn or ban.*

¹²⁵ *As an adopted child from China myself this warms my heart so much! I was found only a few days old dropped off at a police station then taken to an orphanage. I am forever grateful for the beautiful life I've been given and I tell everyone that I have won the lottery of life.*

¹²⁶ *I am not a mother, I am not adopted, I have basically nothing to connect with the beauty of this picture. But it still brings tears. Love is a powerful thing and it resonates so strongly in this picture.*

¹²⁷ *So interesting that I assumed her mother was white. That's my own stereotype of international adoptions at work.*

¹²⁸ *Daria Grimm: For some reason I assumed she was Asian...*

¹²⁹ *Shanet Lee: I'm curious... is her mom also Chinese? I heard from a lot of transracial and transnational adoptees (with white parents) they struggled with their cultural identity while growing up. I wonder if this was also the case for this girl and her mama?*

Usuária 31: Eu sou adotado da Bolívia e a minha família é branca. Eu nunca tive problemas com a minha cultura identitária. Eu acho que depende de como a criança é criada. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹³⁰)

5.4.1.6 Análise do *Post* 6

Um mês depois, em julho, Brandon compartilhou a história de um imigrante coreano. “Quando você é um imigrante, alimentar os seus filhos e pagar o aluguel vem antes de se integrar com a sociedade”, define ele: neste relato, a questão da imigração é central. O entrevistado, na condição de membro de uma comunidade coreano-americana, relata a importância das igrejas que, para os imigrantes, se tornam uma referência cultural em vários sentidos (idioma em comum, possíveis contatos profissionais e amigos). É um local onde os imigrantes podem se reunir com conterrâneos. Aqui, fica evidente a dificuldade principal que a maioria dos imigrantes encontra quando chega à “terra prometida”: se misturar, se sentir parte. O *post* não é marcado por emoções: o entrevistado está neutro, justificando um fenômeno da sua comunidade.

Figura 18- Coreano fala sobre a importância da sua comunidade local



Fonte: Humans of New York (2016).

A comunidade coreana-americana é muito unida. Pode parecer às vezes como interiorização ou egoísmo, mas é primariamente baseada em sobrevivência. Quando você é um imigrante, alimentar os seus filhos e pagar o aluguel vem antes de se integrar com a sociedade. E o suporte para fazer tais coisas normalmente vem de alguém de dentro da comunidade. Para coreanos-americanos, a comunidade está principalmente ao redor da igreja. Imigrantes coreanos vão à igreja mesmo não sendo religiosos. Porque é onde a comunidade está. É onde as pessoas falam a sua língua. É onde podem encontrar informação, e uma rede de contatos, e trabalhos, e

¹³⁰ *I'm adopted from Bolivia and my family is white. I've never struggled with my cultural identity. I think it depends on how the child is raised.*

peessoas para cozinharem refeições quando estão doentes. Pode parecer às vezes uma indisposição para se integrar. Mas a proximidade como a comunidade é realmente sobre tentar sobreviver. (HUMANS OF NEW YORK, 2016, tradução nossa¹³¹)

A partir deste relato, vemos grande parte dos comentários que se identificam com o relato e expressam mensagens de tolerância em relação às comunidades de imigrantes – o comentário mais popular, listado abaixo, recebeu mais de 10 mil curtidas.

Usuário 32: Eu nunca tinha pensado sob esta perspectiva. É interessante aprender sobre culturas diferentes, nos mostra que não somos tão diferentes no fim das contas. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹³²)

Usuária 33: A minha bisavó veio de Varsóvia como uma serva e frequentou devotamente uma igreja católica-polonesa. O dia de mais orgulho em sua vida foi o dia em que ela se tornou uma cidadã americana então eu nunca pensei sobre o seu comprometimento com a igreja como uma necessidade pela qual ela passou. Obrigada por me fazer refletir! (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹³³)

Usuária 34: A minha igreja compartilha o prédio com a segunda geração de uma igreja coreana. Às vezes o grupo deles lidera o culto na nossa missa, e uma vez por ano nós fazemos um churrasco onde nós cozinhamos hambúrgueres e cachorros-quentes, e eles fazem bugolgi e 6 diferentes tipos de kimchi. Nós celebramos ser duas igrejas, mas uma família. Existe algo de especial em ser servido de kimchi à mão por uma avó coreana que você conheceu 5 segundos antes de ela começar a te alimentar. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹³⁴)

Usuário 35: Essa pode ser a explicação mais coerente, racional, respeitosa e igualitária sobre a atração, o poder e a importância das comunidades religiosas que eu já vi. [...] Comunidades que encorajam a conectividade sempre prosperaram mais do que aqueles que estimulavam competição interna e divisão. Quanto mais nós possamos expandir a nossa definição de “comunidade” para maximizar inclusão maiores são as chances que nós temos como espécie sobreviver. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹³⁵)

¹³¹*The Korean American community is very tight-knit. From the outside it can sometimes look like inwardness or selfishness, but it's primarily based on survival. When you're an immigrant, feeding your children and paying your rent comes before integrating with society. And the support to do those things normally comes from within the community. For Korean Americans, the community mainly revolves around the church. Korean immigrants will go to church even if they aren't religious. Because that's where the community is. It's where people speak their language. It's where they can find information, and a network, and jobs, and people to cook them meals when they're sick. It can sometimes seem like an unwillingness to integrate. But the closeness of the community is really about trying to survive.*

¹³²*This is a perspective I hadn't thought about before. Interesting learning about different cultures, it shows us we aren't so different after all.*

¹³³*My great grandmother came from Warsaw as an indentured servant and devoutly attended a Polish-Catholic church. Her proudest day was the day she became an American citizen so I'd never thought about her church attendance as a need for what she grew up with. Thanks for this food for thought!*

¹³⁴*My church shares our building with a second generation Korean church. Sometimes their team will lead worship for our service, and once a year we have a BBQ where we cook burgers and dogs, and they make bulgogi and 6 different kinds of kimchi. We celebrate being two churches, but one family. There's something so special about being hand-fed kimchi by a Korean grandmother you met 5 seconds before she started to feed you.*

¹³⁵*That may be the most coherent, rational, respectful, even-handed explanation of the attractiveness, power and importance of religious community that I have seen [...]. Communities that encourage connectivity have always thrived longer than those that encouraged internal competition and divisiveness. The more we can expand our definition of "community" to maximize inclusiveness the greater chance we have as a species to survive.*

Vários usuários comentaram sobre a sua própria busca por uma comunidade (sendo imigrante ou não).

Usuária 36: Nascida e criada nos Estados Unidos eu ainda luto para encontrar uma “comunidade” para fazer parte. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹³⁶)

Usuária 37: Isso meio que lembra eu e meus pais. Quando nós imigramos para cá, os meus pais não queriam (ou não estavam aptos) a socializar com as pessoas nos seus ambientes de trabalho. Mas quando nós precisávamos de ajuda, eles frequentemente se voltavam para outros coreanos na comunidade, e eles nos ajudavam. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹³⁷)

Usuária 38: Como uma imigrante, eu posso dizer que isto são todos nós. Alguns são mais abertos mas a necessidade de confiar em si próprio é essencial para a sobrevivência... No mínimo, é como primeiramente nós nos sentimos. A geração seguinte nascida nos EUA muda as coisas, frequentemente para melhor. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹³⁸)

Usuária 39: Alimentar os seus filhos e pagar o aluguel vem antes de se integrar com a sociedade. A história de vida de todo imigrante... (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹³⁹)

É interessante observar que alguns usuários criticaram o homem coreano, pelo seu “fechamento” na comunidade, enquanto outros foram compreensivos com as possíveis barreiras existentes, como o idioma.

Usuária 40: Eu entendo completamente. Mas a minha pergunta é por que vir para a América e não querer interagir com americanos? Nós estamos todos tentando pagar o aluguel e construir uma vida, todos, em absoluto. Eu dou as boas-vindas a todas as culturas com braços amorosos. Eu tenho interesse em todos. Nós somos todos poesia em movimento. É lindo. Mas por que deixar o seu país e só se misturar ou se ligar com as pessoas da sua própria cultura? Por que não fazer amigos de fora da sua raça? E confiar nos amigos para ajuda? (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁴⁰)

Usuária 41: Eu acho que é primariamente uma questão de língua. O inglês é muito difícil de aprender como uma segunda língua. Se eu tivesse que sair correndo do Canadá (por mais absurdo que isso soe) e acabasse em um país estrangeiro onde o inglês não fosse falado, eu gostaria de encontrar conterrâneos canadenses, para

¹³⁶ *Born and raised in the United States and I still struggle with finding a "community" to be a part of.*

¹³⁷ *This kind of reminds me of my parents. When we immigrated here, my parents wouldn't (or weren't able to) socialize with people in their workplaces. But when we were in dire need of help, they would often turn to other Koreans in the community, and they would help us out.*

¹³⁸ *As an immigrant, I can say that's all of us. Some are more open but the need to rely on your own is essential to survival... at least, that's how we feel at first. The next generation born in the U.S. changes things, often for the better.*

¹³⁹ *Feeding your children and paying your rent comes before integrating with society. Life story of every immigrant...*

¹⁴⁰ *I understand completely. But my question is why come to America and not want to interact with American people? We all are trying to pay rent and make a life for ourselves, everyone, altogether. I welcome every culture with loving arms. And find interest in everybody. We are all poetry in motion. It's beautiful. But why leave your country and only mingle or intertwine in your own culture? Why not make friends outside of your race? And lean on friends for help?*

conforto e familiaridade e uma língua em comum. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁴¹)

Usuária 42: não é uma questão de querer interagir com pessoas americanas. É uma questão de superar medo, barreiras de idioma e potencialmente algumas questões não aparentes. Se sentir julgado pelos seus costumes “estranhos”, se sentir assustado por sentimentos anti-imigração, e lutar para suprir as necessidades da sua família todos os dias. Leva tempo para se estabelecer, dominar uma nova língua e dialeto e aprender novas competências e expectativas culturais. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁴²)

5.4.1.7 Análise do *Post* 7

No próximo *post*, temos o relato de um homem nascido no Gabão. Na condição de imigrante, ele conta sobre os problemas estruturais que o país enfrenta, como pobreza extrema e corrupção por parte dos governantes. O seu relato marca bem as diferenças aqueles países considerados de primeiro e terceiro mundo. Na foto, vemos uma expressão séria, ligeiramente irônica. O relato exprime um misto de raiva, tristeza e orgulho em relação ao país natal.

Figura 19- Gabonense fala sobre o seu país natal



Fonte: Humans of New York (2016).

Eu venho de um pequeno país chamado Gabão. Costumava ser a Suíça da África. Há apenas 1,5 milhão de pessoas lá. Ele tem uma das maiores reservas de óleo do mundo. Está na lista dos 10 maiores fornecedores de ferro, urânio e manganês – e outros do tipo. E tem uma das florestas tropicais mais bonitas. O país é tão rico, mas as pessoas são tão pobres. Não há água limpa. As vidas das pessoas são definidas pela busca por pão. Não há educação. A maioria dos jovens tem HIV. E quando

¹⁴¹ *I think it is primarily a language issue. English is very difficult to learn as a second language. If I had to flee Canada (far fetched as that sounds) and fetched up in a foreign country where English wasn't spoken, I'd want to seek out fellow Canadians, for comfort and familiarity and a shared language.*

¹⁴² *It's not a matter of not wanting to interact with American people. It's a question of overcoming fear, language barriers and potentially some issues that aren't apparent. Feeling judged for your "weird" customs, feeling frightened by anti-immigration sentiments, and struggling to meet the needs of your family every day. It takes time to establish one's self, master a new language and dialect, and learn new skills and cultural expectations.*

you get sick in Gabon, you die. I have goose bumps right now because my mother still lives there. The people are dying, yet the ruling family flies around in private jets. They give speeches at the UN and people clap. The president's wife wears handbags that cost \$ 25,000. The ruling family has been in power for 50 years and they get richer and richer every minute. And do you know why they're in power? Do you know why they're so rich? Because they hand over our natural resources to the French.

Alguns dos comentários mais populares neste *post* eram de pessoas estadunidenses falando sobre a sua visão do Gabão – e muitas criticavam a sociedade americana em geral pela sua ignorância e falta de atenção a estes países.

Usuária 43: Eu queria que nós (as pessoas vivendo nos EUA) conhecêssemos e entendêssemos a história melhor [...]. Em poucas palavras, este jovem, através da foto e da citação de HONY, captura o legado devastador do colonialismo e imperialismo europeu e ocidental em um breve parágrafo, efeitos que ecoam e aumentam através das gerações, o arruinamento de centenas de anos de exploração, especialmente para as mais de um bilhão de almas na África. E nós continuamos, como governo e como pessoas, a afastar o olhar, “nada a se ver aqui, gente, continuem andando...” Gabão, Congo, Zibábue, Uganda, Serra Leoa. Leia, aprenda, aumente a sua consciência, entenda a sua culpa coletiva. Obrigada, Brandon, por me lembrar, por nunca falhar em segurar um espelho para nos ajudar a enxergar tanto a nossa humanidade compartilhada e a nossa responsabilidade. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁴³)

Usuária 44: Cerca de 25 anos atrás eu estava trabalhando o meu primeiro turno em uma loja de roupas infantis em Beverly Hills. Algumas pessoas entraram e compraram literalmente todos os itens de 6 a 12 meses (para meninos e meninas) em estoque. [...] O dono da loja disse: “Você acabou de conhecer o rei do Gabão”. Eu nunca havia ouvido falar do lugar. Fui até a biblioteca naquela semana e comecei a pesquisar. Aprendi sobre a pobreza e o padrão baixo de vida lá e tentei falar com os meus colegas sobre isso. Eles só estavam interessados no quanto o nosso cliente era rico. Eu encontrei um outro trabalho longe de Beverly Hills logo após aquilo. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁴⁴)

¹⁴³ *I come from the small country of Gabon. It used to be the Switzerland of Africa. There are only 1.5 million people there. It has some of the largest oil reserves in the world. It is top ten in iron supplies, uranium supplies, manganese supplies – you name it. And it had the most beautiful rainforest. The country is so wealthy but the people are so poor. There is no clean water. People's lives are defined by the search for bread. There is no education. And most teenagers have HIV. And when you get sick in Gabon, you die. I have goose bumps right now because my mother still lives there. The people are dying, yet the ruling family flies around in private jets. They give speeches at the UN and people clap. The president's wife wears handbags that cost \$ 25,000. The ruling family has been in power for 50 years and they get richer and richer every minute. And do you know why they're in power? Do you know why they're so rich? Because they hand over our natural resources to the French.*

¹⁴⁴ *I wish that we (i.e. people in the U.S) knew and understood history so much better than we do [...]. In a few words, this young man, through HONY's photo and quote, captures the devastating legacy of Western and European colonialism and imperialism in one brief paragraph, effects that echo and increase through generations, the ruination of hundreds of years of exploitation, especially for the more than one billion souls in Africa. And we continue, as a government and as a people, to look away, "nothing to see here, folks, keep moving..." Gabon. Congo. Zimbabwe. Uganda. Sierra Leone. Read, learn, raise your consciousness, understand our own collective culpability. Thank you, Brandon, for reminding me, for never failing to hold up a mirror to help us see both our shared humanity and our responsibility.*

¹⁴⁵ *About 25 years ago I was working my first shift in a children's clothing store in Beverly Hills. A few people swooped in and bought literally every 6-12 month item in stock (for boys and girls) [...]. The owner of the shop said, "You just met the king of Gabon." I had never heard of the place. Went to the library that week and started*

Este último comentário foi um dos mais relevantes, com 1,4 mil curtidas. Também observamos uma interessante discussão sobre a posição do entrevistado em relação ao seu país de origem. Uns o defendem, enquanto outros o criticam, alegando que ele deveria parar de fazer o papel de vítima e voltar para o Gabão e ajudar o seu povo.

Usuário 45: Uau... Eu moro no Gabão, os meus pais vivem no Gabão, a minha filha mora no Gabão e não, nós não morremos assim que nós ficamos doentes... Eu sei que os nossos governantes são questionáveis e não é sobre isso que eu estou discutindo. O que eu estou discutindo é como esse homem que mora nos EUA dá uma imagem muuuuito ruim de onde eu vivo e planejo criar a minha família só porque ele quer defender um ponto. Pessoas da diáspora por favor parem de falar sobre o que vocês não sabem mais! E ao invés de deixar as suas casas, voltem pra cá e trabalhem para que isto mude como muitos de nós já estamos fazendo. Não chore pela sua mamãe, volte para cá para ajudá-la. Não existe guerra no Gabão, existem trabalhos para pessoas educadas. Parem de tornar tudo político como nós fomos ensinados a fazer, parem de culpar os outros como nós fomos ensinados a fazer, sejam parte da solução. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁴⁶)

Usuário 46: Como uma africana, eu concordo completamente com os sentimentos dele já que descrevem a realidade da maioria dos países que todos os meus amigos africanos descrevem. Ou você tem vergonha que eles estão expondo isto ao mundo ou você está de alguma forma conectado ao partido governante. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁴⁷)

Usuária 47: Eu concordo totalmente com o ponto do Usuário 45... Eu sou da República Democrática do Congo (nem preciso falar sobre o que está se passando lá...). Eu sinto o mesmo sabendo que no meu país as coisas estão tão ruins quanto outros países africanos ou até piores, mas eu não consigo dizer quantos “estrangeiros” (a maioria branca) estão se mudando para cá para viver e investir enquanto na América um irmão africano alega ter arrepios porque alguém da sua família continua no país... Nós precisamos ter cuidado ao escolher as nossas palavras e parar de fazer as vítimas o tempo todo. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁴⁸)

researching it. Learned about the poverty and low standard of living there and tried to talk with my co-workers about it. They were only interested in how rich our customer was. I found another job away from Beverly Hills pretty soon after that.

¹⁴⁶ *Wow... I live in Gabon, my parents live in Gabon, my daughter lives in Gabon and no, we don't die as soon as we get sick... I know our rulers are questionable and that's not what I'm arguing about. What I am arguing about is how this man who lives in the US of A is giving a really baaaad image of where I live and plan to raise my family just because he wants to make a point. Diaspora people please stop talking abt what you don't know anymore! And instead of leaving home, come back here and work for it to change as a lot of us are already doing here. Don't cry for your mommy, come back to help her. There is no war in Gabon, there are jobs for educated people. Stop making everything political like we have been taught to, stop blaming the others like we have been taught to, be a part of the solution.*

¹⁴⁷ *As an African, I completely agree with his sentiments as it describes the reality of most of the countries that all my African friends describe. Either you're just ashamed he exposed this to the world or you're somehow connected to the ruling party.*

¹⁴⁸ *I totally get [...] point...I'm from the Democratic Republic of Congo (no need to tell you what's going on there...). I feel the same knowing that in my country things are as bad as other African countries or even worse but I can't tell you how many "foreigners" (mostly whites) are moving in to live and invest meanwhile in America an African brother claims to have goose bumps because some of his family members are still in the country...we need to carefully choose our words and stop playing the victims at all times.*

5.4.1.8 Análise do *Post* 8

No oitavo *post* analisado, de julho de 2016, temos o relato de Louis, um homem nascido na Guatemala. A imigração é tema central do relato: ele conta como foi chegar aos EUA quando tinha 14 anos e como, nos anos 70, a imigração não era algo tão central como hoje. Ele também fala sobre não ter encontrado muitas dificuldades no seu processo de adaptação pois, em suas palavras, “você podia ir trabalhar e ninguém fazia perguntas”. Em contraste, ele diz se sentir mal pelos latino-americanos atualmente. De forma resignada, ele acredita que simplesmente somos os bodes expiatórios da vez. Fica clara a sua integração com o país quando ele cita alguns times esportivos (hoje, ícones culturais estadunidenses), como os Yankees, os Giants e os Mets, os quais ele diz amar.

Figura 20- Guatemalteco relata como foi a sua experiência de imigração



Fonte: Humans of New York (2016).

Meus pais me trouxeram da Guatemala quando eu tinha quatorze anos. Imigração não era algo tão importante nos anos 70. Quando eu cheguei em Nova York, eu me juntei a um time de futebol com jogadores de mais de dez países diferentes. E você podia ir trabalhar e ninguém fazia perguntas. Minha mãe trabalhou como camareira no Hilton por mais de quarenta anos. Eu tive sorte. Eu não enfrentei muitas dificuldades. Eu pude chegar em um avião. Mas hoje é diferente. Agora mesmo, enquanto conversamos, as pessoas estão se escondendo nos arbustos na fronteira. Eles estão correndo pelos desertos e nadando por rios apenas para alimentar as suas famílias. Eu me sinto muito mal por eles. As coisas estão muito difíceis para os imigrantes latinos. Mas é nossa vez. O último a chegar tem de pagar pelos pratos quebrados. Você tem de culpar alguém pelos problemas. Tem sido assim desde o primeiro Thanksgiving. Primeiro foram os irlandeses, então os poloneses, então os italianos. Quando a Guerra veio, foram os japoneses. Apenas é a nossa vez. Eu me considero um Americano desde que nasci. Eu nasci na América Central então isso faz de mim um Americano – vocês até tentam reivindicar o nome! Eu amo os Yankees, os Giants e os Mets. Mas não é muito importante como você me chama.

Eu só sou o Louis, da Guatemala, morando em Nova York. E eu sou o cara mais sortudo do mundo. (HUMANS OF NEW YORK, 2016, tradução nossa¹⁴⁹)

Nestepost, observamos três grandes tipos de tendências de comentários: 1) relatos de pessoas que também estão querendo imigrar ou que estão na posição de imigrantes; 2) discussão sobre os Estados Unidos ter sido fundado por imigrantes – muitos defendem que os latinos, agora, são usados injustamente como “bodes expiatórios”; 3) discussão sobre os imigrantes legais x imigrantes ilegais. Pela primeira vez num *post* vemos o assunto “legalidade” ser trazido à tona, e muitos criticaram o homem retratado, mesmo ele sendo claramente integrado à cultura estadunidense.

Usuário 48: Eu sou filha de um imigrante – e eu não apoio as pessoas que vêm pra cá ilegalmente ou que deixam os seus vistos expirarem porque eu também acredito na regra da lei. Se as leis são ruins – mudem elas – votem por pessoas que vão mudá-las. Mas nós não podemos apenas desrespeitá-las porque nós não estamos no clima, do contrário qual o ponto de tê-las? (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁵⁰)

Este último comentário (contendo 79 curtidas) foi contestado pelo próximo (com 27 curtidas):

Usuária 49: As pessoas não ficam “no clima” de vir pra cá ilegalmente, especialmente se elas estão tentando emigrar como um cidadão empobrecido de um país de terceiro mundo. Eu concordo que nós deveríamos votar por pessoas que nos ajudem a reformar o processo imigratório, mas também é frustrante quando a cada ciclo de eleições nós ganhamos esse jogo sobre “reforma imigratória compreensiva” e nunca acontece. Isso é quando as pessoas criam bodes expiatórios a partir daqueles que não podem fazer nada sobre o assunto em primeiro lugar. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁵¹)

¹⁴⁹ *My parents brought me from Guatemala when I was fourteen. Immigration wasn't as big of a deal back in the 70's. When I got to New York, I joined a soccer team with players from ten different countries. And you could just go to work and nobody asked any questions. My mother worked as a housekeeper at the Hilton for forty years. I was lucky. I didn't have too hard of a time. I got to come over on a plane. But today it's different. Right now, as we speak, people are hiding in bushes by the border. They're running through deserts and swimming across Rivers just to feed their families. I feel very bad for them. Things are very tough for the Latino immigrant. But it's our turn. The last one to arrive has to pay for the broken dishes. You've got to blame somebody for the problems. It's been like that since the first Thanksgiving. First it was the Irish, then the Polish, then the Italians. When the war came it was the Japanese. It's just our turn. I've considered myself an American – you guys even try to claim the name! I love the Yankees, the Giants, and the Mets. But it's not too important what you call me. I'm just Louis, from Guatemala, living in New York. And I'm the luckiest guy alive.*

¹⁵⁰ *I'm the daughter of an immigrant- and I don't support people coming here illegally or over staying Visa's because I also believe in the rule of law. If the laws are bad – change them – vote for people who will change them. But we don't get to just disregard them because we don't feel like it, otherwise what's the point of having any at all?*

¹⁵¹ *People don't just "feel like" coming here illegally, especially if they are trying to immigrate as an impoverished citizen from a third world country. I do agree that we should vote for people who help reform the immigration process, but it is also frustrating when every election cycle we get this whole spiel about "comprehensive immigration reform" and it never happens. That is when people make scapegoats out of those who can't do anything about it in the first place.*

Outro comentário criticando o entrevistado:

Usuária 50: Os meus ancestrais imigraram para cá legalmente – que pena que esse idiota não tem a mesma integridade. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁵²)

Em resposta a este último comentário:

Usuária 51: [se referindo à usuária 50] leia a legenda de novo. Em nenhum lugar diz que ele veio para os EUA sem os meios corretos. Além disso, se você está se perguntando por que as pessoas da América Central estão fugindo e vindo para os EUA, você pode agradecer o governo dos EUA por causar desestabilização. Pegue um livro de história qualquer hora, se você conseguir manter alguma compreensão da leitura através das suas lentes racistas. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁵³)

Comentários de outros imigrantes (e suporte a eles – muitos lembraram que os Estados Unidos é um país colonizado por imigrantes de todo o mundo):

Usuária 52: Como uma jovem da Guatemala que tem tentando imigrar legalmente há mais de 4 anos, tudo o que eu encontro são obstáculos e portas fechadas e taxas a pagar e parece que nunca vai acontecer para mim. Sim, senhor, você é o homem mais sortudo do mundo. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁵⁴)

Usuário 53: Te desejo o melhor, Usuária 52! A minha mãe se tornou uma cidadã dos EUA em 2009 – 15 anos depois de chegar nesse país. Se apenas as pessoas entendessem o quão complexo é o processo de “entrar na fila” existiria menos ódio e raiva. Nunca desista. E uma vez que você conseguir, você está mais do que convidada para vir na minha casa. Suerte amiga. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁵⁵)

Usuária 54: Todo este país foi fundado por imigrantes, seja por aqueles que escolheram vir ou aqueles que foram forçados a vir. De qualquer forma, é muito cara de pau tentar manter pessoas fora! Eu sempre fico estupefata com as pessoas que ficam bravas como os mexicanos “ilegais” na Califórnia. Hm, isso já foi México. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁵⁶)

Usuária 55: só porque algo tem sido de uma mesma forma na maior parte da história não significa que é o certo. Não há motivo por que latinos deveriam passar por toda

¹⁵² *My ancestors immigrated here legally – too bad this jerk doesn't have the same integrity.*

¹⁵³ [...] *read the caption again. No where does it say that he came to the US without the proper channels. Besides, if you're wondering why people from Central America are fleeing and coming into the US, you can thank the US government for causing destabilization. Pick up a history book sometime, if you can maintain some reading comprehension through your racist goggles.*

¹⁵⁴ *As a young woman from Guatemala who has been trying to legally immigrate for over 4 years, all I find are obstacles and closed doors and fees to pay and it feels like it's never going to happen for me. Yes sir, you are the luckiest man in the world.*

¹⁵⁵ *Wishing you the best [...]! My mom became a U.S. Citizen in 2009 -15 years after arriving in this country. If only people understood how complex the process to "get in line" is there would be less anger and hate. Don't ever give up. And once you make it here, you're more than welcome at my house. Suerte amiga*

¹⁵⁶ *This whole country was founded by immigrants, whether it be by the ones who chose to come or the ones who were forced to come. Either way, we have nerve to try to keep anybody out! Im always amazed at the people who get mad at the "illegal" Mexicans in Ca. Um, it was once Mexico!*

essa discriminação só porque os EUA têm um histórico de encontrar bodes expiatórios étnicos. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁵⁷)

Usuária 56: Eu costumava ser uma dessas pessoas que diz que as pessoas devem “esperar na fila” no que diz respeito à imigração e que elas devem fazer de tudo para se tornar legais. E então eu conheci meu marido – um imigrante. E eu estou comendo as minhas antigas palavras agora! Eu vi em primeira mão que a “fila” não existe, e tantos adorariam se tornar legais se apenas existisse uma maneira de fazer isso. Para muitas pessoas não existe um caminho [...]. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁵⁸)

Usuária 57: Este é o meu tio e ele é a pessoa mais engraçada e carismática que você vai conhecer. [...] Como nós havíamos vivido em dois países diferentes por tanto tempo, eu só havia escutado histórias de quando a irmã de minha abuelita finalmente juntou dinheiro para trazê-lo aos EUA para que ele pudesse ter uma chance melhor de vida. Desde que eu conheci, ele me ensinou o que significa ser uma verdadeira nova-iorquina. Ele me levou ao Riverside Park e me mostrou o seu lugar favorito para olhar sob o Hudson[...]. Eu fico contente que Humans of New York decidiu compartilhar a sua história porque essa é uma que definitivamente vale a pena conhecer. E sendo uma imigrante aquece o meu coração que este assunto não esteja atrás das nossas mentes. Nova York, você é tão diversificada e é isto que te faz ser tão bonita! (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁵⁹)

5.4.1.9 Análise do Post 9

Em agosto de 2016, temos o relato de um homem de Kosovo. O entrevistado de forma triste e revoltada, relata como era viver em um local controlado pela Sérvia. Aqui temos evidente a questão da diferença, não em relação aos Estados Unidos ou a Nova York, mas sim em relação à Sérvia, que, na condição de dominadora, aparece como a antagonista. Quando ele fala em “ter de se tornar um sérvio” é com uma conotação negativa. A dicotomia de culturas surge, no relato, a partir do controle da polícia, do governo, do canal de TV, na escola, no idioma.

¹⁵⁷ *Just because something has been one way for much of history doesn't make it right. there is no reason why latinos should have to go through discrimination just because the US has a history of finding ethnic scapegoats.*

¹⁵⁸ *I used to be one of those people who says people need to "wait in line" when it comes to immigration and that they should do everything to become legal. Then I met my husband - an immigrant. I am eating my old words now! I saw first hand that the "line" doesn't exist, and so many would love to become legal if only a way to do so existed. There is no path for a lot of people [...].*

¹⁵⁹ *This is my uncle and he's the funniest, most charismatic person you will ever meet. [...] Because we had lived in two different countries for so long I had only heard stories of when my Abuelita's sister finally had enough money to bring him to the United States so he could have a better chance at life. Ever since I met him, he taught me what it meant to be a New Yorker. He took me to Riverside Park and showed me his favorite spot overlooking the Hudson, he took me to the corner deli for the best roast beef sandwich in the city, he showed me around Central Park and sometimes we would walk from 110th street all the way down to 72nd street just to visit Strawberry Fields. And everywhere he went it seemed that he always made friends because he is that guy who always smiles at strangers and strikes up a conversation with just about anyone. I'm glad that Humans of New York decided to share his story because it's one definitely worth knowing. And being an immigrant myself it warms my heart that this issue is no longer in the back of our minds. New York, you are diverse and that's what makes you so beautiful!*

Figura 21- Kosovar relata os impactos do domínio da Sérvia



Fonte: Humans of New York (2016).

Eu cresci em Kosovo. Mais de noventa por cento da população era albanesa, mas a Sérvia controlava tudo. Eles controlavam a polícia. Eles controlavam o governo. Eles fecharam o único canal de TV albanês. Todos os nossos documentos e placas na estrada eram em cirílico. Se vou quisesse ir à escola, você basicamente tinha de se tornar um sérvio. Você tinha de falar a língua deles e aprender a história deles. Então todos nós íamos a escolas ilegais em casa privadas. A minha escola tinha apenas quatro quartos. Era a nossa maneira de permanecer albanês. (HUMANS OF NEW YORK, 2016, tradução nossa¹⁶⁰)

Vários comentários tinham uma tônica amigável e exprimiam hospitalidade:

Usuária 58: Eu moro em Kosovo mas sou uma americana. Eu moro aqui desde que me lembro por gente e parte o meu coração saber o que você e a sua família enfrentou. Eu fico tão contente que a guerra acabou e eu rezo para que algo assim nunca aconteça de novo. [...] Eu te desejo tudo de melhor na América. (HUMANS OF NEW YORK, 2016, tradução nossa¹⁶¹)

Mas nem todos foram amigáveis. Alguns comentários que exprimiram a noção de que o imigrante deve sempre se adaptar à cultura local – o primeiro comentário abaixo contava com 1,9 mil curtidas e o segundo com 728, o que nos leva a crer que um número significativo de pessoas concordava com o que estava sendo dito ali.

Usuário 59: Hmmmm... Bem... Você estava vivendo na SÉRVIA! Você deveria falar a língua deles, aprender a histórias deles, assistir aos canais de TV deles, etc.

¹⁶⁰ *I grew up in Kosovo. Over ninety percent of population of the population was Albanian, but Serbia controlled everything. They controlled the police. They controlled the government. They shut down the only Albanian TV station. All our documents and Road signs were in Cyrillic. If you wanted to go to school, you basically had to become a Serbian. You had to speak their language and learn their history. So all of us went to illegal schools in private homes. My school only had four rooms. It was our way of staying Albanian.*

¹⁶¹ *I live in Kosovo but I am American. I have lived here as long as I can remember and it breaks my heart to know what you and your people faced. I'm so glad that the war is over and I pray that something like this never happens again. [...] I wish you all the best in America.*

Nós temos comunidades gigantescas de mexicanos e chineses nos EUA, e eles são forçados a fazer todas as coisas que você mencionou. Não culpe os sérvios pela sua recusa em se adaptar. Se você quiser ser albanês, pule de volta a fronteira para a Albânia. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁶²)

Usuária 60: Ele diz “Se vou quisesse ir à escola, você basicamente tinha de se tornar um sérvio” De verdade??? Você vivia na Sérvia, então, é claro que você deveria ser um sérvio e aprender a língua bem como as pessoas nascidas na América são americanos! Mas é claro que não, você queria o seu próprio país sem sérvios lá então vocês se livraram deles! Você deveria sentir vergonha por ainda mentir e retratar vocês próprias como as únicas vítimas no Kosovo quando você sabe o que você fez com os sérvios por lá!!! (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁶³)

Outras discussões foram suscitadas por relatos que trouxeram à tona a questão da diferença – albaniano *versus* servo – e por aqueles que defendem a Sérvia e a outra versão da história.

Usuário 61: O único perigo de *sites* como o HONY é que ocasionalmente há propaganda mascarada como uma história verdadeira, e as pessoas tendem a comprar porque elas não têm vontade de pesquisar mais profundamente. [...] Depois de a Iugoslávia se partir, o Kosovo permaneceu parte da Sérvia (e até hoje ainda é), e ainda assim a cultura e a língua albanesa não são apenas predominantes, mas muitos diriam, absolutas. O que este senhor está proclamando é falso, e parte de uma propaganda constate dos albaneses-kosovares, que decidiram arbitrariamente se separar da Sérvia. Eu recomendo olhar mais profundamente para a Albânia, e para as violações dos direitos humanos que acontecem lá enquanto nós falamos, contra outras minorias étnicas lá, bem como próprios albaneses. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁶⁴)

5.4.1.10 Análise do *Post* 10

No relato seguinte, temos um garoto venezuelano de oito anos. Trata-se da única criança entre os 20 entrevistados analisados aqui. O tom do relato é infantil (obviamente) e esperançoso, pois o menino conta sobre a sua ambição de ser presidente da Venezuela. Fica

¹⁶² *Ummmm... Well... You were living in SERBIA! You should speak their language, learn their history, watch their tv stations, etc. We have huge Mexican and Chinese communities in the US, and they are forced to do all the things you mentioned. Don't blame the Serbs for your refusal to adapt. If you wanted to be Albanian, jump back across the border to Albania.*

¹⁶³ *He says "If you wanted to go to school, you basically had to become a Serbian!" No kidding!!! You lived in Serbia so, of course, you had to be a Serbian and learn the language just like people born in America are Americans! But hell no, you wanted your own country without Serbs there so you got rid of them! Shame on you for still lying and portraying yourselves as the only victims in Kosovo when you know what you've done to Serbs there!!!*

¹⁶⁴ *The only danger of sites like HONY is that occasionally there is propaganda masked as a true story, and people tend to buy it because they don't feel like searching deeper. [...] After Yugoslavia broke apart, Kosovo remained part of Serbia (it still is, even today), and yet the Albanian culture and language in Kosovo are not only predominant, but, many would say, absolute. What this gentleman is proclaiming is false, and part of an ongoing propaganda of Albanian Kosovars, who have arbitrarily decided to secede from Serbia. I recommend taking a closer look at Albania, and the human rights violations that take place there as we speak, towards other ethnic minorities there, as well as Albanians themselves.*

evidente que ele não se esqueceu de suas origens e que a sua identidade está baseada na sua nacionalidade. Ele fala sobre todas as mudanças que pretende fazer quando for presidente: entre eles, uma lei sobre “não atirar nas pessoas de propósito”, o que mostra que ele tem consciência do que acontece no seu país natal –que é diferente dos EUA, o país que o recebeu.

Figura 22- Garoto venezuelano fala sobre as suas ambições



Fonte: Humans of New York (2016).

Eu nasci na Venezuela. Eu me mudei para cá dois anos atrás. Eu quero ser presidente da Venezuela para mudar as coisas e tornar o mundo melhor. Você sabia que às vezes na Venezuela as pessoas atiram umas nas outras de propósito? Eu vou mudar isso. E também haverá regras contra pessoas que empurram e contra maus pensamentos sobre as pessoas. Eu vou fazer uma regra para que não haja muito corte ou assassinato de árvores. E haverá uma regra contra matar muitos animais porque os animais comem insetos, e nós não podemos ter muitos insetos. Eu também vou me certificar de que não gastem muita comida ou água. Ou se tiver restos de comida, nós devemos nos certificar de colocar no lixo. Eu não posso ser presidente agora porque eu só tenho oito anos. Mas eu pulei a primeira série. (HUMANS OF NEW YORK, 2016, tradução nossa¹⁶⁵)

Ocorreram muitos relatos de venezuelanos lamentando a situação política no país. De forma quase unânime, os comentários foram gentis e acolhedores. O primeiro comentário, um dos mais populares, recebeu 8,3 mil curtidas.

Usuária 62: Direto da boca de uma criança. Mude o mundo, pequenino! Eu votaria em você. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁶⁶)

Usuária 63: Uau! Eu sou da Venezuela e é triste que o que ele lembre do seu país são pessoas se matando de propósito... Triste mas verdadeiro. Eu espero que um dia

¹⁶⁵ *I was born in Venezuela. I moved here two years ago. I want to be President of Venezuela to change things and make better the world. Did you know that sometimes in Venezuela people shoot each other on purpose? I will change that. Also there will be rules against pushing people or thinking bad thoughts about people. I will make a rule so that there will not be too much cutting or killing of trees. And there will be a rule against killing too many animals because animals eat insects, and we can't have too many insects. I will also make sure we don't waste water or food. Or if there is food left over, we have to be sure to put it in the trash. I can't be president now because I'm only eight. But I did skip first grade.*

¹⁶⁶ *Out of the mouths of babes. Change the world, little one! I'd vote for you.*

ele tenha todas as oportunidades para trabalhar nos seus sonhos! (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁶⁷)

Usuária 64: Como uma venezuelana e mãe de uma criança pequena vivendo nesse lugar horrível que o nosso país se tornou, onde não existem direitos civis, não existe democracia, não existe comida ou medicamentos suficientes para a população, adicionada a uma das maiores inflações e índice de crime no mundo, eu só posso rezar pelo Samuel [...]. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁶⁸)

Usuária 65: Tão emocionada em ler todos os comentários da comunidade HONY. Como uma grande fã deste *blog*, vocês podem imaginar a minha surpresa e excitação quando eu comecei a receber ligações de amigos sobre o meu agora “famoso” sobrinho Samuel ser caracterizado nessa página. A história é de fato uma história de um menino venezuelano sortudo, como muitos de vocês comentaram. Acontece de ele ter uma tia que é cidadã dos EUA por tempo suficiente para estar apta a ajudar e patrocinar a família dela para vir para cá e começar uma nova vida. [...] Samuel deixou uma grande e amada família na Venezuela. Ele sente falta da vida que tinha antes, dos seus avós, tios, primos, amigos. [...] Super Samuel (o meu apelido para ele) nos dá esperança de que no fim “isso também há de passar” e no fim os caras bons como ele vão prevalecer. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁶⁹)

Este outro comentário, com uma crítica a Trump e um toque de ironia, recebeu 2,4 mil comentários.

Usuário 66: Nós podemos usar você como presidente aqui! Se apenas você não tivesse um problema com o seu certificado de nascimento. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁷⁰)

5.4.1.11 Análise do *Post* 11

No fim de outubro, Brandon postou um relato de uma mulher de Porto Rico. Ela foi para os EUA quando tinha 19 anos, tentando escapar de uma vida de dificuldades em seu país natal. Ela conta, porém, que as coisas pioraram em Nova York. O fim da sua fala triste é marcado por um tom esperançoso, muito em função da sua fé renovada. Por causa da religião, ela sente que, finalmente, pode começar de novo. A imigração não é o assunto principal do relato – o interessante é observar como a mudança para um novo país (os EUA) era

¹⁶⁷ *Wow! I'm from Venezuela and it's sad that what he remembers of his country is that people kill each other on purpose... Sad but true. I hope he will have all the opportunities to work for his dreams!*

¹⁶⁸ *As a Venezuelan and as a mother of a toddler living in this horrific place that our country has become, where there are no civil rights, there is no democracy, and not enough food or medicines for our population, coupled with one of the highest inflations and crime rates in the world, I can only pray for Samuel [...].*

¹⁶⁹ *So moved to read all the comments from the HONY community. As a big fan of this blog you can only imagine my surprise and excitement when I started receiving the calls from friends about my now "famous" nephew Samuel been featured in this page. His story, it's indeed the story of a lucky venezuelan boy, as many of you have commented. He happens to have a US citizen aunt, living in NYC for long enough to be able to help and sponsor her family to come here and start a new life. [...] Samuel left a loving extended family back in Venezuela. He misses the life he used to have, his grandparents, uncles, aunts, his cousins, his friends.[...] Super Samuel (my nickname for him) give us hope that "this thou shall pass" and that in the end the good guys like him will prevail.*

¹⁷⁰ *We could use you as President here!! If only you didn't have that issue with your birth certificate.*

idealizada, vista como um marco de esperança e mudança (o que não aconteceu efetivamente), sentimento que muitos imigrantes cultivam.

Figura 23- Porto-riquenha fala sobre a sua trajetória de lutas



Fonte: Humans of New York (2016).

Eu cresci, tipo, selvagem. Meu padrasto abusava de mim desde que eu tinha quatro anos. Minha mãe me botou para fora quando eu tinha quatorze. Eu me tornei viciada em drogas. Eu me apaixonei por um traficante e nós tivemos uma filha. Ele batia em mim, mas eu não tinha para onde ir. Eu tentei escapar de tudo quando eu fiz dezenove anos. Eu pensei: “eu estou deixando Porto Rico e eu vou mudar”. Mas no avião para Nova York, o cara do meu lado era um usuário de heroína. E ele me convenceu a experimentar. E as coisas pioraram em Nova York. Era ainda mais difícil porque eu estava sozinha. Eu acabei nas ruas. Eu pulava de casa em casa. Eu fazia o que o precisava para sobreviver, sabe. O governo tirou meus filhos de mim. Eu fiquei perdida por muitos anos, mas eu sou uma nova pessoa agora. Eu estou sóbria e trabalhando e indo à igreja. Mas eu tenho muita dificuldade. Eu tenho todas essas emoções e eu não sei de onde elas vêm. É como se eu não conseguisse controlar. E quando eu estou com outras pessoas, eu me sinto menos. O meu passado sempre volta. Eu digo para mim mesma: “quem você pensa que é? Você fez tantas coisas ruins. E você nem sabe falar direito”. Eu nunca consigo me afastar das coisas que eu fiz. Mas Jesus me perdoa, sabe? Ele sabe que eu sou uma pecadora e ele ainda me ama. O meu passado não importa pra ele. Ele está mudando o meu pensamento. Ele está me ajudando a começar de novo. Sem ele, eu não teria nada para me sustentar. (HUMANS OF NEW YORK, 2016, tradução nossa¹⁷¹)

No espaço de discussões deste *post*, houve uma grande discussão sobre a importância da religião (pessoas que acreditam *versus* as pessoas que não acreditam). No geral, os

¹⁷¹*I grew up, like, savage. My stepfather abused me starting at the age of four. My mother threw me out when I was fourteen. I became addicted to drugs. I fell in love with a drug dealer and we had a daughter. He hit me but I had nowhere else to go. I tried to get away from everything when I turned nineteen. I thought: “I’m leaving Puerto Rico and I’m going to change”. But on the plane to New York, the guy next to me was a heroin user. And he convinced me to try it. And things got worse in New York. It was even harder because I was alone. I ended up in the street. I was jumping from house to house. I was doing what I had to do to survive, you know. The government took my children away. I was lost for so many years but I’m a new person now. I’m sober and I’m working and I’m going to church. But I struggle a lot. I have all these emotions and I don’t know where they come from. It’s like I can’t control them. And when I’m with other people, I feel less. My past always comes back to me. I say to myself: “Who do you think you are? You’ve done so many bad things. And you don’t even know how to talk right”. But Jesus forgives me, you know? He knows that I’m a sinner person and he still loves me. My past does not matter to him. He is helping me to start new. Without him, I would have nothing to hang onto”*

comentários endossaram a hospitalidade, elogiando a capacidade da entrevistada de superar e “vencer” as dificuldades.

Usuária 67: Há uma igreja maravilhosa em NYC chamada de Igreja Grafitti (grafittichurch.org). Eu rezo para que qualquer um que esteja com dificuldades visite e encontre paz lá. Muita gratidão por você ter retornado a Deus que te ama; você está segura sob a sombra da sua asa!! Por favor leio os Salmos especialmente os Salmos 91, muito poderoso e confortante. Que a graça e a benção divina de Deus abunde para você mais e mais!! (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁷²)

Usuária 68: Você diz que “nem sabe falar direito”, e ainda assim o que você disse aqui é tão eloquente e pungente. Que história poderosa – você está fazendo coisas grandes! (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁷³)

Usuária 69: Eu não acredito em Deus. Eu não gosto muito da ideia da religião. Mas esta senhora bem aqui, mostra que a religião pode ser boa. Que ajuda as pessoas a serem fortes. E eu apoio totalmente isso! Você é maravilhosa, forte e um bom exemplo para aqueles que enfrentam as mesmas coisas que você. E se você acredita em Deus ou em Jesus, isso é maravilhoso fico feliz por você. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁷⁴)

Usuário 70: A religião é um programa de regras e regulamentos que as pessoas estabelecem sobre como ser “sagrado”. Essa jovem expressou o seu relacionamento com Deus existente. Existe uma diferença. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁷⁵)

Usuária 71: Obrigada a todos que respeitam o fato de que eu não acredito em Deus ou Jesus. Para aqueles que dizem que eu deveria tentar encontrar Jesus e ler a Bíblia, com o máximo respeito, amor e cuidado – não, obrigada. Tenham um ótimo dia! (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁷⁶)

Usuária 72: Eu fico feliz por qualquer um que encontre paz através da religião desde que não tentem forçá-la em outras pessoas. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁷⁷)

5.4.1.12 Análise do Post 12

¹⁷² *There is a wonderful church in NYC called Grafitti Church (grafittichurch.org). I pray any one who is struggling will visit and find peace and support there. So thankful you have returned to God who loves you; you are safe under the shadow of His wing!! [...] May God's amazing grace and blessing abound to you more and more!!*

¹⁷³ *You say you “don't even know how to talk right”, and yet what you've said here is so eloquent and poignant. Such a powerful story – you're doing great things!*

¹⁷⁴ *I don't believe in God. I don't quite like the idea of religion. But this lady right here, shows that religion can be good. That it helps people to be strong. And I fully support that! You are wonderful, strong and a good example for those that go through the same as you did. And if you believe in God or Jesus, that's wonderful and I am happy for you.*

¹⁷⁵ *Religion is a set of rules and regulations people set down as to how be “holy”. This young lady has expressed a relationship with the living God. There is a difference.*

¹⁷⁶ *Thank you to those who respect the fact that I don't believe in God or Jesus. For those of you that said that I should try and find Jesus and read the Bible, with the maximum respect, love and care - no thank you. Have a wonderful day.*

¹⁷⁷ *I am happy for anyone who finds peace through religion as long as they're not trying to force it on anyone else.*

No dia 09 de novembro de 2016, no dia em que Donald Trump foi anunciado como o novo presidente dos Estados Unidos, Brandon publicou uma foto de uma jovem com vestes nãoocidentais. No seu relato, a jovem evidencia angústia e espanto pelo fato de Trump ter vencido as eleições para presidente nos Estados Unidos. Como jornalista, ela conta ter feito coberturas de comícios do presidente (na época, ainda candidato). É central a sua posição de estrangeira: o público não é informado de onde a jovem é exatamente, mas ela confirma ser muçulmana. É interessante observar como ela associa, de forma intrínseca, a vitória de Trump com o fato de que a maioria dos estadunidenses gostaria que ela fosse banida dos Estados Unidos. Ela diz: “eu sinto que, não importa o quanto eu tente, eu nunca vou fazer parte da comunidade”.

Figura 24 - Jovem muçulmana após a vitória de Donald Trump



Fonte: Humans of New York (2016).

Eu cobri muitos comícios de Trump como jornalista. Eu não senti nenhum ódio. As pessoas estavam mais curiosas do que qualquer outra coisa. Eu nunca fui assediada. Eu senti que a maioria das pessoas estava apenas apoiando ele porque ele não era parte da classe dominante. Ou porque elas estavam cansadas de política. Mas era confuso. Porque mesmo eu não sentindo que elas me odiavam, essas pessoas estavam apoiando alguém que disse que eu deveria ser banida do seu país. Até o pai de uma das minhas melhores amigas apoia o Trump. Este homem me recebeu em sua casa. Eu fui ao Thanksgiving com ele. Minha amiga perguntou a ele: “Pai, como vocês pode apoiar esse homem? Nossa amiga Zahra é muçulmana”. Ele disse a ela: “Não se preocupe. Ele não vai fazer tudo que fala”. Hoje foi difícil. Nestas últimas semanas, era na maior parte especulação. Havia suspeitas de que a maioria dos americanos apoiava ele, mas eu esperava que isto fosse um erro. Mas agora essa esperança acabou. E eu devo me sentir diferente. Eu tenho de me sentir como se, talvez, a maioria dos americanos não me quisesse aqui. E eu sinto que, não importa o quanto eu tente, eu nunca vou fazer parte da comunidade. E apesar de eles serem amigáveis comigo, ou me convidarem para o Thanksgiving, no fundo eles acreditam

que os Estados Unidos é um país que pertence a pessoas brancas. (HUMANS OF NEW YORK, 2016, tradução nossa¹⁷⁸)

A grande maioria dos comentários exprime apoio à jovem muçulmana, com mensagens afetuosas direcionadas a ela. Muitos criticavam Trump. O pronome “nós” surgiu em diversos momentos – “nós, os imigrantes”, “nós, que não votamos em Trump”: o que parece expressar um senso de comunidade. Os três primeiros comentários abaixo estão entre os mais curtidos, com notáveis 42 mil, 18 mil e 15 mil curtidas cada um, respectivamente.

Usuário 73: eu sou canadense, mas eu me recuso a acreditar que o seu país vai se permitir ser engolido por ódio e intolerância. Mantenham o curso, o amor e sejam gentis uns com os outros. Vocês (e nós) vão superar isto! (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁷⁹)

Usuária 74: Eu gostaria que existisse uma maneira de te mostrar que nós não estávamos apenas “atuando” de forma amigável. Eu seria sua amiga um milhão de vezes. Você é bem-vinda aqui! (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁸⁰)

Usuário 75: A página do Facebook mais tolerante e pacífica sem ódio ou racismo algum, eu me sinto seguro aqui. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁸¹)

Usuário 76: Por favor saiba que, na verdade, a maioria dos americanos não votou no Trump e não acredita no ódio. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁸²)

Usuário 77: Hilary ganhou o voto popular, a América falou e nós não queremos o Trump. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁸³)

Usuária 78: mil vezes sim. A maioria não votou no Trump. Eu fiquei o DIA INTEIRO dizendo isso! O Colégio Eleitoral é uma coisa do passado. Está na hora de mudar para o voto popular como todo país de primeiro mundo. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁸⁴)

Usuária 79: Os meus ancestrais estão aqui desde os anos 1700... Eu não me sinto parte da comunidade também. O seu medo é real e eu sinto muito. Eu falei pra

¹⁷⁸ *I covered a lot of Trump rallies as a journalist. I didn't feel any hatred. People were more curious than anything. I was never assaulted. I felt like most people were just supporting him because he wasn't part of the establishment. Or because they were tired of politics. But it was confusing. Because even though I didn't feel like they hated me, these people were supporting someone who said I should be banned from the country. Even the father of one of my best friends supports Trump. This man had me over to his house. I went to Thanksgiving with him. My friend asked him: 'Dad, how can you support that man? Our friend Zahra is a Muslim.' He told her: 'Don't worry. He won't do everything that he says.' Today has been difficult. These last few weeks, it was mostly speculation. There was suspicion that most Americans supported him but I could hope that it was wrong. But now that hope is gone. And I have to feel differently. I have to feel like maybe most Americans don't want me here. And I feel like no matter how hard I try, I'll never be part of the community. And even if they're friendly to me, or if they invite me to Thanksgiving, deep down they believe that America is a country that belongs to white people.*

¹⁷⁹ *I'm Canadian, but I refuse to believe that your country will allow itself to be swallowed up by bigotry and hate. Stay the course, keep love strong and be kind to each other. You (and us) will make it through this!*

¹⁸⁰ *I wish there was a way to show you that we aren't just "acting" friendly. I would be your friend a million times. You're welcome here.*

¹⁸¹ *A página do facebook mais tolerante e pacífica sem ódio ou racismo algum, eu me sinto seguro aqui.*

¹⁸² *Please know that actually the majority of Americans did not vote for Trump and does not believe the hate.*

¹⁸³ *Hillary won the popular vote, America has spoken and we do not want Trump.*

¹⁸⁴ *A thousand times over. The majority did not vote for Trump. I have been saying this ALL DAY! The Electoral College is a thing of the past. It is time we move to the popular vote like every other 1st world country.*

minha filha para dizer à amiga dela (que é muçulmana) que nós a amamos e que nós impediremos esse ódio. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁸⁵)

Usuário 80: NÃO é um país só para brancos. Nós, os imigrantes, fizemos este país grandioso. Nós perdemos ontem à noite, mas eu ainda acredito que a América vai se recuperar nos próximos anos. Continuem lutando pelo que é bom. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁸⁶)

O espaço para comentários também virou um *chat* de discussões: é possível observar eleitores de Trump e de Hillary debatendo.

Usuária 81: [...] Por favor não pensem que porque eu votei no Trump isso significa que eu odeio vocês. Longe da verdade. Eu votei no Trump, porque a minha filhinha ficou sem seguro por um ano. Eu votei no Trump, porque dois policiais foram encurralados e mortos (por um homem branco) muito perto da minha casa e eu quero alguém que respeite e apoie a aplicação da lei. Eu votei no Trump, porque eu estou cansada dos tiroteios em massa e o meu coração dói por cada morte. Ele é a resposta perfeita? Não. Mas eu votei por mudança. Dito isso, eu tenho amigos de múltiplas etnicidades. Eu participei do casamento LGBT de um amigo próximo na semana passada. Eu trabalhei com pessoas deficientes por três anos. Eu amo todas as pessoas. Por favor não me chamem de racista ou homofóbica. Eu tinha muitos conflitos sobre essa eleição, mas eu ainda sinto que eu fiz a escolha certa. Os próximos 4 anos vão ser difíceis, mas muito mais se nós deixarmos isto continuar a nos dividir. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁸⁷)

Usuária 82: [se referindo à usuária 81] Trump construiu a campanha dele caluniando muçulmanos, e você disse “me põe nessa!” Você é parte do porquê essa mulher se sente insegura no seu próprio país. Encare os fatos. Ah sim – e “apoia a aplicação da lei” como se a HRL¹⁸⁸ não apoiasse. A mensagem subliminar aí é “negros merecerem levar tiros” e você entendeu. Eu me pergunto se o seu amigo LGBT se orgulha de você por votar em um homofóbico horrendo como o Pence. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁸⁹)

Também houve uma discussão sobre a posição de Trump frente os muçulmanos:

¹⁸⁵ *Os meus ancestrais estão aqui desde os anos 1700... Eu não me sinto parte da comunidade também. O seu medo é real e eu sinto muito. Eu falei pra minha filha para dizer à amiga dela (que é muçulmana) que nós a amamos e que nós impediremos esse ódio.*

¹⁸⁶ *It is NOT a country just for white people. We, the immigrants, made this country great. We lost last night, but I still believe America will pull through in the years to come. Keep fighting the good fight.*

¹⁸⁷ [...] *Please do not think that because I voted Trump, this means I hate you. Far from the truth. I voted for Trump because my little girl went without insurance for a year. I voted Trump because 2 police officers were ambushed and killed (by a white man) so close to my home and I want someone who respects and backs law enforcement. I voted Trump because I'm tired of mass shooting and my heart aches for every death. Is he the perfect answer? No. But I voted for change. Now with that, I have friends from several ethnicities. I attended a close friend's LGBT wedding just las weekend. I worked with the disabled for 3 years. I love all people. Please do not call me racist or homophobic. I was very conflicted by this election but I still feel like I made the right choice. The next 4 years will be difficult but it will be far harder if we let this continue to divide us.*

¹⁸⁸ *Hilary Rodham Clinton.*

¹⁸⁹ [...] *Trump built his campaign on slandering Muslims, and you said “sign me up!” You are part of why this woman feels unsafe in her own country. Face facts. Oh yes – and “supports and backs law enforcement” like HRC doesn't. The dog whistle is “black people deserve to be shot down”, and you heard it. I wonder if your LGBT friend is proud of you for voting for a horrendou homophobe like Pence.*

Usuário 83: Humans of New York deveria se envergonhar por estar publicando essa bobagem divisiva e enviesada. Eu votei no Trump e para quem quer que essa mulher seja, você é mais do que bem-vinda ao nosso país! Não escute a propaganda da mídia! (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁹⁰)

Usuária 84: Então não escute ao que o Donald Trump diz? (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁹¹)

Usuário 83: Não, não escute o a mídia diz sobre o que o Donald Trump disse. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁹²)

Usuário 85: Nós vimos ELE dizer. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁹³)

Usuário 83: Não, vocês assistiram o que a mídia mostrou a vocês. Eu assisti o que ele disse, e o que ele disse era senso comum considerando a situação particular. (HUMANS OF NEW YORK, 2016, tradução nossa¹⁹⁴)

Usuária 86: Infelizmente, você não falar por todos que votaram. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁹⁵)

Usuário 87: Ele disse, literalmente, que ele quer que todos os muçulmanos sejam banidos de entrar nos Estados Unidos. Se você não sabia disso antes de votar Deus te abençoe. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁹⁶)

Usuária 88: [se referindo ao usuário 86], ele disse as palavras. A mídia apenas colocou uma câmera na frente dele. [...] Ele fez uma escolha de usar linguagem racista e islamofóbica. Ele poderia ter usado linguagem e ideias diferentes para vencer, mas ele fez uma escolha. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁹⁷)

Usuário 89: Ele realmente disse que os muçulmanos são perigosos, concordo com isso. Se alguém diz “morte à América” e assassina mulheres e homossexuais porque eles podem (falando de islã radical) então sim eu acho que isso é muito perigoso risos. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁹⁸)

Usuária 90: Como uma canadense isto é o que eu acho tão difícil de entender. NÓS VIMOS E OUVIMOS ELE DIZER! ELE! Nós não temos que mascarar coisas como alguns têm feito nesta campanha, nós todos ouvimos direto da sua boca de cavalo – nós vimos os seus lábios se movendo e as palavras saindo. Mas os apoiadores tentam nos dizer que ele foi mal representado? ELE DISSE AQUILO! Não é necessário checar fatos, ele disse de forma clara. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa¹⁹⁹)

¹⁹⁰ *Humans of New York should be ashamed to be publishing this divisive, and bias bullshit. I voted trump and to whoever this woman is, you are more than welcome in our country! Don't listen to the media propaganda!*

¹⁹¹ *So don't listen to what Donald Trump said?*

¹⁹² *No, don't listen to what the media said about what Donald trump said.*

¹⁹³ *We watched HIM say it*

¹⁹⁴ *No you watched what the media showed you. I watched what he said, and what he said was common sense considering the particular situation.*

¹⁹⁵ *Unfortunately, you don't speak for all voters.*

¹⁹⁶ *He said, verbatim, that he wants to ban Muslims entering the United States. If you didn't know that before voting God help you.*

¹⁹⁷ *[...] he said the words. The media merely placed a camera in front of him. [...] He made a choice to use racist and Islamophobic language. He could have used different language and ideas to win, but he made a choice.*

¹⁹⁸ *He did say radical muslims are dangerous, which I agree with. If someone is saying "death to America" and murders women and homosexuals because they can (speaking of radical Islam) then yes I think that's very dangerous lol*

¹⁹⁹ *As a Canadian this is what I am finding so hard to understand. WE SAW AND HEARD HIM SAY IT! HIM! We don't have to make up stuff like some have done in this campaign, we heard it all straight from the horse's*

5.6.1.13 Análise do *Post* 13

No relato seguinte, um homem de Gana conta como ele ama o seu trabalho. Ele explica que está sempre sorrindo porque adora trabalhar no setor de atendimento ao consumidor da CVS, uma farmácia norte-americana. Lá ele se sente como um “campeão” ao resolver os problemas e as queixas dos clientes. A imigração é uma questão pungente no final do comentário: ele revela não ser um “Cidadão” (o que significa, neste contexto, que ele é ilegal), mas ele conta que faz parte da comunidade. Ele diz se sentir um americano. Isto é um tema recorrente no que tange imigração: os estrangeiros, muitas vezes, se sentem marginalizados, excluídos. Não é o caso deste homem: ele é integrado a uma profissão e a um cotidiano estadunidense. A foto exprime bem as emoções principais do relato: alegria e orgulho.

Figura 25- Ganês fala sobre se sentir “americano”



Fonte: Humans of New York (2016).

“Isaac, por que você está sempre sorrindo?” Eu digo a elas: “o que mais posso fazer?” Eu sou tão abençoado de estar nesse país. Eu trabalho no serviço do cliente na CVS da Rua 57th e eu amo. CVS é o melhor lugar que eu amo muito. Eu ajudo as pessoas com as suas necessidades e me faz tão feliz. Eu ajudo elas com os seus cupons. Eu ajudo elas com a sua medicação. As pessoas me trazem os seus desafios e eu resolvo os seus problemas. É possível dizer que eu sou o campeão delas. Eu não sou um cidadão. Mas eu ajudo as pessoas com os seus problemas, isso faz de mim parte da comunidade. Eu me sinto como um americano. (HUMANS OF NEW YORK, 2016, tradução nossa²⁰⁰)

mouth- we say his lips move and the words come out. But his supporters try to tell us he is misrepresented?! HE SAID IT! No fact checking required, he said it all in plain view.

²⁰⁰*I come from Ghana. I'm always smiling. People ask me: "Isaac, why are you always smiling?" I tell them: "What else can I do?" I am so blessed to be in this country. I work in customer service at the CVS on 57th Street and I love it. CVS is the place that I love so much. I help people with their needs and it makes me so happy. I help them with their coupons. I help them with their medication. People bring me their challenges and I solve*

Na seção de comentários, a maioria exprime hospitalidade – o primeiro comentário recebeu 1,8 mil curtidas:

Usuária 91: Neste momento, até onde eu sei, você é bem mais americano do que muitos cidadãos americanos nascidos naturalmente. [...] Você é mais do que bem vindo aqui, senhor. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa²⁰¹)

Usuária 92: Se esse homem está tentando se tornar um cidadão americano, a CVS (e o resto de nós, aliás) ajudar a fazer isto acontecer? Nós PRECISAMOS de mais pessoas – CIDADÃOS – como ele no nosso país. A sua história mostra o engodo de toda negatividade e vieses contra imigrantes que nós aguentamos no ano passado. Bravo, Isaac. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa²⁰²)

Há uma curiosa discussão sobre expressões que exprimem “diversidade cultural”: canadenses usam “mosaico”, enquanto norte-americanos usam “*melting pot*” (caldeirão de fusão) ou “*salad bowl*” (tigela de salada, tradução nossa). O primeiro comentário abaixo, que suscitou a discussão, recebeu 13 mil curtidas.

Usuário 93: Se todos nós tivéssemos a sua atitude humilde nós estaríamos séculos além de nós mesmos em direitos humanos e justiça social. Obrigada por agregar ao nosso caldeirão de fusão! (FACEBOOK, 2016, tradução nossa²⁰³)

Usuária 94: No Canadá nós descrevemos multiculturalismo como um mosaico. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa²⁰⁴)

Usuária 95: Enquanto crescia no Canadá, eu lembro de ser ensinada que a nossa sociedade multicultural é um mosaico. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa²⁰⁵)

Usuária 96: Na escola nós fomos ensinados que os Estados Unidos são considerados um caldeirão de fusão porque têm diferentes culturas que emergem juntas para formar uma única cultura americana e que o Canadá é um “*pout pourri*” porque nós temos muitas culturas diferentes que se ligam juntas (no geral, mas depende é claro da região). (FACEBOOK, 2016, tradução nossa²⁰⁶)

Usuária 97: Nós estávamos discutindo o assunto caldeirão de fusão/tigela de salada em uma de minhas aulas um dia desses. A questão com a analogia do caldeirão de culturas é que, quando na teoria é legal, na verdade causa um apagamento cultural porque todos se conformam com a maioria. Nesse caso a maioria é branca então as

their problems. You can say that I am their champion. I am not a citizen. But when I help people with their problems, that makes me part of the community. So I do feel like an American.

²⁰¹*Emily May At this point, as far as I'm concerned, you're far more American than many natural born American citizens. Offering help to others instead of spitting on their civil liberties. You are more than welcome here, sir.*

²⁰²*If this man is trying to become na American Citizen, can CVS (and the rest of us, for that matter) make the happen? We NEED more people – CITIZENS – like him in our country. His story puts the lie to all off the negativity and bias against iimmigrants that we'vee endured for the last year. Braco, Isaac.*

²⁰³*If we all had your humble attitude we would be centuries ahead of ourselves in human rights and social justice. Thank you for adding to our melting pot.*

²⁰⁴*In Canada we describe multicultural as a moisaic.*

²⁰⁵*Growing up in Canada, I remember being taught that our multicultural society is a mosaic.*

²⁰⁶*In school we were taught that the united states is considered a melting pot because they have different cultures that merge together to form one American culture and that Canada is a "potpourri" because we have many different cultures that intermingle together. (It varies depending on region of course but in general).*

pessoas de outras etnicidade acabam sendo pressionadas para serem mais brancas, ou acabam sendo negligenciadas. Como uma tigela de salada, nós todos podemos ter as nossas individualidades étnicas ou culturas familiares e ainda assim convergir para formar uma cultura americana. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa²⁰⁷)

Usuária 98: Eu larguei a ideia do “caldeirão de fusão” anos atrás em preferência da ideia da “tigela de salada” pelas exatas razões ditas por Grace Collins. De qualquer forma, o Isaac ainda incrível e ajuda a América ser essa coisa incrível que nós somos. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa²⁰⁸)

Por fim, outra grande discussão foi sobre a importância da cidadania (o entrevistado não é um cidadão legal).

Usuário 99: Ele também é mais americano que alguns de nós. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa²⁰⁹)

Usuária 100: Mas ele não é “tão americano quanto qualquer um de nós”. Ele não tem os direitos legais que os cidadãos têm. A cidadania importa. Muito. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa²¹⁰)

Usuário 111: [se referindo à usuária 100] ah, ele é americano de coração, isso é mais importante. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa²¹¹)

Usuário 112: [se referindo à usuária 100] na verdade não. Olhe para este país. Existem milhares e milhares de cidadãos que se recusam a trabalhar, que cometem crimes diariamente, etc. Parece que esse homem tem uma ética de trabalho melhor e um amor por esse país que muitos cidadãos nunca sentiram um dia na vida deles! (FACEBOOK, 2016, tradução nossa²¹²)

Usuário 113: Eu concordo com a Usuária 100. Ele não é um cidadão deste país. Isto significa que no momento ele não é um americano. [...] Isso significa que você não tem direitos de uma cidadania, e pra começar você não pode votar. Você não pode viajar com um passaporte americano, etc. Eu acho que é isso o que a Joy quis dizer. Eu não quero falar por ela, mas eu acho que falar essas coisas contra ela é errado. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa²¹³)

²⁰⁷ *We were just discussing the melting pot/salad bowl issue the other day in one of my classes. The issue with the melting pot analogy is that, while in theory it is nice, it actually causes cultural erasure because everyone conforms to the majority. In this case the majority is White so people of other ethnicities end up getting pressure to be more white, or will be looked over entirely. As a salad bowl, we can all have our individual ethnic or family cultures and still come together to form an American culture.*

²⁰⁸ *I dropped the "melting pot" idea years ago in preference of the "salad bowl" idea for the exact reasons Grace Collins stated. Either way, Isaac is still awesome and helps make America the awesomeness that we are.*

²⁰⁹ *He's also more American than some of us.*

²¹⁰ *But he's not "as American as any of us". He doesn't have the legal rights that citizens have. Citizenship matters. A lot.*

²¹¹ *[...] Ah, he's American at heart, that's more important*

²¹² *[...] Not really. Look at this country. There are thousands upon thousands of citizens who refuse to work, commit crimes daily, etc. It seems that this man has a better work ethic and a love of this country that many citizens have never understood a day in their life.*

²¹³ *I agree with [...]. He is not a citizen of this country. That mean currently he is not an American. I grew up as an American citizen in a country where I was NOT a citizen. This mean you don't have all the right of a citizen, for one thing you cannot vote. You cannot travel on na American passport, etc. I think that's all Joy meant. I don't want to speak for her, but I think those speaking against her are wrong.*

5.6.1.14 Análise do *Post* 14

No relato seguinte, temos uma mulher boliviana de 33 anos. Ela fala sobre a relação conturbada com os pais, extremamente conservadores e controladores. A imigração não é um tema central; contudo, é visível a questão da diferença presente: bolivianos, os pais eram contra o casamento da filha com um homem da República Dominicana. O relato exemplifica como os imigrantes mais jovens talvez adaptem melhor à cultura local (no caso de Nova York, à liberdade e multiculturalidade), enquanto os imigrantes mais velhos permanecem arraigados aos costumes locais.

Figura 26- Boliviana fala sobre problemas familiares



Fonte: Humans of New York (2016).

Os meus pais são das antigas. Nós somos da Bolívia. A filha não deve deixar a casa até ela estar casada. Mas eu fui embora quando tinha dezenove anos porque eu não suportava mais a constante briga sobre como viver a minha vida. Eu não queria ser promíscua, eu só queria explorar Nova York, e ter amigos negros e amigos brancos e amigos gays. Eu tenho uma relação ruim com os meus pais desde então. Eu acabei casando com um menino dominicano de Corona. Ele foi muito bom comigo. Mas eles nunca o aceitaram. Nós nos casamos na prefeitura. Eu tenho trinta e três anos agora. Nós recém tivemos o nosso primeiro filho. Então eu pensei que as coisas finalmente melhorariam com os meus pais. Eu pensei que nós poderíamos nos relacionar como iguais agora que eu tive o meu próprio filho. Talvez eles finalmente aceitariam as minhas escolhas. Mas eles continuam os mesmos. A minha mãe ajuda a tomar conta do meu filho quando estou no trabalho. Ela faz tudo da maneira dela. Ela critica todas as minhas decisões. Quando eu insisto em criar o meu filho de uma certa forma, ela fica chateada. Ela começa a chorar e me lembra de que eu fui embora quando eu tinha dezenove anos. E então meu pai me ligar e grita comigo por ter chateado a minha mãe. Parte o meu coração. Mas eu estou percebendo que um bom relacionamento com os meus pais sempre vai implicar fazer exatamente o que eles dizem. (HUMANS OF NEW YORK, 2016, tradução nossa²¹⁴)

²¹⁴*My parents are old school. We're from Bolivia. The daughter isn't supposed to leave the house until she's married. But I left when I was nineteen because I couldn't take the constant fighting about how to live my life. It's not that I wanted to be promiscuous. I just wanted to explore New York and have black friends and white*

A recepção do público é resumida, de maneira geral, pelo comentário no topo da seção (com notáveis 34 mil curtidas):

Usuária 114: Você tem 33 anos. É uma mãe. E uma esposa. O relacionamento com os seus próprios pais não é mais o mais importante na sua vida. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa²¹⁵)

Em contrapartida, vemos muitas pessoas (geralmente mulheres, geralmente latinas), defendendo a jovem do *post*, e atentando para as diferenças culturais que podem reger relacionamentos familiares.

Usuário 115: Não deveria ser, mas você deveria ver os relacionamentos dentro de uma família latina, as coisas são bem diferentes de famílias europeias e americanas. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa²¹⁶)

Usuária 116: Este foi um dos poucos *posts* de HONY onde os comentários pareceram bem insensíveis e pouco empáticos ao meu ver. Eles me fizeram perceber que a cultura realmente tem um papel muito mais importante do que eu achei que fosse possível nas dinâmicas familiares. Eu sou brasileira e eu consigo me identificar com boa parte daquilo que essa mulher descreveu. Eu não quero dizer que as famílias latino-americanas são abusivas e intrusivas por si só, mas, no geral, os nossos pais e extensões da família permanecem presentes nas nossas vidas por um período de tempo muito mais longo aqui e isso significa que eles também se sentem mais no direito de se intrometer em coisas que eles provavelmente não deveriam. Isso definitivamente poderia contribuir para chegar a situações de abuso como essa que foi compartilhada. “Apenas toque a sua vida” ou “se preocupe com a sua própria família” são alguns dos conselhos mais inúteis que alguém poderia dar em relação à história dela. Muitos de vocês certamente não entendem o modo como pais manipuladores podem deixar cicatrizes por muito tempo da vida adulta. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa²¹⁷)

friends and gay friends. I've had a bad relationship with my parents ever since. I ended up marrying a Dominican boy from Corona. He's been nothing but good to me. But they've never accepted him. We got married at City Hall. I'm thirty-three now. We just had our first child. So I thought things would finally get better with my parents. I thought we could relate as equals now that I have my own child. Maybe they'd finally accept my choices. But they're still the same. My mother helps babysit my child while I'm at work. She does everything her own way. She criticizes all my decisions. When I insist on raising my child a certain way, she gets upset. She starts crying and reminds me that I left the house when I was nineteen. Then my father calls and yells at me for upsetting my mother, it breaks my heart. But I'm realizing that a good relationship with my parents will always require doing exactly what they say

²¹⁵ *You're 33. A parent. And a spouse. Your relationship with your own parents is no longer the most important one in your life.*

²¹⁶ *It shouldn't, but you should see relationship within a latin family, things are quiet different to european and american families.*

²¹⁷ *This was one of the few HONY posts where comments came across as rather insensitive and lacking in empathy to me. They made me realize how culture really does play a much bigger role in family dynamics than I thought it could. I'm Brazilian and can relate to a good extent to a lot of what this woman has described. I don't mean to imply that Latin American families are abusive and intrusive per se, but in general, our parents and extended family remain present in our lives for a much longer period of time here and that means they also feel more entitled to give their take or tackle in stuff they probably shouldn't. That could definitely contribute to escalating situations of abuse such as the one she shared. "Just get on with your life" and "mind your own*

Usuária 117: Depende de onde você é e que tipo de valores familiares você tem. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa²¹⁸)

Usuária 118: Uma cultura diferente. As pessoas do ocidente frequentemente não têm os laços que as outras culturas têm. Eu apoio muito limites saudáveis, mas não é sempre fácil se você quer ficar perto dos seus pais como ele claramente quer. Bom pra ela, por fazer estes sacrifícios a um custo pessoal. Não tenho certeza de que eu conseguiria. E também a opção de outro cuidado infantil pode ser caro demais. Só Deus sabe que não é simplesmente uma escolha fácil. Se fosse, ela já teria feito. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa²¹⁹)

Usuária 119: “Não vive mais com eles”. Não me parece uma sugestão para nós – aqui na Índia. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa²²⁰)

Além disso, muitos usuários se sentiram compelidos a compartilhar as suas próprias histórias de problemas familiares – mais uma vez, vemos a transformação da caixa de comentários em um *chat*, com as pessoas apoiando umas às outras:

Usuário 120: Às vezes nós apenas precisamos perceber que nós somos famílias diferentes agora. Sim, você deveria amá-los, manter contato com eles, etc. Mas você não vive mais com eles. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa²²¹)

Usuária 121: Eu demorei dois anos com a minha terapeuta me dizendo isso até eu acreditar nela. É muito libertador. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa²²²)

Usuário 120: [se referindo à usuária 121] Eu sinto muito em ouvir isto. Foi uma jornada para mim também. Quanto tempo faz isso? (FACEBOOK, 2016, tradução nossa²²³)

Usuária 121: [se referindo à usuária 120] menos de um ano atrás. (FACEBOOK, 2016, tradução nossa²²⁴)

5.6.1.15 Análise do *Post* 15

Em 2017, Brandon diminuiu consideravelmente a frequência das postagens (estimamos que a média, em 2016, era de um *post* a cada dois dias – em 2017, este número mudou para um *post* a cada dez dias). Em julho, temos o relato de um imigrante cuja

family" are some of the most useless advice one could give regarding her story. Many of you certainly do not understand the way manipulative parenting can scar you long into adulthood.

²¹⁸ *Depends on where you're from and what kind of family values you have.*

²¹⁹ *A different culture. Western people often don't have the close family ties other cultures have. I'm all for healthy boundaries but it's not always so easy if you want to stay close to your parents as she clearly does. Good for her, for making that sacrifice at great personal cost. Not sure I could. Also the different childcare option might be too expensive. Goodness knows everyone makes this sound like such an easy choice. If it was, she'd have done it already.*

²²⁰ *"Don't live with them anymore." Don't sound like a suggestion to us – here in India.*

²²¹ *Sometimes we just need to realize that we're separate families now. Yes, you should love them, keep in touch with them, etc. But, you don't live with them anymore.*

²²² *Took me two years of my therapist telling me that before I believed her. It's very liberating.*

²²³ *[...] I'm sorry to hear that. It's been a journey for me too. How long ago was that?*

²²⁴ *[...] Less than a year ago.*

nacionalidade não é revelada. Ele fala sobre a dificuldade em falar inglês e sobre a sua grande inspiração, Forrest Gump, em função da sua persistência em vencer obstáculos. Em um tom que se divide entre esperançoso e angustiado, o jovem também compartilha o seu sonho de estudar na Columbia, uma universidade de prestígio em Nova York.

Figura 27- Jovem imigrante fala sobre dificuldades e sonhos



Fonte: Humans of New York (2017).

O meu inglês não é bom. O inglês falado é muito difícil. Mas eu quero estudar na Columbia então eu estou tentando melhorar. Eu decidi vir para a América por causa do Forrest Gump. Eu vi o filme cinco vezes. Eu gosto muito do Forrest. O Forrest é muito simples. Ele escolhe uma coisa e continua indo em frente. Quando eu era jovem, eu achava que o Forrest era burro. Mas agora eu tenho uma visão diferente, eu acho que as pessoas são muito complicadas. Elas reclamam de tudo. O Forrest nunca reclama. Ele elege uma coisa e continua indo em frente. Eu vi o filme no mês passado para me encorajar. A minha vida é difícil porque as pessoas nunca entendem o que eu estou dizendo. Mas eu só penso no Forrest. O Forrest compreendeu tudo porque ele só continuou indo em frente. (HUMANS OF NEW YORK, 2016, tradução nossa²²⁵)

Os comentários foram, no geral, bem positivos, com mensagens de motivação ao jovem, expressando empatia e hospitalidade. Alguns se direcionavam diretamente ao garoto, oferecendo serviços educacionais gratuitos.

Usuária 122: Eu fico impressionada pelas pessoas que se mudam para um país estrangeiro sem saber a língua. Eu não consigo imaginar este tipo de resistência e

²²⁵ *My English is not good. Spoken English is very difficult. But I want to study at Columbia so I am trying to improve. I decided to come to America because of Forrest Gump. I've watched the movie five times. I like Forrest very much. Forrest is very simple. He picks one thing and he keeps going. When I was young, I thought Forrest was stupid. But now I have a different view. I think people are too complicated. They complain about everything. Forrest never complains. Forrest chooses one thing and he keeps going. I watched the movie last month to encourage me. My life is hard because people don't ever know what I'm saying. But I just think of Forrest. Forrest figured everything out because he just kept going.*

dedicação. Muita paz pra você, irmão. Boa sorte na Columbia! (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²²⁶)

Usuária 123: Exatamente. Ninguém deveria caçoar de pessoas que falam inglês errado. Significa que provavelmente eles falam mais línguas do que você. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²²⁷)

Usuário 124: Continue com esta atitude. Eu vim para esse país com 12 anos e não falava inglês básico tampouco. Eu completei o meu mestrado dois anos atrás! Ainda é meu sonho estudar na Columbia ou outra universidade da Ivy League... Talvez um dia eu o faça. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²²⁸)

Usuária 125: Me lembra a Dory: “Apenas continue nadando, continue nadando!” Bem-vindo à América! (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²²⁹)

Usuária 126: Nós estamos honrados de ter você aqui. A América vai ser um país melhor com as suas contribuições. Continue aprendendo inglês; é difícil mas você consegue. Bem-vindo ao seu lar!! (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²³⁰)

Usuária 127: Você está com o espírito certo! Eu sou uma professora de ESL em Austin, Texas. Se você está interessado, eu fico feliz em fazer uma aula por telefone ou Skype contigo (sem custo!). Eu posso te dar um *feedback* da sua pronúncia/gramática/vocabulário e algumas estratégias para melhorar. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²³¹)

Usuária 128: Olá estudante, eu sou uma professora de química, e atualmente uma mãe de gêmeos de dois anos de idade e donadecasa. Se você precisar de alguém para editar o seu texto de admissão de quando você estiver aplicando para universidades (sem custo), por favor sinta-se livre para me enviar uma mensagem. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²³²)

Usuário 129: Este jovem notável é uma das vozes mais cheias de insights filosóficos que nós já escutamos em HONY. Nem mesmo um falante nativo e ele capturou a essência do vencedor Forest Gump e nos ofereceu uma linda mensagem de vida... continue simples (não pense demais ou complique), escolha um foco, trabalhe duro, e continue em frente. Efetivamente, viver “uma boa vida” é tão simples quanto encontrar um propósito para dar um sentido à vida [...]. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²³³)

²²⁶ *I'm in awe of people who move to a foreign country without knowing the language. I can't imagine that type of fortitude and dedication. Much peace to you, brother. Best of luck at Columbia!*

²²⁷ *Exactly. One should never make fun of people who speak broken English. It means they probably know more languages than you do.*

²²⁸ *Continue with this attitude. I came to this country at age of 12 and didn't speak basic English as well. After many many years of trying and learning, I completed my masters two years ago! It's still my dream to attend Columbia or an ivy league school... maybe one day I will do it.*

²²⁹ *Makes me think of Dory, "Just keep swimming, just keep swimming!" Welcome to America!*

²³⁰ *We are honored to have you here. America will be a better country with your contributions. Keep learning English; it's difficult, but you can do it. Welcome home!!*

²³¹ *You've got the spirit! I'm an ESL teacher in Austin, TX. If you're interested, I'm happy to do a phone or skype session with you (free of charge!). I can give you some feedback on your pronunciation/grammar/vocabulary and some strategies to improve.*

²³² *Hello student, I'm a chemistry professor by trade, who is currently a stay at home mother of 2-year old twins. If you need anyone to edit your college entrance exam essay when you are applying for schools (no charge), please feel free to send me a message.*

²³³ *This remarkable young man is one of the most philosophically insightful voices we've heard on HONY. Not even a native speaker he's captured the essence of the award winning Forest Gump and offered us all a beautiful message for life... keep it simple (don't overthink or make it complicated), pick one point of focus, devote yourself and keep going. In effect, living "a good life" is as simple as finding a purpose to give your life meaning [...].*

5.6.1.16 Análise do *Post* 16

O próximo relato é de um homem guianês. A questão da imigração não é muito central. Além de compartilhar a sua dor em função da doença da esposa, o entrevistado foca bastante o seu relato em um traço que ele julga ser cultural, resultado da escravidão: a falta de afeto. “Nós não dizemos ‘eu te amo’”, ele revela.

Figura 28- Guianês fala sobre os sintomas tardios da escravidão



Fonte: Humans of New York (2017).

Tanto a minha mulher quanto eu fomos criados na Guiana. Nenhuma das nossas famílias demonstrava muito afeto. Contato físico era sempre reservado para disciplina. Havia uma certa dureza no nosso lar que eu acredito ter sido passada através da escravidão. Escravos sempre eram punidos por demonstrar afeto. Eles não tinham permissão para criar laços. E os efeitos disso têm sido passados através das gerações. A minha esposa e eu não somos pessoas apaixonadas. Nós não expressamos os nossos sentimentos. Nós não dizemos “eu te amo”. Nós apenas fazemos brincadeiras. Mas agora ela está doente com um diagnóstico muito ruim. Eu tenho feito tudo por ela: as compras, as refeições, o trabalho doméstico. O eu tento me adequar ao máximo às necessidades dela. É a única maneira que eu sei mostrar a ela que eu me importo, que eu sinto, que eu dói. (HUMANS OF NEW YORK, 2016, tradução nossa²³⁴)

Há uma grande discussão – que quase vira um *chat*²³⁵ público – sobre a necessidade de lembrar da escravidão nos dias de hoje, e muitos comparavam com o caso dos judeus que

²³⁴ *Both my wife and I were raised in Guyana. Neither of our families demonstrated much affection. Physical contact was always reserved for discipline. There was a certain harshness in our household that I believe was passed down from slavery. Slaves were always punished for showing affection. They were never allowed to bond. And the effects of that have been passed down through the generations. My wife and I aren't passionate people. We don't say "I love you". We just banter back and forth. But now she's sick with a major diagnosis. I've had to do everything for her: the shopping, the cooking, the housework. I try to be as responsive as possible to her needs. It's the only way I know to show her that I care and I feel and I hurt.*

²³⁵ Espaço de bate-papo e conversação.

lembram do holocausto. O primeiro comentário abaixo, que começou uma das discussões, recebeu 1,2 mil curtidas e era um dos dez mais populares.

Usuário 130: Eu ouvi uma vez um comentário de uma proeminente personalidade conservadora (Rush Limbaugh)... Que disse: "Nós podemos por favor parar de falar sobre escravidão? Não é hora de seguir em frente?"... Bem, é claro que não. É fácil para nós quisermos seguir em frente dessa história. Mas os efeitos, as ramificações dessa horrível instituição ainda vivem hoje. Escravidão desumanizou e degradou gerações de pessoas. Como o escritor Ta-Nehisi Coates escreveu "Lembre que até hoje(!) o africano americano ficou mais tempo preso do que livre!"... Não permitam que vocês neguem isso [...]. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²³⁶)

Usuária 131: Eu não entendo por que as pessoas dizem que nós podemos parar de falar sobre escravidão. Você não escuta isto sendo dito sobre o que aconteceu com a comunidade judaica na guerra. Se você não aceitar que aconteceu e aprender com isso poderia acontecer de novo. As coisas realmente deixam cicatrizes duradouras. Só porque é desconfortável encarar não significa que deveria ser deixado de lado. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²³⁷)

Usuária 132: É insultante dizer "siga em frente"... Por que eles não dizem aos judeus superar o holocausto? Porque é insultante certo? Porque minimiza as vidas perdidas certo? Então porque nós somos menos? Por que nós deveríamos seguir em frente quando não houve nenhuma real desculpa, nem reparações, nada! (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²³⁸)

Usuária 133: Mas judeus não se queixam constantemente. Eles lembram o horror e seguiram em frente ao mesmo tempo. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²³⁹)

Usuária 134: Porque eles não são constantemente discriminados a cada dia que passa!!!!(FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁴⁰)

Muitos comentários elogiaram a atitude do homem em relação à esposa (o comentário mais popular, abaixo, contou com mais de 7 mil curtidas):

Usuário 135: O amor não está nas palavras, está nas ações. Elas falam mais alto do que qualquer palavra poder falar. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁴¹)

²³⁶ *I once heard a comment by a prominent conservative personality (Rush Limbaugh) ... who said, "Can we please stop talking about slavery? Isn't it time to move on!?" [...] well, hell no. It's easy for us to want to move on from this history. But the effects, the ramifications of this horrible institution still live on today. Slavery dehumanized and degraded generations of people. As the writer Ta-Nehisi Coates wrote "Remember that till today (!) the African American has been in bondage longer than he has been free!" ... Don't allow yourself to deny this [...].*

²³⁷ *I don't understand why people say can we stop talking about slavery. You'd don't hear it said about what happened to the Jewish community in war. If you don't accept that it happened and learn from it could happen again. Things do leave lasting scars. Just because it's uncomfortable to face doesn't mean it should be brushed aside.*

²³⁸ *It's insulting to say "move on"... why don't they tell Jewish people to get over the holocaust? Because it's insulting right? Because it minimises the lives lost right? So how are we any less? Why should we move on when there has been no real apology, no reparations nothing!*

²³⁹ *Jews don't bitch about it constantly though. They remember the horror and moved on at the same time.*

²⁴⁰ *Because they are Not being constantly being discriminated against every single Day!!!!*

²⁴¹ *Love isn't in the words, it's in the actions. They speak louder than any words ever could.*

Alguns endossaram o relato do homem sobre a falta de afeto entre os habitantes da Guiana:

Usuária 136: Eu nasci aqui mas os meus pais são imigrantes guianeses nos EUA. Isto é tão completamente verdade, especialmente com o meu pai. Contato físico poder ser restringido à disciplina e eu não consigo dizer como tem sido danificador pra mim e pra tantos outros. É uma linha estranha para andar e viver porque não é abusivo, mas quando você chega a associar contato físico com dor e sofrimento e eu nem consigo começar a te contar o quanto isso machuca. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁴²)

E outros, a partir de experiências pessoais, rejeitaram:

Usuário 137: Bobagem total. Eu nasci e fui parcialmente criado na Guiana e eu sempre vou pra casa eu amo os meus pais, eles me ensinaram ser duro e disciplina, coisas que estão faltando bastante na sociedade americana. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁴³)

Usuária 138: Mas isso não é sobre *você* e a *sua* experiência, Usuário 137. Isso é sobre ele e a esposa dele e as famílias “deles”. Em nenhum momento este homem disse “isso é como *todos* os guianeses são criados”. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁴⁴)

Usuária 139: Jesus relaxe aí, Usuária 137. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁴⁵)

Usuária 140: Geração diferente, querido. Não precisa ficar na defensiva. O nosso país não está sendo mal representado. Essa é a realidade dele e não a sua. Felizmente, a sua experiência demonstra que nós estamos progredindo e nos curando como uma unidade familiar e como pessoas. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁴⁶)

5.6.1.17 Análise do Post 17

Nos meses de setembro e outubro de 2017, Brandon fez uma série de quatro *posts* selecionando quatro jovens que compartilham uma característica em comum: são conhecidos como “Sonhadores” (*Dreamer*, no original, representa aqueles protegidos pelo DACA, como vimos no capítulo anterior).

²⁴² *I was born here but my parents are Guyanese immigrants to the US. This is so completely true, especially with my father. Physical contact can be restricted to discipline and I can't tell you how damaging that has been for me and so many others. It's a weird line to walk and live because it's not abusive but when you come to associate physical contact with pain and hurt and I can't even begin to tell you how harmful that is.*

²⁴³ *Total bullshit. I was born and partially raised in Guyana and I always go home I love my parents they taught me toughness and discipline things that is sorely lacking in American society.*

²⁴⁴ *But this isn't about *you* and *your* experience, Conrad. This is about him and his wife and *their* families. At no point did this man say "this is how *all* Guyanese are raised".*

²⁴⁵ *Jeez take a chill pill, Conrad.*

²⁴⁶ *Different generation, dear. No need to be defensive. Our country is not being represented poorly. That is his reality and not yours. Thankfully, your experience demonstrates that we are progressing and healing as a family unit and as a people.*

No dia 20 de setembro, o público teve a oportunidade de conhecer a história de uma jovem mexicana. Ela conta sobre como a sua família era pobre no México e como a sua mãe tinha esperanças de construir um futuro melhor nos Estados Unidos, mesmo não sendo documentada. Foi tudo muito difícil nas vidas delas, mas a garota manteve o sonho de conseguir uma educação superior buscando ser sempre a melhor aluna da classe. Devido às circunstâncias atuais, ela diz: “mas agora não tenho tanta certeza”. Ela fala sobre ter um *status* “privilegiado” por ser considerada uma Sonhadora – mas a sua mãe ser vista como uma criminosa.

Figura 29- Mexicana fala sobre ser uma Sonhadora



Fonte: Humans of New York (2017).

Nós éramos bem pobres no México. Meus pais eram divorciados. A minha mãe fez o melhor que pôde. Ela sempre foi uma lutadora. Ela vendia joias, ou comida, ou qualquer coisa que conseguia. Mas em muitas noites não havia o suficiente para comer. Nós sobrevivíamos com *tortillas* e sal. Eu só tinha oito anos quando nós viemos para a América. Então eu era muito nova para entender. Eu acho que minha mãe achou que poderia ganhar algum dinheiro e nos levar para a casa. Ela achou que aprenderia inglês e que talvez abrisse um negócio. Mas foi muito mais difícil do que ela esperava. Nós nos mudamos muito procurando trabalho. Ela tem 50 anos e ela ainda limpa casas todos os dias. A cada ano ela fica mais desgastada. Ela tem ficado muito doente ultimamente. Mas ela não pode se dar ao luxo de parar. Ela nunca vai poder. Neste momento eu estudo. Eu sempre pensei que devia ser a melhor aluna porque eu não tenho documentos legais. Eu pensava em cursar direito, ou ter um diploma. Mas agora eu não tenho tanta certeza. A minha mãe literalmente destruiria o seu próprio corpo para fazer isso acontecer para mim. Como eu poderia permitir isso acontecer? Eu sou uma Sonhadora. E todos amam os Sonhadores porque eles são um belo pacote a se vender. Mas por que eu sou a única que tem a chance de se sentir segura? Sempre que eu escuto “eu apoio os Sonhadores”, eu penso na minha mãe. Eu não estou disposta a atirá-la embaixo de um ônibus. Eu não estou disposta a ser uma moeda de troca para fazer ela parecer uma criminosa. Tudo o que as pessoas admiram sobre os Sonhadores é por causa dos nossos pais. (HUMANS OF NEW YORK, 2017, tradução nossa²⁴⁷)

²⁴⁷*We were pretty poor back in Mexico. My parents were divorced. Mom did the best she could. She was always a hustler. She's sell jewelry, or food, or anything that she could. But a lot of nights there still wouldn't be enough to eat. We'd survive on tortillas and salt. I was only eight when we came to America. So I was too young*

A maior parte dos comentários são encorajadores e expressam simpatia à situação da moça. O comentário mais popular (o primeiro da lista abaixo) recebeu mais de 11 mil curtidas. Além disso, vemos comentários de ex-professores da jovem que endossam o seu esforço em ser uma boa aluna.

Usuário 141: Eu não consigo suportar essa atitude melhor-do-que-você de algumas pessoas em relação aos pais de imigrantes que trouxeram os Sonhadores aqui. Como se você não fosse fazer tudo ao seu poder para se certificar que os seus filhos teriam uma chance. Esses pais, para mim, são os heróis aqui. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁴⁸)

Usuário 142: Uns anos atrás, eu tive o privilégio extraordinário de ensinar esta jovem no seu último ano de Ensino Médio. Em meus quatorze anos de ensino, eu nunca havia conhecido um estudante com mais fome de aprender. Na nossa aula de Governo Americano, ela se sobressaiu, muito além dos seus colegas. Ela é gentil, polida, fala bem, uma leitora voraz, e uma maravilhosa solucionadora de problemas. Ela é o exemplo perfeito de o que uma americana deveria ser. [...] Continue lutando, continue aprendendo, continues amando e mantenha o seu SONHO vivo! (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁴⁹)

Usuário 143: Ela é tudo o que nós poderíamos esperar em uma estudante e CIDADÃ. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁵⁰)

Usuário 143: Apenas para esclarecer, depois do último ano de Ensino Médio que foi cheio de incerteza e medo pra ela, ela conseguiu uma bolsa muito exclusiva para SONHADORES como ela. Se você pudesse ver a agitação, dúvida e stress que ela lidou enquanto aplicava para universidades, os seus corações partiriam [...]. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁵¹)

to understand. I think my mom thought she could make some money and bring us home. She thought she'd learn English, and maybe start a business. But it was so much harder than she expected. We moved so much looking for work. She's fifty and she still cleans houses every day. Every year she gets more worn down. She's been getting sick a lot lately. But she can't afford to stop. She never will. Right now I'm in school. I always thought I had to be the best student because I'm undocumented. I thought I'd go to law school, or graduate school. But now I'm not so sure. My mom would literally destroy her body to make that happen for me. How could I allow that to happen? I'm a Dreamer. And everyone loves the Dreamers because we're a perfect package to sell. But why am I the only one who gets the chance to feel safe? Whenever I hear "I stand with Dreamers". I always think about my mom. I'm not willing to throw her under the bus. I'm not willing to be a bargaining chip to make her seem like a criminal. Everything people admire about Dreamers is because of our parents.

²⁴⁸*I can't stand the holier-than-thou attitude of some people regarding immigrant parents who brought Dreamers here. As if you wouldn't do everything in your power to make sure your kids had a chance. These parents, to me, are the heroes here.*

²⁴⁹*A couple of years ago, I was given the extraordinary privilege of teaching this young woman in her senior year of high school. In my fourteen years of teaching, I have never met a student who was more hungry to learn. In our American Government class, she excelled, far beyond her peers. She's kind, polite, well spoken, a voracious reader, and a wonderful problem solver. She earned herself several accolades throughout her high school career and she's excelling in college. She's the perfect example of what an American should be. [...] Keep fighting, keep learning, keep loving, and keep your DREAM alive!*

²⁵⁰*She's everything we could have hoped for in a student and CITIZEN.*

²⁵¹*Just to be clear, after a senior year of HS that was full of uncertainty and fear for her, she got a very exclusive scholarship for DREAMers just like her. If you could have seen the turmoil, doubt, and stress that she dealt with while applying to colleges, your hearts would have broken [...].*

Usuária 144: Nós somos um país de imigrantes. Nós damos as costas a eles, nós damos as costas a nós mesmos. Nós não somos mais América. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁵²)

Este último comentário é um dos mais populares (com 3 mil curtidas). Em contrapartida, também observamos vários comentários que são irônicos e criticam a moça por estar recebendo dinheiro de impostos pagos por americanos “de verdade”. Isto acaba se transformando em discussões sobre os Estados Unidos ser um país feito imigrantes. Para alguns, parece existir uma diferença entre os imigrantes de antigamente e os de agora. O primeiro comentário foi uma resposta a Lester Schulman (tendo recebido apenas 11 curtidas):

Usuário 145: Hm. Não. Nós somos um país de cidadãos. Nós temos leis, e essas leis precisam ser respeitadas. Eu consigo apreciar as circunstâncias, e sou altamente empático, mas nós não podemos acomodar TODAS AS 7 bilhões de pessoas neste planeta. Eu tenho 3 filhos, todos nascidos aqui, que são sonhadores também. Alguma preocupação com eles? (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁵³)

Usuária 146: [se referindo ao usuário 143] – uma bolsa para os sonhadores... Imaginemisso... Queria ter tido uma! (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁵⁴)

Usuária 147: Sim, Usuária 146, uma bolsa para Sonhadores. Bolsas patrocinadas por pessoas e organizações que querem ajudar as pessoas porque elas não qualificam para ajuda financeira ou a grande maioria das outras bolsas está disponível para os residentes e cidadãos americanos. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁵⁵)

Usuário 148: [se referindo à usuária 147] Eu não ganho uma bolsa. Mas as pessoas que quebram as leis são recompensadas com dinheiro para ganhar educação quando eu nunca ganhei nada? Explique como isso é justo. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁵⁶)

Usuária 146: [se referindo à usuário 147] Eu não qualifiquei para qualquer assistência financeira. Eu trabalhei e paguei pela minha junto com o meu marido e tendo duas crianças pequenas. Ia para as aulas durante a semana e trabalhava 12 horas nos turnos do fimde semana. Guarde as lamúrias para outra pessoa... (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁵⁷)

Usuário 143: [se referindo a usuária 146] se você tirasse notas tão altas como essa jovem (ela era uma aluna FENOMENAL) você teria uma carona de graça para

²⁵² *We're a country of immigrants. We turn our backs on them, and we turn our backs on ourselves. We're no longer America.*

²⁵³ *Um. No. We're a country of citizens. We have laws, and those laws need to be respected. I can appreciate the circumstances, and I am strongly empathetic, but we cannot house ALL 7 billion people on this planet. I have 3 children, all born here, who are dreamers too. Any concern for them? Cathy Wirz: Jacob Steeb – uma bolsa para os sonhadores... Imaginem isso... Queria ter tido uma!*

²⁵⁴ *[...] a scholarship for dreamers... imagine that... wish I could have gotten that!*

²⁵⁵ *Yes, [...], a Dreamers scholarship. Scholarships funded by people and organizations that want to help this population because they don't qualify for financial aid or the great majority of other scholarships that are available to American residents and citizens.*

²⁵⁶ *[...] I don't get a scholarship. But someone who broke our laws is rewarded with money to get a good education when I never got one? Explain how that's fair.*

²⁵⁷ *[...] I didn't qualify for any financial assistance. I worked and paid for mine along with having a husband and 2 small children. Went to school all week and worked 12 hour weekend shifts. Save the whining for someone else.*

qualquer lugar. Eu tenho mais de 100 mil em débito de empréstimo estudantil, mas eu estou FELIZ por ela, porque eu não sou o centro do universo e eu entendo o quão dura a vida é. Compaixão é uma virtude. Desenvolva um pouco. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁵⁸)

Usuário 143: Ela também superou quase 10.000 outros SONHADORES por UMA bolsa. Senta aí. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁵⁹)

Usuário 149: Vocês não têm uma obrigação de reportar ilegais para o ICE²⁶⁰? Essas pessoas não têm direitos aos nossos serviços públicos! (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁶¹)

Usuário 143: [se referindo ao usuário 149] nós não temos. Na verdade, nós somos uma cidade-santuário²⁶². Eu tenho, contudo, uma obrigação de apontar um imbecil. Você é um imbecil. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁶³)

Usuária 146: [se referindo ao usuário 143] não deveria ter se ela não é uma cidadã. Eu não tinha as notas dela, mas os meus pais eram cidadãos e trabalharam como condenados em empregos de salário baixo, não procure por pena por aqui que não vai vir... (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁶⁴)

Usuária 146: [se referindo ao usuário 143] este é o problema com cidades-santuário! Espero que sejam erradicadas. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁶⁵)

Usuária 150: Exato! Os meus tataravôs vieram pra cá e receberam salários inferiores por causa das suas nacionalidades. A minha família precisou de 4 gerações para que alguém terminasse um Ensino Superior, e eu sou a primeira na quinta geração a ter um diploma. Toda pessoa que se submeta à lei deveria ser bem-vindo aqui, e eu vou trabalhar para me certificar de que não demore 4 gerações para que as suas famílias se beneficiem das universidades públicas que as suas taxas cobrem. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁶⁶)

Usuária 151: [se referindo à usuária 152] os meus ancestrais vieram para cá legalmente. Da Alemanha. Eles se tornaram cidadãos e trabalharam como cavalos também e se juntaram às forças armadas para defender este grande país. Eu também

²⁵⁸[...] *if you'd have gotten grades as high as this young woman's (she was a PHENOMENAL student) you would have gotten a free ride anywhere. I'm over 100k in student loan debt, but I'm HAPPY fore her, because I'm not the center of the universe and I understand how hard her life is. Compassion is a virtue. Develop some.*

²⁵⁹ *She also beat out nearly 10000 other DREAMers for that ONE scholarship. Sit down.*

²⁶⁰ ICE é a sigla de *Immigration and Customs Enforcement*(Controle de Imigração e Alfândega, tradução nossa)

²⁶¹ *Don't you have an obligation to report illegals to ICE? These people have no right to our public services!*

²⁶²As chamadas "cidades-santuário", nos Estados Unidos, são aquelas que se opõem a colaborar com as autoridades federais no cumprimento de políticas de controle imigratório. Cidades como Nova York, Los Angeles e Chicago têm razões econômicas para proteger imigrantes: a maioria delas depende da mão de obra de imigrantes indocumentados, especialmente nos setores de serviços, construção civil e agricultura. Disponível em:<<http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2017-10/economia-de-cidades-santuاريو-depende-de-mao-de-obra-de-indocumentados>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

²⁶³[...] *we do not. In fact, we are a Sanctuary City. I DO,however, have na obligation to point out assholes. You're na asshole.*

²⁶⁴[...] *shouldn't have if not a citizen. I did not have her grades but my parents were citizens, worked their asses off at low paying jobs, don't look for pity here it's not coming...*

²⁶⁵[...] *that's the problem with sanctury cities! Hopefully will be eradicated.*

²⁶⁶ [...] *Exactly! My great-great grandparents came here and received substandard wages due to their nationalities. It took my family 4 generations for someone to finish college, and I am the first in the 5th generation to finish grad school. Every law abiding person should be welcome here, and I will work to ensure it doesn't take 4 generations for their family to benefit from the public universities their taxes support.*

carrego sangue nativo americano nas minhas veias. Aonde você quer chegar comigo? (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁶⁷)

Usuária 152: [se referindo à usuária 151] – se eduque. Essa língua na qual você digitou tão ignorantemente era derivada de imigrantes. O estado em que você vive foi TIRADO dos mexicanos. Essa terra na qual você é tão orgulhosamente mora foi cultivada por nativos americanos e CONSTRUÍDA por africanos. O sobrenome que você possui deriva de um imigrante [...]. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁶⁸)

5.6.1.18 Análise do *Post* 18

O segundo relato dessa série de *Sonhadores* é de um equatoriano que conta ter sido levado para os Estados Unidos pelos pais quando tinha um ano de idade. Ele conta que sempre soube da sua situação de imigrante e que, nesse sentido, teve “sorte” em relação a outras crianças sem documentos que só descobrem mais tarde que não são 100% estadunidenses. O jovem fala sobre o DACA, como a iniciativa passava uma sensação de segurança e criava uma comunidade entre essas pessoas que outrora ficavam anônimas em função do medo. No fim, ele fala se sentir pertencente à cultura norte-americana: “isto é a nossa casa”. É um *post* marcado de tristeza pelo fim do DACA.

Figura 30- Equatoriano fala sobre a importância do DACA



Fonte: Humans of New York (2017).

Eu só tinha um ano quando a minha família veio do Equador. Os meus pais sempre foram abertos comigo em relação a isso. Desde cedo. Eu tive sorte neste sentido – muitas crianças sem documento não descobrem a verdade até serem bem mais velhos. Os pais nunca contam a eles porque querem que eles se sintam normais. Então as crianças crescem achando que são 100% americanos. Então eles tentam

²⁶⁷[...] *my ancestors did come here legally. From Germany. They became citizens and worked their asses off as well as joined the armed services to defend this great country. I also carry Native American blood in my veins. What point are you actually trying to make with me?*

²⁶⁸[...] *educate yourself. That language you just ignorantly typed your comment with was derived by immigrants. That state you live in, was TAKEN from Mexicans. This land that you oh so proudly live on was cultivated by Native Americans and BUILT by Africans. That last name you hold derived from an immigrant [...].*

estudar fora, ou aplicar para a universidade, e descobrem que não tem os papéis. E isso é um baque pra eles. É como se eles tivessem que se redescobrir por inteiro. Eles aprendem que não são parte da cultura na qual eles cresceram. Eles começam a sentir vergonha. Ninguém fala sobre isso. Eles têm muito medo. Eu certamente nunca contei a ninguém. É por isso que o DACA era tão interessante. Ela nos dava a mínima sensação de segurança. As pessoas começaram a sair da sombra e dizer: “Eu estou aqui”. Nós começamos a encontrar uns aos outros. Isso sim é uma comunidade. E agora nós estamos nos pronunciando juntos. Nós crescemos nessa cultura. Nós crescemos com asmesmas crianças como todo mundo. Esse é o nosso lar. (HUMANS OF NEW YORK, 2017, tradução nossa²⁶⁹)

A maioria dos comentários apoia os jovens; muitos exprimem uma ideia de que eles não são sinônimos de problema e que os EUA é, sim, a sua casa. Os dois primeiros comentários da lista abaixo são alguns dos mais relevantes, recebendo 10 mil e 2 mil curtidas, respectivamente:

Usuário 153: Os Estados Unidos tem um monte de problemas, mas as crianças do DACA não são um deles. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁷⁰)

Usuária 154: “Então as crianças cresceram achando que elas eram 100% americanas”. Se você cresceu na América, e tem sido uma parte das nossas comunidades, então você é 100% americano, com papéis ou sem papéis. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁷¹)

Usuária 155: O meu marido veio pra cá legalmente e só gastamos muito dinheiro fazendo isso. Contudo, nenhum de nós quer ver essas crianças ou jovens adultos serem deportados porque os seus pais os trouxeram pra cá. Eu nunca gostaria de ver as crianças das minhas comunidades expulsas e ele nunca gostaria que elas fossem expulsas apenas porque elas não têm os mesmos papéis que ele tem. Isso seria grotesco. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁷²)

Usuária 156: Todo estudante imigrante que eu ensinei, em 20 anos de ensino, tem sido o melhor estudante na escola com os melhores pais. Eu ensinei a alunos do

²⁶⁹*I was just a year old when my family came from Ecuador. My parents were always open with me about it. Even from a young age. I was lucky that way – a lot of undocumented kids don't find out the truth until they're much older. Their parents never tell them because they want them to feel normal. So the kids grow up thinking they're 100 percent American. Then they try to study abroad, or apply to colleges, and they find out they don't have the papers. And it hits them hard. It's like they've got to figure themselves out all over again. They learn that they aren't a part of the culture they grew up in. And they start to feel a sense of shame. Nobody ever talks about it. They're too afraid. I certainly never told anyone. That's why DACA was so interesting. It gave us the smallest amount of safety. People started to step out of the shadows, and say "I'm here". We began to find each other. Now there's a community. And we're speaking out together. We grew up in this culture. We grew up with the same kids as everyone else. This is our home.*

²⁷⁰*The United States has a bunch of problems, but DACA kids are not one of them.*

²⁷¹*"So the kids grew up thinking they were 100 percent American". If you've grown up in America, and have been a part of our communities, then you are 100 percent American, papers or no papers.*

²⁷²*My husband came here legally and we spent so much money in doing so. However, neither of us want to see these kids or young adults be deported because their parents brought them here. I would never want to see the kids of my communities kicked out and he would never want them to be kicked out just because they don't have the same papers he has. That would just be grotesque.*

mundo inteiro. Muitos deles eram estudantes do DACA. Nenhum problema com nenhum deles, apenas as em sequência. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁷³)

Em resposta à Usuária 154, uma jovem do DACA se pronunciou:

Usuária 157: Ah, mas papéis fazem a diferença... Não importa que nós, beneficiários do DACA, tenhamos zero antecedentes criminais (nós passamos por uma rigorosa análise de trajetórias criminosas), falemos inglês fluente, que muitos de nós tenhamos nos graduado no Ensino Médio com distinção honrosa ou tenhamos diplomas universitários, ou que nós tenhamos recebido cada centavo que nós temos trabalhando com a permissão que o DACA nos concede, porque assim que a palavra “nãodocumentado” aparece, nós somos chamados de criminosos e diminuídos como usurpadores. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁷⁴)

Alguns comentários nos *posts* falam sobre a página de HONY em si: sobre ser uma “comunidade global”, um espaço seguro no Facebook (recebeu 1,5 mil curtidas):

Usuário 158: A página mais pacífica e próspera do Facebook onde nenhum ódio religioso ou abuso é encontrado. Eu me sinto muito seguro aqui, continue o trabalho do bem, equipe do Humans of New York. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁷⁵)

Mas esta percepção é refutada por outros:

Usuário 159: Sinto muito, mas não é verdade. Na última semana eu li muitos comentários odiosos em uma dessas histórias sobre os sonhadores. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁷⁶)

Há uma forte discussão entre os que defendem os Sonhadores e o DACA e aqueles que rechaçam as iniciativas. É interessante observar que os que criticam não estão explicitamente sendo contra esses jovens pelas suas nacionalidades, mas, sim, porque acham que eles estão “roubando” lugares de estadunidenses de nascença. Estes comentários têm pouquíssimas curtidas, e frequentemente as reações são de “tristeza” ou “ódio”.

Usuário 160: Por favor. Que choradeira. Quem não tem sonhos? (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁷⁷)

²⁷³ *Every immigrant student I have ever taught, in 20 years of teaching, have been the highest achieving students in the school with the best parents. I have taught students from all over the world. Many of them were DACA students. Not 1 problem from a single one of them, just straight A's.*

²⁷⁴ *Oh but the papers make the difference... it doesn't matter that us, DACA recipients, have spotless criminal records (we go through very thorough criminal background checks), that we speak English fluently, that many of us graduated with honors from High School or have college degrees, or that we have earned every single penny we have by working with the work permit DACA grants us, because as soon as the word “undocumented” comes up, we are called criminals and deemed as usurpers...*

²⁷⁵ *The most peaceful and prosper page of facebook where no religious hate and abuse found.I feel very secure here,keep up the good work Humans Of Newyork Team.*

²⁷⁶ *Sorry, but not true, last week I read a lot of hateful comments on one of these stories about dreamers.*

Usuária 161: Os pais do DACA certamente SÃO um problema e a corrente migratória vai transformar em um problema ainda maior. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁷⁸)

Usuário 162: Ah, por favor, os seus pais vieram e pegaram os nossos trabalhos. Agora nós temos que sustentar os seus filhos adultos? (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁷⁹)

Usuário 163: Crianças com sonhos? Risos eles não são sonhadores... Eles são pessoas trazidas para este país ilegalmente. Eles não estavam sonhando nada... Talvez os seus pais estivessem, mas eles certamente não. Eles só os chamam de sonhadores porque eles estão buscando simpatia por estarem aqui ilegalmente contra a sua vontade. Você não sabe quando está sendo enrolado por políticos? (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁸⁰)

Usuário 163: [...] A minha mulher passou 11 ANOS lutando contra a deportação como refugiada... e agora ela é uma cidadã, fez da maneira correta... Por que essa pessoa não pode fazer isto? Chega do patético "nós precisamos dar a eles direitos como um Ilegal" neste país. O Trump entregou isto ao Congresso para fazer uma lei. Se eles querem que os "Sonhadores" fiquem eles vão ter de votar LEGALMENTE, não como o Obama fez [...]. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁸¹)

5.6.1.19 Análise do *Post* 19

O relato seguinte é de uma imigrante cuja origem não é identificada. Ela conta sobre o impacto de uma professora, a sra. Rivera, durante a sua infância e adolescência. Ela também compartilha a história sobre como o seu sonho de se tornar advogada surgiu a partir de uma viagem a Washington (que só foi possível por causa da sra. Rivera, já que a garota não podia viajar de avião por não ser documentada). Foi essa mesma professora que a encorajou a aplicar para o DACA (que acabou fornecendo uma bolsa que está financiando a sua faculdade). A principal emoção que temos aqui é gratidão em relação à professora.

²⁷⁷ *Please. Cry me a river. Who doesn't have dreams?*

²⁷⁸ *The DACA parents ARE certainly a problem and then chain migration will make it an even bigger problem.*

²⁷⁹ *Oh please, their parents came and took our jobs. Now we have to support their adult children?*

²⁸⁰ *Children with Dreams? LOL these aren't dreamers..these are people brought to this country illegally.. They weren't dreaming of anything.. Maybe their parents were, but certainly not them.. They only call them Dreamers because they're looking for sympathy for being here illegal against their will. Don't you know when you're being 'spun' by the politicians?*

²⁸¹ *My wife spent 11 YEARS fighting deportation as a refugee... and now she's a citizen,done the right way... Why couldn't this person do it? Enough of the pathetic "we need to give them rights as an Illegal" in this country. Trump has handed this over to the Congress to make a law. If they want the "dreamers" to stay, than they'll vote it through LEGALLY, not like Obama did[...].*

Figura 31- Imigrante fala sobre o sonho de se tornar advogada



Fonte: Humans of New York (2017).

Eu era de um time de liderança na quinta série. No fim do ano nós deveríamos fazer uma viagem até Washington DC. Nós fizemos eventos para levantar fundos e tudo. Mas quando chegou a hora de ir, eu não tinha os papéis de identificação para comprar uma passagem de avião. Então a nossa professora sra. Rivera decidiu que nós iríamos de ônibus. Só para que eu pudesse ir também. Essa viagem mudou a minha vida. Fez eu querer me tornar advogada. E a sra. Rivera se tornou uma das pessoas mais próximas na minha vida. Ela sempre manteve contato. Ela basicamente me viu crescer. Uma vez durante o Ensino Médio eu briguei feio com a minha mãe, e a sra. Rivera veio e me levou num longo passeio de carro. Eu comecei a contar tudo a ela. Eu contei sobre um recente término, e como eu fumei maconha, e “eu fiz isso”, e “eu fiz aquilo”. Ela só ouviu tudo. Então ela começou a me contar da vida dela também. Ela me contou que havia estado em um relacionamento abusivo. Eu sempre pensei que a vida dela era perfeita porque ela era uma conselheira. Mas ela havia enfrentado muita coisa também. Então quando chegou a hora de aplicar para as universidades, a sra. Rivera foi quem me ajudou a aplicar para o DACA. Ela me contou sobre a bolsa TheDream.us. Eu nem sequer queria aplicar. Eu estava pronta para desistir. Eu havia aceitado que eu sempre trabalharia em restaurantes como a minha mãe. Mas a sra. Rivera me obrigou a aplicar. Ela disse: “O que aconteceu com aquela garota que queria ser advogada?” Eu soube que eu havia conseguido a bolsa em fevereiro. Eles vão pagar toda a minha faculdade. A sra. Rivera ficou tão orgulhosa de mim. Ela ficava dizendo: “Eu te falei”. (HUMANS OF NEW YORK, 2017, tradução nossa²⁸²)

Predominantemente, vemos comentários que elogiam os sonhadores e a atitude da sra.

Rivera:

²⁸²*I was on a leadership team in 5th grade. At the end of the year we were supposed to take a trip to Washington DC. We held fundraisers and everything. But when it was time to go, I didn't have the identification papers to buy a plane ticket. So our teacher Ms. Rivera decided that we'd take a bus. Just so I could go too. That trip changed my life. It made me want to be a lawyer. And Ms. Rivera became one of the closest people in my life. She always kept in touch. She basically watched my grow up. One time in high school I got in a huge fight with my mom, and Ms. Rivera came and took me on a long car ride. I started to tell her everything. I told her about a recent break-up, and how I smoked weed, and “I did this”, and “I did that”. She just listened to everything. Then she started telling me about her life too. She told me that she'd been in an abusive relationship. I'd always thought her life was perfect because she was a guidance counselor. But she'd been through so much too. When it came time to apply for college, Ms. Rivera was the one who helped me apply for DACA. She told me about TheDream.us scholarship. I didn't even want to apply. I was ready to give up. I'd just accepted that I'd always work in restaurants like my mom. But Ms, Rivera made me apply. She said: “What happened to that girl who wanted to be a lawyer?” I learned that I got the scholarship in February. They're paying for my entire college. Ms. Rivera was so proud of me. She kept saying: “I told you so”.*

Usuária 164: ISSO. Que lindo exemplo de como nós levantamos uns aos outros, especialmente aqueles com necessidade que estão se sentindo perdidos neste país. Se isso não é um exemplo brilhante sobre o porquê nós precisamos que o DACA continue, eu não sei o que é! (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁸³)

Usuária 165: Eu fiz a minha cidadania da forma legal e recebi minha cidadania 6 anos atrás. Eu nunca vou perseguir alguém que não foi abençoado por esta na posição que eu estava de ter os recursos necessários. Todo mundo deveria ter as mesmas oportunidades que eu tive. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁸⁴)

O comentário mais popular, com 28 mil curtidas, elogiava a sra. Rivera e criticava o presidente Donald Trump:

Usuária 166: Em um mundo cheio de Donald Trumps, seja uma sra. Rivera! (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁸⁵)

Este comentário abriu espaço para uma longa discussão sobre o Trump ser a causa ou a consequência de o DACA acabar: se o presidente é o “vilão” da história ou não.

Usuário 167: A frase “um mundo cheio de Donald Trumps” acabou de me dar um ataque de ansiedade. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁸⁶)

Usuário 168: Donald Trump é simplesmente um sintoma destes ideais e condições que nós aceitamos por muito tempo neste país; ele não é a causa. Não se esqueçam disso. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁸⁷)

Usuária 169: Como isto é sobre o nosso Presidente? Vocês, liberais, estão constantemente despejando ódio e pura ruindade e então botando a culpa nos outros. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁸⁸)

Usuária 170: [se referindo à usuária 169] ele é um símbolo de feiura e ódio e autocentrismo e ganância e descorajamento e preconceito. Seja o oposto de Trump, senhora. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁸⁹)

Usuária 171: [se referindo à usuária 169] É sobre o Trump por causa do cancelamento do DACA no qual ele insiste. Presta atenção! (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁹⁰)

²⁸³ *THIS. What a beautiful example of how we have lifted each other up, especially those in need who are feeling lost in this country. If this isn't a shining example of why we need DACA to continue, I don't know what is!*

²⁸⁴ *I did my citizenship the legal way and received my citizenship 6 years ago today. I will never belittle anyone who wasn't blessed to be in the position I was and had the resources necessary. Everyone should be able to have the same opportunities that I have been afforded.*

²⁸⁵ *In a world full of Donald Trumps, be a Ms. Rivera!*

²⁸⁶ *The phrase “world full of Donald trump” just gave me na anxiety attack.*

²⁸⁷ *Donald Trump is simply a symptom of the ideals and conditions we have accepted for too long in this country; he is not the cause. Don't forget that*

²⁸⁸ *How is this about our President again? You liberals are constantly spewing hate and just plain ugliness and then calling the kettle black*

²⁸⁹ *[...] he's a symbol of ugliness and hatred and self centeredness and greed and discouragement and bigotry. Be the opposite of trump, ma'am.*

²⁹⁰ *[...] It's about Trump because of the DACA repeal he is pushing. Pay attention!*

Também vemos debates polêmicos entre pessoas indignadas devido aos Sonhadores estarem “roubando” vagas de americanos e por não serem legalizados e pessoas que os defendem e empatizam com a situação enfrentada por eles.

Usuária 172: o DACA precisa ser substituído por algo que ofereça essas pessoas um caminho para a cidadania. O DACA não precisa continuar, precisa ser substituído por outra coisa que proteja essas pessoas e não esteja aos caprichos de quem quer que esteja na sala oval. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁹¹)

Usuário 173: Eu concordo. Eu não entendo porque eles estão apenas de braços cruzados ao invés de aplicar para a cidadania. Por que os nossos impostos pagam a universidade inteira de não-cidadãos quando americanos de verdade não conseguem pagar pela universidade? (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁹²)

Usuário 174: [se referindo à usuária 173] ela conseguiu uma bolsa, isso não é ajuda federal nenhuma. DACAs nunca são elegíveis para ajuda financeira federal. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁹³)

Usuária 175: [se referindo à usuária 173] eles NÃO PODEM aplicar para cidadania. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁹⁴)

Usuária 176: Sim, o DACA foi programado sob a lei do Obama. Não foi o Trump que acabou com ele, ele está pedindo para que o Congresso faça o seu trabalho. E sobre as outras histórias? Elas não são todas coloridas. E de nada, meus impostos pagaram pela sua educação. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁹⁵)

Usuária 177: [se referindo às usuárias 173 e 176] Eu quero que vocês entendam isso – não há caminho para a cidadania sem ser o casamento. Não importa há quanto tempo eles estão no país, se eles se tornaram médicos, advogados, serviram posições de serviço ou militares, eles não podem se tornar cidadãos. Você está falando sobre os melhores e mais brilhantes no nosso país e é por isso que eles ganharam bolsas – ninguém tirou nada, ninguém lhes deu nada. Eles trabalharam duro e a sua ambição e inteligência foi reconhecida, como outros estudantes esforçados em nosso país. Eduquem-se com fatos. Estas pessoas dariam qualquer coisa para se tornar cidadãos americanos. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁹⁶)

Usuária 178: [se referindo ao usuário 174] e quem exatamente está pagando pelas suas bolsas? Pagantes de impostos, e outros universitários via aumentos de mensalidades. Nada é de graça. Eu não acho que eles deveriam ser recompensados

²⁹¹ *DACA needs to be replaced with something that offers these people a path to citizenship. DACA doesn't need to continue, it needs to be replaced with something else that protects these people and isn't up to the whims of whoever is in the oval office.*

²⁹² *I agree. I don't understand why they are just sitting around instead of applying for citizenship. Why oh why do our taxes pay for non-citizens entire college when actual American citizens cannot afford to go to college?*

²⁹³ *[...] ela conseguiu uma bolsa, isso não é ajuda federal nenhuma. DACAs não são elegíveis para ajuda financeira federal... Nunca.*

²⁹⁴ *Ruby Gammill Thompson they CAN'T apply for citizenship.*

²⁹⁵ *Yes, daca sunsetted under obamas law. It's not Trump that ended it, he's asking congress to do their job. And what about the other stories? They aren't all rosy. And you're welcome, my taxes paid for your education.*

²⁹⁶ *[...] I want you to understand – there is no path to citizenship other than marriage. It does not matter how long they have been in the country, if they have become doctors, lawyers, served military or service positions, they cannot become citizens. You are talking about the best and the brightest in our country and that's why they have earned scholarships – no one took anything, no one is giving them anything. They have worked hard and their ambition and intelligence has been recognized, like other hard working students in our county. Educate yourselves with fact. These people would give anything to become American citizens.*

com universidade de graça só porque os seus pais os trouxeram para cá ilegalmente. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁹⁷)

Usuária 179: [...] Nem todas as histórias do DACA terminam tão bem. Na verdade, a maioria não termina. [...] O Trump está simplesmente pedindo ao Congresso para que faça o seu trabalho. E sim nós pagamos por isso. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁹⁸)

Usuária 180: Jay Stoltenberg – a bolsa que ela recebeu é financiada por doações daqueles que querem ajudar estudantes do DACA alcançar uma educação maior. De nenhuma forma é fundada por dinheiros dos impostos ou por mensalidades de outros estudantes. Como o John Sena disse, essa bolsa não é de ajuda federal. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa²⁹⁹)

Usuária 181: DACA NÃO é um caminho para a cidadania. É um caminho para o purgatório americano: alguém pode legalmente ficar aqui sem “fila para entrar”. E nós estamos falando de crianças que não conhecem outro lar. Para eles, isto é a sua casa. A casa deles é a nossa casa. Pessoas com sobrenomes como Brunning tem opções diferentes de pessoas cujo sobrenome é Rivera. Empatia é muito mais fácil quando as realidades atuais são aceitas. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa³⁰⁰)

5.6.1.20 Análise do *Post* 20

O último relato, publicado no dia 03 de outubro de 2017, é de uma garota que se mudou das Bahamas quando tinha seis anos de idade. Os seus pais queriam que ela tivesse mais oportunidades na vida. Enquanto ela viu ser muito difícil para eles conseguirem um trabalho, ela se concentrou em estudar na escola e ser uma excelente aluna. Quando veio o momento de aplicar para universidades, ela percebeu que o seu esforço não era suficiente: por mais que ela conseguisse uma vaga, não seria possível pagar os custos porque ela não conseguiria um emprego (por não ter documentos). Ela finalmente conseguiu ingressar na Queens College a partir do DACA, que a concedeu uma bolsa de estudos. Agora, ela conta, angustiada como mãe dela está com medo que ela perca tudo.

²⁹⁷[...] *and who exactly is paying for this scholarship?? taxpayers, and other college students via tuition increases. nothing is free. i dont think they should be rewarded with free college just because their parents brought them here illegally.*

²⁹⁸[...] *Not all DACA stories turn out this well. In fact most don't [...]. Trump simply is asking Congress to do their jobs. And yes we do pay for this.*

²⁹⁹[...] *the scholarship she recieved is funded by donations by those who want to help DACA students achieve higher education. It is in no way funded by tax money or other student's tuitions. Just like John Sena said, this scholarship is not federal aid.*

³⁰⁰*DACA is NOT a path to citizenship. It's a path to American purgatory: one can legally stay here with NO "line to get in". And we're talking about kids who know no other home. This is their home. Their home is our home. Folks with last names like Brüning have different options than folks with the last name Rivera. Actual empathy is much easier when we accept the realities on the ground.*

Figura 32- Bahamense conta sobre a importância do DACA em sua vida



Fonte: Humans of New York (2017).

Eu vim para a América quando tinha seis anos. A minha mãe nos trouxe para que tivéssemos oportunidades na vida. Ela disse que lá nas Bahamas, é apenas “os que tem” e “os que não tem”. Ela queria nós tivéssemos mais escolhas. Mas eu não acho que ela entendia completamente como as coisas funcionam aqui. Ela era uma repórter nas Bahamas. Mas o único trabalho que ela conseguiu aqui foi cuidar de pessoas idosas. O meu pai só conseguia trabalhar em construção. Nós nos mudamos de quatro estados diferentes só para que eles pudessem encontrar trabalho. Eles sempre me diziam: “Apenas estude bastante na escola e tudo vai acabar bem”. Então este era o meu plano. Eu tirava apenas as até o segundo ano – exceto por um B em matemática. O meu objetivo era entrar nos 20 melhores da turma, então ir para a universidade, então conseguir um diploma, então conseguir um emprego. Eu percebi a verdade no meu último ano. A minha conselheira disse que eu não conseguiria um empréstimo. Eu não conseguiria ajuda financeira. Mesmo se eu conseguisse achar uma maneira de pagar pelas aulas, eu provavelmente não conseguiria um trabalho. Eu tive tanta raiva de todo mundo. Tinha um pessoal que era completamente vagabundo na escola, mas até eles iam para a universidade. Eu comecei a ter ataques de pânico. O meu pai disse para eu não me preocupar. Ele me chamava de um “Pedro cético”. Ele convidou todos os amigos para uma fritada de peixe para ajudar a levantar dinheiro. E ele realmente conseguiu \$ 3.000,00. Mas isso não era o suficiente. Então eu procurei muito na *internet* e encontrei a bolsa Dream.us. A minha mãe ficou muito animada quando eu consegui. Eles estão me pagando pra estudar na Queens College. Agora a minha mãe está muito assustada de novo porque o DACA foi revogado. Ela está chorando o tempo todo no trabalho. Eu tento dizer pra ela que não importa o que aconteça, nós não vamos morrer. Nós talvez tenhamos que começar de novo. (HUMANS OF NEW YORK, 2017, tradução nossa³⁰¹)

³⁰¹*I came to America when I was six years old. Mom said she brought us here so that we'd have opportunities in life. She said that back in the Bahamas, it's only the "haves" and the "have nots". She wanted us to have more choices. But I don't think she fully understood how things work here. She was a news reporter back in the Bahamas. But the only job she could get here was taking care of old people. My dad could only work construction. We moved to four different states just so they could find work. They always told me, "Just study hard in school and everything will work out fine". So that was my plan. I got all A's up until the 11th grade – except for one B in math. My goal was to get top twenty in my class, then go to college, then get a degree, and then get a job. I realized the truth my senior year. My guidance counselor told me I couldn't get a loan. I couldn't get financial aid. Even if I could find a way to pay for school, I probably couldn't get a job. I felt so mad at everyone. There were some kids who completely slacked off in school, but even they were going to college. I started having panick attacks. My dad told me not to worry. He called me a "doubting Peter". He invited all his friends over to a fish fry to help raise money. And he did get \$3,000. But that wasn't enough. So I searched really hard on the Internet and found the Dream.us scholarship. My mom was so excited when I got it. They're paying me to go to Queens College. Now my mom's really scared again because DACA got revoked.*

Partindo para a recepção do público, vemos uma grande maioria de comentários positivos e encorajadores em relação – e direcionados – à jovem, evocando sentimento de empatia e hospitalidade. O primeiro da lista abaixo recebeu 23 mil curtidas.

Usuária 182: Bem-vindo a Queens College! Nós estamos felizes em te receber! (De uma orgulhosa funcionária e ex-aluna). O presidente (da Queens College) inequivocadamente afirmou que nós estamos apoiando os nossos estudantes do DACA juntos com toda a CUNY. Nós estamos ao seu lado – e por favor fale a sua mãe que eles vão ter que passar por cima de nós todos primeiro. Por favor me informe se eu possa ajudar de qualquer forma. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa³⁰²)

Usuária 183: Obrigada por vir. Você merece sucesso e felicidade como o resto de nós (FACEBOOK, 2017, tradução nossa³⁰³)

Também como registrado anteriormente, observamos comentários que exprimem pensamentos de pessoas que acham que a garota não merece ajuda por ser ilegal – e outros mais sutis, que conseguem expressar gentileza, depositando a culpa nos pais da jovem (e eximindo o governo estadunidense).

Usuária 184: Vocês só podem estar brincando comigo... Ela é ILEGAL! Eu tenho uma filha que trabalha muito duro e que paga débitos estudantis. Eu tenho uma solução, sim, montem uma universidade nas Bahamas sem qualquer financiamento dos EUA. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa³⁰⁴)

Usuária 185: É assustador, com certeza. Mas você está brava com as pessoas erradas. O governo americano não te desapontou. Os seus pais fizeram uma escolha, colocando você em risco. Eu espero que você encontre todos os teus sonhos. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa³⁰⁵)

O comentário da Usuária 184 teve 1 mil reações de “raiva” e apenas 55 curtidas; enquanto o comentário da Usuária 185 teve 780 reações de “raiva” e 364 curtidas. Muitos criticaram a Usuária 184 a partir de comentários:

She's crying all the time at work. I try to tell her that no matter what happens, we're not going to die. We just might have to start over.

³⁰²*Welcome to Queens College! We're happy to have you! (From a proud alumnus and employee). The President (of Queens College) President Matos has unequivocally stated that we're standing by our DACA students together with all of CUNY. We are standing by you- and please tell your mother that they will have to go through all of us first. Please let me know if there is anything I can do to help.*

³⁰³*Thank you for coming. You deserve success and happiness like the rest of us do.*

³⁰⁴*You have got to be kidding me. She is ILEGAL! I have a daughter that works really hard and pays student loans. I do have a solution set up college in Bahamas without any US funding.*

³⁰⁵*It's scary, for sure. But you're mad at the wrong people. The American government did not let you down. Your parents took a chance, putting you at risk. I hope you find all of your dreams.*

Usuária 186: Hey, Usuária 84, você está no lugar errado. A história dessa garota não tira da sua filha. Ela não é ilegal. Ela é um SER HUMANO. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa³⁰⁶)

Usuária 187: [se referindo à usuária 184], na verdade ela é uma pessoa. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa³⁰⁷)

Usuária 188: [se referindo à usuária 184] ela vai contribuir com a nossa economia. Ela também tem trabalhado duro. Ela também é americana, ela deveria ganhar uma cidadania. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa³⁰⁸)

Usuária 189: [se referindo à usuária 184] um ser humano NÃO é ilegal, eles próprios podem ser não documentados, mas elas NÃO são ilegais. Meu deus, é difícil pensar que o país deles seria possível ser pior do que estar cercado de pessoas sem compaixão como você. E como você própria tem uma filha, tome alguns segundos para se remover da sua vida privilegiada e se colocar no lugar dela e da família dela, bem como você que faz o que pode para se certificar que a sua filha possa ter um futuro, a família dela fez a mesma coisa... E hey, já que você tem a fantástica solução de montar uma universidade nas Bahamas, o que acha de você dar o empurrão inicial, hein?!? (FACEBOOK, 2017, tradução nossa³⁰⁹)

É interessante observar os comentários que associam HONY a uma comunidade global de ajuda mútua.

Usuário 190: [se referindo à usuária 184] eu acho que você está na página errada. Nós somos uma comunidade global nos juntamos para mostrar compaixão e ajudar aqueles que precisam. Você talvez queira postar estas opiniões na página da Fox News. Tenho certeza que você vai ganhar umas boas curtidas. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa³¹⁰)

Usuário 191: [...] Apenas continue tentando, continue em frente, continue lutando e nunca perca a esperança. Eu te desejo só felicidade. Obrigada, Humans of New York por compartilhar isso. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa³¹¹)

Usuário 192: Eu estou em Porto Rico agora e as coisas não estão parecendo bem por aqui, mas se você montar um gofund.me ou alguma coisa para essa garota, vocês podem contar comigo para doar [...]. (FACEBOOK, 2017, tradução nossa³¹²)

³⁰⁶ *Hey, [...], you are in the wrong place. This girl's story doesn't take away from your daughter's. She's not illegal. She's a HUMAN BEING.*

³⁰⁷ *[...] actually she's a person.*

³⁰⁸ *[...] she will contribute to our economy. She has also worked hard. She is also American, and should be granted citizenship.*

³⁰⁹ *[...] a human being is NOT illegal, they themselves can be "undocumented" but they are NOT illegal. My goodness, its hard to think that their country could possibly be worse than being surrounded by uncompassionate people like yourself. And since you yourself have a daughter, take a few seconds to remove yourself from your privilege life and put yourself in her and her family's shoes, just as you do what you can to make sure your daughter is able to have a future, so her parents too did the same... and hey, since you have such a fantastic solution of setting up a college in the Bahamas, how about you get it kick started, eh?!?*

³¹⁰ *[...] I think you're on the wrong page. We as a global community come together to show compassion and help those in need. You might want to go post those views on Fox News pages. I'm sure you'll get quite a few likes.*

³¹¹ *Just keep trying, keep pushing keep fighting and never lose hope. I wish you nothing but happiness. Thank you Humans of new York for sharing this.*

³¹² *I'm in Puerto Rico right now and things are not looking well down here but if you set up a gofund me or something for this girl, you can count on me donating [...].*

A seguir, vamos olhar atentamente para a quantidade de reações dos *posts* e dos comentários, para, enfim, poder reunir todos os dados necessários para passar para a última etapa metodológica, a (re)interpretação.

5.4.2 Quantificando Dados

Uma vez que os *posts* diferenciam-se muito entre si³¹³, quando falamos nos tipos de conteúdo e de pessoas retratadas, não coube, aqui, fazer categorizações dos *posts*, mas, sim, fazer observações microanalíticas. O número de compartilhamentos não será levado em consideração porque não cabe dentro da discussão que estamos fazendo em relação à recepção do público nesta pesquisa.

Calculando a média dos 20 *posts*, apontamos para 327 mil reações por *post* e 6 mil comentários por *post*.

Quadro 2- Reações e Comentários Quantificados

Nacionalidade	Data do <i>post</i>	Reações	Comentários
Brasileiro	03 de março de 2016	283 mil	5 mil
Liberiana	29 de março de 2016	807 mil	9,9 mil
Indiana	03 de maio de 2016	444 mil	5,9 mil
Albanesa	05 de maio de 2016	97 mil	1,3 mil
Chinesa	01 de julho de 2016	639 mil	5,4 mil
Coreano	06 de julho de 2016	145 mil	2,3 mil
Gabonense	14 de julho de 2016	165 mil	3,9 mil
Guatemalteco	18 de julho de 2016	252 mil	2,2 mil
Kosovar	03 de agosto de 2016	94 mil	2,6 mil
Venezuelano	23 de outubro de 2016	519 mil	12 mil
Porto-riquenha	28 de outubro de 2016	212 mil	7,6 mil
Não especificada 1	09 de novembro de 2016	536 mil	22 mil
Ganês	05 de dezembro de 2016	662 mil	11 mil
Boliviana	11 de dezembro de 2016	125 mil	5 mil
Não especificada 2	16 de junho de 2017	410 mil	8,7 mil
Guianês	28 de junho de 2017	119 mil	2,1 mil
Mexicana	20 de setembro de 2017	344 mil	4,7 mil
Equatoriano	25 de setembro de 2017	108 mil	910
Não especificada 3	27 de setembro de 2017	413 mil	5,2 mil
Bahamense	03 de outubro de 2017	176 mil	2,6 mil

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Os cinco *posts* mais populares em termos de reações são (em ordem decrescente): 1) imigrante liberiana (março de 2016); 2) imigrante ganês (dezembro de 2016); 3) imigrante

³¹³ Salvo o formato “relato + foto” padronizado em termos de tamanho do texto e estilo de imagem.

chinesa (junho de 2016); 4) imigrante de nacionalidade nãoespecificada 1 (novembro de 2016) e 5) imigrante venezuelano (outubro de 2016).

Os cinco *posts* que receberam mais comentários foram: 1) imigrante de nacionalidade nãoespecificada 1 (novembro de 2016); 2) imigrante venezuelano (outubro de 2016); 3) imigrante ganês (dezembro de 2016); 4) imigrante liberiana (março de 2016) e 5) imigrante nãoespecificada 2 (junho de 2017).

É interessante, a título de análise e comparações, atentar para os *posts* menos relevantes/populares. Os cinco *posts* que menos receberam clicadas de reações são (em ordem decrescente): 1) imigrante boliviana (dezembro de 2016); 2) imigrante guianês (junho de 2016); 3) imigrante equatoriano (setembro de 2017); 4) imigrante albanesa (maio de 2016) e 5) imigrante kosovar (agosto de 2016).

Os cinco *posts* que receberam menos comentários foram: 1) imigrante coreano (julho de 2016); 2) imigrante guatemalteco (julho de 2016); 3) imigrante guianês (junho de 2016); 4) imigrante albanesa (maio de 2016) e 5) imigrante equatoriano (setembro de 2016).

5.5 A ETAPA FINAL: (RE)INTERPRETAÇÃO

Após a análise formal dos *posts* que retrataram imigrantes e da recepção do público a partir de reações e comentários expressos na página passamos para a etapa da interpretação e (re)interpretação do material. Esta fase permite, segundo Thompson (1995), um pensamento novo, com possibilidades originais de interpretação sobre um novo objeto, pois ela opera pela construção significativa de possíveis resultados.

Apontamos, então, cinco tendências evidenciadas a partir das fases anteriores:

a) As manifestações do público estão relacionadas diretamente com o tipo de conteúdo publicado em Humans of New York

Esta é conclusão mais evidente a partir do que foi estudado até o momento. Brandon publica um conteúdo formatado e o público que acompanha a página sabe o que vai encontrar: uma foto impactante do rosto de um imigrante acompanhado de um relato que apela diretamente para as emoções destes leitores. Como vimos no capítulo “a vida através da tela”, sabemos que existe, no Facebook, uma sobrecarga de informações e o que não chama a atenção é descartado. É muito natural, portanto, que produtores de conteúdo procurem meios

de atingir e fidelizar o maior público possível. Brandon encontrou uma fórmula que tem funcionado nos últimos anos.

O *post* da imigrante albanesa (p. 113) é um dos mais fortes e tristes em termos de conteúdo. Temos o retrato de uma imigrante que sofre, luta, mas consegue se integrar à sociedade estadunidense (o que é representado por aprender o inglês, pagar a hipoteca, conseguir trabalhos, ter condições de colocar o filho em uma escola privada), em amenizar as diferenças que tornam ela um Outro. O ponto de virada acontece quando ela conta sobre a descoberta da doença do filho. Os usuários torcem por ela. O público, muitas vezes, dialoga diretamente com ela, a retratada. Há uma discussão, no espaço de comentários, sobre as poucas reações que o *post* recebeu – e é interessante como os próprios usuários percebem esta mudança que reflete um valor social. De fato, se compararmos com os três *posts* de imigrantes publicados anteriormente, o da albanesa é o menos popular: a nível de comparação, o *post* do brasileiro teve mais de 5 mil comentários e mais de 800 mil reações; o *post* da liberiana recebeu mais de 9 mil comentários e 800 mil reações; o *post* da indiana recebeu mais de 5 mil comentários e 444 mil reações. Em contraste, o *post* da albanesa recebeu apenas 1,3 mil comentários, teve 2.098 comentários e 97 mil reações.

Uma das usuárias respondeu ao questionamento sobre “a falta de reações” defendendo que é “triste demais” e que ela não “curte” o que aquela imigrante está enfrentando. O *post* da imigrante albanesa foi publicado no início de maio de 2016, menos de três meses após as reações terem sido lançadas pelo Facebook, então é provável que o público ainda não estivesse se sentindo confortável para se manifestar de forma “apropriada” – no caso, “triste” - publicamente.

Já no 12º *post*, que retratou uma jornalista muçulmana (p. 134) – o conteúdo do seu depoimento é marcado por angústias em relação à vitória de Donald Trump –, observamos muitas manifestações por parte do público: das 536 mil reações, 311 mil “curtiram”, 17 mil “amaram” e 203 mil, quase metade das reações totais, representavam tristeza.

No 7º *post*, temos um imigrante gabonense (p. 121) com um relato que exprime um misto de raiva e tristeza em relação ao país natal. Na foto, vemos uma expressão séria, ligeiramente irônica. Pela primeira vez, observamos um número expressivo de reações “com raiva”: das reações totais, 165 mil, 19 mil eram de raiva – o que pode ser visto como o público contrário aos abusos de poder no Gabão descritos pelo entrevistado.

A partir disto, é necessário apontar para a importância da incorporação das reações, o que demonstra o quanto o Facebook esteve atento à necessidade de permitir que o seu público pudesse se expressar de uma maneira mais personalizada – indo além do genérico “curtir”.

No *post* da imigrante chinesa (p. 115), também vemos um apelo emocional quando a jovem descreve a seguinte cena: “[...] minha mãe ficou muito emocional. Ela começou a chorar e disse: “Nós não podemos brigar, somos só nós duas. Nós temos que ficar juntas”. Naquele momento eu percebi o quanto eu mudei a vida da minha mãe [...]” (HUMANS OF NEW YORK, 2016). Uma das usuárias contou que, como a retratada, também foi adotada na China, e aquele relato, em suas palavras “aqueceu o seu coração”. Uma das usuárias resumiu bem o impacto que HONY possui entre as pessoas: ela conta não ter nada tangível em comum com a retratada, e, ainda assim, chora ao sentir uma conexão com o relato a foto do *post*.

A partir do que vimos com Sibilia (2008), Turner (1983) e Schechner (2002), vemos a importância de a pessoa que é o cérebro de HONY ser um produtor de conteúdo como Brandon Stanton, um *performer*, em um espaço que permite (e estimula) que ele assim o seja. Trata-se de um espaço que, em termos de visibilidade, propicia a publicação de conteúdos com um potencial narrativo que é traduzido em uma série de exposições de intimidades alheias.

Quando falamos na expressão de um sentimento, fato tão associado no mundo ocidental à espontaneidade da escolha individual, vemos a capacidade micropolítica das emoções, o que aqui implica um potencial reforçar a dimensão macrosocial em que as emoções são suscitadas e vivenciadas (REZENDE; COELHO, 2010). A partir de HONY, vemos que esta ideia é comprovada: a emoção é o gatilho que estimula as pessoas a reagirem e comentarem, com opiniões que exprimem um significado de inclusão ou exclusão em relação ao imigrante.

Em alguns *posts*, a questão da diferença fica mais óbvia, o que acaba sendo refletido nos comentários. Como exemplo, temos aqueles observados no *post* da imigrante boliviana (p. 141). Ela fala, em seu relato, sobre a relação conturbada com os pais, extremamente conservadores e controladores. Os comentários mais populares caem em um senso comum, como “apenas se afaste” ou “você não mora mais com eles, toque a sua vida”. Em resposta, muitos usuários atentaram para as diferenças culturais que podem reger relacionamentos familiares. Uma usuária comentou “depende de onde você é e que tipo de valores familiares você tem” e outra, brasileira: “este foi um dos poucos *posts* de HONY onde os comentários pareceram bem insensíveis e pouco empáticos ao meu ver. [...] Eu sou brasileira e eu consigo me identificar com boa parte daquilo que essa mulher descreveu”.

No *post* da imigrante mexicana (p. 149), vemos uma usuária dizendo que “essas pessoas não têm direitos aos nossos serviços públicos!” – exprimindo uma diferença entre nós (americanos) e eles (imigrantes). No *post* do imigrante kosovar (p. 127), alguns comentários exprimiram a noção de que o imigrante deve sempre se adaptar à cultura local – um dos

comentários falava, inclusive, que “nós temos comunidades gigantescas de mexicanos e chineses nos EUA, e eles são forçados a fazer todas as coisas que você mencionou. [...] Se você quer ser albanês, pule de volta a fronteira para a Albânia”. Este comentário contava com 1,9 mil curtidas, o que indica que um número significativo de pessoas concordava com o que estava sendo dito ali.

Como vimos, as afirmações sobre diferença só fazem sentido se compreendidas em sua relação com as afirmações sobre a identidade. Quando a jovem boliviana afirma que “ela é da Bolívia”, está implícito que ela não é dos Estados Unidos ou da China (SILVA, 2009). Esta classificação, que implica diferença, muitas vezes tem uma conotação negativa por causa da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definidas como o Outro ou forasteiro (WOODWARD, 2009). Como vimos em Simmel (1983), o estrangeiro pode ser próximo quando sentimos que entre ele e nós ocorrem igualdades sociais, profissionais ou simplesmente humanas; por outro lado, quando essas igualdades não existem esse estrangeiro é um Outro (SIMMEL, 1983).

Han defende que, hoje, o imigrante não é mais um Outro pois não causa medo (HAN, 2015). Mas para Kristeva (1994), o imigrante, justamente, lança o desafio de ser *diferente* dentro da nova identidade coletiva onde se encontra – a diferença, que, como vimos, centrada em sistemas classificatórios que permitem a exclusão e, mais raramente, a inclusão (WOODWARD, 2009). Portanto, o imigrante, conforme o contexto que propomos aqui, a partir do clima políticos nos Estados Unidos, a partir de uma página publicada em inglês, que retrata imigrantes em uma metrópole estadunidense, este imigrante é, sim, um Outro, um símbolo da alteridade. Em HONY, este Outro pode assumir muitos personagens e representações. Sob a perspectiva deste trabalho, vemos que a presença de imigrantes suscita, muitas vezes, desconforto e denuncia o preconceito.

Como pondera Capurro (2010): o que significa a transformação da humanidade em uma totalidade mediatizada e diferenciada digitalmente? (CAPURRO, 2010). No contexto da Web 2.0, o Outro se torna um humano 2.0, dependente de uma tela para ser (auto)representado e, como veremos no último item desta etapa, de algoritmos para ser percebido.

b) As pessoas respondem de forma empática ao sofrimento alheio – e isto é traduzido em forma de reações e comentários

No primeiro *post* analisado, aquele que retrata um imigrante brasileiro, percebe-se que a maioria dos comentários é caracterizada por ter uma carga positiva, com mensagens de apoio e de incentivo a Bruno, o retratado (p. 106). Várias pessoas comentaram frases como “bem-vindo” e “tudo vai dar certo”. No *post* do imigrante ganês (p. 138), empregado da CVS, um dos comentários deixados dizia: “você é mais do que bem-vindo aqui, senhor”. No *post* da jovem bahamense, muitos comentários exprimiam frase como “nós estamos ao seu lado.”

No *post* que retrata a imigrante indiana (p. 111), outros imigrantes também se sentiram tocados pelo relato e compartilharam a sua experiência, dizendo que história dela era “inspiradora” e que elas também viveram vidas programadas como a sua. Já no *post* do imigrante coreano (p. 118), no qual ele conta sobre a força da comunidade local – que personifica uma referência cultural em um país estrangeiro – e sobre as dificuldades básicas, como pagar o aluguel e alimentar a família. Uma pessoa, ao comentar no *post*, escreveu: “como uma imigrante, eu posso dizer que isto são todos nós”. No 15º *post* (p. 143) que retratou um imigrante não identificado (que tinha Forrest Gump como ídolo), um usuário comentou: “eu vim para esse país com 12 anos e não falava inglês básico tampouco. Eu completei o meu mestrado dois anos atrás!”.

Através das reações, as pessoas expressam publicamente o que sentem ao ler aquela história. É algo rápido, que acontece em uma deslizada de tela, o que pode ser uma manifestação “fácil” frente a um imigrante que representa diferença e alteridade. Não há como saber ao certo o “quanto” as pessoas foram afetadas por aquele conteúdo. A partir de comentários, isto é mais fácil de ser “qualificado”. Muitas pessoas expressam apoio às pessoas ali retratadas. É necessário, contudo, levar em conta a questão do capital social. Como vimos no capítulo 1, isto pode influenciar a genuinidade de uma expressão: sendo um comentário que agrada a maioria, e receber curtidas, o comentário é deslocado para o topo, se tornando relevante e popular.

Esta questão enfrentada sobre “dosar” a empatia frente à alteridade é um desafio quando temos um objeto digital, com atores que se expressam através da tela. A empatia é um conceito essencial quando tratamos de relações interpessoais (KANDO, 1977). Mas se a empatia acontece, justamente a partir de uma “experiência do Outro”, de cultura estranha (HUSSERL, 1980), em HONY, a empatia do público é incorporada e traduzida através de reações e comentários.

Exemplo disto é o comentário no *post* da jornalista muçulmana (p. 134) que recebeu 42 mil curtidas – destas, metade eram “amei”. O comentário falava em manter o amor e ser gentil uns com os outros e não acreditar que o país seria “engolido” por ódio e intolerância.

Temos um exemplo, contudo, de comentários que foram recebidos com manifestações negativas por parte do resto do público: no *post* da imigrante bahamense (p. 160), uma usuária criticou a jovem dizendo que ela era ilegal e teve mil reações de “raiva” e apenas 55 curtidas.

É interessante, neste sentido, observar que as pessoas reagem - com curtidas, amor, graça, tristeza, raiva ousupresa—aos comentários umas das outras. É uma forma de endossar aquela ideia ou protestar, significando: não concordo com você. Isto também é uma forma de medir a empatia. Esta possibilidade de “reação” no Facebook, de manifestação pública, é algo que também impacta as nossas identidades digitais – múltiplas, fragmentadas e cambiantes - uma vez que estas interações na rede assumem um novo peso que impacta a própria constituição do Eu *online* (BAYM, 2010; TURKLE, 1997).

Neste ponto, também é possível unir as ideias de performance com as ideias acerca das emoções. A noção de Brandon como performer, um fotógrafo que “recorta” à sua maneira os acontecimentos ao seu redor (DUBOIS, 1993), corresponde aos sentidos conferidos por Schechner (2002), de que, entre muitas funções, as performances podem entreter um determinado público e marcar identidades. Além disso, é possível estabelecer uma conexão entre a ideia de performance a conceitos relacionados à antropologia das emoções. Para Rezende e Coelho (2010), a recepção do público a certos conteúdos performáticos vão ocorrer de acordo com as experiências emocionais dos receptores. Inclusive, as dinâmicas de inclusão/exclusão que regem as relações entre os grupos sociais dependem “mapas de navegação emocional” (REZENDE; COELHO, 2010), que, por sua vez, dependem do modo como certas informações são passadas adiante (permeadas por emoções ou não).

c) Os posts que receberam mais reações não foram, necessariamente, os posts que receberam mais comentários

É interessante observar, por exemplo, que o *post* da imigrante chinesa (p. 115) é um dos mais populares em reações, mas não em comentários. Isto se contrapõe ao *post* do imigrante não-especificado 2 (sobre o garoto fã de Forrest Gump, p. 143), classificado entre os cinco mais populares em comentários, mas não em reações. Neste sentido, podemos inferir que o público, em alguns *posts*, tem a necessidade de transmitir a sua opinião em forma de palavras – ao contrário de uma manifestação direta ou simples a partir de uma reação, uma apertada em um botão durante uma deslizada de tela. A interação, porém, ocorre justamente a partir de comentários. Em certos pontos, as pessoas não estão mais falando apenas com

Brandon ou com a pessoa da foto, mas começam a falar entre si, transformando aquele espaço em um *chat* de discussão. Como exemplos, vemos os debates no *post* da imigrante mexicana (p. 149), a favor e contra o DACA, e debates polêmicos entre pessoas indignadas devido aos Sonhadores estarem “roubando” vagas de americanos e por não serem legalizados (em contraponto, pessoas os defendem e empatizam com a situação enfrentada por eles).

Martino (2016) sugere que em meio ao encontro do Outro *online*, ao invés de aprofundarmos este encontro e aprender sobre as diferenças existentes, acabamos por colocar o “eu” no centro de qualquer discurso. Temos vários exemplos disto acontecendo em HONY. No *post* do imigrante guianês (p. 146), o entrevistado discorre sobre como a falta de afeto é algo comum em seu país de origem. Um dos usuários fala sobre aquilo ser uma “bobagem total”, uma vez que *ele* também foi criado na Guiana e *ele* ama os seus pais e gosta de voltar para a casa. Um dos usuários resumiu bem a teoria de Martino (2016) a partir do seu comentário:

Usuária 138: Mas isso não é sobre *você* e a *sua* experiência, Usuário 137. Isso é sobre ele e a esposa dele e as famílias “deles”. Em nenhum momento este homem disse “isso é como *todos* os guineses são criados”. (HUMANS OF NEW YORK, 2017, tradução nossa³¹⁴)

O *post* da imigrante boliviana (p. 141) também serviu para que muitas pessoas contassem as suas próprias experiências com familiares abusivos e relacionamentos tóxicos. É interessante observar, inclusive, que este *post* foi classificado entre os cinco com menos reações – entretanto, recebeu 5 mil comentários, o que é um número bastante significativo. Ainda que seja o caso desta “alteridade digital” que Martino (2016) descreve – uma que coloca o Eu no centro ao invés do Outro a partir dos comentários – as pessoas quiseram ir além das reações. No *post* imigrante guatemalteco (p. 124), o caso é inverso: ele está classificado entre os cinco com menos comentários – mas recebeu 252 mil reações. As pessoas sentiram que não havia muito o que expressar em forma de palavras – frente a um homem que adotou Nova York como o seu lar e que aponta os latinos como os novos bodes expiatórios da vez no que tange o assunto imigração – mas isso não as impediu de “reagir” frente a sua história.

d) *Os posts que retrataram os “Sonhadores” instigaram comentários de ódio na página*

³¹⁴ *But this isn't about *you* and *your* experience, Conrad. This is about him and his wife and *their* families. At no point did this man say "this is how *all* Guyanese are raised".*

A partir do dia 20 de setembro de 2017, Brandon inicia a série dos Sonhadores, e isto implica mudanças em relação aos *posts* anteriores. Há todo um contexto político por trás, e este contexto fica mais evidente do que nunca. Como visto anteriormente, a vitória de Donald Trump nas eleições presidenciais de 2016 nos Estados Unidos representou um novo período na política estadunidense que contrasta fortemente com os anos de Barack Obama, visto como um presidente tolerante e humanista. A imigração foi pauta central da campanha de Trump, que nunca escondeu o seu despreço por imigrantes muçulmanos e latino-americanos (MCKAY, 2017).

Brandon já havia se mostrado atento a questões políticas, como vimos no capítulo 3, apoiando publicamente Hillary, criticando Trump e retratando os habitantes de um distrito que votou de forma decisiva para a vitória do republicano. Esta última iniciativa foi uma clara tentativa de mostrar “o outro lado” e tentar entender quem são as pessoas que pensam de acordo com o mais novo presidente dos Estados Unidos. Dando continuidade a este movimento, postar sobre imigrantes quando os Sonhadores estão ameaçados com o fim do DACA é uma decisão política.

Desta forma, começamos a observar que o imigrante é visto como alguém que “incomoda”, pois não se trata mais do imigrante que apenas luta e sofre ou o do imigrante integrado, mas, sim, de um estrangeiro que ocupa um lugar na sociedade mesmo sendo ilegal. Mesmo não tendo os documentos que denotam “você pertence aos Estados Unidos”, estas pessoas têm acesso a benefícios e educação (prestes a serem tirados por Trump). E isto é um gatilho para pessoas atacarem os Sonhadores e beneficiários do DACA. É algo que permite inferir que, neste caso, as pessoas encaram a alteridade como algo positivo, desde que não asafete diretamente.

Algo que reforça esta ideia é um usuário que responde um comentário sobre HONY ser um lugar seguro e pacífico no *post* do imigrante equatoriano (p. 153). “Sinto muito, mas não é verdade. Na última semana eu li muitos comentários odiosos em uma dessas histórias sobre os sonhadores”, ele aponta.

Neste mesmo *post*, o primeiro da série dos Sonhadores, observamos uma grande quantidade de comentários que criticam o jovem retratado – desde os que dizem “que choradeira. Quem não tem sonhos?” até “Crianças com sonhos? Risos eles não são sonhadores... Eles são pessoas trazidas para este país ilegalmente” e “Ah, por favor, os seus pais vieram e pegaram os nossos trabalhos”. No *post* da jovem bahamense (p. 160), temos um comentário que diz: “ela é ILEGAL! [...] eu tenho uma solução, sim, montem uma

universidade nas Bahamas sem qualquer financiamento dos EUA” o que é, em outras palavras, um pedido para deportar a imigrante para o seu local de origem.

Neste ponto, é possível evocar a ideia de Kristeva (1994) sobre a noção do estrangeiro que, além de possuir uma conotação formal, de alguém que não possui a cidadania do país, pode ser visto com um Outro, um intruso, alguém que ocupa o lugar da diferença e desafia a identidade do grupo (KRISTEVA, 1994). Isso explicaria os comentários que associam a ilegalidade do retratado a um contexto negativo/pejorativo.

É interessante observar que nem todos os que criticam os Sonhadores são tão explícitos e não afirmam ser contra os jovens pelas suas nacionalidades, mas, sim, porque acham que eles estão “roubando” lugares de estadunidenses de nascença. Neste sentido, temos uma hospitalidade condicional em HONY: quando há um choque – principalmente de interesses – as pessoas se tornam odiosas e os imigrantes são vistos com uma carga negativa e tratados com preconceito.

Anterior à série dos Sonhadores, contudo, o *post* do imigrante guatemalteco (p. 124), em julho de 2016, já havia recebido um comentário odioso: “os meus ancestrais imigraram para cá legalmente – que pena que esse idiota não tem a mesma integridade”, uma usuária comentou.

Simmel (1983) nos lembra que o imigrante nos é próximo quando sentimos igualdades sociais, profissionais e simplesmente humanas. Quando isso não ocorre, temos uma estranheza (SIMMEL, 1983) – aqui, ele é o Outro, o que claramente é verificado no caso dos Sonhadores: vemos jovens imigrantes (ainda que plenamente integrados à cultura americana) reclamando o simples direito de estudar, uma vez que não possuem as mesmas possibilidades que os cidadãos dos Estados Unidos. É no momento em que falam: “eu gostaria de ter os mesmos direitos que você” que ele se coloca na posição de um Outro, e é recebido, ainda que por uma minoria, com ódio (o que não acontecia nos outros *posts*, quando o Outro não era o ilegal, e, sim, o marginalizado).

Verificamos na prática o que está por trás da ideia que alega que a hospitalidade é um dos grandes desafios éticos e políticos no mundo contemporâneo (COMANDULLI, 2007). A hospitalidade incondicional – aquela prática que acolhe o Outro sem reservas –, proposta por Levinas, é uma experiência difícil de ser praticada, por é condicionada por direitos e deveres que devem ser seguidos pelo que chega e pelo que acolhe (DERRIDA, 2003). Acolher o Outro é acolher alguém singular cujas características não nos pertencem e que, no entanto, nos afetam irreversivelmente (COMANDULLI, 2007).

e) Páginas públicas no Facebook são transformadas em verdadeiras “comunidades” e sua formação é influenciada pelos algoritmos

Ao longo da análise, foram bastante recorrentes os comentários que se referiam à HONY como uma comunidade global. No *post* da imigrante muçulmana (p. 134), vemos o seguinte comentário (que recebeu 15 mil curtidas): “A página do Facebook mais tolerante e pacífica sem ódio ou racismo algum, eu me sinto seguro aqui”; no *post* da imigrante bahamense (p. 160), temos: “nós somos uma comunidade global nos juntamos para mostrar compaixão e ajudar aqueles que precisam”.

No *post* do imigrante ganês (p. 138), há uma extensa discussão sobre expressões que exprimem “diversidade cultural”: ou seja, parte do público se preocupa com a questão da diferença e fala sobre isso.

A partir disto, lançamos o questionamento sobre HONY ter se tornado sinônimo de um lugar de afeto e compreensão. Se este lugar for fechado e filtrado por algoritmos, temos uma definição de “bolha”. Comentários como “você está no lugar errado” ou “página errada” representam bem isto: as pessoas não querem ouvir o outro lado, a visão contrária.

Os algoritmos têm tido um crescente papel em selecionar quais informações são consideradas mais relevantes para nós, uma ferramenta crucial que influencia a nossa participação na vida pública e o modo como pensamos. Eles são responsáveis, nas redes sociais, por evidenciar as publicações de um amigo, excluindo as de outro (GILLESPIE, 2014). Como disse Pariser (2011), estes filtros da *internet* captam as coisas que parecemos gostar e tentam ir a fundo nas nossas preferências, o que gera as bolhas de filtro. Em conjunto, essas ferramentas criam um único universo de informação personalizado e isolante (PARISER, 2011).

A ideia por trás do algoritmo do Facebook ao longo dos anos tem sido personalizar o *feed* de cada usuário a partir das suas ações na rede. Mudanças recentes, segundo Araújo (2017) mostram que o algoritmo tem se complexificado, considerando uma lógica coerente por trás do comportamento dos seus usuários. Outro fator que rege o algoritmo é o caráter do engajamento dos usuários (traduzido em forma de curtidas, comentários e compartilhamentos) e que o fazem permanecer na rede (ARAÚJO, 2017).

Temos, a partir de tudo o que vimos (e de forma simplificada) o seguinte mapeamento de conceitos:

Quadro 3: Mapeamento Final de Conceitos

Outro/imigrante	através das redes sociais	através de HONY	recepção do público	alteridade
<p>Reperesenta a diferença</p> <p>Está dentro de um contextopolítico que édicotômico (Trump x AntiTrump)</p>	<p>Reações no Facebook</p> <p>Algoritmos</p> <p>Capital social</p>	<p>Brandon performer</p> <p>Página liberal</p> <p>Relato carregado de emoção</p>	<p>Público empático</p> <p>Comentários de ódio (<i>Dreamers</i>)</p> <p>Comunidade global</p>	<p>o Outro é bem-vindo quando vem</p> <p>“empacotado” em um formato HONY</p> <p>porém, quando o Outro ganha direitos, ele passa a ser uma ameaça</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Tudo isto pode apontar para um “fechamento” ainda maior dos usuários em comunidades como *Humans of New York*. Os algoritmos gerenciam as nossas interações em *sites* de redes sociais, destacando as publicações de um amigo, excluindo as de outro. Os algoritmos têm tido um crescente papel em selecionar quais informações são consideradas mais relevantes para nós, uma ferramenta crucial que influencia a nossa participação na vida pública (GILLESPIE, 2014). De acordo com esta lógica, se eu possuo amigos liberais que seguem e “curtem” a página de HONY no Facebook, eu vou ter acesso a estas publicações no meu *feed* de notícias – diferente de um conservador cujos amigos não curtem ou seguem a página.

Como, portanto, o público que defende o presidente Trump, pessoas contra o DACA, que deixam mensagens odiosas, têm acesso à página? Uma hipótese considera que estes usuários acompanham HONY desde a sua criação, em 2010, muito antes de Brandon fazer qualquer apologia política e ideológica. Como vimos, HONY sempre foi composto por *posts* marcados por emoção – as múltiplas ações de Brandon contra Trump e contra ideias conservadores ocorreu mais recentemente, em 2016, com as eleições nos Estados Unidos. Além disso, é possível que eleitores alinhados com algumas das propostas de mudança do político republicano também possuam interesses nas narrativas observadas na rede, mesmo que isto pareça antagônico. Cabe recordar que nem todos os eleitores do atual presidente compactuam com todas as suas propostas, e a observação sobre este ponto não é o foco desta pesquisa.

Adicionalmente ao conceito de HONY como uma comunidade global e digital, é interessante questionar sobre comunidades globais não-digitais. Um dos comentários no *post* do imigrante coreano (p. 118), inclusive, exprime essa ideia: “nascida e criada nos Estados Unidos eu ainda luto para encontrar uma “comunidade” para fazer parte”. Seria mais fácil se sentir parte de uma comunidade em um ambiente *online*? No Facebook, não ouvimos sotaques, não sentimos cheiros e não registramos gestos. Visto através de uma tela, o Outro tem as suas diferenças menos visíveis.

No Facebook, basta uma solicitação virtual para se formar um relacionamento – algo que não exige a interação social que construiria relações de amizade como aquelas características do espaço *offline*. As redes sociais na *internet* não são iguais, assim, em sua constituição, manutenção e publicização, às redes sociais *offline*. São outro fenômeno, característico da apropriação dos *sites* de rede social (RECUERO, 2017). Neste sentido, a “alteridade *online*” não possui, necessariamente, paralelos com a “alteridade *offline*”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A emergência da *internet* e das redes sociais tem suscitado mudanças nas nossas identidades e relações interpessoais. Não à toa, o campo das chamadas “humanidades digitais” tem recebido cada vez mais atenção de teóricos tanto da área da comunicação, como de outras disciplinas que tenham qualquer aspecto social. Em função disso, nunca foi tão urgente a necessidade de se debater a questão da alteridade no mundo contemporâneo – colocar a nossa relação com o Outro em perspectiva a partir da *internet* e das redes sociais.

Para um fundamentalista cristão, o Outro pode ser uma pessoa homossexual. Para um índio, o Outro pode ser uma pessoa de pele clara com pelos nos braços. Em “A Forma na Água”, produção reconhecida pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas como melhor filme na cerimônia realizada em 2018, o Outro é representado por uma criatura sobrenatural, com feições que imitam um peixe, uma forma não-humana. A protagonista, uma autodeclarada *outsider* por ter crescido muda em uma sociedade barulhenta, empatiza com a criatura: frente à alteridade e passado o choque inicial, ela cria uma relação afetuosa com o Outro. Como vimos em Rouillé (2009), para o fotógrafo Marc Pataut, o Outro é o marginal, o periférico e o imigrante. Nesta posição, o retratado, um sem-território, subverte as normas e desafia os padrões das majorias (ROUILLÉ, 2009), bem como no presente trabalho, onde o Outro é aquele que não integra completamente a sociedade norte-americana.

Han (2015) cita a Medusa (p.55) como símbolo de uma alteridade radical – porque quando a olhamos, de tão Outra que ela é, acabamos sucumbindo. Podemos lançar a reflexão de que, a partir das redes, temos uma “alteridade *soft*”, na qual, onde nos deparamos com o Outro digital, temos a possibilidade prática de deslizar e fechar as telas.

Ao longo desta dissertação buscamos questionar o impacto que as múltiplas convergências e a cultura participativa (e os seus desdobramentos, como as redes sociais e o Facebook) têm nos indivíduos e na sociedade. Refletimos sobre o tema da alteridade – e uma possível ressignificação – e conceitos correlatos, como identidade, diferença e hospitalidade e tratamos de esmiuçar o que cercava o sucesso da página *Humans of New York*, o nosso objeto selecionado para a presente pesquisa, contextualizando a página a partir da situação política nos Estados Unidos em 2016 e 2017.

Por fim, selecionamos o *corpus: posts* que retrataram imigrantes – e que personificaram, em nosso entendimento, o Outro –, além da recepção do público a partir de reações e comentários frente aos vinte relatos analisados. Como método, utilizamos a Hermenêutica de Profundidade, de John B. Thompson (1995) aliada aos métodos digitais. A

etapa das interpretações permitiu que chegássemos a algumas percepções acerca do objeto e as dinâmicas ali observadas.

Primeiramente, *Humans of New York* exemplifica bem o movimento de apropriação dos usuários sobre as novas tecnologias: a interação do público e a formação das comunidades globais é uma consequência do ciberespaço, com a sua eliminação de fronteiras físicas. Quando consideramos o “fechamento” dos usuários em comunidades como HONY, é importante atentar para o fato de que os algoritmos gerenciam as nossas interações em *sites* de redes sociais (GILLESPIE, 2014). De acordo com esta lógica, por causa do algoritmo do Facebook, é centrado nas ações do usuário e das pessoas próximas a ele (ARAÚJO, 2017), a tendência político-ideológica das pessoas que nos cercam vai condicionar o nosso acesso a páginas como HONY (com tendências liberais).

Como disse Pariser (2011), asbolhas de filtro criam um único universo de informação para cada um de nós – o que fundamentalmente altera a maneira como encontramos ideias, informações (PARISER, 2011) e o Outro. Há um perigo latente quando observamos comentários como “HONY é uma página pacífica e você não pertence aqui”. Aqui está o outro desafio da alteridade: ouvir quem pensa de forma radicalmente oposta a mim, ver os motivos que estão por trás da exclusão e preconceito, ao invés de apenas tapar os ouvidos e viver fingindo que todos pensam de forma semelhante a mim. Isto é viver, deliberadamente, em uma bolha.

Neste sentido, observamos que HONY, mesmo sendo uma página digital “pacífica e tolerante”, aponta para uma recepção do público que representa, muitas vezes, a hospitalidade como um problema. O desejo absoluto da hospitalidade é uma experiência difícil de ser praticada, tratando-se do acolhimento sem reservas do Outro que chega. Em HONY, quando há um choque – principalmente de interesses – as pessoas podem se tornar odiosas. Outra possível explicação é de que aquelas pessoas preconceituosas, outrora silenciosas, resolvem se manifestar. No contexto do presente trabalho, temos uma importância potencializada do estrangeiro que, aqui, é visto como o Outro. No contexto da Web 2.0, ele se torna um humano 2.0, que depende de uma tela e de algoritmos para ser percebido.

Outro ponto a se considerar é o fato de que em determinadas situações o público tem a necessidade de transmitir a sua opinião em forma de palavras – ao contrário de uma manifestação direta ou simples a partir de uma mera reação. Em certos pontos, as pessoas não estão mais falando apenas com Brandon ou com a pessoa da foto, mas começam a falar entre si, transformando aquele espaço em um *chat* de discussão. Como exemplos, vemos os debates no *post* da imigrante mexicana (a favor e contra o DACA) e debates polêmicos entre pessoas

indignadas por os Sonhadores estarem “roubando” vagas de americanos e por não serem legalizados (em contraponto, pessoas os defendem e empatizam com a situação enfrentada por eles).

Martino (2016) sugere que a relação com a alteridade, nas mídias digitais, reside sobre um paradoxo: o excesso de informações (uma pseudo-transparência) colide com um suposto conhecimento sobre o Outro. Por conta disso, as enunciações *online* de si e dos outros raramente avançam para além de uma primeira impressão sobre a alteridade. Além disso, no ambiente digital, as pessoas querem falar, mas não querem ser ouvidas: a interação com o Outro nas redes sociais acontece de forma fragmentada (MARTINO, 2016).

Quando falamos em uma “alteridade digital”, Han (2014; 2015) e Martino (2016), portanto, possuem pontos de pensamento que se tocam. Enquanto temos uma superexposição nas redes sociais, não temos, necessariamente, uma compreensão do Outro (MARTINO); neste sentido, temos, de forma crescente, um apagamento do Outro (HAN, 2015).

Partindo para a questão das reações, percebe-se que o clique em uma emoção digital algo rápido e que pode representar uma manifestação “fácil” frente a um imigrante que representa diferença e alteridade. Não há como saber ao certo o “quanto” as pessoas foram afetadas por aquele conteúdo. A partir de comentários isto é mais fácil de ser qualificado. Olhando, de fato, para o conteúdo das mensagens, vemos que muitas pessoas expressam apoio às pessoas ali retratadas. É necessário, contudo, levar em conta a questão do capital social, o que pode influenciar a genuinidade de uma expressão: comentários que agradam a maioria recebem mais curtidas e são deslocados para o topo, se tornando relevantes e populares. É interessante, neste sentido, observar que as pessoas reagem, também, aos comentários umas das outras, concordando ou discordando daquela mensagem a partir de um clique.

Vimos, ainda, que as manifestações do público se relacionam diretamente com o tipo de conteúdo publicado em *Humans of New York*. Brandon Stanton, no papel de *performer*, publica um conteúdo “empacotado” para o seu público fiel. Uma vez que mostra suas posições políticas e ideológicas, Brandon, está, ainda, deixando claro para o público qual a tonalidade que envolve os *posts*: sob um viés democrata, o imigrante é visto mais como uma vítima do que como um problema. Quem acompanha a página sabe disso. Os que pensam de forma diferente podem deixar de seguir HONY ou ficar e discutir na caixa de comentários por não concordar com a maioria ali presente.

Nesta pesquisa, encontramos uma questão importante em relação ao objeto particular (digital): em função da dispersão dos atores em uma comunidade *online*, torna-se impossível verificar a real procedência e genuinidade da recepção do público a partir de comentários.

Como disse Baym (2010), este é, justamente, o paradoxo que rege o anonimato nas redes. Outra particularidade do objeto digital é a questão da interação, que possui as suas próprias regras em relação ao capital social. Como bem lembra Marwick (2016), cada rede tem os seus próprios modos de medir o *status*, que é, no contexto digital, essencial para entender os motivos por trás de estabelecimento de uma comunidade *online*.

A partir disto, consideramos que HONY facilita o encontro com o Outro, estimula a empatia e permite que os seus usuários lidem com a alteridade. Por outro viés, HONY reforça a criação de bolhas: é muito natural pensar que todos são tolerantes e pacíficos como a maioria dos usuários na página. Neste momento de considerações, é impreterível a reflexão acerca do fato de HONY ser uma página que está primariamente baseada em uma plataforma como o Facebook. Como fica a alteridade contextualizada a partir de uma rede que está em constante mudança?

Sobre esta questão específica, atentamos para o fato de que, em janeiro de 2018, o Facebook, em seu *site* oficial, emitiu um comunicado sobre mudanças que incidirão sobre a plataforma a partir deste ano³¹⁵. Adam Mosseri, o diretor do *News Feed* do Facebook, explicou que o *site* foi construído para aproximar pessoas e construir relacionamentos entre elas e, portanto, o Facebook passará a priorizar conteúdos de amigos e familiares ao invés de conteúdos de marcas, empresas e mídia. Mark Zuckerberg também falou sobre o assunto, defendendo que os momentos pessoais são justamente aqueles que nos mantêm conectados uns aos outros³¹⁶. Na prática, isto significa uma reconfiguração dos algoritmos, que, mais do que nunca, tentam adivinhar os nossos gostos e interesses.

Alguns dias após o anúncio, Brandon tratou de emitir o seu próprio comunicado em *Humans of New York*. Ele disse estar ciente das mudanças e instigou o público a procurar a página de forma ativa – e não apenas esperar os *posts* aparecerem em seus *feeds*. Além de sublinhar o fato de que ele continuará postando bastante em 2018, Brandon também lembrou os usuários que HONY é muito ativo no Instagram³¹⁷. É necessário considerar, contudo, que tal mudança não invalida ou prejudica a presente pesquisa, mas, sim, pode ser vista como material para pesquisas na área da comunicação e das redes sociais no futuro. Em um momento em que vivemos o escândalo da Cambridge Analytica, como citado anteriormanete,

³¹⁵ Fonte: < <https://br.newsroom.fb.com/news/2018/01/aproximando-mais-as-pessoas/> > Acesso em: 15 jan. 2018

³¹⁶ Disponível em: <<https://newsroom.fb.com/news/2018/01/news-feed-fyi-bringing-people-closer-together/>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

³¹⁷ Disponível em: <<https://www.facebook.com/humansofnewyork/posts/2111728878901201>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

pesquisas acerca do funcionamento do Facebook, a maior rede social da atualidade, nunca foram tão essenciais.

A partir de tudo isto, consideramos que as pessoas se apropriam de um espaço particular (a página *Humans of New York* no Facebook), o transformando, efetivamente em uma rede social, com interações, trocas e, como muitos usuários apontam, em “uma comunidade global”, e se condicionam às normas e limitações do ambiente online: reagem quando é conveniente, se engajam em discussões, opinam no espaço de comentários de cada *post*. O encontro com o Outro está subjulgado a estas dinâmicas. É preciso deixar claro, contudo, que o trabalho foi centrado em um objeto específico, e que não é possível, frente a tantas outras páginas nas redes sociais com as suas próprias dinâmicas, generalizar certas tendências.

Este trabalho não pretende lançar uma conclusão definitiva acerca do assunto estudado, é possível dizer que a pesquisa resultou em diversas revelações – e questionamentos - sobre o comportamento das pessoas nas redes sociais. O Facebook, como vimos no primeiro capítulo, está muitas vezes associado, graças ao imaginário coletivo, a uma forma “baixa” de comunicação. É inegável, contudo, uma ferramenta fundamental de interação no século XXI, e um conceito como alteridade deve ser colocado em perspectiva a partir do Facebook e dos algoritmos que o regem. De forma resumida, a alteridade é ressignificada no momento em que começa a depender de processos digitais (como a manifestação através de reações), quando permite que os usuários, muito além de deixar um comentário, conversem entre si, e, principalmente, quando começa a ser intermediada por um componente não-humano: o algoritmo.

Este estudo considera, portanto, que a alteridade está, sim, sendo ressignificada a partir das novas tecnologias, o que reflete uma espécie de ambivalência quando tratamos de temas comportamentais no mundo contemporâneo: nós nos condicionamos às ferramentas digitais, ao mesmo tempo em que nos apropriamos de um novo ambiente, o *online*, que impacta fundamentalmente a maneira como nos relacionamos com o Outro. Estas produções de sentido definem e organizam aquilo que chamamos de comunicação. Desta forma, finalizamos esta dissertação afirmando o potencial analítico que as redes sociais possuem em estabelecer conexões, interações, permitir a manifestação a partir de reações e comentários, e outros processos que compõem e articulam o ambiente midiático atual.

REFERÊNCIAS

ACKERMAN, Brigid. CHATing with Humans of New York. **Grassroots Research Journal**, v. 7, n. 1, p. 45-52, 2016.

A FORMA da Água. **Direção: Guillermo del Toro**. TSG Entertainment (180 min), 2017. Título original: The Shape of Water

AKKER, Chiel van den. **Digital Hermeneutics: Agora and the Online Understanding of Cultural Heritage**. Koblenz: ACM Web Science Conference, 2011. Disponível em: <https://www.cs.vu.nl/~guus/papers/Akker11a.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2017

ARAÚJO, Willian Fernandes. **Os algoritmos do Facebook: um estudo dos primeiros 10 anos do Feed de Notícias**. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

ARRUDA, Maria Carolina Sanches; MOREIRA, Benedito Diélcio. *Humans of New York: um olhar sobre o humano, um olhar sobre os jovens*. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 38, 2015. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

AUDI, Robert (ed). **The Cambridge Dictionary Of Philosophy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

AWARDS Chatter. Podcast. Apresentação: Scott Feinberg. **Entrevista com Guillermo del Toro** (150 min), 29 nov. 2017

BAYM, Nancy. **Personal connections in the digital age**. Cambridge: Polity Press, 2010.

BENKLER, Yochai. **The penguin and the Leviathan: the triumph of cooperation over self-interest**. Nova York: Crown Business, 2011.

BRANCO, Gabriele. **Humans of New York: uma narrativa fotográfica contando histórias no Facebook**. Monografia (Graduação em Comunicação Social) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

boyd, Danah. **It's complicated: the social lives of networked kids**. New Haven: Yale University Press, 2014.

CADWALLADR, Carole; GRAHAM-HARRISON Emma. **Revealed: 50 million Facebook profiles harvested for Cambridge Analytica in major data breach**. The Guardian, 17 mar. 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/news/2018/mar/17/cambridge-analytica-facebook-influence-us-election>. Acesso em: 26 de mar. 2018

CARR, Nicholas. **The shallows: what the internet is doing to our brains**. Nova York: Norton, 2011

CASTRO, Natascha Enrich de. **Alteridade no jornalismo: análise da narrativa do livro O Irã sob o Chador**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

CAPURRO, Rafael. **Conferência: La Hermeneutica Frente al Desafio de La Tecnica Digital**. Universidade do Porto, Centro de Estudos em Tecnologia, Artes e Comunicação (CETAC), 2007

CHAMPION, Kaylea Hascall. **Thinking Deeply, Creating Richly: Learner Transformation Through Narrative**. Dissertation (Master of Arts) – University of Massachusetts, Boston, 2016.

COLLINS, Keith; DANCE, Gabriel. **How Researchers Learned to Use Facebook ‘Likes’ to Sway Your Thinking**. New York Times, 20 mar. 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/03/20/technology/facebook-cambridge-behavior-model.html?mtrref=www.google.com.br&mtrref=undefined>. Acesso em: 24 mar. 2018

COMANDULLI, Sandra Patricia Eder. **A ética da hospitalidade no acolhimento do Outro**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2007.

COSTA, Juliano Xavier da Silva; CAETANO, Renato Fernandes. A concepção da alteridade em Levinas: Caminhos para uma Formação mais Humana no Mundo Contemporâneo. **Revista Eletrônica Igarapé**, v. 3, p. 195-210, 2014.

COSTA, Rafael Rodrigues da; RIOS, David Medina Girão. Abordagem Humanizada: Análise sobre estímulo à alteridade em *Humans of New York*. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 38, 2015. **Anais...** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

DAMÁSIO, António. **O erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano**. Sintra: Publicações Europa-América, 2000.

DE BONA, Carla Marangoni. **Poéticas expressivas em redes midiáticas: análise e projeto experimental**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

DERRIDA, Jacques. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade**. São Paulo: Escuta, 2003.

_____. **Margens da Filosofia**. Porto: RÉS Editora, 1986.

DIJCK, José van. **The culture of connectivity: a critical history of social media**. New York, Oxford University Press, 2013.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. Campinas: Papirus, 1993.

ESCUADERO, Camila. O protagonismo de mulheres imigrantes na construção de redes sociais para o fortalecimento identitário: o caso das Brasileiras em Chicago (EUA). **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 24, n. 48, 2016.

EVANS, Leighton; REES, Sian. An Interpretation of Digital Humanities. In: D.M. Berry (org.). **Understanding Digital Humanities**. Londres: Palgrave Macmillan, 2012

FANTONI, Andressa. **Autorrepresentação de adolescentes no Instagram**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

FLETCHER, Dan. **How Facebook Is Redefining Privacy**. Time, 20 mar. 2010. Disponível em: <http://content.time.com/time/magazine/article/0,9171,1990798,00.html>. Acesso em: 25 abr. 2017.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

FREITAS, Camila. **Jornalismo e Alteridade: A Construção da Outridade na Editoria Mundo da S. Paulo**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Folha deixa de publicar conteúdo no Facebook**. Folha de São Paulo, 8 de fev 2018. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/folha-deixa-de-publicar-conteudo-no-facebook.shtml?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_campaign=fbfolha. Acesso em: 01 de abr. 2018

GILLESPIE, Tarleton. The politics of “platforms”. **New Media & Society**, v. 12, n. 3, p. 347-364, 2010.

GIRLS. Ep. 1, temp. 1 (“Pilot”). **Direção e roteiro: Lena Dunham**. HBO, 2012

GOFFMAN, Ervin. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2002.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2009.

HAN, Byung-Chul. **A sociedade da transparência**. Lisboa: Relógio D’Água, 2014.

_____. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HAYTHORNWAITE, Caroline. Social networks and *Internet* connectivity effects. **Information, Communication & Society Journal**, v.8, n.2,p. 125-147, 2005.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **A fenomenologia do espírito**. Lisboa: Guimarães Editores, 1974

HERMANN, Nadja. Breve investigação genealógica sobre o outro. **Educação & Sociedade**, v. 32, n. 114, p. 137-149, 2011.

HINERASKY, Daniela Aline. **O fenômeno dos blogs street-style: do flâneur ao “star blogger”**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

HUMANS OF NEW YORK. 2016. Disponível em: www.facebook.com/humansofnewyork. Acesso em: 28 dez. 2017.

HUSSERL, Edmund. **Meditações cartesianas**: introdução à fenomenologia. Porto: Rés, 1980.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

JOHNSON, Clay Johnson. **The Information Diet**: A Case for Conscious Consumption. Sebastopol: O'Reilly Media, 2012.

JOHNSON, Steven. **Everything bad is good for you**. Nova York: Riverhead, 2006.

KANDO, Thomas M. **Social Interaction**. St. Louis: Mosby, 1977.

LAGE, Nilson. A bolha ideológica e o destino do jornalismo. **Revista Alceu**, v.2, n.3, p. 40-53, 2001.

LEMONS, Vitória Cassola de. **Narrativa visual**: o foto livro como suporte privilegiado. Apresentação realizada no XXVII Salão de Iniciação Científica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. Lisboa: Edições 70, 1988.

LÉVY, Pierre. **O Que é Virtual?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

LODGE, Guy. **Guillermo del Toro's The Shape of Water is a much-needed ode to the 'other'**. The Guardian, 30 nov. 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/film/2017/nov/30/guillermo-del-toro-the-shape-of-water-is-a-much-needed-ode-to-the-other>. Acesso em: 20 mar. 2018

LÓPEZ, Gustavo; RADFORD, Jinnah. **Facts on U.S. Immigrants, 2015**. Pew Research Center, 3 mai. 2017. Disponível em: <http://www.pewhispanic.org/2017/05/03/facts-on-u-s-immigrants>. Acesso em: 19 jan. 2018.

MARQUES, Márcia Siqueira Costa. **O blog como meio de comunicação**. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

MARTINO, Luis Mauro Sá. A potência da alteridade nas mídias digitais: uma perspectiva de identidade e diferença. **Revista Lumina**, v.10, n.2, p. 1-18, 2016.

MARWICK, Alice. **Status Update**: Celebrity, Publicity, and Branding in the Social Media Age. New Haven: Yale University Press, 2013.

MANHATTAN. **Direção: Woody Allen**. United Artists (96 min), 1979

McCAY, David. **American Politics and Society**. New York: Wiley Blackwell, 2017.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. São Paulo: Cultrix, 1971.

MEYEROWITZ, Joel; WESTERBECK, Colin. **Bystander: a history of street photography**. Boston: Bulfinch Press, 2001.

NOY, Chaim. Performing identity: touristic narratives of self-change. **Journal Text and Performance Quarterly**, v. 24, n. 2, 2004.

PARISIEN, Eli. **The filter bubble: what the internet is hiding from you**. Londres: Penguin Books, 2011.

PORTES, Alejandro; RUMBAUT, Rubén. **Immigrant America: a portrait**. Berkeley: University of California Press, 2006.

RHEINGOLD, Howard. **La Comunidad Virtual: Una Sociedad sin Fronteras**. Barcelona: Gedisa Editorial, 1996,

RECUERO, Carlos Leonardo Coelho. O Álbum Fotográfico Virtual: uma nova forma de conversação nas redes sociais na *internet*. Simpósio Nacional da ABCiber, 6, 2012. **Anais...** Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2012.

RECUERO, Raquel. **Introdução à Análise de Redes Sociais Online**. Salvador: EDUFBA, 2017. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/24759>. Acesso em: 26 dez. 2017.
_____. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

REVELL, Timothy. **Man vs Maths: Understanding the curious mathematics that power our world**. Londres: Aurum Press, 2016

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

RIMBAUD, Arthur. **Carta de Rimbaud a Georges Izambard**, 13 maio de 1871.

RIMBAUD, Arthur. **Carta de Rimbaud a Paul Demeny**, 15 maio de 1871.

ROBERTS, Jessica. **From the street to public service: 'Humans of New York' photographer's journey to journalism**. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1464884917698171>. Acesso em: 3 abr. 2017.

RODRIGUES, Tiegüe Vieira. **A categoria da alteridade: uma análise da obra totalidade e infinito, de Emmanuel Levinas**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

ROGERS, Richard. **Digital methods**. Cambridge: The MIT Press, 2013.

ROSENBERG, Matthew; CONFESSORE, Nicholas, CADWALLADR, Carole. **How Trump Consultants Exploited the Facebook Data of Millions**. New York Times, 17 mar. 2018.

Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/03/17/us/politics/cambridge-analytica-trump-campaign.html>. Acesso em: 26 mar. 2018

ROUILLÉ, André. **A fotografia: entre documento e a arte contemporânea**. São Paulo: SENAC, 2009.

RÜDIGER, Francisco. **Cibercultura e pós-humanismo: exercícios de arqueologia e criticismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Petrópolis: Vozes, 1997.

SCHECHNER, Richard. **Performance Studies: an introduction**. London: Routledge, 2002.

SCHWEITZER, Callie. **30 Under 30: Meet Brandon Stanton, the Photographer Behind Humans of New York**. Time, 16 dez. 2013. Disponível em: <http://ideas.time.com/2013/12/16/30-under-30-meet-brandon-stanton-the-photographer-behind-humans-of-new-york>. Acesso: 1 maio 2017.

SCOTT, Clive. **Street Photography: From Atget to Cartier-Bresson**. Nova York: IB Tauris, 2007.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008

SILVA, Fabíola de Mesquita Costa. **Álbuns virtuais: o Facebook e a construção memorável nas redes sociais**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Linguagens) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens, Universidade Tuiuti, Curitiba, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2009

SIMMEL, Georg. O estrangeiro. In: MORAES FILHO, Evaristo (Org.). **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 1995

THOMPSON, Nicholas; VOGELSTEIN, Fred. **Inside The Two Years that Shook Facebook - and The World**. The Wired, 02 fev. 2018. Disponível em: <https://www.wired.com/story/inside-facebook-mark-zuckerberg-2-years-of-hell>. Acesso em: 26 mar. 2018.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada**: filosofia da sensação. Campinas: UNICAMP, 2010.

TURKLE, Sherry. **Life onthescreen**: identity in the age of the *internet*. Nova York: Touchstone, 1997.

TURNER, Victor. **The anthropology of Performance**. Nova York: PAJ Publications, 1987.

VALENZUELA, Sebastián; PARK, Namsu; KEE, Kerk. Is There Social Capital in a Social Network Site?: Facebook Use and College Students' Life Satisfaction, Trust, and Participation. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 14, n. 4, p. 875-901, 2009. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1083-6101.2009.01474.x/full>. Acesso em: 3 dez. 2017.

VERONESE, Marília Veríssimo; GUARESCHI, Pedrinho Arcides. Hermenêutica de Profundidade na pesquisa social. **Revista UNISINOS**, v. 42, n. 2, p. 85-93, maio/ago. 2006.

VICENTE, Maísa de Oliveira. Uma imagem vale mais que mil palavras? *Humans of New York* e a febre de páginas que contam histórias de anônimos através de fotografias no Facebook. **Revista Mangaio Acadêmico**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 1-11, 2016.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2009.

ZUCKERMAN, Ethan. **Digital cosmopolitans**: why we think the *internet* connect us, why it doesn't and how to rewire it. Nova York: Norton, 2013.